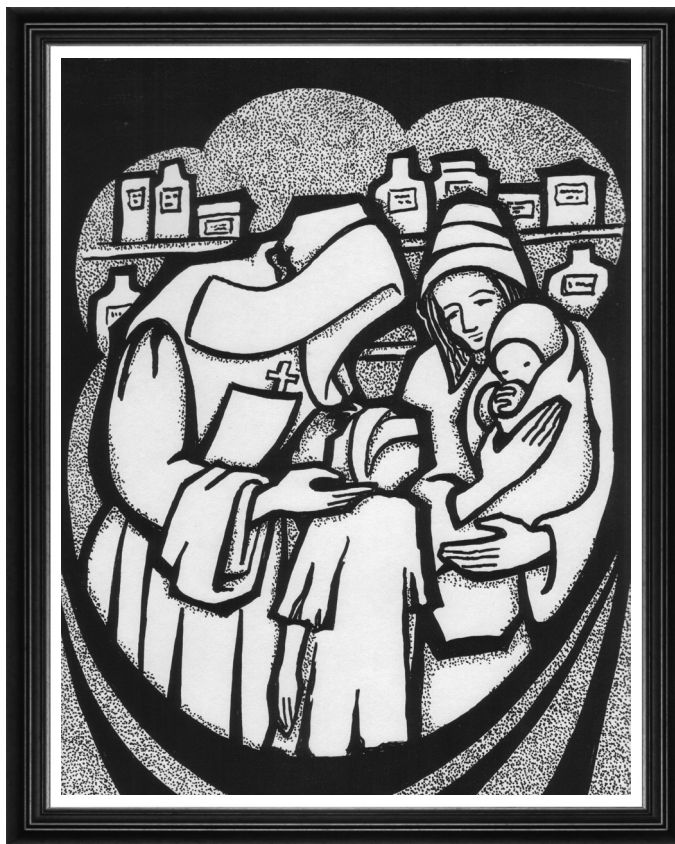




PARTE II

**SÃO LUÍS MARIA
GRIGNION DE MONTFORT**

O MISSIONÁRIO





INTRODUÇÃO GERAL ÀS CARTAS







INTRODUÇÃO GERAL ÀS CARTAS

P. Battista Cortinovi, smm

A correspondência de São Luís Maria Grignon de Montfort só chegou até nós em parte. Conhecemos 34 cartas pessoais e duas cartas circulares.

Os biógrafos falam de uma carta que, de Paris, o jovem Grignon dirigiu ao seu amigo Jean-Baptiste Blain para convidá-lo a juntar-se a ele na Cidade Luz.¹ Em 1716 Luís Grignon escreveu ao M. Caris, da comunidade do Saint-Esprit, “para pedir que lhe enviasse alguns bons eclesiásticos, que quisessem associar-se aos seus trabalhos”.² Conforme M. Allaire, biógrafo da Irmã Maria Luísa de Jesus, esta, por uma enorme delicadeza de consciência e para obedecer a um confessor, teria queimado “um grande número de outras [cartas] de um mesmo espírito” que a de abril de 1716.³ Essas cartas não chegaram até nós.

As 36 cartas que possuímos dividem-se assim: doze à sua família (uma aos seus pais, em 1692: C 1; uma à sua mãe, com data de 28 de agosto de 1704: C 20; sete à sua irmã Guyonne-Jeanne - Luísa - que se tornará Irmã Catarina de São Bernardo (em 1701, 1702, 1703, 27.10.1703, 1704, 1713, 15.8.1713: C 7, 12, 17, 18, 19, 24, 26); três ao seu tio Alain Robert (em 1694, 1695, 1699): C 2, 3, 4.

Seis cartas ao seu diretor Pe. Leschassier (em 1700, 4.5.1701, 5.7.1701, 16.9.1701, 3.11.1701, 4-7-1702): C 5, 6, 8, 9, 10, 11. Dez às Filhas da Sabedoria: três a Maria Luísa Trichet, cartas pessoais (abril-maio 1703, 24.10.1703, julho-agosto de 1713): C 15, 16, 25; três a Maria Luísa de Jesus e Catarina Brunet (janeiro, março, abril de 1715): C 27, 28, 29; duas a Maria Luísa de Jesus e comunidade (31.12.1715, 12 (?).4.1716): C 32, 34; uma à Irmã da Conceição, Catarina Brunet (24.10.1715): C 31; uma a Maria Ana Régnier (12.8.1715): C 30.

1. Cf. *Picot de Clorivière, La Vie de M. Louis-Marie Grignon de Montfort, Missionnaire Apostolique, Instituteur des Missionnaires du Saint-Esprit & des Filles de la Sagesse*, Paris, Santo-Malo, Rennes, 1785, p. 25.

2. Cf. *Ibid.*, p. 485.

3. Cf. *Abrégé de la vie et des vertus de la sœur Marie-Louise de Jésus, supérieure des Filles de la Sagesse, Instituées par M. Louis-Marie Grignon de Montfort, Prêtre, Missionnaire Apostolique*, Poitiers, 1768, p. 100; obra de M. Allaire, publicada sem nome de autor.





Temos ainda duas cartas a religiosas desconhecidas: C 13 e 14; uma ao reitor de Bréal (17.2.1708): C 21; uma ao Pe. Carrière, de Pontchâteau (29.1.1711): C 22; uma ao Mestre geral dos Padres Dominicanos (maio de 1712): C 23; uma a Srta. Dauvaise (4.4.1716): C 33; duas cartas circulares: Aos Habitantes de Montbernage (1706), e Aos Amigos da Cruz (agosto de 1714).

Apenas três textos originais são hoje conhecidos: a carta ao Pe. Leschassier, de 4 de julho de 1702, (C 11), que se encontra na casa provincial dos Padres Monfortinos da Holanda; a carta ao Pe. Carrière, de Pontchâteau, de 29 de janeiro de 1711 (C 22), conservada nos arquivos gerais da Filhas da Sabedoria, em Roma; e a carta ao Mestre Geral dos Padres Dominicanos, de maio de 1712 (C 23), nos arquivos gerais dos Padres Dominicanos em Roma.

Outros textos originais tinham sido confiados ao M. Arot, advogado no parlamento da Bretanha, convidado a escrever uma biografia de Luís Maria Grignon. Na impossibilidade de realizar este projeto, o advogado, que era natural de Rennes, transmitiu ao M. Grandet, no dia 7 de outubro de 1719, os documentos então em suas mãos “com várias cartas, cujos originais conservar”.⁴ É, pois, primeiro por meio de Grandet e, mais tarde, por Picot de Clorivière e por Besnard, que a quase totalidade das cartas conhecidas foram transmitidas. As cópias anexadas às atas do processo de beatificação foram igualmente consultadas, bem como as que se conservam nos arquivos de Saint-Sulpice, em Paris.

As cartas circulares de 1706 e de 1714 foram motivadas por circunstâncias dolorosas. Em Poitiers, em Nantes e em Rennes um decreto episcopal tinha proibido a Luís Maria Grignon de pregar na diocese. O bom Pe. de Montfort não se queixa disso absolutamente: obedece sinceramente à autoridade que, para ele, manifesta a vontade de seu “Pai infalível”. Escreve simplesmente aos habitantes de Montbernage: “Não podendo falar-vos de viva voz, porque a santa obediência mo proíbe, tomo a liberdade de vos escrever, na minha partida...mas para vos confirmar nas verdades que vos disse” (CM 1). E Aos Amigos da Cruz: “Já que a Cruz do Senhor me mantém escondido, obrigando-me ao silêncio, não poderei, portanto, e tampouco o desejo, dirigir-me a vós pela palavra, para vos confidenciar os pensamentos do meu coração acerca da excelência da Cruz e das santas práticas de devoção que consistem na união à adorável Cruz de Jesus Cristo” (AC 1).

Não seria sem interesse ou utilidade, poder deter-nos a explicar as cartas, recolocando cada uma no clima social, religioso, pessoal que a envolve: jansenis-

4. Cf. Carta de M. Arot em Grandet, in *Documents et Recherches*, X, p. 255.





mo, quietismo, Port-Royal, Saint-Sulpice, Paris, Nantes, Poitiers, Roma, missionário apostólico, missões monfortinas, Filhas da Sabedoria... Entre as múltiplas reflexões que esta correspondência provoca, a mais interessante e a mais importante é talvez a que sublinha a perfeita e constante linearidade da trajetória espiritual de Luís Grignon, atitude que assim se poderia exprimir: a vida de Luís Grignon foi toda marcada e guiada pelo amor da Sabedoria eterna e encarnada, Jesus Cristo, Filho único de Deus na eternidade, Filho único de Maria no tempo da Encarnação.

Obra da juventude, *O Amor da Sabedoria Eterna* manifesta, publica e proclama o que é já para o jovem Grignon, uma experiência sublime de união a Jesus, Sabedoria eterna e encarnada; experiência exaltante que levará o Pe. Leschassier, seu diretor de consciência, a pedir-lhe, “pouco antes, ou pouco depois da sua ordenação”,⁵ que escrevesse sobre esse tema da união com Jesus Cristo. Experiência vivificante que vai prosseguir, enriquecer-se incessantemente até ao momento em que, após a sua última pregação sobre a doçura de Jesus, confessará antes de expirar: “Estou entre Jesus e Maria, *Deo gratias et Mariae*. Estou no fim da minha carreira: pronto, não pecarei mais!”⁶

Os quatro meios, indicados no ASE para obter e conservar a divina Sabedoria, ele conhece-os por experiência, vive-os intimamente antes de propô-los às almas, como as suas cartas testemunham claramente.

O primeiro meio: um desejo ardente (ASE 181-183) – O jovem padre escrevia à sua irmã Guyonne-Jeanne, em 1702: “Pois, é nesta amável cruz que se encerra a verdadeira sabedoria, que busco dia e noite com mais ardor que nunca” (C 13). Ele abrasa-se pois de um desejo ardente e contínuo! Em 1703, confia a Maria Luísa Trichet: “...se tudo isto me alcança a divina sabedoria, pela qual suspiro noite e dia” (C 15); e em outubro do mesmo ano: “Oh! Quando possuirei esta amável e desconhecida sabedoria? Quando ela virá habitar em mim?” (C 16). No mesmo ano, suplica a sua irmã Guyonne-Jeanne: “Pedi e fazei pedir a divina Sabedoria para mim, que sou em Jesus Cristo e Maria...” (C 17).

Em 1706 dirige-se aos seus amigos de Montbernage: “Eu procuro a divina Sabedoria, ajudai-me a encontrá-la...Não há dúvida que sendo sozinho e pobre eu pereça, a menos que a Sma. Virgem e as preces das boas almas, e em particular as vossas, não me sustentem e me alcancem de Deus o dom da

5. Cf. Blain, p. 105.

6. Cf. L. Le Crom, *Un Apôtre Marial – Saint Louis-Marie Grignon de Montfort (1673-1716)*, Pontchâteau, 1942, p. 374.





palavra ou a divina sabedoria, que será o remédio para todos os meus males e a arma poderosa contra os meus inimigos” (CM 6).

Depois da missão de Saint-Pompain, em dezembro de 1715, os penitentes brancos da paróquia vão em peregrinação a Nossa Senhora dos Ardilliers, em Saumur. Montfort dá-lhes um regulamento, que é como uma carta, na qual abre o seu coração, e cujo primeiro ponto reflete o pensamento e a alma ardente do missionário: “Não tereis outro objetivo nesta peregrinação a não ser: 1º obter de Deus pela intercessão da Ssma. Virgem bons missionários... 2º alcançar o dom da sabedoria para conhecer, apreciar e praticar a virtude, e torná-la apreciada e praticada pelos outros” (RSP 1). E poder-se-ia reler aqui os admiráveis cânticos sobre *Os Desejos da Sabedoria* (CT 103, 124, 125, 126).

O segundo meio: uma oração contínua (ASE 184-193) – A oração é realmente, desde a juventude, a respiração da sua alma. Quando se sabe que, nas suas vigílias diante dos mortos, passa quatro horas em meditação e que, durante a peregrinação a Chartres, consagra oito horas à meditação na capela da cripta,⁷ compreende-se que ele tenha conhecido e experimentado a natureza e a eficácia da oração. Ele reza, suplica, com o fim de obter a divina Sabedoria; pede a todos que rezem, que façam outros rezar nesta intenção. Vamos ler, por exemplo, a Carta 16 dirigida à Srta. Trichet: “Sinto que vós continuais a pedir a Deus para este mesquinho pecador a divina Sabedoria, por meio das cruzes, das humilhações e da pobreza... Não deixeis, minha querida filha em Jesus, de responder às minhas perguntas, para satisfazer os meus desejos. Vós o podeis, sim, vós o podeis, juntando-vos a algumas amigas benevolentes... Rezai, pois, suspirai, pedi a divina Sabedoria para mim, vós a obtereis toda inteira para mim, eu o creio”.

O terceiro meio: mortificação universal (ASE 194-202) – O melhor comentário deste meio é sem dúvida a *Carta aos Amigos da Cruz*, na qual Montfort abre a sua alma e revela a sua experiência. O Cântico 19, sobre *O Triunfo da Cruz*, é também duma alta eloquência.

O quarto meio: uma terna e verdadeira devoção à Ssma. Virgem (ASE 203-227) – Este quarto e o “maior” dos meios, é o “mais maravilhoso segredo para adquirir e conservar a divina Sabedoria”; Montfort viveu-o desde a juventude e vai “pegar na pena e escrever no papel” o que ensinou com fruto em público e em particular nas suas missões durante muitos anos (cf. VD 110). Eis o que ele ensina, o que propõe, o que recomenda nas suas cartas, o

7. Cf. Blain, p. 26 e 100; Besnard, *Documents et Recherches*, IV, p. 33 e 49.





que desenvolverá particularmente no *Segredo de Maria* e no *Tratado da Verdadeira Devoção*.

Todos os aspectos da espiritualidade de Luís Grignon, seminarista, sacerdote, missionário, bem como a sua obediência sem falha à divina Vontade, ou a prática de todas as virtudes, etc., estão englobadas na procura apaixonada e na posse ardente da divina Sabedoria, no único intento de toda a sua vida: Jesus, Sabedoria eterna e encarnada, Jesus caminho, verdade e vida; como São Paulo não busca senão Jesus e Jesus crucificado (1 Cor 2, 2). A correspondência de Luís Grignon como, aliás, as realizações do seu apostolado, demonstram que possuía a Sabedoria ao mesmo tempo que a pedia continuamente para que nele viesse habitar: “Filho de Deus, beleza suprema, Vinde à minha casa... Ó minha Esposa imortal, Vinde à minha casa... Sabedoria desconhecida do mundo, Vinde à minha casa”.⁸ As cartas sublinham, como em filigrana, a linha diretriz de toda a sua vida e de todo o seu apostolado. Desde o seminário, ele possui esta Sabedoria, cuja presença deseja sempre mais ardentemente; nesta intenção reza continuamente, carrega com valentia, heroicamente mesmo, a sua cruz e vive na intimidade da Sma. Virgem.

Alguém poderá objetar: se ele possui a Sabedoria, por que suplica com tanto ardor que Ela venha morar com ele? A união com Jesus é uma ascensão progressiva no mistério do Deus encarnado, um mergulho no mistério do Amor divino, uma incursão no mistério de Deus que é Amor. A união com este Deus de amor, a experiência de Deus, a posse de Deus, a posse da divina Sabedoria, não fazem senão acender o desejo de penetrar sempre mais além, mais profundamente no esplendor da vida una e trina.

O Pe. Daniélou oferece aqui uma luminosa explicação: “O excesso da alegria divina cumula a alma além do que ela podia imaginar. É a beatitude, a alegria transcendente. Esta alegria apaga todas as outras alegrias. Os místicos têm descrito incansavelmente esta total suficiência de Deus à alma, que encontrou o único necessário... se a alma é cumulada segundo a sua capacidade, Deus continua sempre além de tudo o que a alma pode alcançar. Mas comunicando-se à alma, ele dilata sua capacidade e a torna capaz de uma comunicação nova. Assim a alma é ao mesmo tempo sempre cumulada e sempre sedenta... A transcendência de Deus subsiste na própria comunicação que ele faz de si mesmo, de sorte que a visão beatífica será mesmo a

8. Cf. CT 103: estr. 2, 7, 24.





eterna descoberta dos incomparáveis esplendores divinos, na qual Deus será enfim conhecido e no entanto jamais compreendido, para sempre o mais conhecido e o mais desconhecido”.⁹

Luís Maria confiava à sua irmã, a 1 de janeiro de 1713: “Ficareis sem dúvida surpresa se soubésseis o detalhe da amável cruz com a qual o céu me favorece pela intercessão da nossa boa Mãe. Peço-vos que agradeçais por isso ao meu amado Jesus e que peçais a vossa amável comunidade, que eu saúdo, para obter-me de Jesus crucificado a força de levar as mais rudes cruzes e as mais pesadas como se fossem palha, e de resistir com uma fronte de bronze às potências infernais”(C 24). E, a 15 de agosto seguinte, afirma: “Se soubésseis as minhas cruzes e minhas humilhações nos pormenores, duvido que desejaríeis tão ardentemente ver-me; pois não estou jamais em localidade alguma sem que dê um fragmento da minha cruz aos meus melhores amigos para carregarem, muitas vezes contra a minha vontade e a deles... Sempre vigilante, sempre sobre os espinhos, sobre as pedras que ferem, sou como uma bala no jogo da péla: nem bem a jogaram para um lado, jogam-na para o outro, batendo nela com força. É o destino dum pobre pecador. É assim que fico sem folga e sem repouso, treze anos depois de ter saído de Saint-Sulpice” (C 26).

Sobretudo após a amarga prova de Pontchâteau, a cruz parece ter fixado morada nele. Mas carregando a cruz, descobre cada vez mais o seu mistério¹⁰ e pode escrever, com toda verdade e franqueza: “No entanto, minha querida irmã, bendizei por isso a Deus por mim, pois estou contente e feliz no meio de todos os meus sofrimentos, e não creio que haja no mundo nada de mais doce para mim que a mais amarga cruz, quando ela é molhada no sangue de Jesus crucificado e no leite de sua divina Mãe. Mas, além desta alegria interior, há um grande proveito a tirar carregando as cruzes. Gostaria que vivésseis as minhas. Nunca obtive mais conversões do que após as mais sangrentas e mais injustas interdições” (C 26; cf. VD 154).

Esta familiaridade com a cruz faz explodir a sua alegria que manifesta, a partir de 15 de agosto de 1713 (cf. C 26), numa nova fórmula de saudação inicial, que doravante utilizará no fim das suas cartas: “Viva Jesus, viva a sua Cruz”, no lugar da saudação costumeira utilizada dezesseis vezes entre 1694 e 1713: “Reine em nossos corações o puro amor de Deus”. Seria esta última fórmula um modo de exprimir a sua convicção no momento da discussão do puro amor?

9. *Dieu et nous*, I edição, Grasset, 1956, p. 250; cf. também p. 244.

10. Cf. CT 19, sobre *Le triomphe de la Croix*.





A correspondência de Montfort contém ou reflete o germe, a alma e algumas vezes o resumo dos seus escritos e do seu apostolado. Toda a sua vida revela uma unidade notável, uma constância heróica, uma linearidade exemplar, mesmo avançando às vezes por caminhos que parecem um zigue-zague.

Aos 19 anos Luís Grignon entra em Paris sem um tostão, depois de ter feito voto de nada possuir como próprio; entrega-se sem reserva ao seu “Pai do céu infalível” (C 2). Recusando absolutamente “reviver para o mundo” (C 4), deseja que o considerem “como um morto” (C 20); desposou a sabedoria e a cruz, onde estão todos os seus tesouros, “tão grandes que, se fossem conhecidos, Montfort causaria inveja aos mais ricos e poderosos reis da terra” (C 20).

Se comunica ao seu diretor os seus projetos, os seus grandes desejos de fazer amar Nosso Senhor e a sua Santa Mãe; se pede continuamente e com gemidos uma pequena e pobre companhia de bons sacerdotes (cf. C 5, 6, 9); se repete que a sua própria inclinação sempre tem sido pelas missões (C 11), é para revelar a quem, para ele representa Deus, o seu desejo ardente de não seguir, em tudo e por toda a parte, senão a vontade do Senhor e a sua resolução de não conhecer senão Jesus, Sabedoria eterna e encarnada, no seu amor infinito pelos pobres, pelos pecadores.

Se ele sorri para a cruz e se a cruz lhe sorri, se deseja abjeções, humilhações (cf. C 15, 16, 26), é porque conhece a relação entre a Cruz e Jesus (cf. ASE 172): jamais Jesus sem a cruz, jamais a cruz sem Jesus; conhece as alegrias que a cruz alcança, bem como o seu valor redentor (C 27).

Se está pronto a sacrificar tudo, a sacrificar-se a si mesmo pela salvação das almas, é porque aprendeu o preço das almas. “A alma deles é tão cara ao meu Deus, que ele deu todo o seu sangue por ela e eu não daria nada? Ele fez por ela tão longas e penosas viagens, e eu não faria nenhuma? Ele arriscou até a própria vida, e eu não arriscaria a minha? Ah! Só mesmo um pagão ou um mau cristão é que não se deixa comover pela perda imensa destes tesouros infinitos, as almas resgatadas por Jesus Cristo” (CM 6).

Percorrendo a correspondência de Montfort, tem-se a clara impressão de assistir à progressiva transformação da sua alma. O que ele escreve, o que prega, ele pratica e vive. O seu sacerdócio se abre para a procura, a aquisição, e a posse da divina Sabedoria. Quanto mais a experiência da união com esta Sabedoria eterna e incriada se torna íntima e invade todos os horizontes dos seus desejos, tanto mais ele compreende que a Sabedoria é a cruz e que a cruz é a Sabedoria. Experimenta na sua carne a sabedoria da “linguagem da cruz” (1 Cor 1, 18); decidiu nada saber senão Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado (1 Cor 2, 2).





O amor de “Deus só!” ilumina e dirige sua vida e ilumina a sua estrada. A divina Sabedoria o fascina cada vez mais, o arrasta pelos caminhos que conduzem ao Calvário, mas que já deixam entrever e viver os esplendores da aurora enquanto aguarda a luz e a glória. As humilhações mais amargas, as perseguições mais cruéis afinam o seu amor e fazem irromper a sua alegria. Revive o que vivia São Paulo e repete com ele: “Estou repleto de consolação, transbordo de alegria em todas as nossas tribulações” (2 Cor 7, 4). E com o apóstolo canta: “Com Cristo eu sou um crucificado; vivo, mas não sou mais eu, é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 19-20). Espelho da sua alma e da sua vida, a correspondência de São Luís Maria revela-o como uma ardente testemunha do Amor.





CARTA 1

(fragmento)

FONTE: *Grandet*, p. 318¹. - DESTINATÁRIOS: *Os pais de Luís Maria ou o Pe. Alain Robert*². - PROVENIÊNCIA: *Paris*. - DATA: incerta³.

HISTÓRICO: *Os destinatários da carta moravam em Rennes. Luís Maria, na idade de 20 anos, os havia deixado no outono de 1693 para entrar no seminário, em Paris. Foi acolhido, durante um ano, num estabelecimento para seminaristas pobres: a comunidade do Pe. de la Barmondière. Foi de lá que os seus receberam a carta da qual possuímos o seguinte extrato.*

Digam ao meu irmão José que lhe peço para estudar bem, e que ele será um dos melhores da sala. Que para isto, deve colocar os seus estudos entre as mãos da nossa boa Mãe, a Ssma. Virgem. Que ele continue a prestar-lhe as suas pequenas homenagens e ela saberá dar-lhe o que lhe for necessário. Recomendando a mesma coisa às minhas irmãs.

Notas da Carta 1

1. Para este fragmento, *Grandet* é a única fonte. O texto não está entre aspas nem em itálico.
2. Pe. Alain Robert de la Viseule era um tio materno de Luís Maria.
3. *Grandet* relata que “dez dias depois [da sua chegada a Paris] ele escreveu a seus pais para pedir-lhes que o ajudassem a agradecer a Deus as graças que lhe havia concedido durante a sua viagem, que ele tinha chegado felizmente a Paris e em boa saúde” (*GRANDET*, p. 9). O presente texto poderia ser um fragmento dessa carta ou duma das que Luís Maria escreveu durante o seu primeiro ano de seminário. Não é preciso retroceder demais a data dessas linhas, pois José era dominicano em 1695 e foi ordenado sacerdote em 1698. Essas datas levam a crer que ele deve ter deixado os seus pouco depois do irmão mais velho.

CARTA 2

FONTE: *Besnard, Montfort*, C. 1, p. 21¹. DESTINATÁRIO: *Pe. Alain Robert*². - PROVENIÊNCIA: *Paris*. - DATA: *20 de setembro de 1694*³.

HISTÓRICO: *M. Grignon fazia parte, desde o ano anterior (1693), de uma comunidade que abrigava seminaristas menos abastados. Como várias outras do mesmo tipo, ela se sentia unida pelo seu espírito, seu regulamento, seu programa de estudos ao seminário de Saint-Sulpice. O Pe. de la Barmondière, sulpiciano, a tinha fundado em 1686.*





Reine em nossos corações o puro amor de Deus.

Recebi com muita alegria a vossa carta, que me é tão cara por vir de uma pessoa que tem tamanha afeição por mim.

Como na vossa carta me dais a notícia de um falecimento, é mister que em troca eu vos dê também a notícia duma, que é a do Pe. de la Barmondière, meu diretor e superior, que me fez tanto bem aqui. Foi sepultado domingo passado, em meio à comoção de toda a paróquia⁴ e de todos os que o conheceram. Viveu como santo e morreu como santo. Foi ele que fundou o seminário onde estou, e que teve a bondade de me receber gratuitamente. Ainda não sei como vai ser agora, se fico ou saio, pois não se conhece ainda o testamento dele. Aconteça o que acontecer, não me aflijo. Tenho um Pai no céu que é infalível. Ele me conduziu até aqui, me conservou até agora, ele o fará ainda com as suas misericórdias ordinárias. Embora eu não mereça senão castigos pelos meus pecados, não deixo de pedir a Deus e de me abandonar à Providência⁵.

Não pude responder à vossa carta tão cedo quanto gostaria, pois fui impedido por um retiro que fiz em Saint-Sulpice⁶ para receber as quatro [ordens] menores que, graças a Deus, recebi.

Notas da Carta 2

1. Grandet (p. 291, 292) dá um texto incompleto começando por “M. de la Barmondière” e terminando com a palavra “Providência”. O seu texto sofreu retoques. O texto de Besnard parece reproduzir o conjunto da carta; não faltaria senão o cabeçalho, a assinatura e o fim da frase indicada na nota 5.

2. Conforme Besnard.

3. Conforme Besnard dia 20 de setembro, conforme Grandet no dia 26. O Pe. de la Barmondière morreu no dia 18 de setembro (LE CROM, p. 50); no mesmo dia, Luís Maria terminava o seu retiro com a recepção das ordens menores. O Pe. de la Barmondière foi sepultado no domingo (carta) que não poderia ser senão dia 19; portanto, dia 20 Montfort pôde escrever sobre isto ao tio. Ele pede desculpas pelo atraso em responder a uma carta recebida sem dúvida oito dias antes, estando ele impedido por causa do seu retiro de ordenação. Mas, que valor teria essa desculpa se, terminado o retiro, ele retardasse a sua carta mais oito dias? A data do dia 20 é portanto preferível, não obstante a expressão “domingo passado” que, pelo menos nos nossos dias, daria a entender que a carta foi escrita alguns dias mais tarde.

4. A paróquia de Saint-Sulpice, da qual o Pe. de la Barmondière tinha sido pároco de 1678 a 1689, e na qual estava situado o seminário.

5. O texto apresentado por Besnard diz simplesmente: “... com suas misericórdias ordinárias, embora eu não mereça senão castigos pelos meus pecados”. O fim do parágrafo apresentado aqui é de Grandet: é fácil admitir da parte de Besnard uma omissão, que aliás não é o único exemplo.

6. Quer dizer com o seminário de Saint-Sulpice, em Saint-Lazare (BLAIN, art. 18, p. 47), junto aos Padres da Missão.





CARTA 3

FONTE: *Besnard, Montfort, C. I, p. 22-23¹*. - DESTINATÁRIO: *Pe. Alain Robert*. - PROVENIÊNCIA: *Paris*. - DATA: *11 de julho de 1695*.

HISTÓRICO: *Quando morreu o Pe. de la Barmondière, a comunidade que ele dirigia extinguiu-se com ele. Ela dividiu-se em dois grupos. Uns foram para o “Pequeno Saint-Sulpice”; os outros, os mais pobres (entre os quais se achava Grignon), se reagruparam numa comunidade semelhante à que haviam deixado e ainda mais pobre. O Pe. François Boucher a tinha fundado nas dependências do colégio Montaigu, na paróquia Saint-Étienne-du-Mont, não longe da Sorbonne.*

Lá o jovem clérigo começa o seu segundo ano de teologia (1694-1695). Durante essa estadia ele adoece; é transportado ao hospital onde permanece por um tempo cuja duração nos escapa. Em consequência de medonhas sangrias, todos o julgam perdido mas ele se restabelece. Deixa a comunidade do colégio Montaigu para entrar no Pequeno Saint-Sulpice.

A carta relata algumas circunstâncias que acompanharam essa mudança.

11 de julho de 1695.

Meu querido tio.

Reine em nossos corações o puro amor de Deus.

É para vos saudar muito humildemente, e para vos informar que a Providência me colocou no pequeno² Seminário de St. Sulpice, por meio da Sra. d’Alègre, que é aquela de quem vos falara a Srta. De Montigny³ e em cuja casa está a Srta. Le Breton.

Como ela havia dado 160 ll.⁴ de renda por ano para o sustento de um eclesiástico – e tal soma passou para o pequeno Seminário, onde se paga 260 ll., após a morte do Pe. de la Barmondière e a fusão do seu pequeno Seminário com o outro pequeno⁵ – ela disse à Srta. Le Breton e ao superior⁶ do Seminário que queria que fosse eu quem ocupasse esse lugar. Tendo a Sra. d’Alègre ouvido a Srta. Le Breton falar de vós, ela vos pede que rezeis por ela uma missa no altar da Sma. Virgem; eu vo-lo peço também de todo o meu coração.

E como essa pensão não é suficiente para pagar a pensão do pequeno Seminário, a amável Providência⁷ de Deus me fez ter, sem que eu jamais tivesse pensado nisto, uma capelania⁸ de mais ou menos 100 ll. a duas léguas de Nantes, da qual estou provido⁹ de tal modo que ela me servirá de título¹⁰.





Agradecei, eu vos peço, a Deus por mim, pelas graças que ele me faz, não só pelas coisas temporais que são pouca coisa, mas pelas eternas. Que ele não entre em juízo comigo, pois não tiro proveito das suas graças, não faço senão ofendê-lo todos os dias¹¹.

Notas da Carta 3

1. Grandet (p. 292, 293) remanejou o estilo desta carta do começo ao fim.
2. “Pequeno” por oposição ao “grande”; ambos eram seminários para estudantes de teologia. O Pequeno Saint-Sulpice foi fundado pelos Padres Brenier e Batiyn, em 1684, para “estudantes pobres”. Localizado à rua Férou, ficava junto ao jardim do Grande Saint-Sulpice. Os estudos e a formação eram igualmente sérios em ambos os estabelecimentos (LE CROM, p. 56).
3. A Srta. de Montigny era uma conhecida da família dos Grignon. Por seu intermédio Luís Maria tinha sido recebido dois anos antes na comunidade do Pe. de la Barmondière. Fora disso nada dela se sabe. Tampouco se sabe alguma coisa da Sra. d’Alègre ou da Srta. Le Breton.
4. ll.: libras.
5. O Pequeno Saint-Sulpice. Um seminarista do Pequeno Saint-Sulpice podia, pois, beneficiar-se doravante da renda antes atribuída a um dos estudantes da comunidade do Pe. de la Barmondière.
6. O Pe. Brenier, um dos dois fundadores.
7. A Providência serviu-se do Pe. Batiyn, diretor do Pequeno Saint-Sulpice. Obteve da duquesa de Mortemart em favor de Luís Maria o benefício de que se trata (GRANDET, p. 460). A duquesa de Mortemart, filha de Colbert, tinha por marido, o duque de Mortemart, era cunhada da Sra. de Montespan e de Gabriela de la Rochechouart, abadessa de Fontevault.
8. A grande capelania de Nossa Senhora, na igreja paroquial de Saint-Julien-de-Concelles, na diocese de Nantes. A nomeação do beneficiário deu-se a 17 de março de 1695. O bispo de Nantes ratificou-a.
9. Grignon tinha tomado posse da capelania por procuração, nos dias 15 e 16 de junho de 1695. Um sacerdote residente em Saint-Julien-de-Concelles, Pe. Mathurin Vivant, foi seu procurador em virtude dum ato realizado em Paris a 18 de maio. O ato jurídico de tomada de posse da capelania indica que Grignon residia ainda no colégio de Montaigu (Arquivos do bispado de Nantes; *Registre des Insinuations*, 28 de junho de 1695. CROSNIER, p. 53).
10. Não foi este o caso. A 13 de agosto de 1697, seus próprios parentes o dotaram cedendo-lhe, por ato diante do oficial, a Bachelleraie, propriedade que rendia cerca de 80 libras por ano (HERVÉ, *Bulletin Paroissial de Montfort-sur-Meu*, 1926). Ele renunciou ao seu benefício de Saint-Julien-de-Concelles no dia 23 de junho de 1700, segundo a data do ato oficial (Arq. Gerais s.m.m.); mas guardou o seu título da Bachelleraie (C 20).
11. Transcrevemos esta última frase segundo Grandet; ela falta em Besnard (ver C 2, nota 5).

CARTA 4

FONTE: *Grandet*, p. 378¹. DESTINATÁRIO: *Pe. Alain Robert*. - PROVENIÊNCIA: *Paris*. - DATA: *6 de março de 1699*².

HISTÓRICO: *Na data desta carta, Grignon estava ainda no Pequeno*





Saint-Sulpice. A queixa da presente carta foi formulada a conselho do seu superior Pe. Brenier ou do seu diretor Pe. Leschassier? Ela se explicaria também pelo desprezo do mundo e pelo desejo de se esvaziar de si mesmo que o futuro padre tinha.

Peço-vos que digais à Sra. B.³ que recebi o seu pacote de cartas para S. Exa. o bispo de Saint-Malo.⁴

Essas diversas encomendas, meu caro tio, vo-lo confesso, me trazem desgosto e me fazem como que reviver para o mundo. Quem me dera que me deixassem em repouso como os mortos no túmulo, ou o caracol na sua concha, que lá estando oculto parece alguma coisa, mas saindo de lá não é mais que imundície e feiura. É o que eu sou, e mesmo pior, pois só faço estragar tudo quando entro em algum assunto.

Eu vos peço, portanto, que não vos lembreis de mim senão para rezar a Deus por mim. *Não prevaleça o homem “do homem iníquo e fraudulento liberta-me”.*⁵

Eu sou, em Nosso Senhor e em nossa boa Mãe, todo vosso para o tempo e para a eternidade.

Notas da Carta 4

1. Salvo uma frase (cf. nota 5), o texto citado por Besnard (MONTFORT, C 9, p. 289) é idêntico ao de Grandet. Deve-se crer que Besnard copia Grandet. Grandet não cita nem entre aspas nem em itálico.

2. Conforme Grandet.

3. Desconhecida.

4. Dom Sebastião de Guémadeuc. Nesta época, a terra natal de Luís Maria fazia parte da diocese de Saint-Malo.

5. Sl 42,1. Esta linha é omitida por Besnard (cf. C 2, nota 5).

CARTA 5

FONTE: *Proc. Can. 1551*. - DESTINATÁRIO: *Pe. Leschassier*. - PROVENIÊNCIA: *Nantes*. - DATA: *6 de dezembro de 1700*¹.

HISTÓRICO: *Pe. Grignon foi ordenado sacerdote no dia 5 de junho de 1700. “Tinham grande vontade de deixá-lo na Casa de Saint-Sulpice e era isto mesmo que se esperava. Mas o novo sacerdote não tinha nenhuma inclinação para essa tarefa. Unicamente ligado à santa vontade de Deus, se lhe dissessem que ela lho pedia, teria obedecido. Mas a sua atração o levava a outros campos, e não quiseram forçá-lo. Deixaram-no, pois, sair, mas com pesar” (BLAIN,*





art. 50, p. 137). “Nascido com a atração para os trabalhos e a vida apostólica, aconselharam-no a ir para junto dum santo sacerdote de Nantes, chamado Pe. Lévêque, que tinha naquela cidade uma comunidade de eclesiásticos, destinados às missões [paroquiais]” (BLAIN, art. 50, p. 138). Efetivamente, o jovem sacerdote partiu para Nantes por volta de setembro de 1700, junto com Pe. Lévêque, de passagem por Paris.

Depois dum primeiro contato suficiente com a comunidade de Saint-Clément, ele escreve a seguinte carta.

Ao Meu Senhor, Senhor Pe.² Leschassier,
Superior do Seminário de Saint-Sulpice, em Paris³.

Em 6 de dezembro de 1700.

Meu Senhor,
Reine em nossos corações o puro amor de Deus.

Não posso vos exprimir a alegria interior que vossa carta, embora curta⁴, me causou; o que é um sinal da união de caridade que o bom Deus colocou entre vós e mim, ainda que indigno, e que ele quer manter. É por este motivo que vou comunicar-vos em poucas palavras, o meu estado presente. Não encontrei aqui o que eu pensava e aquilo pelo qual deixei, como que contra a minha vontade, uma outra casa tão santa como o Seminário de Saint-Sulpice.

Eu pretendia, como também vós, ir formar-me nas missões, e particularmente dar catecismo às pessoas pobres, que é o meu grande atrativo. Mas não faço nada disto e nem sei mesmo se o farei aqui, pois há pouco pessoal e não há gente com experiência senão o Pe. Lévêque, que pela sua idade avançada, não é mais capaz de pregar missões; e se o seu fervor, que é grande, o levasse a isto, Pe. Desjonchères⁵ como ele mo disse, não lho permitiria.

Falta muito para que haja aqui a metade da ordem e da observância do regulamento que há em Saint-Sulpice; e parece que, ficando as coisas como estão, não pode ser de outra forma. Pois é preciso notar que há aqui quatro classes de pessoas, para não dizer cinco, cujos objetivos e intenções são bem diferentes:

- 1º. Há cinco pessoas da casa⁶, duas das quais nada podem fazer;
- 2º. Há párocos, vigários paroquiais, ou simples padres, ou leigos, que vêm aqui de tempos a tempos fazer retiro;
- 3º. Há alguns padres e cônegos, que aqui estão para viver a sua vida em paz;
- 4º. Há alguns padres, mas em número maior jovens estudantes, que fazem teologia e filosofia, a maior parte dos quais usam vestes seculares ou o





hábito curto: de sorte que essas diferentes pessoas têm quase todas regras diferentes, que formam para si tomando das comuns ... o que ... as acomodam⁷.

Confesso que não depende de Lévêque que a regra não seja observada. Ele faz o que pode e não o que quer, particularmente em relação a certas pessoas que são da casa, que não apreciam as suas maneiras, embora muito simples e muito santas.

Sendo assim, eu me encontro, desde que estou aqui, como que dividido entre dois sentimentos que parecem opostos. Sinto, por um lado, um amor secreto do retiro e da vida oculta, para aniquilar e combater a minha natureza corrompida que gosta de aparecer. Por outro lado, sinto grandes desejos de fazer amados Nosso Senhor e sua Santa Mãe, de ir, de um modo pobre e simples, dar catecismo aos pobres do campo, e incentivar os pecadores à devoção à Sma. Virgem. Era o que fazia um bom padre⁸, falecido aqui há pouco em odor de santidade. Ia de paróquia em paróquia dar catecismo aos camponeses, dependendo unicamente da Providência. Na verdade, meu caríssimo Padre, não sou digno desse serviço honroso, mas não posso impedir-me, dadas as necessidades da Igreja, de pedir continuamente com gemidos uma pequena e pobre companhia de bons padres que o exercem⁹ sob o estandarte e a proteção da Sma. Virgem. Procuvo, no entanto, ainda que com dificuldade, acalmar esses desejos, apesar de bons e contínuos, por um inteiro esquecimento do que a mim se refere entre os braços da divina Providência, e por uma perfeita submissão aos vossos conselhos, que serão sempre mandamentos para mim.

Estou tendo, como em Paris, desejos de me unir ao Pe. Leuduger, escolástico de St. Brieu¹⁰, grande missionário e homem de grande experiência, ou de ir para Rennes a fim de retirar-me no hospital geral, junto a um bom sacerdote¹¹ que conheço, para lá exercitar-me em obras de caridade para com os pobres. Mas rejeito todos esses desejos, embora submetidos ao beneplácito de Deus, aguardando os vossos conselhos, seja para ficar aqui, embora não sinta nenhuma inclinação para isto, seja para transferir-me a outro lugar. Ouso dizer-me, na paz de N. S. e de sua Santa Mãe, totalmente submisso às vossas ordens.

Tomo a liberdade de saudar Pe. Brenier, ao qual digo a mesma coisa que a vós, se vós julgais conveniente.

*Grignon, sacerdote e escravo
indigno de Jesus em Maria.*



**Notas da Carta 5**

1. Três cópias desta carta foram feitas do original nos Arquivos de Saint-Sulpice (ver a Apresentação das Cartas). A cópia do Processo de Canonização e a que Quérard utilizou trazem a data de 6 de dezembro; Pauvert, porém, coloca a data de 6 de novembro. A data de 6 de dezembro é preferível.
2. Repetição segundo o uso da época.
3. Conforme o único autógrafo (C 11) que possuímos das cartas de Pe. Grignon a Pe. Leschassier, este cabeçalho servia de endereço num dos lados exteriores da carta.
4. Um simples bilhete de sete linhas (Proc. Can. 1551). Essa curta missiva de Pe. Leschassier acusa recepção de uma carta hoje perdida, na qual o Pe. Grignon relatava a sua viagem. Este bilhete trazia a data de 2 de novembro. O Pe. Pauvert teria sido induzido a retocar a data da presente carta por ver nela uma resposta ao bilhete? Mas esta carta não é uma resposta e a alusão ao bilhete justifica-se bem, tanto em dezembro como um mês antes.
5. Pe. Coupperir des Jonchères, vigário geral.
6. As cinco pessoas constituíam a comunidade propriamente dita de Pe. Lévêque.
7. Estes espaços em branco, bem como o da frase seguinte e as irregularidades gramaticais que se podem notar são reproduzidos fielmente de acordo com a cópia do Processo de Canonização. Uma frase correta, exprimindo o pensamento do autor, poder-se-ia ler assim: “De sorte que essas diferentes pessoas têm quase todas regras diferentes, que elas formam para si tomando dos regulamentos comuns o que as acomoda.”
8. Seu nome não chegou até nós.
9. “Exercem o serviço” do qual fala algumas linhas acima.
10. Cônego de Saint-Brieuc, sucessor do Pe. Maunoir à frente duma equipe de missionários diocesanos. Em 1707 o Pe. Grignon vai trabalhar durante alguns meses sob suas ordens.
11. Pe. Bellier, capelão do hospital Saint-Yves, junto ao qual Luís Maria aprendera, durante seus anos de colégio, a dedicar-se ao serviço dos doentes.

CARTA 6

FONTE: *Proc. Can. 1551*. - DESTINATÁRIO: *Pe. Leschassier*. - PROVENIÊNCIA: *Poitiers*. - DATA: *4 de maio de 1701*.

HISTÓRICO: *Pe. Grignon não tinha encontrado em Nantes a vida missionária que buscava (C 5). A presente carta nos revela por quais circunstâncias providenciais ele foi orientado para a diocese de Poitiers, onde se expandiu a sua vocação missionária.*

Ao Meu Senhor, Senhor Pe. Leschassier
Superior do Seminário de Saint-Sulpice, em Paris.

De Poitiers, em 4 de maio de 1701.
Meu Senhor e caríssimo Pai em Jesus Cristo,





Reine em nossos corações o puro amor de Deus.

O Monsenhor de Poitiers¹ mandou-me escrever-vos quanto segue.

Recebi, no quarto domingo de abril, uma carta de minha irmã² de Fontevrault³, escrita por ordem da Sra. de Montespan, pela qual ela me mandava ir sem demora a Fontevrault para assistir à sua tomada de hábito que devia realizar-se na terça-feira seguinte. Parti, pois, no mesmo dia a pé. Cheguei a Fontevrault na manhã de quarta-feira, o dia seguinte à tomada de hábito de minha irmã.

Durante os dois dias que fiquei em Fontevrault, tive a honra de ter diversas conversas particulares com a Sra. de Montespan. Ela me interrogou sobre várias coisas, mas particularmente sobre o que me dizia respeito. Perguntou-me o que eu queria ser. Então eu contei-lhe candidamente a atração que vós sabeis que tenho por trabalhar para a salvação dos pobres, meus irmãos. Ela me disse que aprovava muito o projeto que eu tinha, tanto mais que ela sabia por experiência que era muito negligenciada a instrução familiar dos pobres e que ela mandaria dar-me, se eu quisesse, um canonicato que depende dela. Eu lhe agradei humilde e prontamente, dizendo-lhe que não queria jamais trocar a divina Providência por um canonicato ou um benefício⁴. Diante da minha recusa, ela me falou para ir pelo menos encontrar-me com o Bispo de Poitiers para lhe comunicar as minhas intenções. Embora tivesse repugnância em satisfazer esse desejo da Sra. de Montespan, tanto por causa das 28 léguas de caminhada que eu devia ainda fazer, como por muitas outras razões, obedeci-lhe no entanto cegamente para fazer a santa vontade de Deus, que eu unicamente visava.

Cheguei a Poitiers na véspera de São Tiago e São Filipe, e fui obrigado a esperar lá quatro dias pelo Bispo de Poitiers, que devia em breve voltar de Niort, onde tinha ido.

Durante esse tempo, fiz um pequeno retiro numa pequena cela, onde estava encerrado no meio duma grande cidade, onde não conhecia ninguém segundo a carne. Lembrei-me no entanto de ir ao hospital⁵ para servir os pobres corporalmente, se não pudesse fazê-lo espiritualmente. Entrei para rezar a Deus na sua pequena igreja, onde as quase quatro horas que passei aguardando o jantar me pareceram bem curtas. Elas pareceram, porém, bem longas a alguns pobres que, tendo-me visto de joelhos, e com roupas tão semelhantes às deles, foram dizê-lo aos outros e se animaram mutuamente para pedir esmola para me socorrer: uns deram mais, outros menos, os mais pobres um denário, os mais ricos uma libra. Tudo isto se passava sem que eu o soubesse. Saí enfim da igreja, para perguntar quando era o jantar e ao mesmo





tempo pedir a p[ermissão] para servir os pobres à mesa; mas eu me enganei por um lado, pois vi que não jantavam em comunidade, e fiquei bem surpreso por outro lado, tendo sabido que queriam me dar esmola, e que tinham dado ordem ao porteiro de não me deixar sair. Eu bendisse a Deus mil vezes por passar por pobre e por usar a sua gloriosa libré, e agradeci aos meus caros irmãos e irmãs pela sua boa vontade.

Desde esse tempo tiveram por mim tal afeição, que diziam todos publicamente que eu seria seu sacerdote, ou seja, seu diretor, pois não há um sacerdote fixo no hospital desde um tempo considerável, tamanha é sua pobreza e abandono.

Quando o Bispo de Poitiers voltou, fui cumprimentá-lo e disse-lhe, em poucas palavras o que aquela senhora me tinha ordenado. Ele me ouviu e me agradeceu bastante secamente, precisamente como eu desejava.

Mas, por outro lado, o Superior e a Superiora dos pobres, em nome de todos, apresentaram um pedido ao Sr. Padre de la Bournat, irmão do Bispo, que fez impressão no seu espírito, como em seguida fez no do bispo. Por isso o Bispo, tendo-me falado outra vez, mais calmamente, mandou-me que vos escrevesse isto antes de partir de regresso a Nantes, a fim de que julgueis o que devo fazer. Eu vos direi, meu caríssimo Pai, que na verdade tenho muita inclinação para trabalhar para a salvação dos pobres em geral, mas não tanto para me fixar e me ligar a um hospital. Todavia eu me ponho numa inteira indiferença, não desejando senão fazer a santa vontade de Deus, e eu sacrificaria de boa vontade o meu tempo, a minha saúde e a minha vida, mesmo para a salvação dos pobres deste hospital abandonado, se vós o julgais conveniente.

Parto amanhã, dia da Ascensão, para Nantes, e não me afastarei jamais, como o espero, da vossa guia e da vossa amizade em Jesus e sua Santa Mãe, nos quais eu vos sou todo submisso.

Grignon, sacerdote e escravo ind[igno] de Jesus em Maria.

Permiti-me saudar o Pe. Brenier, o Pe. Lefèvre, o Pe. Repars⁶ e todo o Seminário. Várias vezes insistiram comigo para que vos pedisse a permissão de me fazer aprovar para ouvir confissões, mas ainda não o quis fazer, pois é preciso para este ofício tão difícil e tão perigoso uma missão particular.

Notas da Carta 6

1. Mons. Antônio Girard de la Bournat, antigo preceptor dos filhos da Sra. de Montespan, “prelado incomparável, que sacrificou a vida pelo seu rebanho nas visitas contínuas que fazia na sua diocese” (GRANDET, p. 30-31).

2. O Pe. Grignon era ainda seminarista quando encontrou pela primeira vez, entre 1695 e 1697,





a Sra. de Montespan; esta ofereceu-lhe encarregar-se do futuro de duas das suas irmãs. De Paris, onde as jovens se juntaram a ela, a Sra. de Montespan “as fez conduzir, poucos dias depois, a Fontevrault. A Sra. de Rochechouart, sua irmã, que era a abadessa lá, recebeu-as de braços abertos [...], mas uma [delas] viu-se obrigada a sair e a voltar a Rennes para junto dos pais, por causa de um derrame nos olhos, que a ameaçava de fazê-la perder a vista” (GRANDET, p. 18). As jovens chamavam-se Sílvia (nascida em 1677) e Francisca Margarida (nascida em 1679). Esta última deixou o mosteiro. Sílvia tomou o hábito no dia 26 de abril de 1701 e morreu em Fontevrault em 1743.

3. A abadia de Fontevrault, a 63 km de Angers, fundada no séc. XI, foi “o quartel general duma ordem [...] que reunia homens e mulheres sob o governo único e absoluto de uma abadessa” (*Dict. Hist. du M.-et-L.*, t. 2, p. 169). Em 1790, a comunidade compreendia “70 irmãs professoras, 39 conversas, 2 doadas, tendo todas elas declarado persistir nos seus votos, exceto uma”.

4. Ele se tinha visto na obrigação de aceitar, em 1695, o benefício ligado à capelania de Saint-Julien-de-Concelles (C 3) para completar o montante da sua pensão em Saint-Sulpice.

5. Era um hospital fundado em 1657 para “pobres reclusos”, onde eram recolhidos os mendigos da cidade. O escritório da administração chamava-se “Conselho e Escritório da Esmola e do Hospital dos Pobres Reclusos”; era presidido pelo Bispo.

6. Os padres Lefèvre et Repars são confrades do Pe. Leschassier.

CARTA 7

FONTE: Grandet, p. 27-29¹. - DESTINATÁRIA: *Guyonne-Jeanne (Luísa)*, irmã de S. Luís Maria. - PROVENIÊNCIA: desconhecida. - DATA: 1701².

HISTÓRICO: *Guyonne-Jeanne* nascera a 14 de setembro de 1680. A Sra. de Montigny “vendo que ele (Sr. Grignon, pai) tinha muitos filhos, pediu-lhe uma das suas seis filhas, que só tinha então oito anos e três meses, para levá-la consigo a Paris, onde pagou a sua pensão e professoras que iam todo dia ensinar-lhe a ler, escrever e bordar” (GRANDET, p. 10). Tendo morrido a Sra. de Montigny, a irmã de Pe. Grignon foi obrigada a sair da comunidade onde ela a havia colocado, depois de ter permanecido nela por quatro ou cinco anos. “Mas Deus não a abandonou, pois a Sra. Duquesa de Mortemart que conhecia o desapego de Pe. Grignon, falou da sua irmã à Sra. de Montespan, que fê-la entrar no Instituto das Filhas de São José, no bairro S. Germain” (GRANDET, p. 17). É desta última comunidade que se trata na presente carta.

A duração da estadia indicada acima, conforme Grandet, pode não ser perfeitamente exata; mas parece que deve ser aceita a sequência dos acontecimentos.

Minha querida irmã em Jesus Cristo.

Reine em nossos corações o puro amor de Deus.





Embora distante de vós corporalmente, não o estou de coração, porque o vosso coração não é distante de Jesus Cristo e de sua Santa Mãe, e porque sois Filha da Divina Providência, da qual sou filho também, embora indigno. Deveriam chamar-vos, antes, de noviça da divina Providência, porque não estais senão começando a praticar a confiança e o abandono perfeito que ela pede de vós; não sereis recebida como professa e filha da Providência, senão quando o vosso abandono for geral e perfeito e o vosso sacrifício inteiro. Deus vos quer, minha querida irmã, Deus vos quer separada de tudo o que não é ele, e talvez abandonada efetivamente por todas as criaturas. Mas consolai-vos, alegrai-vos, serva e esposa de Jesus Cristo, se pareceis com vosso Mestre e o vosso Esposo. Jesus é pobre, Jesus é abandonado, Jesus é desprezado e rejeitado como a escória do mundo. Feliz, mil vezes feliz Luísa³ Grignon, se ela é pobre de espírito, se ela é abandonada, desprezada, rejeitada como a escória da casa de Saint-Joseph⁴. Então é que ela será verdadeiramente a serva e a esposa de Jesus Cristo, e será professa da divina Providência, se ela não o é da Religião⁵. Deus quer de vós, minha querida irmã, que vós vivais o dia a dia, como o passarinho sobre seu galho, sem vos preocupar com o amanhã. Dormi em repouso sobre o seio da divina Providência e da Sma. Virgem, não buscando senão amar e contentar a Deus, pois é uma verdade infalível, um axioma eterno e divino, tão verdadeiro quanto há um só Deus (quem me dera que eu pudesse escrevê-los no vosso espírito e no vosso coração com caracteres indelévels!): “Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e o resto vos será dado por acréscimo⁶.” Se cumpris a primeira parte desta proposição, Deus infinitamente fiel cumprirá a segunda, quer dizer, se fielmente servirdes a Deus e a sua Mãe Sma., não vos faltará nada neste mundo e no outro. Não vos faltará nem mesmo um irmão padre, que foi, que é e que será todo vosso nos sacrifícios, a fim de que sejais toda de Jesus Cristo no vosso.

Saúdo o vosso bom Anjo da guarda. 1701⁷.

Notas da Carta 7

1. Grandet é o único dos antigos biógrafos a transmitir esta carta. É citada por ele em itálico.
2. Nada permite determinar a data exata, nem mesmo o lugar de proveniência. No decurso do ano 1701, Montfort residiu em Nantes, mas ele ausentou-se para ir a Fontevault, a Poitiers, passou cerca de três meses fora da cidade para as suas “pequenas missões” e lá pelo mês de outubro partiu definitivamente para Poitiers.
3. Guyonne-Jeanne sempre foi a irmã preferida de Luís Maria. Em vez de Guyonne-Jeanne, ele a chama de Luísa.
4. Conforme Grandet, alguém (a Superiora de Saint-Joseph ou a Sra. de Montespan?) informou





o Pe. de Montfort “que sua irmã seria obrigada a sair em breve da comunidade de S. Joseph onde morava, porque era estrangeira [quer dizer da província] e porque não queriam mais receber lá senão moças de Paris e também porque lhe faltavam muitas coisas necessárias à vida” (GRANDET, p. 26).

5. Essas palavras poderiam dar a entender que Guyonne-Jeanne era noviça entre as irmãs de Saint Joseph. Ela tinha então vinte ou vinte e um anos.

6. Mt 6, 33.

7. Esta data conclui a carta em Grandet. Montfort costuma datar as suas cartas no começo, raramente no fim. Dalin acrescenta uma precisão: “fevereiro de 1701”; de onde Dalin tirou esse acréscimo?

CARTA 8

FONTE: *Proc. Can.* 1551. - DESTINATÁRIO: *Pe. Leschassier*. - PROVENIÊNCIA: *Nantes*. DATA: 5 de julho de 1701.

HISTÓRICO: *Pe. Leschassier não tinha ainda formado um juízo “decisivo” (carta) sobre a orientação do seu dirigido. A fim de ajudá-lo nisso, o Pe. Grignon, comunica-lhe pela seguinte carta os resultados do seu primeiro ministério na diocese de Nantes; aponta o interesse do Pe. Lévêque e do Pe. des Jonchères pelo seu apostolado.*

Mas entre esta carta e a que ele escreveu no dia 4 de maio (C 6), se intercalam diversas trocas de opiniões. Pe. Leschassier, Mons. Girard, bispo de Poitiers, e o próprio Pe. Grignon trocam correspondência sobre o gênero de ministério que convém ao jovem sacerdote. Conhecemos:

1) *Uma carta datada de 6 de maio, na qual o bispo de Poitiers pergunta ao Pe. Leschassier se Pe. Grignon é “apto para dirigir e instruir um hospital geral ou para qualquer outra função do nosso sagrado ministério”.*

2) *A resposta, de 13 de maio, de Pe. Leschassier: “Eu me contento a expor-vos o que conheço de suas disposições, deixando a vosso juízo a decisão sobre o assunto.”*

3) *Um bilhete-resposta de Pe. Leschassier à carta de 4 de maio do Pe. Grignon (C 6) onde o autor declara entre outras coisas: “Não sou bastante esclarecido para pessoas cuja conduta não é ordinária. Eu vos direi, no entanto, o meu pensamento simplesmente.”*

4) *Uma carta (perdida) do Pe. Grignon ao Pe. Leschassier; era de 11 de junho.*

5) *Enfim, a resposta a essa última carta, na qual Pe. Leschassier começa por dizer: “Não sei, Meu senhor, o que responder à vossa carta de 11 deste mês. Como vós, aguardo a voz do verdadeiro Pastor para vo-la manifestar, quando*





ele me tiver feito a graça de me fazer conhecer o que ele pede de vós” (para estas quatro cartas: (Proc. Can. 1551).

Pe. Leschassier demora a tomar uma decisão. A carta que segue traz, a pedido dos superiores de Nantes, alguns elementos que deveriam permitir ao diretor formar um juízo definitivo.

Ao Meu Senhor, Pe. Leschassier,
Superior do Seminário de Saint-Sulpice em Paris.

Em 5 de julho de 1701.

Meu Senhor,
Reine em nossos corações o puro amor de Deus.

A fidelidade que devo ter em vos revelar tudo para fundar o vosso juízo definitivo, me obriga a dizer-vos que Pe. (René)¹ Lévêque juntamente com Pe. des Jonchères me enviaram a uma paróquia rural bastante abandonada. Durante dez dias fiquei lá, dei catecismo às crianças duas vezes ao dia, e fiz três práticas. O bom Deus e a Sma. Virgem abençoaram o trabalho.

Por isso Pe. des Jonchères e Pe. (René) Lévêque, que conhecem o assunto de Poitiers², me disseram que vos escrevesse, e até me fazem a oferta de me ajudar com os seus bens e a sua autoridade³ para me enviar às paróquias mais abandonadas da diocese, a fim de continuar o que comecei felizmente em Grandchamps (é este o nome da paróquia), ou antes o que a divina Providência e a Sma. Virgem realizaram não obstante a minha miséria⁴. Eu encontro, caro Pai, tantas riquezas nesta divina Providência e tanta força na Sma. Virgem, que elas bastam para enriquecer a minha pobreza e sustentar a minha fraqueza. Longe desses dois apoios nada posso.

Todo submisso a vós em Jesus e Maria,
Grignon, sacerdote e escravo ind. de Jesus em Maria.

Notas da Carta 8

1. O nome de batismo entre parênteses é para evitar a confusão com um outro Pe. Lévêque que morava na comunidade de Saint-Clément. O Pe. Leschassier emprega o mesmo procedimento.
2. Trata-se da tentativa dos pobres do hospital de Poitiers de reter o Pe. Grignon com eles. Os correspondentes habituais do santo estavam a par desta iniciativa. A 21 de maio o Pe. Leschassier escrevia ao Pe. Lévêque: “O que vos disse o Pe. Grignon sobre o assunto de Poitiers é verdade, pois S. Exa. o bispo de Poitiers também me escreveu falando disso” (Proc. Can. 1551).
3. Os dois Superiores tinham deixado o Pe. Grignon inativo até então; o Pe. Leschassier insistia em vão, havia dois meses, para que lhe fosse confiada uma atividade apostólica fora da casa de





Saint-Clément. Mas o “assunto de Poitiers” inquietou seriamente os dois Superiores diante da possível partida do Pe. Grignon para outra diocese. A fim de ligá-lo a Nantes, oferecem-lhe um ministério nas paróquias “mais abandonadas”. No final de junho, Pe. Grignon está em Grandchamps, a cerca de 18 km ao norte de Nantes. No regresso os dois sacerdotes lhe pedem para comunicar o resultado ao Pe. Leschassier. Esperam assim que o Sulpiciano influenciado orientará o Pe. Grignon para continuar nesse caminho... e na diocese.

4. Nenhum detalhe seguro relativo ao seu apostolado, seja em Grandchamps, seja nas paróquias onde trabalhará depois “três meses sem cessar” (C 9), nos é conhecido, exceto os da sua carta. Sabemos apenas que ele assinou dois atos no registro dos sepultamentos, em Grandchamps no dia 1º de julho.

CARTA 9

FONTE: *Proc. Can. 1551*. - DESTINATÁRIO: *Pe. Leschassier*. - PROVENIÊNCIA: *Le Pellerin*. DATA: *16 de setembro de 1701*.

HISTÓRICO: *A diocese de Nantes e a de Poitiers podem tornar-se indiferentemente o campo de apostolado de Pe. Grignon. Ele submete ao seu diretor as suas hesitações sobre a orientação a seguir.*

Ao Meu Senhor, o Pe. Leschassier,
Superior do Seminário de Saint-Sulpice, em Paris.

Em 16 de setembro de 1701¹

Meu Senhor e caríssimo Pai em J. C.,

Reine em nossos corações o puro amor de Deus.

Os pedidos insistentes e contínuos dos pobres do hospital de Poitiers, somados aos desejos do Bispo de Poitiers e da Sra. de Montespan² da qual minhas irmãs dependem muito, obrigam-me a vos importunar outra vez e vos expor com simplicidade e sem apego os meus sentimentos, permanecendo totalmente indiferente a tudo, exceto na obediência.

Trabalho sem descanso há três meses em várias paróquias onde Pe. (René) Lévêque e Pe. des Jonchères me enviaram. Eu vos escrevo, ainda agora da paróquia do Pèlerin. Deus e a Sma. Virgem se dignaram servir-se do meu ministério para fazer algum bem por aí. Aqui³ existe o bem a ser feito, como por toda a parte, mas há também muitos operários, duas casas de retiro para homens, uma para mulheres, e três equipes de missionários, para não dizer quatro.

Não sinto, como sabeis, inclinação alguma pela comunidade de St.-Clément. Só a obediência me retém lá. O Pe. (René) Lévêque, que bem o sabe, porque me oriento em tudo pelo seu parecer, depois dos vossos, me testemunhou que, não me chamando o bom Deus para permanecer constan-





temente na comunidade para nela trabalhar na salvação dos eclesiásticos⁴, eu devia procurar algum lugar onde me retirar, de vez em quando, após as pequenas missões que a obediência me prescreveria. Ele me disse entretanto que de boa vontade me daria um pequeno quarto, mas duvido se é do fundo do coração.

Entrementes, Meu Senhor, depois dos pobres de Poitiers, escreveu-me⁵ que fosse encerrar-me no seu hospital. Mas não tenho inclinação para ficar recluso.

A diocese de Poitiers tem muito mais necessidade de operários que esta; disso sou testemunha e fiquei surpreso. Mas não sou chamado para o público; não é senão para um bem particular. Só a esperança que eu poderia ter de ir percorrendo com o tempo a cidade e o campo, para ser útil a muitos, pode dar-me alguma inclinação para ir para o hospital. O catecismo aos pobres da cidade e do campo é o meu elemento.

Desde que estou aqui a divina Providência serviu-se de mim para acomodar mais uma das minhas irmãs pobres⁶, e me concedeu ligações de graça com vários pecadores⁷ como eu e com algumas pessoas espirituais⁸. Eis o estado das coisas, eis os meus sentimentos; mas a obediência cega à vossa vontade é a minha maior obra e o meu maior desejo.

Ouso dizer-me, caríssimo Pai em J. C., completamente submisso às vossas ordens e todo vosso.

Grignon, sacerdote e ind. escravo de Jesus em Maria.

Notas da Carta 9

1. PAUVERT (p. 101) e outros depois dele datam esta carta de 6 de setembro. A cópia do Processo de Canonização e QUÉRARD (vol. 2, p. 91) trazem a data de 16.

2. Na data de 25 de agosto, Mons. Girard escrevia ao Pe. de Montfort: “Os nossos pobres continuam, meu Senhor, a desejar-vos. O Pe. de Josteux vo-lo comunicou de minha parte; creio mesmo que a Sra. de Montespan teve a bondade de vos escrever a respeito: mas enfim, creio que devo dizer-vos, eu também, que os seus desejos, unidos aquilo que o Pe. Leschassier teve o trabalho de me responder, levam-me a crer que Deus vos quer junto deles, se S. Exa. o vosso Bispo deseja dar-vos a permissão de ir para lá. Peço-vos, pois, que lha peçais e que aproveiteis dela o mais cedo possível se ele vo-la conceder” (Proc. Can. 1551).

3. Na diocese de Nantes.

4. Palavras reveladoras das intenções de Pe. Lévêque a respeito de Pe. Grignon: parece que ele pensou em iniciá-lo na direção espiritual do clero de passagem pela casa de retiro de Saint-Clément. Terá tido até mesmo a intenção de deixar-lhe um dia a direção da Obra? Na impossibilidade de realizar o seu primeiro projeto, ele aceita, somente depois da “questão de Poitiers” e do sucesso de Grandchamps, que Pe. Grignon assumia plenamente as missões paroquiais. Pe. Lévêque morreu em Paris em 1703.

5. Carta citada na nota 2.





6. Os biógrafos têm tentado sem êxito identificar esta irmã.

7. O Pe. Grignon cuidava em Nantes dum grupo de estudantes ao qual pertencia Sr. Arot, estudante de direito que, depois de 1716, foi convidado a escrever a vida do santo (cf. Apresentação das cartas).

8. Entre estas, duas santas almas da Visitação Sainte-Marie de Nantes, as Irmãs Marguerite-Thérèse de Nantilly e Marie-Madeleine de Saint-Domingue (A. DAVID, *Revue des Prêtres de Marie Reine des Coeurs*, abril de 1927).

CARTA 10

FONTE: *Proc. Can. 1551*.- DESTINATÁRIO: *Pe. Leschassier*. - PROVENIÊNCIA: *Poitiers*. - DATA: 3 de novembro de 1701.

HISTÓRICO: No dia 23 de setembro Pe. Leschassier tinha escrito ao Pe. Grignon, em resposta à sua carta do dia 16: “Já que Pe. (René) Lévêque vos dispensa, meu Senhor, das obrigações de conveniência e de reconhecimento que poderiam reter-vos na sua comunidade, e que além disso Mons. o Bispo de Poitiers vos quer no hospital e que não podeis também contrariar a Sra. de Montespan que vo-lo solicita, não vejo inconveniente algum em que contenteis o desejo dos pobres” (*Proc. Can. 1551*). Era afinal o “julgamento decisivo” (C 8) aguardado pelo Pe. de Montfort havia meses.

A notícia foi um golpe para o ancião que era Pe. Lévêque. Ele queixou-se ao Pe. Leschassier da disposição tomada; o Pe. Leschassier respondeu-lhe no dia 15 de outubro: “Quanto ao Pe. Grignon, não pretendo ser responsável pela sua conduta. Sempre lhe disse que ele precisava não ser abandonado à sua própria conduta, e se ele vos mostrar as minhas cartas, nelas vereis que não cessei de me opor à sua saída da vossa casa, senão depois que ele me comunicou que vós lhe havíeis dito que se ele não queria morar sempre na vossa comunidade, ele faria melhor retirando-se dela. Eis aí, Monsenhor, o que vos posso dizer a respeito dele” (*Proc. Can. 1551*).

De Poitiers, Luís Maria de Montfort continua a informar o seu diretor sobre a sua conduta e a pedir-lhe conselho.

Ao Meu Senhor, o Pe. Leschassier,
Superior do Seminário de Saint-Sulpice, em Paris.

De Poitiers, a 3 de 9bro de 1701¹

Meu Senhor e caríssimo Pai em J. C.,





Reine em nossos corações o puro amor de Deus.

Estou em Poitiers no pequeno Seminário, onde o Sr. Bispo me colocou aguardando a assembleia dos administradores do hospital para a minha recepção. Há quase 15 dias² que estou dando catecismo aos pobres mendigos da cidade, com o consentimento e a ajuda do Sr. Bispo. Vou visitar e exortar os presos nas cadeias e os doentes nos hospitais, partilhando com eles as esmolas que recebo.

O hospital para o qual estou nomeado é uma casa de discórdia, onde a paz não reina, e uma casa de pobreza, onde falta o bem espiritual e temporal³. Mas espero que Nosso Senhor, por intercessão da Sma. Virgem, minha boa Mãe, a transformará numa casa santa, rica e sossegada. Eis por que tenho muita necessidade da graça e do vosso auxílio.

As irmãs diretoras da casa desejam que eu tome as refeições em comum com elas, como alguns⁴ dos meus predecessores. Não quero saber disto. Estou certo?

Falei ao Sr. Bispo, que no próprio hospital não queria separar-me da minha mãe a divina Providência, e que para isto eu me contentaria com a comida dos pobres, sem nenhuma renda fixa. Isto foi muito do agrado do Bispo, com a oferta de me servir de pai. Estou certo?

Continuo a fazer aqui várias coisas que eu fazia em Nantes: durmo sobre a palha⁵, nada tomo de manhã e não como muito à noite. Estou muito bem. Estou certo? Posso usar cada semana mais uma disciplina a cada semana⁶, além das três ordinárias, ou uma ou duas vezes uma cinta de crina?

Tomo a liberdade de saudar e agradecer muito humildemente o Pe. Brenier. Só Deus pode reconhecer perfeitamente os bens que dele recebi⁷ e muito particularmente de vós, a quem eu sou e serei por toda a vida submisso em Jesus e Maria.

Grignon, sacerdote e escravo ind. de Jesus e Maria.

Saúdo o vosso santo anjo da guarda.

Notas da Carta 10

1. 9bro indicando novembro.

2. O Pe. Leschassier escrevia de Paris a 15 de outubro: “Se ele vos mostrar as minhas cartas, vereis...” (Cf. HISTÓRICO). Poder-se-ia concluir erroneamente que o Pe. Grignon estava ainda em Nantes. Parece que ele deixou a cidade no mais tardar dia 10 de outubro; é preciso abater aproximadamente 27 dias da data de 3 de novembro para ter a época aproximativa da partida de Nantes: 1º na data desta carta, o Pe. Grignon já tinha dado catecismo aos pobres de Poitiers havia “quase 15 dias”; 2º no decurso da sua viagem, parou em Saumur para uma novena a N. Sra. dos Ardilliers (C 11); 3º a esses dados se acrescenta o tempo da viagem, um mínimo de três dias. No total, ao menos 27 dias.





3. “Eis, em resumo, a situação quando Montfort chega ao Hospital Geral de Poitiers:
“Uma Diretoria repleta de boa vontade, presidida pelo bom e caridoso Bispo, Mons. Girard.
“Intendentes honestos, zelosos, e mesmo bastante competentes nas suas funções, que se afadigam em vão para cumprir o orçamento e estabelecer a ordem, o bem-estar e a paz.
“Abaixo dos Grandes Oficiais externos:
“Uma Superiora [não Religiosa] que se furta mais ou menos às ordens e decisões da Diretoria;
“governantas que obedecem o menos possível e não chegam a fazer-se obedecer;
“subalternos insolentes;
“uma população de pobres descontentes, mal nutridos, pouco vigiados, entediados com o trabalho” (DERVAUX, p. 28-29).
- Quanto à pobreza espiritual dos “internos”, o mesmo autor acrescenta: “Nesse momento [da chegada de Pe. Grignon] o posto [de capelão], pouco desejado, é deixado como vacante desde um tempo considerável; o titular é um enfermo. Nos domingos e festas, padres da cidade vêm rezar a missa ‘por caridade’. Catecismo, orações, sacramentos, todo este importante ministério compete a capelães de passagem, muitas vezes sem experiência.”
4. É talvez a transcrição exata do original.
5. A palavra deve ser entendida provavelmente no sentido de enxerga, pois Montfort era hóspede do pequeno seminário.
6. Palavra repetida por distração.
7. O Pe. Brenier foi superior do Pe. Grignon no Pequeno Saint-Sulpice durante quatro anos (1696-1700) e seu diretor espiritual durante seis meses. O Pe. Grignon agradece-lhe sem dúvida particularmente por esses seis meses, embora a direção de o Pe. Brenier não tenha sido certamente toda feita de doçura. O Pe. Blain a descreve nestes termos: “Não é que o Pe. de Montfort não pudesse suportar, mesmo uma vez só, os golpes dessa mão assassina da natureza, deste inimigo exterminador do amor próprio. No entanto, ele aguentou não um dia, mas seis meses inteiros, sem demonstrar a menor perturbação, e ele cansou pela sua paciência e a sua humildade aquele que procurava mortificá-lo” (BLAIN, art. 40, p. 97).

CARTA 11

FONTE: *Original nos Arquivos Prov. s. m. m. (Holanda).* - DESTINATÁRIO: *Pe. Leschassier.* - PROVENIÊNCIA: *Poitiers.* - DATA: *4 de julho de 1702*

HISTÓRICO: *Na carta de 3 de novembro de 1702, o Pe. Grignon pedia diretrizes precisas sobre a conduta que devia ter no hospital de Poitiers (C 10). No dia 12 de novembro seguinte, o Pe. Leschassier respondia-lhe: “Vós me indicais diversos pontos na vossa carta sobre os quais tenho dificuldade em responder-vos: 1º porque, não estando totalmente segundo a condução ordinária, eu acharia difícil ser o garante de tudo o que fazeis, não querendo, aliás, e não ousando pôr limites à graça que talvez vos atraia a esses tipos de práticas; 2º porque, estando afastado de vós, é impossível que possais consultar-me sobre uma quantidade de coisas que julgareis úteis para os ofícios que tereis, como sucedeu nas vossas pequenas missões, coisas das quais eu seria de certa forma*





responsável diante do público, pois dizeis em toda a ocasião que não fazeis nada senão segundo a minha opinião, e que viveis numa inteira dependência da minha direção.

Eu vos aconselho, portanto, meu Senhor, e vos peço que escolhais um bom diretor no lugar onde estais, ao qual pedireis luz e conselho sobre todas as vossas dificuldades. Sabeis quais devem ser as qualidades de um diretor: estais numa grande cidade onde podereis fazer uma boa escolha.

Serei sempre, meu Senhor, com a mesma estima e a mesma afeição todo vosso. Leschassier.” (Proc. Can. 1551).

Durante os meses seguintes, o Pe. Grignon interrompeu a correspondência regular que entretinha até então com o seu diretor espiritual do seminário. Se ele retoma a pena, neste mês de julho de 1702, não é mais para solicitar conselhos ou diretrizes, mas para dar notícias suas a um mestre que ele estima e que ama, e que chama de seu “Pai”.

Paris,
Ao Meu Senhor, o Pe. Leschassier,
Superior do Seminário de Saint-Sulpice em Paris.

Do hospital geral de Poitiers,
em 4 de julho de 1702.

Meu Senhor e caríssimo Pai em J. C.,
Reine em nossos corações o puro amor de Deus.

Se por tanto tempo¹ demorei a escrever-vos, não foi nem por esquecimento dos vossos benefícios, nem por falta de obediência aos vossos caridosos conselhos na pessoa² que me conduz aqui em vosso lugar, mas para não vos importunar, e para vos comunicar numa só carta diversos contratempos que me sucederam e me sucedem todo dia. Eis, pois, meu caro Padre, a minha conduta e as minhas ações em síntese e em verdade.

O Pe. Lévêque, meu segundo pai depois de vós, deu-me por acréscimo de benefícios algum dinheiro para a minha viagem a Poitiers e eu o dei todo aos pobres antes de sair de Saumur, onde fiz uma novena. Entrei em Poitiers sem um tostão. O Monsenhor, de saudosa memória³, recebeu-me de braços abertos e me deu abrigo e alimento no pequeno Seminário, até que me colocasse no hospital. Durante este tempo, que foi quase de dois meses⁴, dei catecismo, com despesas pagas pelo Monsenhor, a todos os pobres mendigos da





cidade, que eu ia procurar nas ruas. Primeiro foi numa pobre capela de São Nicolau, depois, por causa da multidão de povo, foi no mercado; e atendi na igreja de São Porchaire as confissões de vários.

Monsenhor⁵, importunado pelos clamores e desejos solícitos dos pobres⁶, me deu a eles pouco depois da festa de Todos os Santos. Entrei naquele pobre hospital, ou melhor naquela pobre Babilônia, com uma firme resolução de levar, com Jesus Cristo meu mestre, as cruzes que eu bem previa que me deviam ocorrer, se a obra era de Deus. O que várias pessoas eclesásticas e experientes da cidade me disseram, para me desviar de ir para aquela casa de desordem, que lhes parecia incorrigível, não fez senão aumentar a minha coragem de empreender esta obra, apesar da minha própria inclinação, que sempre foi e que é ainda, para as missões.

Quando entrei, os superiores e os súditos do hospital, e mesmo toda a cidade, ficaram alegres, olhando-me como uma pessoa enviada por Deus para reformar a casa. Os superiores do hospital com os quais eu agia em sintonia, mais obedecendo que mandando, deram-me no princípio as mãos para executar e observar a regra⁷ que eu desejava introduzir. O próprio Monsenhor e toda a direção foram os primeiros a me autorizar e permitiram-me deixar os pobres comer no refeitório e ir pedir⁸ para eles alguma coisa na cidade para comer com seu pão seco. Foi o que fiz durante três meses, não sem muitas recusas e contradições, que aumentaram de um dia para o outro de tal modo, por meio de um chamado Senhor⁹... e da Srta. superiora do hospital¹⁰, que fui obrigado, por obediência a vosso substituto¹¹, a abandonar o cuidado dessas mesas que contribuía muito para a boa ordem da casa. Este Senhor, irritado contra mim sem nenhum fundamento legítimo que eu saiba, me desgostava, contrariava e ultrajava sem cessar na casa, e me desacreditava na minha conduta na¹² cidade junto aos administradores, o que animou estranhamente contra ele todos os pobres que me amavam, todos, exceto alguns libertinos e libertinas ligados com ele contra mim. Durante essa borrasca guardei o silêncio e a discrição, entregando inteiramente a minha causa nas mãos de Deus e não esperando senão no seu socorro, não obstante os pareceres contrários que me davam. Para este fim fui fazer um retiro de oito dias na casa dos Jesuítas. Lá, fui repleto de uma grande confiança em Deus e na sua santa Mãe, que evidentemente assumiam a minha causa. Não fui enganado na minha espera. Ao sair do meu retiro, encontrei esse Senhor... doente; morreu alguns dias depois...¹³. A superiora, jovem e vigorosa, seguiu-o dentro de seis dias. Mais de 80 pobres caíram doentes; diversos morreram. Toda a cidade achava que a peste





estava no hospital e dizia publicamente que a maldição estava nesta¹⁴ casa. Entre todas essas doenças e mortes que eu assistia, só eu não fiquei doente.

Após a morte desses superiores, passei ainda por maiores perseguições. Um pobre, exaltado e orgulhoso, colocou-se no hospital à frente de alguns libertinos para me contradizer, defendendo a sua causa junto aos administradores e condenando-me na minha conduta, porque eu lhe disse com ousadia mas com doçura as suas verdades, que são bebedeiras, contendas, escândalos, etc. Quase nenhum dos administradores (embora eu não tome nada na casa, nem mesmo um pedaço de pão, pois os estranhos me dão de comer por caridade) faz esforço para punir esses vícios e corrigir essas desordens internas, e quase todos não pensam senão no bem temporal e exterior da casa.

No entanto é verdade, meu caro Padre, que no meio de todas essas desordens e contradições, que eu só descrevo por alto, Deus quis servir-se de mim para fazer grandes conversões na casa e fora dela. A hora de se levantar, de se deitar, da oração vocal, do terço em comum, da refeição em comum, dos cânticos e mesmo da oração mental para os que a querem, subsiste ainda agora, não obstante as contradições. Desde que estou aqui, tenho estado numa missão contínua, atendendo confissões quase sempre desde a manhã até à noite e dando conselhos a uma infinidade de pessoas, e o grande Deus, meu Pai, a quem sirvo embora com infidelidade, me deu, desde que estou aqui, luzes no espírito que eu não tinha, uma grande facilidade para me expressar e falar de improviso sem preparação, uma saúde perfeita e uma grande abertura de coração para com todo o mundo. É isto que atrai para mim o aplauso da cidade quase inteira (o que me deve fazer temer pela minha salvação). Não deixo entrar no meu quarto mulher alguma, nem mesmo as superiores da casa.

Estava me esquecendo de vos dizer que dou uma conferência, toda semana, aos 13 ou 14 estudantes que são a elite do colégio¹⁵ e isto com a aprovação do falecido Monsenhor.

Há neste hospital uma moça que tem o espírito mais fino, mais político e ao mesmo tempo mais orgulhoso que eu jamais tenha conhecido. Foi ela que causou todos os problemas. Tenho receio de que o Sr. Padre de la Poype¹⁶ seja por ela enganado, como o foi o seu predecessor, por credulidade demasiada. Se o julgais conveniente, vós o prevenireis disto.

Meu Sr. e caro Pai, honrai-me com uma de vossas cartas. Eu vos sou mais que nunca submisso. Não é senão por necessidade que vós me privais¹⁷ de vossos conselhos. Ouso dizer que vos sou todo submisso em J. e M.

L. Grignon, sacerdote e escravo ind. de Jesus em Maria.

Saúdo com gratidão o Pe. Brenier, saúdo os Padres Repars, Lefèvre e





todo o Seminário, mas muito particularmente o Pe. Lévêque¹⁸ a quem escrevo a mesma coisa que a vós.

Notas da Carta 11

1. Exatamente oito meses.
2. O Pe. Latour, s.j., foi seu diretor em Poitiers. Será dele que São Luís Maria de Montfort quer falar aqui?
3. Mons. Girard tinha morrido no dia 8 de março de 1702.
4. A palavra “mês” é difícil de interpretar no contexto da carta. Conhecemos duas datas: 1º a de 20 de outubro (data aproximativa da chegada a Poitiers); 2º a de 2 de dezembro: assinatura do contrato entre o Pe. Grignon e o hospital (Arq. da Vienne - Hospitais J 213; antigo t. II E 2. Deliberação de sexta-feira 2 de dezembro de 1702). Sabemos pela carta: 1º que ele residiu e tomou refeição durante quase dois meses no pequeno seminário; 2º que ele deu catecismo aos mendigos da cidade durante esse mesmo lapso de tempo; 3º que os pobres o convidavam para o hospital; 4º. que o Bispo o concedeu a eles pouco depois da festa de Todos os Santos.
5. Será que ele pôde, a partir dos dias que seguiram a festa de Todos os Santos, acumular o cargo de capelão e o ministério na cidade? Ou então, segunda hipótese, deixou escapar, na redação da sua carta, a palavra “mês” quando era preciso dizer “semana”? Teríamos então um texto semelhante ao da carta de 3 de novembro de 1701: “Há quase 15 dias que dou catecismo aos pobres da cidade” (C. 10). Esta segunda hipótese eliminaria toda a dificuldade de interpretação.
6. Era ainda sob o episcopado de Mons. Girard.
7. Na sua qualidade, sem dúvida, de Presidente da Equipe de Administração.
8. Ou seja, do regulamento do qual falará adiante: “A hora de levantar-se, de deitar-se, etc...”
9. “Ele restabeleceu a coleta quotidiana [prevista nos antigos regulamentos], que recordava aos ricos a existência dos miseráveis, dos quais haviam desimpedido as ruas” (DERVAUX, p. 32). O que os antigos regulamentos não previam, é que o capelão acompanhasse os coletores.
10. A ser identificado, parece, com o ecônomo-intendente.
11. Srta. Marta de Berthé (DERVAUX, p. 34).
12. “A pessoa que me dirige aqui no vosso lugar” (cf. nota 2). O original traz bem legível “vosso” e não “nosso”.
13. A palavra “em” foi corrigida no original; lê-se acima da linha “por”. A carta contém outras correções, todas reproduzidas na primeira edição da carta pelo Pe. Dalin, em 1839. Contrariamente ao Pe. Dalin, damos aqui o texto tal como estava antes das modificações. Pois, quem é o autor destas correções? Parece, com efeito, que São Luís Maria de Montfort não retocava as suas cartas. Não há retoque algum nos outros dois originais que possuímos. O Pe. Faillon, que recopiou as cartas para o Processo de Canonização, não indica nenhum remanejamento de frase, nenhuma palavra substituída, ao passo que indica espaços em branco e anota com pontinhos as palavras ilegíveis ou apagadas.
14. Essas reticências dariam a entender que o próprio autor está admirado diante duma morte que ao seu redor era considerada como castigo.
15. “Em” foi riscado; em cima, lê-se “sobre”. Da mesma forma, na frase seguinte, “todas essas doenças” foi substituído por “todos esses doentes”.
16. O colégio dos Padres jesuítas. A esses alunos do colégio Santa Marta vieram juntar-se estudantes da Universidade. Pe. Grignon reuniu-os todos numa “Congregação” (segundo a ex-





pressão dum deles), com regulamento próprio e exercícios quotidianos. Uma “Congregação” semelhante, fundada também por ele, reagrupou um certo número de moças (Memórias de Le Normand; GRANDET, p. 465).

16. O Sr. Padre de la Poype era ainda Vigário Capitular. Sua nomeação para a sede de Poitiers foi conhecida somente no mês de julho. Ex-aluno e amigo dos Sulpicianos, ele poderia sentir-se feliz, pensa o Pe. Grignon, ao receber essas informações da parte do Pe. Leschassier.

17. A correção acima da linha traz “eu sou” em lugar de “vós me”.

18. Pe. Lévêque é sem dúvida também um confrade do Pe. Leschassier.

CARTA 12

FONTE: *Grandet*, p. 44-45¹. - DESTINATÁRIA: *Guyonne-Jeanne (Luísa)*.

- PROVENIÊNCIA: (*provável*): *Poitiers*². - DATA: *Outono de 1702*³.

HISTÓRICO: *A situação precária (C 7, nota 4) de Guyonne-Jeanne tinha evoluído; ela se resolvia por uma saída efetiva da comunidade de Saint-Joseph. Foi durante o verão de 1702. Guyonne-Jeanne achava-se abandonada a si mesma. Seu irmão, ao saber disto, se comove e parte para Paris. Lá diversas providências humilhantes se revelam inúteis. A moça se prepara para voltar a Rennes ou “ao mundo, na qualidade de dama de companhia” (GRANDET, p. 41). Luís Maria ia empreender a viagem de volta, quando, durante uma visita de despedida às Beneditinas do Ssmo. Sacramento, encontrou, quando não mais esperava, a solução das dificuldades da irmã. “Uma pessoa de qualidade [...] foi inspirada para prometer a soma [dote] que era pedida” (GRANDET, p. 41): as Beneditinas aceitavam a moça na sua Congregação como religiosa corista.*

Guyonne-Jeanne partiu logo para o noviciado de Rambervilliers, na Lorena. De lá, sem dúvida, ela escreve ao seu irmão que voltara de Poitiers: ela exprime-lhe o seu reconhecimento e a sua felicidade. A carta que segue é a resposta de São Luís Maria de Montfort.

Minha querida irmã em Jesus Cristo,
Reine em nossos corações o puro amor de Deus.

Permiti a meu coração nadar com o vosso na alegria, a meus olhos derramar lágrimas de devoção, à minha mão marcar no papel a santa alegria que me transporta.

Não perdi a minha última viagem de Paris, vós nada perdestes nos vossos abandonos e vossas cruces passadas, o Senhor teve piedade de vós. Esta pobre moça clamou e o Senhor a ouviu, e a imolou verdadeiramente, interiormente, eternamente.





Que não se passe na vossa vida nenhum dia sem sacrifício e sem vítima⁴. Que o altar vos veja com maior frequência do que o vosso leito e a vossa mesa⁵. Coragem, meu caro suplemento. Pedi com insistência perdão a Deus, a Jesus soberano sacerdote, dos pecados que cometi contra a sua divina Majestade profanando⁶ o Ssmo. Sacramento.

Saúdo o vosso Anjo da guarda, que foi o único que viajou convosco⁷. Sou tantas vezes vosso quantas cartas há aqui, contanto que sejais outras tantas vezes sacrificada e crucificada com Jesus Cristo, vosso único amor, e Maria, nossa boa Mãe.

De Montfort⁸, sacerdote e escravo de Jesus em Maria.

Notas da Carta 12

1. Grandet é o único entre os antigos biógrafos a transmitir-nos este texto. Ele cita-o em *itálico*.
2. Ver o HISTÓRICO da C 6.
3. Luís Maria partiu de Poitiers certamente depois de 4 de julho de 1702; nesse dia ele escrevia ao Pe. Leschassier (C 11), em Paris. A viagem, as providências, a volta a Poitiers permitem supor que a troca de cartas entre o irmão e a irmã não pôde ter ocorrido antes do outono de 1702. Em todo caso, Pe. de Montfort estava em Poitiers no dia 21 de outubro; nesta data, ele pedia a permissão para pregar uma missão aos pobres e aos soldados (Arq. da Vienne II, E, 2; Deliberações Arq. Hosp. f. 66).
4. A carta está cheia de alusões à espiritualidade das Adoradoras, até nas próprias palavras: “Vítima, suplemento, profanação...”. Um texto dos arquivos das Beneditinas diz que uma mulher “constitui, no mosteiro, uma vítima perpétua na pessoa de uma religiosa [...] para ocupar [...] o lugar da Senhora, a fundadora, como um suplemento” (CROSNIER, p. 99).
5. As Beneditinas do Ssmo. Sacramento se “dedicavam a adorar dia e noite o Ssmo. Sacramento, com a corda ao pescoço e a tocha na mão, para pedir perdão a Jesus Cristo por todos os sacrilégios e profanações que ele sofre neste Mistério” (GRANDET, p. 35-36).
6. “Tanto pelas comunhões recebidas com tibieza, como por esquecimentos e estranhos abandonos” (C 19).
7. Alusão cujo sentido nos escapa: Guyonne-Jeanne fez a viagem com outras duas postulantes (C 19, HISTÓRICO).
8. Se Grandet transmite a assinatura exata, nós a temos aqui sob esta forma pela primeira vez.

CARTA 13

FONTE: *Grandet*, p. 334-335¹. - DESTINATÁRIA: *Uma religiosa do Ssmo. Sacramento*². PROVENIÊNCIA: *Poitiers (?)*². DATA: *Outono de 1702 (?)*².

HISTÓRICO: *Após a visita do Pe. de Montfort ao mosteiro das Beneditinas do Ssmo. Sacramento (C 12, HISTÓRICO), a comunidade formou um juízo muito favorável sobre o santo sacerdote. Acredita-se mesmo que várias religiosas lhe escreveram depois disto.*





Possuímos uma carta-resposta do santo a uma religiosa deste mosteiro. É esta aqui. Não tem data. Nós a colocamos aqui após a carta a Guyonne-Jeanne que doravante pertence à mesma Congregação das Beneditinas do Ssmo. Sacramento.

Um fragmento duma outra carta é colocada por Grandet depois desta que citamos. Trata do mesmo assunto. É dirigida também a uma religiosa, sem nenhum indício que permita datá-la. Como Grandet, nós citamos os dois textos em seguida.

Ah! Como a vossa carta é divina, pois está repleta das notícias da Cruz³, fora da qual, não obstante o que dizem a natureza e a razão, não haverá jamais aqui na terra, até ao dia do juízo, nenhum verdadeiro prazer nem bem sólido.

Vossa alma carrega uma grande, larga e pesada cruz. Oh! Que felicidade para ela! Que ela tenha confiança, se Deus todo bondade continua a fazê-la sofrer, saiba que ele não a provará acima das suas forças. É uma prova de que ela é seguramente amada por ele. Eu digo seguramente, pois o melhor sinal de que a pessoa é amada por Deus, é quando ela é odiada pelo mundo e atormentada por cruces, ou seja, por privações das coisas mais legítimas, por oposições às nossas vontades mais santas, por injúrias, as mais atrozes e as mais sensíveis⁴, por perseguições e más interpretações da parte das pessoas mais bem intencionadas, e dos nossos próprios amigos, por doenças que menos nos agradam, etc.

Mas por que vos digo o que sabeis melhor que eu, pelo senso e pela experiência que tendes?

Ah! se os cristãos soubessem o valor das cruces, eles andariam cem léguas para encontrar uma. Pois, é nesta amável cruz que se encerra a verdadeira sabedoria, que busco dia e noite com mais ardor que nunca.

Ah! Boa cruz, vinde a nós para a maior glória do Altíssimo; é o que o meu coração diz com frequência, apesar das minhas fraquezas e das minhas infidelidades. Coloco, depois de Jesus, nosso único amor, toda a minha força na cruz.

Peço-lhe para dizer a N.⁵ que adoro Jesus Cristo crucificado nela, e peço a Deus que ela não se lembre dela mesma, senão para oferecer-se a sacrifícios ainda mais sangrentos.

Notas da Carta 13

1. Besnard (*Montfort*, L. 9, p. 273-274), transmite também esta carta, mas ela é claramente tirada de Grandet: os termos com os quais ele a apresenta são mesmo textualmente de Grandet. Este a inseriu no texto sem aspas nem itálicos.





2. Certos biógrafos consideram como destinatária desta carta a Madre Saint-Joseph. Se isto é exato, o Pe. de Montfort escreve de Poitiers por volta do outono de 1702, pois a Madre Saint-Joseph morreu dois meses depois da passagem do santo na comunidade do Ssmo. Sacramento (cf. LE CROM, p. 108). Quando da sua passagem, Deus o fez conhecer “o estado sublime da perfeição e da graça a que tinha chegado uma das Religiosas [a Madre Saint-Joseph] que comungou da sua mão” (GRANDET, p. 51). A religiosa teve, “por uma luz muito clara, conhecimento do estado de alma do Pe. Grignon, que era mais ou menos semelhante ao seu” (GRANDET, p. 52).

3. Ver AC.

4. Que ferem mais.

5. Sem dúvida uma outra Irmã da mesma comunidade.

CARTA 14

FONTE: *Grandet*, p. 336. - DESTINATÁRIA: *uma religiosa*. - PROVENIÊNCIA: *incerta*. DATA: *desconhecida*.

HISTÓRICO: Ver Carta 13. HISTÓRICO.

Que vos direi, minha querida Mãe, em resposta à vossa carta, senão o que o Espírito Santo vos diz todos os dias?¹ Amor da pequenez e da abjeção, amor da vida oculta, do silêncio, sacrificador mudo de Jesus Cristo no Ssmo. Sacramento, amor da divina Sabedoria, amor da cruz. Sou contradito em tudo, sou prisioneiro, agradecei por mim ao bom Deus pelas pequenas cruzes que me tem dado, proporcionadas à minha fraqueza, etc.

Nota da Carta 14

1. O texto que segue está em itálico em Grandet.

CARTA 15

FONTE: *Pauvert*, p. 157-158¹. - DESTINATÁRIA: *Srta. Luísa Trichet*². - PROVENIÊNCIA: *Paris*. - DATA: *fim de abril ou começo de maio de 1703 (?)*.

HISTÓRICO: *Por volta da Páscoa de 1703, o Pe. Grignon, coagido por toda espécie de oposições à sua ação, deixa inesperadamente Poitiers para dirigir-se a Paris. Lá espera encontrar apoio e também meios de fundar um instituto missionário.*

Desta estadia em Paris, temos duas cartas, duas respostas a duas missivas da Srta. Trichet.

Onde se encontrava a destinatária?





Conforme Pauvert, o documento do mosteiro de Châtellerault (ver a Apresentação das Cartas) continha este texto: “Estas duas cartas são escritas de Paris a uma de suas penitentes em Châtellerault onde ela estava no convento para aí ser conversa” (PAUVERT, 156). Entretanto, segundo o contexto das cartas, o Pe. de Montfort supõe Luísa Trichet em Poitiers. Os fragmentos paralelos de Besnard (citados abaixo), bem como uma informação que ele dá a respeito deles (C 16, nota 2) são ainda mais explícitos. Não se vê como conciliar essas notícias contraditórias. Além disso, é verdade que Luísa Trichet aproveitou uma ausência do seu diretor para deixar Poitiers e entrar no noviciado das irmãs de Châtellerault onde, aliás, ela não permaneceu senão pouco tempo.

Em que data estas cartas foram escritas?

Pauvert publica as duas cartas, uma depois da outra, tal como ele pôde tê-las encontrado na cópia. A primeira termina com a data assim redigida: “Em 24 de outubro de 1703”. A segunda está sem data. Um deslocamento da data, do começo da segunda para o fim da primeira, pode bem ter acontecido se a cópia permitisse alguma dúvida a este respeito. Neste caso, a data que Pauvert escreveu no fim da primeira carta seria a da seguinte.

1º Data da primeira carta (C 15).

O Pe. de Montfort tinha partido de Poitiers por volta da Páscoa, que naquele ano caíra no dia 8 de abril. Conforme Besnard (ver texto abaixo), ele pede “uma hora de oração [...] a partir do dia da Ascensão até Pentecostes”. Pauvert diz que as orações devem prosseguir “particularmente até Pentecostes [...] desde uma hora toda segunda-feira até duas”. Em 1703, Pentecostes foi no dia 27 de maio. Assim, a primeira carta teria sido escrita entre a Páscoa (data da partida de Poitiers) e Pentecostes, numa data relativamente distante desta última festa (fim de abril, começo de maio?).

Se se quiser manter para esta carta a data de 24 de outubro, que constava no final da carta de Pauvert, fica difícil ver o Pe. Grignon dar indicações em outubro de 1703 para orações que devem terminar em Pentecostes de 1704.

Ademais, ele anuncia nesta carta que se encontra no hospital geral; a sua presença neste lugar parece duvidosa na data de 24 de outubro, pois só ficou lá quatro ou cinco meses.

Ele pede orações ao aproximar-se a inauguração do seminário fundado pelo seu amigo Cláudio Poullart des Places. Essa solenidade à qual assistiu aconteceu neste domingo de Pentecostes. Esperava recrutar nessa casa sacerdotes que o seguissem nas missões ao povo pobre dos campos.

2º Data da segunda carta.





Quanto à segunda carta (C 16) a data de 24 de outubro lhe convém melhor. A permanência do Pe. de Montfort em Paris prolonga-se: ele alude a isto desde as primeiras linhas; e, além disso, aí se acharia sobretudo o eco do abandono e da situação miserável que era a sua, em Paris, nos últimos meses de 1703.

Minha querida Filha em Nosso Senhor Jesus Cristo,
Reine em nossos corações o puro amor de Deus com a divina Sabedoria³.

Sei mais pela minha experiência do que pela vossa carta, que vós rezais instantemente ao vosso esposo por este medíocre pecador. Não posso reconhecer esse benefício senão por uma retribuição de orações, quando tenho no santo altar, entre as minhas mãos criminosas, o Santo dos santos, o que faço todos os dias.

Continuai, redobrai mesmo, orando por mim, se é uma pobreza extrema, uma cruz muito pesada, abjeções e humilhações, eu consinto contanto que lhe peçais ao mesmo tempo para estar comigo e não me abandonar um só instante, por causa da minha fraqueza infinita. Que riqueza, que glória, que prazer, se tudo isto me alcança a divina sabedoria, pela qual suspiro noite e dia.

Não, não cessarei jamais de pedir esse tesouro infinito, e creio firmemente que o terei, mesmo que todos os anjos, os homens e os demônios me digam o contrário. Creio que as vossas preces são muito eficazes, que a bondade do nosso Deus é muito terna, que a proteção da Sma. Virgem nossa boa Mãe é muito grande, que as necessidades dos pobres são muito prementes, que a palavra e a promessa de Deus são muito expressas. Pois, ainda que a posse dessa divina Sabedoria fosse impossível pelos meios ordinários da graça, o que não é, ela se tornaria possível por meio da força com a qual nós a pedimos, posto que tudo é possível àquele que crê, verdade imutável.

O que me faz ainda dizer que a terei, são as perseguições que tive e que tenho todos os dias, dia e noite.

Eu vos peço, pois, minha querida filha, que façais entrar neste grupo de oração algumas boas almas, vossas amigas, particularmente até Pentecostes, e que rezeis com elas a cada segunda-feira da uma até às duas horas. Eu o farei à mesma hora. Enviai-me os seus nomes por escrito.

Estou no hospital geral⁴ com cinco mil pobres, para fazê-los viver para Deus e para morrer a mim mesmo. Não me acuseis de mudança ou de resfriamento com relação aos de Poitiers, pois meu Mestre me conduziu aqui como





que contra a minha vontade: ele tem nisto seus desígnios, que eu adoro sem conhecê-los. E não acrediteis tampouco que são desígnios temporais ou alguma criatura que me retém aqui; não é isto, não conheço mais amigos aqui senão Deus somente. Os que eu tinha outrora em Paris me abandonaram⁵.

Não fundei nem fundo sobre os bens que virão da Sra. de Saint-André⁶; não sei nem se ela está em Paris, nem onde ela mora. Se estou feliz por morrer⁷ aqui, o sou igualmente também por morrer em Poitiers no espírito de vários, a fim que aí esteja somente Deus, Deus somente.

Vós sereis religiosa, eu o creio firmemente. Crede e rezai.

TEXTO DE BESNARD⁸

Numa outra carta datada de Paris, ele mandou-a convidar várias pessoas virtuosas que ele conhecia e que dirigia durante a sua permanência em Poitiers, para se reunirem todas, a fim de fazerem uma hora de oração numa sala da uma até às duas, a começar do dia da Ascensão até Pentecostes, que ele faria o mesmo por sua vez e não deixaria de se achar na mesma hora em oração em Paris, a fim de atrair sobre ela e sobre ele, a exemplo dos apóstolos, a plenitude dos dons do Espírito Santo, e particularmente o dom da Sabedoria, o que foi executado pontualmente.

Notas da Carta 15

1. Ver a Apresentação das Cartas. Aceita-se a autenticidade do conteúdo geral. No entanto, as duas cartas de Châtellerault (C 15, 16) parecem ter sofrido uma nova redação, seja de Pauvert, seja no mosteiro das Cónegas. Há uma clara diferença entre o fraseado habitual das outras cartas e o estilo destas. Note-se ainda que, entre as cartas de Châtellerault e o que Besnard traz sobre o mesmo assunto (ver acima), há semelhanças e divergências surpreendentes. Montfort teria escrito quatro cartas? (DERVAUX, p. 76, nota 98). Ou então um copista retocou o conteúdo refundindo o estilo? Ou ainda, Besnard reproduz textos citados de memória pela primeira Filha da Sabedoria que ele interrogou para escrever a “Vie de Messire Louis-Marie de Montfort”? 2. Luísa Trichet nascera em Poitiers em 1684 de uma família de magistrados. Pe. Grignon a dirigia desde o dia em que lhe declarara que a Sma. Virgem a tinha orientado para o seu confessorário (1701). Ele a tinha feito entrar no hospital ao serviço dos pobres. São Luís Maria de Montfort presentia os desígnios da Providência sobre ela? Com efeito, ela foi o primeiro membro da sua congregação feminina. 3. Variante na fórmula habitual. 4. Trata-se do hospital chamado “La Salpêtrière”. Na Salpêtrière, muitos sacerdotes ajudavam os poucos capelães da multidão de miseráveis que aí se tinham refugiado. O Pe. de Montfort uniu-se a esses voluntários. 5. Entre esses amigos, deve-se contar em primeiro lugar o Pe. Leschassier: “Seu oráculo estava mudo e não quis mais dar-lhe resposta; ele foi até mesmo muito rejeitado quando foi apresentar-se diante dele. Falo do Pe. Leschassier que então rejeitou a sua conduta e que lhe recusou os seus conselhos” (BLAIN, art. 53, p. 147).





6. Nenhuma informação chegou até nós sobre esta senhora.

7. “Morrer a ele mesmo” como ele acaba de dizer algumas linhas acima.

8. (BESNARD, *Marie-Louise*, C I, p. 30-31). O presente texto parece ser o correspondente da carta de Pauvert. Este extrato é referido em estilo indireto e sem aspas.

CARTA 16

FONTE: *Pauvert*, p. 158-159¹. - DESTINATÁRIA: *Srta. Luísa Trichet*. - PROVENIÊNCIA: *Paris*¹. DATA: *24 de outubro de 1703 (?)*¹.

HISTÓRICO: *Ver Carta 15*, HISTÓRICO. *Após quatro ou cinco meses de dedicação à Salpêtrière, o Pe. Grignon “encontrou, uma tarde, o aviso da sua despedida debaixo dos talheres” (GRANDET, p. 57). Ele refugia-se num cantinho, debaixo duma escada, na rua do Pot-de-fer; de lá, ao que parece, ele escreve a Maria Luísa a carta seguinte.*

Em 24 de outubro de 1703.

Minha caríssima Filha,

Reine em nossos corações o puro amor de Deus.

Não creiais que a distância dos lugares e o meu silêncio exterior me façam esquecer a vossa caridade para comigo e a que devo ter para convosco. Vós me comunicais na vossa carta que os vossos desejos² são sempre tão fortes, tão ardentes e contínuos; é um sinal infalível de que são de Deus. É preciso, pois, colocar a vossa confiança em Deus: ficai certa de que obtereis mesmo mais do que acreditais³. O céu, a terra passariam antes que Deus faltasse à sua palavra permitindo que uma pessoa que nele espera com perseverança ficasse frustrada em sua expectativa.

Sinto que vós continuais a pedir a Deus para este mesquinho pecador a divina Sabedoria, por meio das cruzes, das humilhações e da pobreza. Coragem, minha querida filha, coragem. Eu vos devo obrigações infinitas, percebo o efeito das vossas orações, pois estou mais do que nunca empobrecido, crucificado, humilhado. Os homens e os diabos me fazem nesta grande cidade de Paris uma guerra bem amável e bem doce. Que me caluniem, que zombem de mim, que dilacerem a minha reputação, que me metam na prisão⁴. Como são preciosos esses dons, como são delicadas essas iguarias, como são encantadoras essas grandezas! São os utensílios e as comitivas necessárias da divina Sabedoria, que ela faz vir para a casa daqueles nos quais ela quer habitar. Oh! Quando possuirei esta amável e desconhecida sabedoria? Quando ela virá habitar em mim? Quando esta-





rei equipado o bastante para lhe servir de abrigo, num lugar onde ela está ao relento e desprezada?

Oh! Quem me dará a comer desse pão de entendimento com o qual ela alimenta as suas grandes almas? Quem me dará a beber deste cálice com o qual ela sacia os seus servos? Ah! Quando serei crucificado e perdido para o mundo?

Não deixeis, minha querida filha em Jesus, de responder às minhas perguntas, para satisfazer meus desejos. Vós o podeis, sim, vós o podeis, juntando-vos a algumas amigas benevolentes. Nada pode resistir às vossas orações; até mesmo Deus, grande como ele é, não pode resistir. Ele foi felizmente sobrepujado por uma fé viva e uma esperança firme. Rezai, pois, suspirai, pedi a divina Sabedoria para mim, vós a obtereis toda inteira para mim, eu o creio.

TEXTO DE BESNARD⁵

“Que zombem de mim, que dilacerem minha reputação, que me metam na prisão, como são preciosos esses dons, como são elevadas essas grandezas, pois são as moradas da divina sabedoria e onde ela quer habitar. Ah! Quando possuirei esta amável e desconhecida sabedoria? Quando estarei ornado e equipado o bastante para lhe servir de abrigo, num tempo em que ela está ao relento, abandonada e desprezada?

Vós podeis, querida filha em Jesus, satisfazer meus desejos, estancar minha sede? Vós o podeis, sim, vós o podeis, fazendo imediatamente uma novena de comunhões a São João Batista e a São João Evangelista⁶ com alguns dos nossos verdadeiros amigos e amigas.”

Notas da Carta 16

1. Ver Carta 15, HISTÓRICO.

2. Seus desejos da vida religiosa.

3. Esta reflexão faz pensar na futura Congregação das Filhas da Sabedoria que começou com a Sra. Trichet.

4. Alusão a um acontecimento do qual os biógrafos não têm conhecimento?

5. BESNARD, *Marie-Louise*, C 1, p. 29. O texto, em estilo direto, é apresentado entre aspas.

6. São João Batista e São João Evangelista ocupam um lugar na espiritualidade de São Luís Maria de Montfort; ver VD 19; 144; 179... A respeito desta novena, Besnard, *Marie-Louise* (C 1, p. 30) nota: “Ela [Luísa Trichet] não considerou nada mais urgente que fazer a novena de comunhões que lhe recomendava [...] Ela comunicou este pequeno projeto de devoção a mais de sessenta pessoas escolhidas, cuja piedade e discrição ela conhecia. Ela pediu a um bom sacerdote que rezasse a missa nessa intenção durante nove dias, na igreja de São João, e elas todas comungaram durante a missa a cada dia da novena.”





CARTA 17

FONTE: *Grandet*, p. 49-50¹. - DESTINATÁRIA: *Irmã Catarina de São Bernardo (Guyonne-Jeanne)*². - PROVENIÊNCIA: *Paris (?)*³

HISTÓRICO: *Guyonne-Jeanne, após a sua chegada ao noviciado das Beneditinas do Ssmo. Sacramento, em Rambervilliers, (Carta 12, HISTÓRICO), cai doente durante o seu noviciado. Seu irmão recebe a notícia; ele escreve-lhe a seguinte carta.*

DATA: 1703⁴

Minha querida irmã,

Reine em nossos corações o puro amor.

Eu me rejubilo ao saber da doença que o bom Deus vos enviou, para vos purificar como o ouro na fornalha. Vós deveis ser uma vítima⁵ imolada sobre o altar do Rei dos reis, para a sua glória eterna.

Que alta destinação! Que sublime vocação! Quase invejo a vossa felicidade.

Ora, como pode esta vítima ser-lhe perfeitamente agradável, se ela não é inteiramente purificada de todas as manchas, mesmo as mais pequenas? Este Santo dos santos vê manchas onde a criatura não vê senão belezas. Muitas vezes a sua misericórdia previne em nós a sua justiça, purificando-nos pela doença, que é o cadinho ordinário onde ele purifica seus eleitos. Que felicidade para vós, pelo fato do próprio Deus querer purificar e preparar a sua vítima conforme o seu gosto. Quantas outras deixa ele a si mesmas, ou a outros para serem purificadas? Quantas outras que são recebidas como vítimas, sem passar pelas provações e o crivo de Deus?

Coragem, pois, coragem. Não tenhais medo do espírito maligno, que vos dirá muitas vezes na vossa doença: tu não serás professa por causa do teu incômodo, sai deste mosteiro, volta para os teus pais, ficarás abandonada, serás um peso para todos. Tende o corpo sofredor e o coração constante, pois nada vos convém melhor por ora do que a doença. Pedi e fazei pedir a divina Sabedoria para mim, que sou em Jesus Cristo e Maria, vosso irmão, etc.

Notas da Carta 17

1. Esta carta nos é conhecida apenas por *Grandet*. Ele a cita em *itálico*.

2. Por ocasião da sua vestição e da sua entrada no noviciado, *Guyonne-Jeanne* tomou o nome de *Irmã Catarina de São Bernardo*.

3. *Guyonne-Jeanne* professou no dia 2 de fevereiro de 1704. O começo do seu noviciado deve





datar, portanto, de 2 de fevereiro de 1703. Por volta da Páscoa (8 de abril de 1703), o Pe. de Montfort troca Poitiers por Paris. Ele escreve antes ou depois dessa data? Os biógrafos pensam que a carta foi enviada de Paris.

4. A única razão que nos leva a apresentar esta carta antes da de 27 de outubro do mesmo ano (Carta 18) é o seu conteúdo. Ela trata da saúde. As apreensões às quais faz alusão a carta seguinte (Carta 18) sobre a profissão religiosa de Guyonne-Jeanne se situam logicamente numa data mais próxima do compromisso do dia 2 de fevereiro de 1704.

5. Ver Carta 12, nota 4.

CARTA 18

FONTE: *Grandet*, p. 45-46¹. - DESTINATÁRIA: *Irmã Catarina de São Bernardo (Guyonne-Jeanne)* - PROVENIÊNCIA: *Paris*². DATA: *27 de outubro de 1703*³.

HISTÓRICO: *Guyonne-Jeanne vê aproximar-se o fim do seu noviciado (ver Carta 12, 17). Incerta quanto ao futuro, ela deve ter manifestado ao irmão algo das suas apreensões. Este responde-lhe.*

Minha caríssima Irmã em Jesus Cristo.

Reine em nossos corações o puro amor de Deus.

Agradeço todos os dias o nosso bom Deus pelas misericórdias que ele exerce em vosso favor. Procurai corresponder a elas por uma inteira fidelidade ao que ele pede de vós.

Se não é Deus somente a abri-vos a porta do convento em que estais, não entreis, mesmo se tiverdes uma chave de ouro feita expressamente para vos abrir a porta, pois ela se tornaria a porta do inferno.

É necessária uma alta vocação para as Irmãs do Ssmo. Sacramento, pois o espírito delas é elevado. Toda verdadeira religiosa do Ssmo. Sacramento é uma verdadeira vítima de corpo e de espírito; ela nutre-se de sacrifício contínuo e universal; o jejum e as adorações sacrificam o corpo, a obediência e a renúncia sacrificam a alma. Numa palavra, ela morre todos os dias vivendo e vive morrendo. Fazei tudo o que vos disserem nessa casa.

Todo vosso. De Montfort⁴.

Notas da Carta 18

1. Grandet é a única fonte. Ele cita em itálico.

2. Na data da carta, Luís Maria estava em Paris. Aí ficou até meados de março de 1704.

3. Esta data é dada por Grandet.

4. Grandet transmitiu sete cartas ou fragmentos de cartas a Guyonne-Jeanne. Ele não apresenta a assinatura de cinco delas. Das duas outras, uma está assinada “de Montfort, sacerdote e escravo de Jesus em Maria” (Carta 12), e a presente apenas “de Montfort”. Grandet parece atribuir uma importância secundária às assinaturas.





CARTA 19

FONTE: *Grandet*, p. 46-48¹. - DESTINATÁRIA: *Irmã Catarina de São Bernardo (Guyonne-Jeanne)*. - PROVENIÊNCIA: *Paris*. - DATA: *meados de março de 1704*².

HISTÓRICO: *“Tendo Deus restituído a saúde à Irmã Grignon, chamada de São Bernardo, tendo terminado o seu noviciado e o das suas outras duas companheiras [o autor quer dizer: vindas com ela a Paris, em outubro de 1702], todas três fizeram juntas a profissão no dia da festa da Purificação de Nossa Senhora, 2 de fevereiro de 1704, no convento de Rambervilliers, onde depois todas as três cumpriram perfeitamente bem os deveres da Religião” (GRANDET, p. 50).*

São Luís Maria escreve depois da profissão.

Cara vítima em Jesus Cristo.

Reine em nossos corações o puro amor de Deus.

Não posso agradecer bastante o nosso bom Deus pela graça que vos fez de vos ter tornado uma perfeita vítima de Jesus Cristo, amante do Ssmo. Sacramento, e o suplemento³ de tantos maus cristãos e sacerdotes infíéis.

Que honra para o vosso corpo ser imolado sobrenaturalmente durante uma hora de adoração do Altíssimo⁴! Que honra para a vossa alma fazer aqui na terra, sem gosto, sem conhecimento, sem luz de glória, com apenas a obscuridade da fé, o que os anjos e os santos fazem no céu com tanto gosto e luz! Quanta glória uma fiel adoradora presta ao meu Deus sobre a terra, mas como ela é rara, pois todas as pessoas, mesmo as mais espirituais, querem sentir e ver, senão desgostam-se e afrouxam. No entanto, *sola fides sufficit*, só a fé basta.

Enfim, filha fiel do Ssmo. Sacramento, que utilidade, que riqueza e que prazer para vós aos pés deste rico e honroso Senhor dos senhores. Coragem, coragem, enriquecei-vos, alegrai-vos consumindo-vos cada dia como uma lâmpada ardente. Quanto mais derdes do vosso, tanto mais recebereis do divino.

Depois de vos haver felicitado, não tenho razão de felicitar-me a mim mesmo, se não como vosso irmão, pelo menos como vosso sacerdote? Pois, que alegria, e que honra e que bem para mim ter a metade do meu sangue que repara, pelos seus sacrifícios amorosos, os ultrajes que (ai de mim!) tantas vezes fiz ao bom Jesus no Ssmo. Sacramento, quer por comunhões feitas com tibieza, quer por esquecimentos e abandonos estranhos. Oh! Eu triunfo





em vós e em todas as vossas dignas Madres, porque obtivestes as graças, das quais eu e os outros ministros indignos dos altares [nos] tornamos indignos pela nossa pouca fé.

Parto sem demora para o hospital de Poitiers.

Eu vos peço, minha irmã, que ameis somente Jesus em Maria, e por Maria somente Deus e nele somente.

Todo vosso.

Notas da Carta 19

1. Dentre os primeiros biógrafos, só Grandet transmite esta carta. Ele cita-a em *italico*.
2. No dia 9 de março de 1704, os pobres do hospital de Poitiers dirigiram ao Pe. Leschassier uma carta: “Nós 400 pobres, vos suplicamos [...] que façais vir o nosso verdadeiro pastor, que ama tanto os pobres...” (Proc. Can. 1551). Esta carta foi transmitida ao Pe. Leschassier, sem dúvida, por intermédio do Pe. Blain. Ela provocou o regresso do santo a Poitiers. A data da carta dos pobres faz pensar que ele deve ter partido em meados de março.
3. Ver Carta 12, nota 4.
4. Ver Carta 12, nota 5.

CARTA 20

FONTE: *Grandet*, p. 379-381¹. - DESTINATÁRIA: *a mãe de Luís Maria Grignon*². - PROVENIÊNCIA: *Poitiers*. DATA: *28 de agosto de 1704*.

HISTÓRICO: *Em agosto de 1704, São Luís Maria de Montfort está certamente em Poitiers, muito provavelmente ainda como capelão e diretor do hospital. Toda esta carta deve ser lida à luz da perícopa bem conhecida de São Mateus (12, 46-50): “Jesus ainda estava falando ao povo, quando veio sua mãe com os seus irmãos, que ficaram de fora, procurando falar-lhe. Alguém lhe disse: ‘Tua mãe e teus irmãos estão aí fora e querem falar contigo’. Respondeu Jesus: ‘Quem é minha mãe, e quem são os meus irmãos?’ E, apontando para os discípulos, acrescentou: ‘Aqui estão a minha mãe e os meus irmãos. Pois todo aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe’.”*

Seria preciso recordar outros textos. Montfort sempre tomou o Evangelho ao pé da letra.

Preparai-vos para a morte que vos persegue com muitas tribulações; sofri-as cristãmente, como o fazeis. É preciso sofrer e levar a sua cruz todos os dias, é necessário. Para vós é infinitamente vantajoso ser empobrecida até no hospital, se for da vontade do nosso grande Deus, ser desprezada até ser abandonada por todo mundo e morrer vivendo.





Embora eu não vos escreva, não vos esqueço nas minhas orações e sacrificios. Eu vos amo e honro tanto mais perfeitamente, que nem a carne nem o sangue já não têm aí lugar.

Não me embarceis com os meus irmãos e irmãs³; fiz por eles o que Deus pediu de mim por caridade⁴. No momento, não tenho nenhum bem temporal a oferecer-lhes, sendo mais pobre que todos. Eu os entrego com toda a família nas mãos daquele que a criou. Que me considerem como morto; repito-o a fim de que se lembrem: que me considerem como um homem morto. Não pretendo ver⁵ nem tocar nada da família da qual Jesus Cristo me fez nascer. Renuncio a tudo, exceto ao meu título⁶ porque a Igreja mo proíbe. Meus bens, minha pátria, meu Pai e minha Mãe estão lá em cima; não reconheço mais ninguém segundo a carne.

É verdade que devo a vós e ao meu pai grandes obrigações por me terem posto no mundo, por me terem nutrido e educado no temor de Deus e prestado uma infinidade de bons serviços: é disto que vos rendo mil ações de graças, e é por isso que rezo todos os dias pela vossa salvação, e o farei durante a vossa vida e após a vossa morte⁷, mas fazer outra coisa por vós, o nada e eu, é a mesma coisa na minha antiga família.

Na nova família em que estou, desposi a sabedoria e⁸ a cruz, onde estão todos os meus tesouros temporais e eternos da terra e dos céus, mas tão grandes que, se fossem conhecidos, Montfort⁹ causaria inveja aos ricos e mais poderosos reis da terra¹⁰.

Ninguém conhece os segredos de que falo, ou pelo menos muito poucas pessoas. Vós os conhecereis na eternidade, se tiverdes a felicidade de ser salva, pois talvez não o sereis; tremei e amai mais.

Peço ao meu pai, da parte do meu Pai celeste, que não toque no piche, porque ficará sujo¹¹, que não coma terra, porque ficará sufocado; que não engula fumaça, porque ficará asfixiado. A fuga e o desprezo do mundo, e a devoção à Sma. Virgem, com a qual eu sou todo vosso e do meu pai.

Saúdo vosso Anjo da guarda e sou todo em Jesus e Maria¹², Montfort, sacerdote e escravo indigno de Jesus vivendo em Maria.

Notas da Carta 20

1. Besnard (*Montfort*, C 9, p. 287-288) transcreve Grandet permitindo-se uma omissão e correções (ver notas 8, 9, 10). Após ter copiado as cinco primeiras linhas da carta, ele riscou-as. O texto não riscado começa em “Embora eu não vos escreva...”

2. Ver Quadro dos nomes próprios.

3. Se a lista de dezoito filhos da família Grignon que os biógrafos nos transmitem é completa, em 1704 quatro moças e um rapaz podiam estar ainda dependendo dos pais: talvez Renata (29 anos) que se casou neste mesmo ano; Francisca Margarida (25 anos) que saiu do noviciado de Fonte-





vrault (Carta 6, nota 2); Francisca Teresa (23 anos) que se casará em 1721; João Batista (15 anos), o futuro Sr. do Bois-Marquer e a mais nova Joana Margarida (13 anos).

4. Ele cuidava de Sílvia, religiosa em Fontevrault, de Francisca Margarida que não ficou com Sílvia no mosteiro (Carta 6, nota 2), talvez duma outra de suas irmãs (Carta 9, nota 6) e sobretudo de Guyonne-Jeanne (Carta 7, 12).

5. “Ver” poderia ser um erro tipográfico em lugar de “ter”

6. Ver Carta 3, nota 10.

7. Luís Maria morreu em 1716, dois anos antes de sua mãe (1718).

8. “A sabedoria da Cruz”, diz Besnard.

9. Em Besnard se lê: “a minha sorte causaria inveja”.

10. O texto de Besnard diz: “... causaria inveja aos ricos e aos mais poderosos reis da terra”.

11. Reminiscência bíblica: Eclo 13, 1.

12. As duas últimas frases desta carta com as suas elisões e repetições são reproduzidas tais como se leem em Grandet.

CARTA 21

FONTE: *Besnard, Montfort*, Carta 3, p. 31¹. - DESTINATÁRIO: O Reitor de Bréal² - PROVENIÊNCIA: *Saint-Lazare*³. DATA: 17 de fevereiro de 1708.

HISTÓRICO: *Na época da festa de Todos os Santos de 1707, o Pe. Grignon havia pregado uma missão em Bréal, diocese de Saint-Malo. O Reitor, grande amigo do missionário, estava feliz com os resultados da missão. Ele “escreveu-lhe para ir ter com ele durante os três dias de Carnaval do ano 1708. Não podendo ir devido às suas grandes ocupações, ele [Pe. de Montfort] contentou-se com recomendar-lhe os seus caros soldados. Eis aqui a sua resposta na íntegra, datada de Saint Lazare, a 17 de fevereiro” (BESNARD, Montfort, C 3, p. 30).*

Meu senhor e caro amigo,

Como estou aborrecido por não poder satisfazer os vossos desejos e os meus! Nesses três dias tenho compromissos em três lugares, aos quais não posso faltar. No entanto, enviarei Mathurin⁴ terça-feira à vossa casa para rezar o Terço publicamente, cantar cânticos e levar da minha parte aos nossos soldados⁵ sessenta pequenas cruzes de São Miguel, que tereis a bondade de lhes distribuir, depois de terdes a bondade de avisá-los domingo para comparecerem na terça-feira. Isto servirá não pouco para retirá-los dos excessos tão frequentes nesses dias. Vós os saudareis a todos da minha parte desde domingo⁶ e lhes direis que lhes peço insistentemente que guardem fielmente as suas regras, particularmente na segunda-feira próxima, e que eu irei vê-los num dos domingos da quaresma.

Sou em Jesus e Maria todo vosso.

L. Maria de Montfort, sacer[dote].



**Notas da Carta 21**

1. Esta carta não está em Grandet. Só Besnard a dá a conhecer. Ele cita entre aspas.
2. O Pe. Hindré, quando era pároco-decano da paróquia de São João, em Montfort, batizara Luís Maria Grignon. Deixou essa paróquia em 1698 para tornar-se pároco de Bréal.
3. Saint-Lazare fica perto de Montfort-sur-Meu. Aí se encontra um eremitério onde São Luís Maria se tinha retirado no intervalo de algumas pregações.
4. Mathurin Rangeard (1687-1760) nascera em Bouillé-Saint-Paul, Poitou. Aos dezoito anos ele se vinculou ao Pe. de Montfort e o seguiu na maior parte das suas missões. Na missão de Jaulnay, em 1722, Mons. de Faudras, coadjutor de Poitiers, conferiu-lhe a tonsura. Inclinado ao escrúpulo, jamais pronunciou votos. Terminou sua vida em Saint-Laurent-sur-Sèvre, após ter trabalhado cinquenta e cinco anos na obra das missões com Luís Maria de Montfort e seus sucessores.
5. Bréal tinha uma guarnição. Os soldados tinham sido, no ano anterior, muito assíduos aos exercícios da missão. Um certo número se tinha inscrito na confraria de São Miguel.
6. Em 1708, o dia 17 de fevereiro caiu numa sexta-feira. O domingo seguinte, dia da quinquagésima, abria os três dias de Carnaval.

CARTA 22

FONTE: *Original nos Arquivos das Filhas da Sabedoria, em Saint-Laurent-sur-Sèvre*¹. - DESTINATÁRIO: *Padre de la Carrière*². - PROVENIÊNCIA: *Nantes*. - DATA: *29 de janeiro de 1711*.

HISTÓRICO: *Em setembro de 1710, veio de Paris a ordem de demolir o Calvário monumental, projetado pelo Pe. de Montfort e executado sob as suas ordens num terreno próximo da paróquia de Pontchâteau, na diocese de Nantes - daí o seu nome de Calvário de Pontchâteau. Várias imagens se erguiam ao pé de uma cruz gigantesca. Quando as retiraram, foram depositadas numa casa e confiadas, ao que parece, aos cuidados do Pe. de la Carrière. É delas que se trata nesta carta.*

Meu Senhor,
Senhor de la Carrière, digníssimo sacerdote,
em Pontchâteau.
De Nantes, em 29 de janeiro de 1711³.
Meu Senhor,
Reine em nossos corações o puro amor de Deus.

Eu vos peço que entregueis ao Sr. presente portador e a Nicolau⁴, pelo meio que eles tiverem⁵, as minhas imagens. Esse transporte é necessário, tanto para meu alívio⁶, como para a obediência⁷, e para a vontade de Deus; se ele não o quisesse, faria até um milagre para impedir que elas fossem transportadas. E embora elas sejam transportadas para cá, não será senão para





voltarem com mais glória ao Calvário, quando a capela for construída⁸. Escreveram a Paris neste sentido, e tenho mais esperança que nunca. Mas, são necessários tanto mais trabalhos, espera⁹, orações e cruzes quanto maior deve ser esta obra.

Sou do vosso querido coração e do da n. boa [...] ¹⁰, todo vosso em Jesus e Maria.

L. M. de Montfort, sacer[dote].

Notas da Carta 22

1. Um exemplar manuscrito conservado na casa dos missionários de Pontchâteau, confrontado cuidadosamente com o texto dos arquivos de Saint-Laurent, se mostra claramente como simples cópia, embora de excelente feitura. - Por volta de 1861, um anônimo redigiu uma *Notice sur le P. de Montfort, missionnaire apostolique*, (Arq. geral s.m.m.). Ele é o primeiro a fazer menção da presente carta. “Pe. Gouray, escreve ele, falecido em 1857 como pároco de Pontchâteau, conservava solitamente a carta que vamos transcrever, e a conservava como uma relíquia do Pe. de Montfort”. Segue-se a transcrição, ligeiramente diferente do texto que reproduzimos. - Duvidou-se da autenticidade desta carta ao Padre de la Carrière. A autenticidade, porém, parece bem garantida pela caligrafia do texto de Saint-Laurent.

2. “Pe. de la Carrière era capelão de Codrosy (Coët-Rozic) em Pontchâteau” (LE CROM, p. 249, nota).

3. O redator anônimo da *Notice* leu, por engano, “junho” em lugar de “jan.”.

4. O Irmão Nicolau era um colaborador leigo do missionário. Acompanhou-o até ao fim e foi um dos primeiros Irmãos coadjutores da sua Congregação.

5. Os comissários deviam sem dúvida resolver no lugar a questão do transporte.

6. Montfort não se sentia tranquilo, ao que parece, até que as imagens tivessem encontrado um depósito seguro.

7. Havia, pois, uma ordem a executar, provavelmente do bispo; a menos que, submisso ao seu diretor em todas as coisas, Montfort dá sequência a um conselho recebido dele.

8. A tentativa de fazer transportar as “figuras” de Pontchâteau a Nantes, pelo irmão Nicolau, não teve êxito. Só três anos depois, em 1714, é que o Pe. de Montfort fará ele próprio o transporte. As “figuras” continuarão em Nantes até 1748, data na qual elas voltarão ao Calvário de Pontchâteau. Neste mesmo ano, o Pe. Audubon, missionário de Saint-Laurent-sur-Sèvre, acabava de restaurar no Calvário uma capela que, quando da demolição em 1710, estava em via de reconstrução e que o bispo de Nantes conseguiu salvar. Não se sabe de qual capela exatamente o Pe. de Montfort quer falar aqui.

9. A afirmação precedente “tenho mais esperança que nunca” não se referia a um futuro imediato. A espera, os trabalhos, as cruzes e as orações que devem ser multiplicadas mostram que o Pe. de Montfort não se faz ilusão.

10. Uma mancha de tinta cobre a palavra “amiga”. O anônimo e Quérard (vol. 3, p. 305) leram essa palavra. Quérard e todos os biógrafos depois dele supõem que se trata duma irmã do Pe. de la Carrière. Todavia, a notícia manuscrita identifica essa pessoa com uma senhora idosa, terciária franciscana, em cuja casa o Pe. de Montfort se teria hospedado, em 1709, durante a missão de Pontchâteau. O autor do manuscrito assegura que visitou esta casa, na extremidade ocidental do povoado. No seu tempo, era mostrado ainda o quarto, “um pouco sombrio” e “situado do lado norte”, que o missionário tinha ocupado.





CARTA 23

FONTE: *Original nos Arquivos gerais dos Padres Dominicanos em Roma.* -
DESTINATÁRIO: *o Mestre Geral dos Dominicanos.* - PROVENIÊNCIA: *Sallertai-*
*ne (?)*¹. - DATA: *maio (?) de 1712.*

HISTÓRICO: *A seguinte recomendação acompanhava a carta que vai*
ser lida e a explica suficientemente:

“Nós, Fr. Francisco Le Comte, doutor em teologia pela Faculdade de Pa-
ris e Provincial da Província da França da Ordem dos Frades Pregadores, cer-
tificamos e declaramos que o Revdo. Luís Maria Grignon de Montfort, irmão
da nossa Ordem Terceira, prega por toda a parte com muito zelo, edificação e
fruto a Confraria do Santo Rosário, em todas as missões que ele faz perpetua-
mente nas cidades e nos campos, do que temos sido testemunhas em três mis-
sões que fizemos com ele em nossa igreja de La Rochelle em 1711, e pelas quais
ele fez entrar na mencionada Confraria uma infinidade de pessoas, o que ele
fez também nas paróquias vizinhas da mencionada cidade de La Rochelle.
Dando fé disto, assinamos a presente declaração na qual colocamos o nosso
selo. La Rochelle, 12 de maio de 1712. Fr. Francisco Le Comte, provincial”.
(Arquivo geral dos Padres Dominicanos).

O Santo tinha sido recebido como Irmão da Ordem Terceira de São Do-
mingos “dia 10 de novembro [de 1710], no convento dos Frades Pregadores,
em Nantes, na presença do Pe. José Le Gault, Mestre e Prior, e de vários outros
Frades e Irmãos da chamada Ordem da Penitência” (CLORIVIÈRE, p. 212).

Ao Revmo.,
Reverendo Padre Geral dos Dominicanos,
na Minerva, Roma.
Meu Reverendíssimo Pai,
Reine o puro amor de Deus em nossos corações.

Permiti ao último dos vossos filhos pedir-vos que lhe concedais por
escrito uma permissão de pregar, onde quer que eu for chamado, o Ssmo.
Rosário, e de admitir na mencionada Confraria, com indulgência, todos os
que eu puder, como fiz até aqui com as permissões particulares dos priores
e Provinciais das Províncias, matriculando, como é razoável, segundo os es-
tatutos, os nomes dos confrades e consócias no livro da Confraria do lugar
onde eu pregar a missão.

É a súplica que faz a V. Revma., com um profundíssimo respeito,
vosso humílimo e muito obediente servo,

Luís Maria de Montfort Grignon, sacer[dote] miss. apost.²



**Notas da Carta 23**

1. A 5 de maio de 1712, o missionário chegava a Sallertaine, diocese de Luçon, para a missão. A recomendação do Provincial dos Dominicanos é do dia 12 do mesmo mês. É, portanto, plausível que o missionário tenha redigido a súplica em Sallertaine.

2. Numa audiência, a 6 de junho de 1706, Clemente XI concedera a Luís Maria Grignon de Montfort “a qualidade de missionário apostólico” (GRANDET, p. 101).

CARTA 24

FONTE: Grandet, p. 336-337¹. - DESTINATÁRIA: *Irmã Catarina de São Bernardo (Guyonne-Jeanne)*. - PROVENIÊNCIA: *Eremitério de Santo Elói em La Rochelle*². - DATA: *1 de janeiro de 1713*³.

HISTÓRICO: *Guyonne-Jeanne tinha retornado às Beneditinas de Rambervilliers em outubro de 1702. Da correspondência entre Luís Maria e sua irmã, bem poucas coisas chegaram até nós: quatro cartas de 1702 a 1704 (Cartas 12, 17, 18, 19) e as duas cartas de 1713 que apresentamos agora (Carta 24, 26).*

Deus sente prazer, minha querida irmã, em nos ver combater e em nos fazer a ambos vitoriosos, vós em segredo e eu em público. Pois vossos combates se passam em vós mesma, eles não irrompem fora da vossa comunidade; mas os meus irrompem por toda a França, seja a combater os demônios do inferno, seja a fazer guerra ao mundo e aos mundanos, inimigos de toda verdade⁴. Ficaríeis sem dúvida surpresa se soubésseis o detalhe da amável cruz com a qual o céu me favorece pela intercessão de nossa boa Mãe. Peço-vos que agradeçais por isso a meu amado Jesus e que peçais a vossa amável comunidade, que eu saúdo, para obter-me de Jesus crucificado a força de levar as mais rudes cruzeiras e as mais pesadas como se fossem palha, e de resistir com uma frente de bronze às potências infernais.

Notas da Carta 24

1. Grandet cita sem aspas e sem itálicos. Besnard reproduz o texto de Grandet palavra por palavra.

2. “Depois de haver terminado a missão de Esnande, o homem apostólico retirou-se na solidão de Santo Elói para aí entregar-se à vontade aos exercícios da vida interior. Uma carta que ele escreveu, deste lugar, à sua irmã, religiosa da adoração perpétua em Rambervilliers, e que tem a data de 1 de janeiro de 1713 [...]” (CLORIVIÈRE, p. 285).

3. Apresentando esta carta, Grandet indica a data (GRANDET, p. 336).

4. Embora em geral ele seja muito livre nestas citações, Clorivière oferece aqui uma variante que seríamos tentados a preferir ao texto de Grandet: “Vossos combates se passam em vós mesmos e são encerrados no recinto de vossas muralhas; os meus irrompem por toda a França, e tenho contra mim todas as potências do inferno, o mundo, os amantes do mundo e os inimigos da verdade”.





CARTA 25

FONTE: *Besnard, Marie-Louise*, Carta 1, p. 58. - DESTINATÁRIA: *Maria Luísa de Jesus*. PROVENIÊNCIA: *Paris*. - DATA: *julho-agosto de 1713*¹.

HISTÓRICO: *Depois da tomada de hábito, Louise Trichet tomou o nome de Maria Luísa de Jesus. Contudo, não era religiosa. Várias vezes tinha tentado entrar num instituto religioso, entre outros o das “Irmãs cinzas”, ou seja as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. O bispo de Poitiers a impediu, conta Besnard:*

“- O que estou ouvindo a vosso respeito, minha filha, disse-lhe ele, disseram-me que queríeis ser Irmã cinza. Então! Não o sois?

- Monsenhor, respondeu-lhe a Irmã Trichet, surpresa, é verdade, mas só tenho o hábito.

- Pois bem, eu vos proíbo de ir para lá.

“Após uma resposta tão decisiva e tão respeitável, a Srta. Trichet deveria ter ficado tranquila sobre a sua vocação” (BESNARD, ML, Carta 1, p. 58).

No entanto, cedendo às suas instâncias, o seu confessor, o Pe. Carcault, s.j., “se ofereceu para fazê-la entrar nas Irmãs do Calvário, mas sob a condição de ela escrever a respeito ao Pe. de Montfort, que estava em Paris. [...] A resposta do Superior não foi conforme às solicitudes da Irmã Trichet”. (BESNARD, Marie-Louise, C 1, p. 58.)

Minha Filha,

A Providência acaba de instalar recentemente uma pobre moça fazendo-a encontrar um dote. Os seus momentos ainda não chegaram para vós. Mas aguardai-os com paciência e permaneci no hospital.

Nota da Carta 25

1. Os biógrafos mais atentos situam o episódio mencionado no histórico - e portanto as linhas que seguem - em julho ou agosto de 1713, durante a permanência do Pe. de Montfort em Paris.

CARTA 26

FONTE: *Grandet*, p. 337-339¹. DESTINATÁRIA: *Irmã Catarina de São Bernardo (Guyonne-Jeanne)*. - PROVENIÊNCIA: *Paris*². - DATA: *15 de agosto de 1713*.

HISTÓRICO: *Em 1703, o Pe. de Montfort convidou o Pe. Claude Poullart des Places, que pouco depois devia fundar a Congregação dos Missionários do Espírito Santo, para se unir a ele a fim de trabalharem juntos “na salvação das almas nas missões”* (BESNARD, Montfort, Carta 5, p. 104).





A conversa deles terminou com essa promessa do Pe. des Places: “Se Deus me fizer a graça de conseguir [fundar um seminário para estudantes pobres], podeis contar com missionários. Eu vo-los prepararei e vós os colocareis em exercício. Deste modo vós ficareis satisfeito e eu também” (BESNARD, Montfort, Carta 5, p. 104). Pe. des Places faleceu em 1709. Em 1713, o Pe. de Montfort, interrompendo os seus trabalhos na diocese de La Rochelle, voltou a Paris para conversar com o sucessor do Pe. des Places sobre o assunto da promessa do fundador. Foi durante essa visita, nos meses de julho-agosto, que ele escreve à sua irmã, em Rambervilliers, a seguinte carta.

Viva Jesus, viva a sua Cruz.

Se soubésseis minhas cruces e minhas humilhações nos pormenores³, duvido que desejariéis tão ardentemente me ver; pois não estou jamais em localidade alguma sem que dê um fragmento da minha cruz aos meus melhores amigos para carregarem, muitas vezes contra a minha vontade e a deles. Ninguém pode apoiar-me e não ousa declarar-se do meu lado sem que sofra com isto, e algumas vezes sem que caia sob os pés do inferno que combato, do mundo que contradigo, da carne que persigo. Um formigueiro de pecados e de pecadores⁴ que ataco não me deixa [nem] a algum de meus amigos, repouso algum. Sempre vigilante, sempre sobre os espinhos, sobre as pedras que ferem, sou como uma bola no jogo da péla: nem bem a jogaram para um lado, e logo a jogam para o outro, batendo nela com força. É o destino dum pobre pecador. É assim que fico sem folga e sem repouso, treze anos depois de ter saído de Saint-Sulpice.

No entanto, minha querida irmã, bendizei por isso a Deus por mim, pois estou contente e feliz no meio de todos os meus sofrimentos, e não creio que haja no mundo nada de mais doce para mim do que a mais amarga cruz, quando ela é molhada no sangue de Jesus crucificado e no leite de sua divina Mãe. Mas, além desta alegria interior, há um grande proveito a tirar carregando as cruces. Gostaria que vivésseis as minhas. Nunca obtive mais conversões do que após as mais sangrentas e mais injustas interdições⁵. Coragem, minha caríssima irmã, levemos todos os três⁶ a nossa cruz às duas extremidades do reino. Levai-a bem do vosso lado, eu procurarei levá-la bem do meu, com a graça de Deus, sem nos queixar, sem murmurar, sem vos⁷ dispensar, sem vos desculpar, e mesmo sem chorar como criancinhas que choram e se queixariam porque lhes deram cem libras de ouro para carregar, ou como um agricultor que ficasse desesperado porque cobriram seu campo de moedas de ouro para torná-lo mais rico.



**Notas da Carta 26**

1. Esta carta não nos é conhecida senão por Grandet. Ele a cita sem aspas nem itálicos. Besnard (*Montfort*, Carta 5, p. 126-127) que traz uma parte dela, copia Grandet.
2. Grandet introduz a carta com estas palavras: “Ele [o santo] escreveu ainda à mesma [sua irmã de Rambervilliers] de Paris, dia 15 de agosto de 1713” (GRANDET, p. 337).
3. As cruzes e as humilhações às quais ele alude marcaram toda a sua vida missionária, diz ele abaixo. “Ele encontrou em Paris mais que em outro lugar com que satisfazer seu atrativo pelos opróbrios e pelas cruzes” (BESNARD, *Montfort*, Carta 5, p. 125). “Ora diziam ter visto o Pe. de Montfort pregando nas praças públicas e que Mons. o Arcebispo, para deter tais ímpetos de zelo, o tinha proibido. Ora espalhavam que ele tinha atacado os cantores de Pont-Neuf e semelhantes pessoas que divertem o povo e assim tinha causado um grande motim e uma grande desordem, e que por isso tinha sido detido e preso na cadeia pública, [...] coisa que indispunha os espíritos contra o virtuoso sacerdote inocente de todos esses fatos” (BLAIN, art. 57, p. 161).
4. Besnard escreve: “Um formigueiro de pecadores e de pecadoras” (*Montfort*, Carta 5, p. 126).
5. O autor da carta, sem acusar ninguém, constata que a cruz é fonte de bênção.
6. Ele escreveu “todos os três” em lugar de “todos os dois”, ou ele faz alusão a uma terceira pessoa, talvez a sua irmã de Fontevault?
7. Duas vezes o pronome “vós”, quando logicamente se esperava “nós”.

CARTA 27

FONTE: Besnard, *Marie-Louise*, Carta 1, p. 68¹. - DESTINATÁRIAS: *Madre Maria Luísa de Jesus (Louise Trichet) e Irmã Conceição (Catarina Brunet)*². - PROVENIÊNCIA: *La Rochelle*³. - DATA: *começos de 1715*⁴.

HISTÓRICO: *De acordo com Mons. de Champflour, bispo de La Rochelle, o Pe. de Montfort tinha empreendido abrir na cidade episcopal uma escola gratuita para as moças das quais as primeiras Irmãs da sua Congregação deviam cuidar. Elas ainda eram apenas duas, sempre em Poitiers ao serviço dos pobres do hospital. O Pe. de Montfort escreve-lhes.*

Minhas queridas Filhas em Jesus Cristo,
Maria Trichet e Catarina Brunet⁵.

Viva Jesus, viva a sua Cruz.

Vós não respondestes à minha última carta⁶; não sei o porquê.

Mons. de La Rochelle, com quem falei várias vezes de vós e dos nossos projetos, acha conveniente que venhais aqui para começar a obra tão desejada. Ele alugou uma casa para este fim, enquanto aguarda a compra e o estabelecimento perfeito duma outra casa.

Vós fazeis, é verdade, grande bem na vossa terra, mas fareis um bem maior numa terra estrangeira; e nós observamos que desde Abraão até Jesus Cristo, e desde Jesus Cristo até nós, Deus retirou da sua terra os seus maiores





servos, porque, como diz o próprio Nosso Senhor, ninguém é profeta na sua terra.

Sei que tereis dificuldades a vencer⁷; mas é preciso que um empreendimento tão glorioso para Deus e tão salutar para o próximo, seja pontilhado de espinhos e de cruzes. E se não arriscamos alguma coisa para Deus, nada fazemos de grande para ele. É da parte de Mons. que vos escrevo. Guardai segredo.

Eu vos enviarei o meu Irmão João⁸, com uma cavalgadura e algum dinheiro, para vos levar. Tomai algum transporte confortável, o coche ou um cavalo alugado. E se não tiverdes, trataremos de pagar por vós.

Respondi o mais rápido possível, porque parto de La Rochelle para uma missão.

Todo vosso em Deus somente.

Deus somente.

Notas da Carta 27

1. Besnard anuncia a transcrição da carta nestes termos: “ei-la, palavra por palavra, copiada do original” (*Marie-Louise*, Carta 1, p. 68).

2. “Ele [o santo] escreve a Poitiers a uma pessoa de confiança, que lá havia, para que entregue a sua carta à Srta. Trichet. Esta precaução era então necessária, pois sem isto ela jamais chegaria ao seu destino, tanta era a vigilância para que ela [a Srta. Trichet] não tivesse comunicação alguma, nem por carta, com o seu antigo diretor” (BESNARD, *Marie-Louise*, Carta 1, p. 67). As pessoas acusadas de interceptar as cartas faziam parte do pessoal do hospital.

3. Deduz-se do conteúdo da carta.

4. A Sra. Trichet se opõe, durante algum tempo, à partida de sua filha e retardou assim a execução da ordem dada por Montfort. Quando a mãe se resignou, o pai da moça, por uma prudência que parece muito sábia e muito ordenada, exigiu dela que, antes de empreender esta viagem e ir fixar-se numa cidade onde ela não tem nenhuma morada, nem recurso algum, ela peça ao Pe. de Montfort que Mons. de La Rochelle se digne dar-lhe a garantia de que ele toma a sua filha sob sua proteção e que ele aprova o estabelecimento das Filhas da Sabedoria” (BESNARD, *Marie-Louise*, Carta 1, p. 71). A carta de Mons. de Champflour, dando a garantia desejada, é de 16 de março (ver Carta 28, HISTÓRICO). A presente carta deve ser anterior à do bispo.

5. Por que motivo o Pe. de Montfort chama as suas Religiosas pelo seu nome de família? Estes nomes são realmente da sua mão?

6. As Irmãs com certeza não a receberam (ver nota 2, p. 65).

7. O fundador conhecia o apego da Sra. Trichet à sua filha. Ele previa também as dificuldades que a Diretoria do hospital criaria. A Irmã Trichet teve, com efeito, mil problemas para convencer esses senhores a deixá-la partir, e o próprio bispo, presidente da Diretoria, “fez o que pôde para [a] dissuadir disto”, não dando afinal o seu consentimento senão “dizendo-lhe que não publicasse que ele lho tinha dado” (BESNARD, *Marie-Louise*, Carta 1, p. 73-74).

8. Um dos auxiliares do missionário (ver Carta 29, nota 9).



**CARTA 28**

(fragmento)

FONTE: Besnard, *Montfort*, Carta 7, p. 196-197¹. - DESTINATÁRIA: *Maria Luísa de Jesus (Luísa Trichet)*. - PROVENIÊNCIA: *La Rochelle*. - DATA: *Março de 1715*².

HISTÓRICO: A 16 de março, Mons. de Champflour tinha escrito à Madre Maria Luísa e à Irmã Conceição: “O Pe. de Montfort me mostrou, minhas queridas Irmãs, a carta que lhe escrevestes a respeito da fundação que quereis fazer em La Rochelle para Mestras de Escola, e os bons sentimentos que tendes para começar essa fundação. Como vós lhe informastes que a única coisa que vos detinha era que o Sr. vosso pai e a Sra. vossa mãe não queriam vos permitir deixar Poitiers para vir para aqui sem uma garantia de minha parte que eu providenciaria o que fosse necessário para o vosso sustento, posso garantir-vos que não deixarei faltar-vos nada: e caso as fundações não venham adiante, encontraremos meios de vos incorporar numa outra comunidade de moças, na qual podereis trabalhar igualmente para a glória de Deus e o serviço aos pobres. Eu sou, minhas caríssimas Irmãs, com muita estima, todo vosso.

Estêvão, bispo de La Rochelle” (BESNARD, Marie-Louise, Carta 1, p. 71-72).

A brevidade do texto que se segue faz pensar que se trata de um bilhete que teria acompanhado a carta do bispo.

Parti, minha querida filha, parti o mais depressa possível. O momento em que a fundação das Filhas da Sabedoria deve começar³ chegou finalmente. Eu gostaria de ver-vos já de mudança para La Rochelle onde estou no momento, mas se demorais não me encontrareis aqui, pois tenho pressa de partir para uma missão.

Notas da Carta 28

1. Este fragmento não está em Grandet. Besnard o transcreve duas vezes: primeiro na *Vie de Messire Louis-Marie Grignon de Montfort*, depois na *Vie de Soeur Marie-Louise de Jésus* (Carta 1, p. 72). Citamos segundo a *Vie de Messire Louis-Marie Grignon de Montfort*: as aspas que aí se encontram poderiam indicar um texto mais seguro. No entanto, uma variante na *Vie de Soeur Marie-Louise de Jésus* não é sem interesse (ver nota 3).

2. A Irmã Trichet despediu-se do hospital no dia 22 de março e partiu para La Rochelle já no dia seguinte (DERVAUX, p. 177, nota). A palavra do Fundador é, seja como for, anterior a esta data.

3. Na *Vie de Soeur Marie-Louise de Jésus*, o texto é o seguinte: “O momento em que a fundação das Filhas da Sabedoria deve tomar forma chegou finalmente”. A expressão “tomar forma” em vez de “começar” exprimiria o cuidado de dar ao instituto nascente a sua fisionomia própria; além





da transferência das duas Irmãs de Poitiers para La Rochelle para dirigir uma escola, o fundador teria em vista a existência independente da nova congregação. Os episódios da fundação confirmam esta interpretação: em 1702, esboço de uma Regra; depois, duas tomadas de hábito, a de Luísa Trichet, quando Pe. de Montfort era ainda capelão do hospital de Poitiers, e, em 1714, a de Catarina Brunet. Em La Rochelle, as Filhas da Sabedoria têm um domicílio independente e o fundador dá-lhes, durante o verão que seguiu a data da presente carta, a regra definitiva da sua Congregação. Na cidade onde se instalam as Irmãs, o instituto “toma forma”, primeiro sob o olhar de Montfort, depois, após sua morte, sob a direção de Maria Luísa.

CARTA 29

FONTE: Besnard, *Marie-Louise*, Carta 2, p. 84-85¹. - DESTINATÁRIAS: *Madre Maria Luísa e Irmã Conceição*². - PROVENIÊNCIA: *Taugon-la-Ronde*³. - DATA: 4 de abril de 1715.

HISTÓRICO: *Após seis dias de viagem*, (DERVAUX, p. 178, nota 2), *as Irmãs tinham chegado a La Rochelle na tarde do dia 28 de março. Como elas tinham demorado a vir, o Pe. de Montfort já tinha partido “para pregar a missão em Taugon-la-Ronde”* (BESNARD, *Montfort*, Carta 7, p. 197). *Logo que se instalaram, pediram a opinião do fundador sobre certos pontos. Oito dias apenas após a sua chegada, receberam as precisões seguintes que o próprio Montfort numerou.*

Viva Jesus, viva a sua cruz.

Minhas queridas Filhas,

1. Eu creio que em lugar do pobre pecador que vos escreve, podereis tomar como vosso diretor e confessor o Sr. decano dos cônegos, contanto que nada façais e [que ele] não vos mande fazer nada contra as vossas Regras⁴ e as que vos darei⁵.

2. Segui desde agora as pequenas regras⁶ que vos mandei, e recebei a comunhão todos os dias, pois vós duas tendes grande necessidade dela, contanto que não cometais nenhum pecado venial de propósito deliberado.

3. Disseram-me que saístes em passeio para ver a cidade⁷; não pude acreditar nesta vã curiosidade nas Filhas da Sabedoria, que devem ser para todo o mundo um exemplo de modéstia, de recolhimento e de humildade caridosa.

4. Tomai como nome da Comunidade Filhas da Sabedoria para a instrução das crianças e para o atendimento aos pobres.

5. Gostaria muito de ir ver-vos, mas duvido se poderei ir a La Rochelle logo após esta missão, porque tenho uma outra para a qual o Bispo me convida com insistência.





6. Fazei em união com a pequena Geoffroy⁸, se ela o deseja, todas as vossas regras do dia, para o levantar, o deitar, a oração e a reza do Rosário.

7. Aprendei a escrever bem, e o que pode vos fazer falta. Comprai para isto livros de caligrafia.

8. Enviai-me notícias vossas pelo nosso Irmão João⁹, se não podeis vir aqui.

9. Deus todo bom quer que Maria Trichet seja a Madre Superiora, durante três anos pelo menos, mas que ela seja ao mesmo tempo firme e caridosa.

10. Não deve acontecer de início que Maria Rainha¹⁰ entre em casa com as suas filhas, que não são adestradas ao silêncio que é preciso guardar.

11. No começo, toda firmeza é pouca para observar e fazer observar o silêncio na comunidade e na escola, pois se deixais falar sem punição, tudo está perdido.

Deus só. Em 4 de abril de 1715.

Notas da Carta 29

1. Só o manuscrito da Vida de Maria Luísa nos conservou esta carta. Ela é citada entre aspas.
2. O conteúdo da carta não deixa dúvida alguma sobre a identidade das destinatárias.
3. A carta está datada de 4 de abril de 1715. A missão de Taugon-la-Ronde terminou no dia 14 deste mesmo mês. É pois desta paróquia que provém a carta.
4. O Pe. de Montfort fala aqui das Regras provisórias que tinha redigido para as Filhas da Sabedoria em 1702.
5. A Regra prometida é a regra definitiva dada às religiosas durante o mês de agosto de 1715.
6. “Provavelmente uma espécie de regulamento diário, adaptado às novas condições da sua vida, e indicações para a escola que vai ser aberta” (DERVAUX, p. 181, nota 5).
7. “A Sra. Trichet me garantiu muitas vezes que não foi nada disso, que elas não tinham saído de casa antes de ter tido notícias suas e que aparentemente alguém lhe havia comunicado isto por ignorância ou por malícia” (BESNARD, *Marie-Louise*, Carta 2, p. 85).
8. Não estando livre antes de um mês a casa que tinham alugado para as Irmãs, uma certa Sra. Geoffroy se prontificou a recebê-las. É da filha desta senhora que se trata.
9. O Irmão João faz a função de estafeta. Foi ele que foi buscar as Irmãs em Poitiers (cf. Carta 27). A caminho de La Rochelle, “chegando a Mozai, elas [as Irmãs] souberam que Taugon, onde o Pe. de Montfort estava pregando a missão, não ficava longe. Elas enviaram-lhe o Irmão João” (BESNARD, *Montfort*, Carta 7, p. 803). Nesta carta, o Pe. de Montfort prevê uma outra viagem do Irmão João se é necessário.
10. Trata-se duma penitente do Pe. de Montfort. Ela tinha um ateliê e aprendizes “não adestradas ao silêncio”. Foi à Maria Rainha (exatamente: Maria Roy) que o fundador tinha encaminhado as Irmãs (BESNARD, *Marie-Louise*, Carta 2, p. 80).





CARTA 30

FONTE: Besnard, *Marie-Louise*, Carta 4, p. 242-245¹. - DESTINATÁRIA: *Maria Ana Régnier*. - PROVENIÊNCIA: *La Rochelle*. - DATA: 12 de agosto de 1715.

HISTÓRICO: O *Pe. de Montfort* tinha dito à *Irmã Maria Luísa*: “Minha filha, *Maria Régnier*, que eu quero associar a vós, é uma santa” (BESNARD, *Marie-Louise*, Carta 4, p. 242). *Quarenta anos mais tarde*, “uma multidão incrível de pessoas, tanto sacerdotes como leigos, fizeram cortejo junto à urna de madeira branca [de *Maria Régnier*, na religião *Irmã da Cruz*, quarta Filha da Sabedoria]. Todos declaravam que tinham vindo menos na intenção de rezar por ela do que na espera de obter a sua proteção junto de Deus” (DERVAUX, p. 660). Em 1715, *Maria Régnier* morava nas proximidades de *La Rochelle*, em *Saint-Sauveur-de-Nuaillé*, onde o santo a tinha conhecido, ao que parece, desde 1712. Havia, pois, talvez três anos que se punha a questão da sua vocação religiosa. Isto explica o tom insistente da carta que vai ser lida.

La Rochelle, 12 de agosto de 1715, dia de Santa Clara

Minha querida Filha,

Viva Jesus, viva a sua Cruz.

A graça do Espírito Santo não padece demora. Deus, que pede algo à sua criatura, fala-lhe docemente e não quer forçar a sua liberdade; mas quanto mais se demora a fazer o que ele pede tão delicadamente, mais ele diminui seu apelo, mais a sua voz se torna surda, mais a sua justiça se irrita. Tomai cuidado convosco! Monsenhor, com quem falei dias atrás, quer que venhais aqui, à casa das Filhas da Sabedoria, e eu desejo-o e vo-lo peço. Para que não possais resistir ao apelo do Altíssimo, eis aí um portador² e um transporte que vos envio. Trazei os vossos objetos necessários e algo para conseguir um pobre hábito de Santa Clara³, ou antes, da pobreza de Jesus Cristo. As Filhas da Sabedoria vos amam e vos esperam. Mil razões da natureza e da graça, que não vos digo, vos chamam amanhã aqui. Antes⁴ da Assunção eu parto logo para uma grande e longa missão⁵. Mas quero ver-vos aqui antes de partir. Monsenhor, que quer ver-vos, viaja também. Apressai-vos, pois. Quanto mais retardais, menos o vosso sacrifício e a vossa vitória são agradáveis a Deus; e declaro-vos que se não aproveitais de um testemunho de estima e de amizade que não dou a nenhum outro, não vos verei jamais. A vossa inquietação aumentará a cada dia, e pode ser que esteja aí o começo da vossa perda. Não digais: após a vindima obedecerei a Deus, pois faríeis uma cruel injúria a





este grande Senhor. Faríeis como aquele jovem do Evangelho que perdeu a sua vocação⁶ por ter querido sepultar o seu pai antes de seguir Jesus Cristo. Todo vosso.

O recado seguinte é para o vosso pai.

Mestre Régnier⁷, saúdo-vos em J.C. e vos peço que não vos oponhais à vontade de Deus sobre a filha, que ele colocou em depósito entre as vossas mãos. Ela não foi vossa senão para que a guardásseis para ele até hoje na inocência do seu batismo, como bem fizestes. Mas não podeis prendê-la a vós. É um bem de Deus, é um bem alheio que não podeis roubar impunemente. Se vós lha sacrificais, como os pais e as mães que, como a história nos ensina, generosamente sacrificaram os seus únicos filhos e filhas⁸ a Deus, como Abraão, que bênçãos eu vejo prontas a cair sobre a vossa pessoa e sobre o que vos pertence, e que coroa entrevejo preparada para vós na eternidade. Mas...!!⁹.

Notas da Carta 30

1. Besnard é o único que nos dá a conhecer na sua *Vie de Soeur Marie-Louise de Jésus* a carta a Maria Régnier e o recado ao seu pai.
2. Talvez novamente o Irmão João com uma cavalgadura (cf. Carta 29, nota 9).
3. Ou seja, um hábito pobre como o de Santa Clara (o Pe. de Montfort escreve a sua carta no dia da festa desta santa).
4. Certos autores colocaram o termo “depois” em lugar de “antes”. De fato, o Pe. de Montfort ficou em La Rochelle depois da Assunção; aí presidiu, no dia 22 de agosto, a cerimônia da vestição de Maria Valleau e de Maria Régnier, na igreja de São José da Providência (BESNARD, *Marie-Louise*, Carta 2, p. 96). Mas isto não justifica a troca da palavra “antes” pela palavra “depois”. A carta de Pe. de Montfort é clara demais para que ele possa ter escrito outra coisa senão a palavra transmitida por Besnard: “Mil razões vos chamam amanhã aqui”, quer dizer dia 13; “Quero ver-vos aqui antes de partir.” Alguma circunstância imprevista teria feito recuar a data da partida do Pe. de Montfort.
5. A missão de Fontenay-le-Comte que começou no dia 25 de agosto.
6. Fusão de duas perícopes: Mt 8,21-22 e Mc 10,17-22.
7. Mestre Noël Régnier, comerciante, muito popular em Saint-Sauveur, padrinho de batismo dum grande número de crianças. Na sua nota de falecimento (1719) diz-se: “Quase toda a paróquia assiste aos seus funerais, bem como três párocos da redondeza” (DERVAUX, p. 219).
8. Maria Ana não era filha única. Em 1715 “o pai Régnier tinha junto dele o seu filho casado e pai de família, e Maria, irmã mais nova de Maria Ana” (DERVAUX, p. 222, nota 59).
9. “Não possuímos o resto desta carta, mas já é o bastante para mostrar qual era a virtude da Irmã da Cruz” (BESNARD, *Marie-Louise*, Carta 4, p. 245).





CARTA 31

FONTE: Besnard, *Marie-Louise*, Carta 2, p. 101¹. - DESTINATÁRIA: *Irmã Conceição*. - PROVENIÊNCIA: *Fontenay-le-Comte ou Vouvant*². - DATA: 24 de outubro de 1715.

HISTÓRICO: *Alguns dias antes da sua partida de La Rochelle, para uma missão em Fontenay-le-Comte, o Pe. de Montfort tinha achado bom que a Irmã Conceição assumisse, no Hospital Geral da cidade, a função de auxiliar da diretora. Tarefa delicada. Contava-se com o zelo da recém-chegada para “fazer obedecer os novos regulamentos recentemente estabelecidos” (DERVAUX, p. 228). Dois meses depois, o fundador recebia “uma carta da Superiora [auxiliar] do Hospital Geral, na qual ela lhe descrevia detalhadamente todos os seus sofrimentos e lhe pedia para sair. De fato, ela tinha de sofrer muito, pois era considerada como uma reformadora que só tinha entrado para modificar costumes que eram, como diziam, tão antigos quanto o hospital” (BESNARD, Marie-Louise, Carta 2, p. 100). O Pe. de Montfort responde à carta da Irmã Conceição.*

Viva Jesus, viva a sua Cruz.

Tomai cuidado, minha querida filha, em nome de Jesus, com a vossa vocação e de deixar o hospital pelo efeito da tentação. Se o fizerdes, não quero ver-vos jamais.

Se não quereis confessar-vos com o Revmo. Pe. Le Tellier³, eu vos permito, durante três meses, confessar-vos com o padre capelão do hospital.

Sede fiel à Regra geral e particular que Jesus, o vosso caro esposo, vos deu por meu intermédio. Cuidado convosco, uma vez mais, e não sigais o vosso sentimento próprio. Peço de joelhos ao bom Jesus que vos ampare contra todo o inferno, que teme a reforma do hospital.

Eu sou, minha querida filha, todo vosso enquanto fordes obediente⁴.

Em 24 de outubro de 1715.

Notas da Carta 31

1. Besnard é o único na *Vie de Marie-Louise de Jésus* a transcrever a carta; ele coloca-a entre aspas.
2. Assim que terminou a missão de Fontenay-le-Comte, o Pe. de Montfort passou alguns dias descansando em Mervent. Depois disso, pregou um retiro na capela das religiosas de Notre-Dame, ainda em Fontenay. A missão de Vouvant começou pouco depois desse retiro e terminou em dezembro. Na data de 24 de outubro, ele podia estar ainda na casa das religiosas de Fontenay, ou talvez já em Vouvant.
3. O Pe. Tellier, s. j. devia então ser o confessor da pequena comunidade. O Pe. de Montfort tinha primeiro sugerido às suas religiosas que se dirigissem ao Decano dos cônegos (Carta 29). O Pe.





Tellier, ex-confessor de Luís XIV, “cuidou de modo especial das Filhas da Sabedoria. Pregava-lhes dois retiros de dez dias cada ano no seu pequeno oratório. Era tão morto a si próprio e tão ocupado com Deus, que depois de ter sido confessor delas durante três anos e meio, não sabia onde elas moravam. Quando ia para lhes pregar retiro, era obrigado a deixar-se conduzir. Ele tinha com isto uma direção tão simples e tão unida, e as Filhas da Sabedoria levavam uma vida tão santa e tão retirada, que ele as atendia em confissão, em número de cinco que eram então, em meia-hora” (BESNARD, *Marie-Louise*, Carta 2, p. 104).

4. Irmã Conceição permaneceu valentemente no seu posto. Ela foi substituída a 1 de maio de 1717 (DERVAUX, p. 416, nota 75).

CARTA 32

FONTE: Besnard, *Marie-Louise*, Carta 2, p. 103-104¹. - DESTINATÁRIA: *A comunidade da Sabedoria, em La Rochelle*. - PROVENIÊNCIA: *Saint-Pompain*². - DATA: *31 de dezembro de 1715*³.

HISTÓRICO: *Após a missão de Vouvain, terminada em dezembro de 1715, o Pe. de Montfort fez uma viagem a La Rochelle.*

Quando deixou as Irmãs, Maria Luísa, “sempre inquieta e aflita” (BESNARD, Marie-Louise, Carta 2, p. 103) deve ter solicitado de novo conselhos por escrito. O fundador responde a toda a comunidade.

No último dia do ano.

Minhas caríssimas Filhas em Jesus Cristo.

Eis um livro⁴ feito para vós que vos envio. Lede-o em público e em particular. Eu vos digo o que ele vos diz.

Não vos impacientes com a minha ausência. A minha pessoa e a minha própria vontade toda diabólica, ainda que pareça boa, tudo deita a perder. Quanto menor for a parte que eu tiver nesta fundação⁵, mais ela prosperará; disto estou certo.

Contudo, que cada uma me escreva todo mês para me indicar: 1º suas principais tentações sofridas no mês; 2º suas principais cruzeiras bem suportadas; 3º suas principais vitórias sobre si mesma. E que me comuniqueis as principais mudanças que acontecerem.

Eu vos carrego por toda a parte no meu seio. Abri, minhas queridas Filhas, abri o vosso coração à Madre Superiora, como também ao vosso confessor, se Deus a isto vos atrai.

Todo para todas em Deus somente.

Desejo-vos um ano cheio de combates e de vitórias, de cruzeiras e de pobreza e de desprezo.



**Notas da Carta 32**

1. A carta não está entre aspas.
2. A missão de Villers-en-Plaine foi aberta nos primeiros dias de fevereiro de 1716. Ela seguiu imediatamente a de Saint-Pompain. Daí se conclui que o Pe. de Montfort devia estar em Saint-Pompain no fim de dezembro.
3. Este “último dia do ano”, que se lê no começo da carta, só pode ser o de 1715: Besnard nota depois da transcrição da carta: “Este foi como que o último adeus e as últimas predições do servo de Deus, que anunciava às Filhas da Sabedoria as cruzes pelas quais deviam ser oprimidas no decurso do ano em que iam entrar, que foi o último de sua vida” (BESNARD, *Marie-Louise*, Carta 2, p. 104).
4. Nenhum argumento decisivo permite identificar este livro.
5. O estabelecimento das Irmãs em La Rochelle.

CARTA 33

FONTE: *Grandet*, p. 253-256¹. - DESTINATÁRIA: Srta. Dauvaise, diretora de um asilo de Incuráveis, em Nantes². - PROVENIÊNCIA: Saint-Laurent-sur-Sèvre. - DATA: 4 de abril de 1716.

HISTÓRICO: *Depois da demolição do Calvário de Pont-Château, no outono de 1710, o Pe. de Montfort permaneceu durante alguns meses em Nantes. Uma senhora, para retê-lo, ofereceu-lhe um pequeno alojamento na Rua des Hauts-Pavés. O santo missionário tinha notado que, em toda a cidade de Nantes, não existia um único sanatório para os incuráveis. Alugou junto ao lugar onde morava uma pequena casa destinada a receber todos os incuráveis que ela pudesse conter. “Escolheu para dirigi-la duas moças virtuosas, que se dispuseram a dedicar-se a esta boa obra. Deu-lhes um pequeno regulamento e fez com que elas adotassem um hábito cinza, parecido com o das Filhas da Sabedoria” (BESNARD, Montfort, Carta 3, p. 56). A diretora, nesses primeiros meses de 1716, parece querer dar maior extensão à obra e pede a opinião do santo. Este responde-lhe.*

Da missão de Saint-Laurent-sur-Sèvre, em 4 de abril de 1716

Viva Jesus, viva a Cruz.

Apoiado no fundamento inesgotável da divina Providência, nossa boa Mãe, que jamais nos faltou em nossos empreendimentos, para a sua glória³ eu respondo corajosamente que se pode fazer e assinar o contrato para alugar a casa em questão, contanto que as pessoas que devem cuidar dos pobres incuráveis tenham as seguintes qualidades:





1º) Por grandes ou pequenos que sejam os seus haveres, com a sua ciência ou ignorância, é preciso que elas não se apoiem nem sobre braço humano algum, nem sobre algum talento natural, mas unicamente nos socorros invisíveis e desconhecidos da Providência do nosso Pai celeste;

2º) Que elas sigam universalmente e pontualmente a mesma regra e o mesmo diretor, sem que alguma, por mais dinheiro que traga ou talento que tenha, possa, por privilégio ou condescendência, isentar-se da comunidade, da regra e do diretor;

3º) Enfim, que estejam preparadas, se a obra é de Deus, para sofrer alegremente todo tipo de cruz. Pois esta casa é a casa da cruz, e não se lhe deve dar outro nome; e a primeira coisa que se deverá fazer nesta casa será plantar lá uma cruz, com a permissão do Monsenhor, a fim de que dela adquira o nome, a graça e a glória para sempre. Não será preciso plantar no meio do jardim ou do pátio senão uma simples cruz, enquanto se aguarda algo melhor. É o primeiro móvel que para lá será levado. Mas será preciso que o Monsenhor nosso bom amigo⁴ a benza ou mande benzer.

Quando recebi esta notícia, eu pensava enviar-vos a Nantes duas Filhas da Sabedoria, que trabalham com os pobres nesta diocese⁵, uma das quais tem quarenta anos ou mais ou menos isto, e que julgo ambas aptas a este serviço. Rezemos ao Deus todo bom que nos faça conhecer a sua adorável vontade.

Mas, meu Deus, como há poucas moças obedientes, silenciosas, prudentes e crucificadas. Cada uma tem suficiente leviandade no coração, ou pelo menos na cabeça.

Creio que as moças estrangeiras, associadas às que eu vos indico, contanto que tenham as qualidades mencionadas, seriam mais capazes de começar e fundar a obra de que se trata, se ela é plantada e edificada sobre pedras vivas.

Saúdo com muito profundo respeito o Sr. Du Portail⁶, e todas estas boas almas que entram conosco na caridade do coração de Jesus, o mais crucificado dentre os homens.

Se S. Ex^a o bispo de Nantes julgar conveniente, pois não partirei sem a sua permissão, estarei em Nantes na tarde do dia 5 de maio⁷. Aí está uma pequena carta⁸ que me dou a honra de escrever a Sua Grandeza. Saúdo com o mais profundo respeito o Pe. Barrin, e lhe peço que a apresente pelo Pe. de Vertamont⁹ a Sua Grandeza. Se ele me recusar quinze dias que lhe peço para repousar-me dos meus trabalhos, em Nantes, sem perder o tesouro infinito da santa Missa¹⁰ é um sinal seguro de que não é a vontade de Deus que eu vá





a Nantes. E se eu não for, creio firmemente, como um artigo da minha fé, que as coisas irão infinitamente melhor. Recomendo-me às preces de todos os Amigos da Cruz¹¹, a fim de que Deus não tome aqui vingança dos meus pecados, recusando a conversão verdadeira às pobres povoações que me ouvem.

Todo vosso em Jesus Cristo e na sua santa Mãe. Saúdo todos os anjos da cidade de Nantes, e o vosso em particular.

Humildade, humilhação, humilhação. Deo gratias¹².

L. M. Grignon.

Notas da Carta 33

1. O texto de Besnard (*Montfort*, Carta 8, p. 240-242) não é mais que uma transcrição de Grandet.
2. Duas irmãs Dauvaise, Elisabete e Maria, encarregaram-se do asilo em 1710. Acredita-se que uma delas continuava ainda a dirigir o estabelecimento em 1716.
3. A pontuação flutuante das cartas de Luís Maria de Montfort permitiria sem dúvida ler também: “que jamais nos faltou em nossos empreendimentos para a sua glória”. Vários autores preferem esta pontuação.
4. Parece tratar-se do Pe. Barrin (do qual se fala mais adiante), um dos seis ou sete vigários gerais de Nantes, amigo sempre fiel e protetor do Santo (LE CROM, p. 207). É ele que vai compor o epitáfio francês gravado no túmulo do Pe. de Montfort.
5. Irmã Conceição e Irmã Michelle, que estavam no hospital geral de La Rochelle (Carta 31). Saint-Laurent-sur-Sèvre fazia parte desta diocese, na época.
6. Este senhor que nos é desconhecido estava interessado provavelmente por um motivo especial na obra dos pobres incuráveis.
7. Em 1749, a Sra. Orion escreveu as suas lembranças da missão de Villiers-en-Plaine, à qual ela tinha assistido em fevereiro-março de 1716. Termina o seu relatório com esta afirmação: “A respeito da sua morte, ao dizer-me adeus, disse-me: eu pedirei a Deus tal coisa [uma graça em favor da Sra. Orion?] com tantas vigílias, jejuns, orações, que ele me concederá, e eu morrerei antes que o ano termine. Lembrai-vos do que vos prometo.” (BESNARD, *Montfort*, Carta 8, p. 233). O desígnio manifestado pelo santo de estar em Nantes no dia 5 de maio mostra que ele não considerava a sua morte como muito próxima.
8. Esta carta não nos é conhecida.
9. O Pe. de Vertamont era um dos vigários gerais do bispo de Nantes.
10. Mons. de Beauvau tinha proibido a São Luís Maria de Montfort o ministério da pregação e da confissão na sua diocese em consequência da questão de Pont-Château, em 1710. Porém não lhe havia proibido de permanecer no território que dependia da sua jurisdição, nem de aí celebrar a missa. Montfort quer ter segurança: já que pretende ficar quinze dias em Nantes, quer ter a certeza de poder celebrar a missa.
11. Associação fundada por ele, em Nantes, na paróquia de Saint-Similien, em 1708. Ver AC.
12. Em 1719, um certo Irmão Aleixo, que presenciou a morte de São Luís Maria de Montfort, escrevia ao Pe. Bellier: “Ele morreu beijando o seu crucifixo e dizendo *Deo gratias*” (CROSNIER, p. 313, nota 2).





CARTA 34

FONTE: Besnard, *Marie-Louise*, Carta 2, p. 106-107¹. - DESTINATÁRIA: *Madre Maria Luísa de Jesus*. - PROVENIÊNCIA: *Saint-Laurent-sur-Sèvre*². - DATA: *por volta da Páscoa de 1716*³.

HISTÓRICO: *As Irmãs continuavam em La Rochelle, expostas a muitas contradições. “Parece que se esquecia o bem que elas faziam pela educação da juventude. Não queriam mais tolerá-las na casa onde estavam, na rua dos jesuítas. Foi preciso procurar outra, e não se achava nenhuma adequada ao seu estado e às suas funções. Houve quem dissesse que a nova fundação estava à beira da ruína, e que não precisava mais nada para destruí-la, de tanto que estava abalada. A Irmã Maria de Jesus recorreu ao seu Ordinário, o Pe. de Montfort. Ele estava então para St. Laurent pregando uma missão. Ela lhe descreve todos os sofrimentos e os embaraços em que se encontra, e abre-lhe o coração sobre a triste situação em que está, e pede-lhe uma resposta. Era tempo de dá-la, pois ele não tinha mais que dez ou doze dias de vida. A carta que ele lhe escreveu, e que a Sra. Trichet felizmente nos conservou [...] é como uma última expressão ou um último suspiro saído do seu coração, que não respirava senão o amor do sofrimento e das cruzes, e que parecia anunciar-lhe, embora obscuramente, que ele se sentia no fim da sua caminhada”* (BESNARD, *Marie Louise*, Carta 2, p. 105).

Minha caríssima filha em Jesus Cristo.

Viva Jesus, viva a sua Cruz.

Adoro a disposição justa e amorosa da divina Sabedoria sobre o meu pequeno rebanho, que está alojado bem estreito entre os homens para ser alojado e escondido bem ao largo no seu divino Coração, que acaba de ser traspassado para este fim. Oh! Como este sagrado recinto é salutar e agradável para uma alma verdadeiramente sábia. Ela saiu com o sangue e a água quando a lança o feriu, aí encontra o seu refúgio garantido quando é perseguida pelos seus inimigos, e aí permanece oculta com Jesus Cristo em Deus, porém mais conquistadora que os heróis, mais coroada que os reis, mais brilhante que o sol e mais elevada que os céus.

Se sois discípula da Sabedoria e a eleita entre mil, como os vossos abandonos, os vossos desprezos, a vossa pobreza e o vosso pretense cativoiro vos parecerão doces, já que, com todas estas coisas preciosas comprais a Sabedoria, as riquezas, a liberdade, a divindade do Coração de Jesus crucificado.

Se Deus não me tivesse dado outros olhos além dos que me deram





meus pais, eu me queixaria, eu me inquietaria com os loucos e loucas deste mundo corrompido. Mas não tenho intenção de fazê-lo. Sabei que espero outros transtornos mais consideráveis e mais sensíveis, para pôr à prova a nossa fé e a nossa confiança, para fundar a comunidade da Sabedoria não sobre a areia movediça do ouro e da prata, dos quais o demônio se serve todo dia para fundar e enriquecer os seus aposentos, nem tampouco sobre o braço de carne dum mortal que não é senão, por mais sagrado e poderoso que seja, um punhado de feno⁴, mas para fundá-la sobre a própria Sabedoria da Cruz do Calvário. Ela foi tingida de⁵ esta divina e adorável Cruz, ela foi tingida e purpureada do sangue de um Deus, escolhida para ser, entre todas as criaturas, a única esposa do seu coração, o único objeto dos seus desejos, o único centro de todas as suas pretensões, o único fim dos seus trabalhos, a única arma do seu braço, o único cetro do seu império, a única coroa da sua glória e a única companheira do seu julgamento. E no entanto, ó incompreensível julgamento, esta cruz foi abatida com desprezo e horror, escondida e esquecida na terra durante quatrocentos anos, etc.⁶

Minhas queridas Filhas⁷, apliquemos isto ao estado em que vos achais atualmente. Eu vos levo por toda parte, até ao santo altar. Não vos esquecerei jamais, desde que ameis a minha querida cruz, na qual vos sou aliado enquanto não fizerdes a vossa própria vontade mas a santa vontade de Deus, na qual sou todo vosso...

Notas da Carta 34

1. Todos os outros autores que reproduzem esta carta dependem de Besnard.
2. Conforme Besnard, Pe. de Montfort “estava então para (quer dizer “em”) Saint-Laurent-sur-Sèvre pregando uma missão” (cf. HISTÓRICO).
3. Impossível precisar o dia exato. Besnard oferece duas indicações. Escrevendo a sua carta, o santo “não tinha mais que dez ou doze dias de vida” (cf. HISTÓRICO). E referindo-se aos grandes transtornos preditos por Montfort, observa que as Irmãs “não ficaram quinze dias sem saber da sua morte” (BESNARD, *Marie-Louise*, Carta 2, p. 107). É, pois, em meados do mês, já que o santo morreu no dia 28, que se deve datar a carta. Certas palavras parecem ser uma alusão à Semana Santa há pouco terminada. É por isto que se diz “por volta da Páscoa”. A Páscoa naquele ano caiu no dia 12 de abril.
4. Seria preciso ver no braço “sagrado e poderoso” de um mortal uma alusão à proteção que Mons. de Champflour concedia à Congregação nascente?
5. A palavra “de” deve ser cancelada para a clareza da frase.
6. É improvável que Besnard tenha interrompido o texto da carta. A brusca interrupção da frase é devida, sem dúvida, ao Pe. de Montfort.
7. Esta última alínea é dirigida à comunidade.





CONTRATO DE ALIANÇA COM DEUS



600

OBRAS COMPLETAS



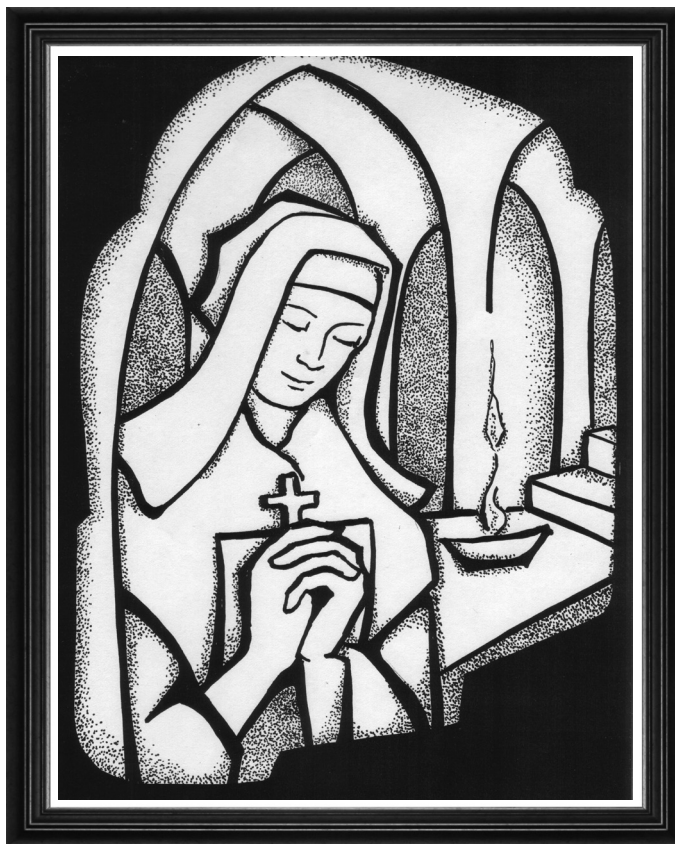


INTRODUÇÃO AO CONTRATO DE ALIANÇA COM DEUS

Os exercícios da Missão pregados pelo Pe. de Montfort tinham por finalidade “renovar o espírito do Cristianismo pela renovação das promessas do batismo”. É o que diz Grandet (p. 101), o qual acrescenta: “Para os (os cristãos) comprometer a recordá-lo melhor, ele tinha mandado imprimir uma fórmula desta renovação das promessas do batismo, que devia ser assinada pelos que sabiam escrever” (GRANDET, p. 305). O biógrafo descreve (p. 406-412) longamente a cerimônia paralitúrgica na qual se inseria a renovação.

Quatro exemplares das fórmulas impressas puderam ser encontradas. São lembranças das missões de Pontchâteau (abril-maio de 1709), de Crossac (agosto de 1709), de Fontenay (setembro de 1715), de Vouvant (dezembro de 1715). Estes quatro exemplares supõem pelo menos duas edições diferentes. Pois, embora substancialmente o mesmo, o texto apresenta variantes. Pode-se reagrupá-lo assim: a fórmula Pontchâteau-Crossac; a fórmula Fontenay-Vouvant. A esta última deve-se relacionar o texto editado por Grandet (p. 395-397). As variantes oferecem um certo interesse, por isso as duas versões são aqui publicadas. No original, estão com a velha ortografia.







O CONTRATO DE ALIANÇA COM DEUS

VOTOS OU PROMESSAS DO SANTO BATISMO [1ª FÓRMULA]

I - 1. Eu creio firmemente todas as verdades do Santo Evangelho de Jesus Cristo.

2. Renuncio para sempre ao Demônio, ao mundo, ao pecado e a mim mesmo.

3. Prometo com a graça de Deus, que não me faltará, guardar fielmente todos os Mandamentos de Deus e da Igreja, evitando o pecado mortal e suas ocasiões, entre outras as más companhias.

4. Dou-me todo inteiro a JESUS CRISTO pelas mãos de MARIA, para levar a minha Cruz no seguimento dele todos os dias da minha vida.

5. Eu creio que se guardar fielmente estas promessas até à morte, serei eternamente salvo; mas se não as guardar, serei eternamente condenado.

Por ser verdade, assinei.

Feito em frente da Igreja¹ na Paróquia de Pontchâteau, a 4 de maio² do ano 1709.

L. m. de montfort³.

PRÁTICAS DOS QUE RENOVARAM AS PROMESSAS DO BATISMO.

II - 1. Rezarão todos os dias pelo menos a pequena Coroa da Sma. Virgem, composta de 3 *Pai Nossos* e de 12 *Ave Marias*.

2. Confessar-se-ão pelo menos todos os meses.

3. Fugirão como da peste das tabernas, jogos públicos, danças, comédias e outros espetáculos.

4. Todos os anos no dia 2 do mês de fevereiro⁴ renovarão as Promessas do seu Batismo, recitarão o Santo Rosário e adorarão o Ssmo. Sacramento.

1. “Em frente da Igreja”, assim está no exemplar impresso.

2. “Pontchâteau... 4 de maio” no manuscrito. O exemplar de Crossac traz: “Crossac, 17 de agosto”.

3. Pode-se duvidar da autenticidade desta assinatura manuscrita: é da mão do Pe. de Montfort? No exemplar de Crossac, antes da assinatura do Missionário vem a de Guilherme Guigan.

4. “2”, “fevereiro” são manuscritos. O exemplar de Crossac traz “28”, “outubro”.





5. Conservarão afetuosamente a Cruz que lhes será dada na Renovação das suas promessas, com o presente Contrato.

6. Fugirão da vaidade e do luxo no vestir, etc.

7. Rezarão todos os dias 5 *Pai Nossos* e 5 *Ave Marias* em honra dos 5 Nomes encerrados na Cruz⁵ que lhes será dada, e das cinco Chagas de Jesus Cristo crucificado, que é seu Chefe e seu Modelo.

CONTRATO DE ALIANÇA COM DEUS

VOTOS OU PROMESSAS DO SANTO BATISMO [2ª FÓRMULA]

III - 1. Eu creio firmemente todas as verdades do Santo Evangelho de Jesus Cristo.

2. Renuncio para sempre ao demônio, ao mundo, ao pecado e a mim mesmo.

3. Prometo com a graça de Deus, que não me faltará, guardar fielmente todos os Mandamentos de Deus e da Igreja, evitando o Pecado mortal e suas ocasiões, entre outras as más Companhias.

4. Dou-me todo inteiro a JESUS CRISTO pelas mãos de Maria, para levar a minha Cruz no seguimento dele todos os dias da minha vida.

5. Eu creio que os que transgredirem estes Votos sem fazerem penitência, serão condenados, e os que os guardarem até à morte, serão salvos.

Por ser verdade, assinei.

Feito em frente da Igreja, na Paróquia de Vouvant, a 3 de dezembro⁶ do Ano 1715.

L. M. de Montfort

5. Grandet escreve (p. 101): “O Papa concedeu-lhe também a permissão de abençoar pequenas cruzes de papel e de pano que ele distribuía no fim de cada missão aos que haviam assistido a trinta e três Sermões, nas quais estavam escritos os Nomes de Jesus e de Maria.” Nenhuma destas pequenas cruzes pôde ser encontrada até hoje.

A fórmula de Fontenay-Vouvant traz “em honra do S. Nome de Jesus.” Será preciso ver na fórmula Pontchâteau um erro de tipografia e ler, por conseguinte: “em honra dos Santos Nomes...” (os de Jesus e de Maria, cf. Grandet supra)? Ou então deve-se ver no missionário, como em Bérulle, Saint-Jure, etc. o influxo do livro de LUÍS DE LEÓN, *Os Nomes de Jesus*?

6. “Vouvant, 3 de dezembro” é manuscrito. O exemplar de Fontenay traz: “9 de setembro”.





PRÁTICAS DOS QUE RENOVARAM AS PROMESSAS DO SEU BATISMO, PARA VIVEREM CRISTÃMENTE.

IV - 1. Fugirei das Danças, das Comédias e outros Espetáculos, dos Jogos de azar, do Luxo, da Vaidade, da leitura dos maus Livros e das más canções.

2. Não irei nunca, senão por necessidade, às tabernas e a outros lugares perigosos.

3. Confessar-me-ei todos os meses, ou com maior frequência se puder, por obediência a um bom Diretor.

4. Todos os anos no dia 4 do mês de julho⁷ renovarei em particular as promessas do meu Batismo, recitarei o santo Rosário, adorarei o Ssmo. Sacramento durante meia hora e procurarei comungar nesse dia.

5. Rezarei todos os dias a pequena Coroa da Sma. Virgem, e cinco *Pai Nossos* e cinco *Ave Marias* em honra do S. Nome de JESUS, que eu guardarei afetuosamente até à morte.

7. “4 do mês de julho” é manuscrito.





606

OBRAS COMPLETAS





CARTA CIRCULAR AOS HABITANTES DE MONTBERNAGE





608

OBRAS COMPLETAS





INTRODUÇÃO À CARTA CIRCULAR AOS HABITANTES DE MONTBERNAGE

P. Battista Cortinovia, smm

O MANUSCRITO

Em 1706 o jovem sacerdote Luís Maria Grignon empreende uma peregrinação a Roma. Antes de deixar Poitiers, escreve aos fiéis das paróquias que ele acaba de evangelizar. Terá ele confiado esta carta a alguém encarregado de fazer cópias para distribuí-la aos paroquianos? Ou será que mandou imprimi-la, como fará mais tarde em Rennes, com a sua *Carta aos Amigos da Cruz*? Disso nada sabemos. O certo é que não temos nem manuscrito, nem cópias autênticas, nem algum exemplar de um texto então impresso.

O texto da carta foi primeiro transmitido por Grandet.¹ Por sua vez, Besnard garante que ele “não vacila em inseri-la aqui por inteiro, conforme a cópia juridicamente conferida com o original, que me foi comunicada”.² O original, com o qual a cópia foi juridicamente conferida, estava entre os documentos que Grandet recebera de M. Arot, que tinha retido os originais?³ Seja como for, não existe dúvida alguma sobre a paternidade desta carta. Uma simples leitura permite reconhecer o seu autor.

ASSUNTO DA CARTA

Montfort quer encorajar os fiéis a perseverar, a servir “de exemplo a toda a cidade de Poitiers e arredores”. Pede o auxílio das suas preces em vista da sua peregrinação a Roma: “Procuro a divina Sabedoria, ajudai-me a encontrá-la”. Deseja obter “o dom da palavra ou a divina Sabedoria, que será o remédio para todos os meus males e a arma poderosa contra todos os meus inimigos. Com Maria é fácil... É por Maria que procuro e encontrarei Jesus”.

1. O.c., p. 261-264.

2. *Documents et Recherches*, IV, p. 94 - O texto inteiro é reproduzido nas páginas 95-98.

3. Cf. *Oeuvres Complètes*, p. 3.





DESTINATÁRIOS

O começo da carta indica claramente: “Caros habitantes de Montbernage, de St-Saturnin, St-Simplicien, da Résurrection e outros que aproveitastes da missão que Jesus Cristo, meu Mestre, acaba de vos pregar, saudações em Jesus e Maria”.

EDIÇÕES

Fora dos textos comunicados pelos biógrafos, as *Obras Completas* entregam pela primeira vez ao público esta carta que denota a profunda compaixão, o amor verdadeiro, o zelo ardente do missionário pelos pobres e deixa entrever, como em todas as suas obras, a sua busca contínua da divina Sabedoria.





CARTA CIRCULAR AOS HABITANTES DE MONTBERNAGE DEUS SÓ.

1. Caros habitantes de Montbernage¹, de St. Saturnin, St. Simplicien, da Ressurreição e outros² que aproveitastes da missão que Jesus Cristo, meu Mestre, acaba de vos pregar, saudações em Jesus e em Maria.

Não podendo falar-vos de viva voz, porque a santa obediência mo proíbe³, tomo a liberdade de vos escrever, na minha partida, como um pobre pai a seus filhos, não para vos ensinar coisas novas, mas para vos confirmar nas verdades que vos disse.

A amizade cristã e paterna que vos tenho é tão forte que vos trarei sempre⁴ no meu coração, na vida, na morte e na eternidade! Prefiro esquecer-me de minha mão direita a esquecer-me de vós onde quer que eu esteja, até no santo altar! Que digo? Até às extremidades do mundo, até às portas da morte: disso tende a certeza, contanto que sejais fiéis a praticar o que J. C. vos ensinou pelos seus missionários⁵ e por mim indigno, não obstante o diabo, o mundo e a carne.

2. Lembrai-vos, pois, meus caros filhos, minha alegria, minha glória e minha coroa⁶, de amar ardentemente Jesus Cristo, de amá-lo por Maria, de fazer brilhar por toda a parte e diante de todos a vossa verdadeira devoção à Sma. Virgem, nossa boa Mãe, a fim de serdes por toda a parte o bom odor

1. Montbernage era um bairro periférico de Paris, habitado por gente simples. Foi aí que ele pregou a sua primeira missão na diocese de Poitiers. O bairro fazia parte da paróquia de Santa Radegunda, mas estava situado bastante longe da igreja. Montfort conseguiu transformar um local de festa e de danças, chamado a “Granja do Aprisco”, em oratório por ele decorado com um crucifixo e “quinze estandartes” do Rosário.

2. Todos aqueles, sem dúvida, que haviam acompanhado as missões pregadas pelo santo em Santa Catarina, em Saint-Savin (Poitiers), nas igrejas dos Penitentes durante alguns meses de 1705 e 1706.

3. Alusão respeitosa à ordem pela qual ele foi “expulso vergenhosamente da diocese de Poitiers” (BESNARD, *Montfort*, L. 2, p. 58).

4. Em GRANDET, p. 482, se lê: “por toda a parte”.

5. O Pe. de Montfort tinha colaboradores. Alguns são conhecidos, como Pe. de Révol, vigário geral de Poitiers, que, por certo tempo, trabalhou com o missionário. O Pe. de Révol neste mesmo ano de 1706 foi nomeado bispo de Oloron.

6. Fl 4,l.





de J. C., a fim de levar constantemente a vossa cruz no seguimento deste bom Mestre e ganhar a coroa e o reino que vos espera. Assim, não deixeis de cumprir e praticar fielmente as vossas promessas do batismo e as práticas, e de rezar diariamente o vosso terço em público ou em particular, de frequentar os sacramentos, pelo menos a cada mês⁷.

3. Peço aos meus caros amigos de Montbernage, que têm a imagem da minha boa Mãe e o meu coração⁸, que continuem e aumentem o fervor das suas preces, de não suportar impunemente na periferia os que blasfemam, juram, cantam canções imorais e os bêbados. Eu digo impunemente: quer dizer que, se não podem impedi-los de pecar, repreendendo-os com zelo e doçura, pelo menos que alguma mulher ou homem de Deus não deixe de fazer penitência, mesmo pública, pelo pecado público, mesmo que fosse apenas uma *Ave Maria* nas ruas ou no lugar das suas orações, ou de ter na mão uma vela acesa no quarto ou na igreja. Eis o que é preciso fazer, e que continuareis, com a ajuda de Deus, para perseverardes no serviço de Deus. Eu digo o mesmo nos outros lugares.

4. É preciso, meus caros filhos, é preciso que sirvais de exemplo a toda Poitiers e arredores. Que ninguém trabalhe nos dias santos de guarda. Que ninguém abra nem mesmo entreabra a sua venda, e isto contra a prática ordinária dos padeiros, açougueiros, revendedoras e outros de Poitiers⁹ que roubam a Deus o seu dia, e que se precipitam infelizmente na condenação, por mais bonitos que sejam os pretextos que aleguem, a não ser que tenhais uma verdadeira necessidade reconhecida pelo vosso digno pároco. Não trabalheis nos dias santos, de modo algum, e Deus, eu vo-lo prometo, vos abençoará no espiritual, e mesmo no temporal, de sorte que não tereis falta do necessário.

5. Peço às minhas caras peixeiras de St. Simplicien, açougueiras, revendedoras e outras, para continuar a dar o bom exemplo que dão a toda a cidade, pela prática do que aprenderam na missão.

7. Todo o parágrafo traça as linhas mestras da missão monfortina: amar o Cristo por Maria, levar a sua cruz, renovar as promessas do batismo, viver uma vida sacramental, praticar a devoção do terço, etc. Ver “Contrato de aliança”, *Oeuvres Complètes*, p. 823 s.

8. Como gesto de adeus Montfort tinha deixado na “Granja do Aprisco” uma imagem da Ssma. Virgem invocada pelo nome de “Maria Rainha dos Corações”. Na imagem estava suspenso um coração dourado: é este sem dúvida o sentido da expressão “meu coração”. Esta imagem ainda existe na capela de Montbernage.

9. GRANDET, p. 484, omite “de Poitiers”.





6. Eu peço a todos, em geral e em particular, que me acompanhei com as vossas preces na peregrinação¹⁰ que farei por vós e por vários. Eu digo por vós; pois empreendo esta viagem longa e penosa, confiando na Providência, para obter de Deus, pela intercessão da Sma. Virgem, a perseverança para vós. Eu digo por vários; pois trago no coração todos os pobres pecadores de Poitou e outros lugares, que se condenam infelizmente. A alma deles é tão cara ao meu Deus, que ele deu todo o seu sangue por ela e eu não daria nada? Ele fez por ela tão longas e penosas viagens, e eu não faria nenhuma? Ele arriscou até a própria vida, e eu não arriscaria a minha¹¹? Ah! Só mesmo um pagão¹² ou um mau cristão é que não se deixa comover pela perda imensa destes¹³ tesouros infinitos, as almas resgatadas por Jesus Cristo. Rezai portanto nesta intenção. Meus caros amigos, rezai também por mim, a fim de que a minha malícia e a minha indignidade não criem obstáculo ao que Deus e sua santa Mãe querem fazer pelo meu ministério.

Eu procuro a divina Sabedoria¹⁴, ajudai-me a encontrá-la. Tenho grandes inimigos pela frente: todos os mundanos, que estimam e amam as coisas caducas e perecíveis, desprezam-me, ridicularizam-me e perseguem-me, e todo o inferno que tramou a minha perda e que fará por toda a parte elevar-se contra mim todas as potências. No meio de tudo isto, eu sou muito fraco e a própria fraqueza, ignorante e a própria ignorância, e o resto que não ousou dizer. Não há dúvida que sendo sozinho e pobre¹⁵ eu pereça, a menos que a

10. A peregrinação a Roma que ele ia fazer. Nas linhas seguintes ele sublinha o seu caráter penitencial. Outros motivos, mais difíceis de precisar, o levavam lá. “Ele via tantas dificuldades para fazer o bem na França e tanta oposição de todos os lados, mesmo da parte daqueles que deviam apoiá-lo e ajudá-lo, que ficava indeciso se devia parar e se não devia ir procurar alhures uma missão mais abundante e mais assegurada (...) Ele foi, pois, lançar-se aos pés de Clemente XI, e ofereceu-se a ele para ir aonde lhe aprouvesse enviá-lo” (BLAIN, p. 78). BESNARD (Montfort, L. 2, p. 58) fala do mesmo modo. O Pe. de la Tour S.J., confessor do santo nesta época, assegura que o peregrino de Roma julgou “que por esta viagem obteria poderes que tornariam seu ministério mais eficaz” (GRANDET, p. 457). Montfort regressou com o título de *Missionário Apostólico*. 11. Na Itália do Norte, os exércitos de Luís XIV e os do imperador da Alemanha, José I, enfrentavam-se. Os soldados dos dois lados entregavam-se à pilhagem. Os estrangeiros, viajantes ou peregrinos, podiam ser molestados. Alguém teria manifestado apreensões ao missionário ao partir? Aconteceu com efeito que alguém desconfiou “dele como de um inimigo que se considerava disfarçado sob o hábito sacerdotal” (BESNARD, Montfort, L. 2, p. 56).

12. Em GRANDET, p. 485: “idolatra”.

13. Não de “seus” tesouros, como traz GRANDET, p. 485.

14. “Sabedoria”, preferível a “Providência”, variante proveniente do primeiro biógrafo (GRANDET, p. 485).

15. Sl 24, l6. “unicus et pauper sum ego”.





Sma. Virgem e as preces das boas almas, e em particular as vossas, não me sustentem e me alcancem de Deus o dom da palavra ou a divina sabedoria, que será o remédio para todos os meus males e a arma poderosa contra os meus inimigos¹⁶.

Com Maria é fácil: eu ponho a minha confiança nela, embora o mundo e o inferno rujam, eu digo com São Bernardo: “Esta, meus filhos, é a minha maior confiança e toda a razão da minha esperança”¹⁷. Fazei com que vos sejam explicadas essas palavras. Eu não ousaria pronunciá-las de própria iniciativa. É por Maria que procuro e que vou encontrar Jesus, que eu esmagarei a cabeça da serpente e vencerei todos os meus inimigos e a mim mesmo, para a maior glória de Deus.

Adeus, sem adeus, pois se Deus me conservar em vida, voltarei aí, seja para ficar algum tempo sob a obediência do vosso ilustre prelado, tão zeloso para a salvação das almas e tão compassivo com as nossas enfermidades, seja para dirigir-me a outro lugar, porque, sendo Deus meu Pai, tenho tantos lugares para ficar quantos lugares há em que ele é injustamente ofendido pelos pecadores.

“Que o justo, se justifique mais ainda;
que o homem manchado, se manche mais ainda”¹⁸.

Para uns um odor de morte que os faz morrer;
e para outros um odor de vida que os faz viver”¹⁹.

Todo vosso.

Luís Maria de Montfort, sacerdote e escravo indigno de Jesus em Maria²⁰.

16. Cf. ASE 95-97.

17. Haec mea maxima fiducia est, haec tota ratio spei meae”. (SÃO BERNARDO, in *Nat. B. M. V., De aquaeductu* n. 7; PL 183, 441 D.

18. Ap 22, 11: Qui justus est justificetur adhuc. Qui in sordibus est sordescat adhuc.

19. 2 Cor 2, 16: Aliis quidem odor mortis in mortem, aliis quidem odor vitae in vitam.

20. Montfort acrescenta à sua assinatura diversas fórmulas; esta é a mais corrente.





INTRODUÇÃO AOS REGULAMENTOS

São Luís Maria compôs diversos regulamentos para as “associações” que estabelecia no decurso das suas missões. Alguns, como o dos “Soldados de São Miguel”, não puderam ser encontrados até ao momento. As três fórmulas, aqui publicadas, foram conservadas graças a Grandet e Besnard.

Os dois primeiros textos são tirados de GRANDET (p. 386-390), que indica o fim e o sentido das “Confrarias dos penitentes e das Virgens”:

“O Pe. de Montfort fazia nas suas missões diferentes assembleias ou confrarias, uma dos Penitentes brancos para os homens, a outra para as moças, que ele chamava de Companhia das Virgens.

“A primeira tinha o único objetivo de retirar os homens das tabernas e da devassidão, do perjúrio e da maledicência. A outra visava apenas preservar as moças da corrupção do século, afastando-as das danças, das reuniões de moços, das noites e de todas as ocasiões de ofender a Deus, ordinárias para o seu sexo...” (p. 385).

Nascidas na Itália, as confrarias de penitentes se erigiram numerosas no sul da França: penitentes brancos de Nîmes e Sète, penitentes negros de Marselha, penitentes azuis de Toulouse, penitentes cinzas em outros lugares (Cf. Le grand dictionnaire historique de Moreri, 10^a ed., t. III, Amsterdam 1717, p. 125). Foi Montfort o primeiro a introduzi-las no Oeste? ou ele encontrou a ideia dos penitentes na congregação marial dos Cruciger que existia entre os Jesuítas de La Rochelle desde 1706 pelo menos?

A confraria das Virgens parecia ser, ela também, uma novidade na diocese de La Rochelle; foi, com efeito, objeto de críticas, como testemunha uma carta de Mons. de Champflour ao Pe. Mulot, sucessor de Montfort: “Não tem razão quem me faz falar, jamais desaprovei o voto de castidade que o Pe. de Montfort aconselhava fazer por um tempo limitado, ao contrário, eu os (sic) considerava como uma boa prática; não se deve ficar surpreso com todos esses boatos negativos que se poderão espalhar sobre esse pobre morto...” (Grandet, p. 439).

Esses regulamentos são construídos segundo um esquema estereotipado, que corresponde às exigências da regulamentação geral referente às confrarias tais como são definidas na Ordonnance et règlement synodaux du diocèse de La Rochelle, publicados e ordenados por Mons. Etienne de Champlour em 1710.

Mais característico é o regulamento dos penitentes de Saint-Pompain. Desde a missão de 1715, a paróquia de Saint-Pompain (diocese de La Rochelle) possuía um grupo de “penitentes brancos”. Eles propuseram ao missionário fazer uma peregrinação a pé a Nossa Senhora de Saumur. A proposta foi aceita e, diz Grandet (p. 233-234): “1^o Ele colocou dois sacerdotes à frente deles para conduzi-los. 2^o deu-lhes um regulamento para ocupá-los santamente ao longo dos caminhos. 3^o prescreveu-lhes o fim que deviam





propor-se nesta devoção, que era pedir a Deus pela intercessão da Sma. Virgem, a fuga do pecado, uma boa morte, santos missionários que pudessem perpetuar o fruto das suas missões.”

O biógrafo dá a seguir o texto do regulamento, com algumas pequenas lacunas aliás. Por isso o texto abaixo é tomado de BESNARD (Montfort, L. 8, p. 234) que afirma: “Nós o apresentamos copiado por inteiro do original escrito pela mão do Pe. de Montfort com o próprio título.” Em notas serão indicadas as diferenças existentes entre uma e outra transcrição. Assim, não obstante a ausência do original desaparecido, o texto publicado aqui deve reproduzir fielmente o de Montfort.

1. REGULAMENTO DAS QUARENTA E QUATRO VIRGENS

1º Elas serão em número de quarenta e quatro¹, e quando alguma vier a faltar por morte ou por outro motivo, o Revmo. Pároco da Paróquia colocará em seu lugar uma outra que ele souber que é sensata e de bons costumes, e ela fará por um ano o voto de não se casar.

2º As que Deus chamar ao matrimônio, consultarão o seu Diretor, e por seu parecer, após terminar o tempo do seu voto, elas porão entre as suas mãos antes das núpcias, seus véus e seus anéis, cujo preço ele lhes devolverá se elas o desejarem, e será reembolsado por aquelas que tomarão seus lugares.

3º Elas serão mais fiéis que as moças comuns a rezar o Terço todos os dias, e a evitar tudo quanto possa manchar por menos que seja a sua pureza, e fazer a menor ofensa à santidade do seu estado, tais como os bailes e as danças, as companhias e as reuniões das pessoas de sexo diferente.

4º Elas se reunirão quatro vezes ao ano na igreja, nas festas da Anunciação da Sma. Virgem, no domingo da Oitava da Assunção, no dia da Imaculada Conceição e na festa da Purificação. Elas comungarão juntas, vestidas de branco, na Missa Solene, e depois das Vésperas levarão em procissão uma imagem da Sma. Virgem, após o que assistirão a uma instrução que lhes fará o Revmo. Pároco ou outro sacerdote na capela do Rosário.

5º Obedecerão simplesmente à sua Madre Mestra e às suas duas Assistentes, e receberão os seus pareceres com respeito e submissão quando lhes ordenarem ou proibirem alguma coisa para a boa ordem da sua companhia.

1. “Elas serão em número de quarenta e quatro em honra das 144.000 Virgens de que fala São João no seu apocalipse”. (Regulamento das moças desta paróquia que são consagradas à devoção à Sma. Virgem; manuscrito conservado em Contré e escrito sobre o registro de 1716 por Francisco Guillemont em 1722 depois da missão pregada pelo sucessor de Montfort).





6º Se alguma delas, após duas advertências caridosas, continuar a dar mau exemplo, seu nome será tirado do Catálogo das Virgens, e será posto o nome de uma outra mais sensata em seu lugar.

7º Todos os anos no dia da Anunciação, renovarão o seu voto por um ano.

2. REGULAMENTO DOS PENITENTES BRANCOS

1º Eles serão de vida e costumes exemplares, e rezarão regularmente o Rosário.

2º Confessar-se-ão com frequência, sobretudo no primeiro domingo do mês e nas festas principais do ano.

3º Irão quatro vezes por ano em procissão, com os pés descalços e vestidos de branco.

4º Farão cada semana alguma mortificação corporal, seguindo as suas forças e o parecer de um sábio Diretor.

5º Edificarão os fiéis de ambos os sexos pela prática das virtudes cristãs.

6º Não terão entre eles nenhum processo; e se tiverem alguma desavença para resolver, dirigir-se-ão a pessoas prudentes e esclarecidas, para encerrar os seus negócios sem ir ao Palácio².

7º Não irão senão por necessidade à taberna, para evitar ocasião de escândalo e de devassidão.

8º Se algum deles morrer, assistirão ao seu sepultamento, rezarão e farão rezar a Deus pelo repouso de sua alma.

9º Reunir-se-ão com frequência segundo o parecer do seu Diretor, para receber dele as instruções que ele julgar necessárias a eles.

10º Ninguém será recebido na Congregação, senão por pluralidade de votos de cada Confrade.

3. A SANTA PEREGRINAÇÃO DE NOSSA SENHORA DE SAUMUR³ FEITA PELOS PENITENTES PARA OBTEREM DE DEUS BONS MISSIONÁRIOS

1º Não tereis outro objetivo nesta peregrinação a não ser: 1º obter de Deus pela intercessão da Sma. Virgem bons missionários que sigam os passos dos apóstolos por um inteiro abandono à Providência e prática de todas as virtudes, sob a proteção da Sma. Virgem; 2º alcançar o dom da sabedoria

2. A alusão a 1Cor 6, 1-11 é possível.

3. Nossa Senhora da Piedade nos Ardilliers, aonde Montfort tinha ido diversas vezes.





para conhecer, apreciar e praticar a virtude⁴, e torná-la apreciada e praticada pelos outros.

2º Nada tereis em vossos hábitos que vos distinga dos outros, a não ser uma grande modéstia, um silêncio religioso e uma oração contínua ao longo de toda a viagem. Podereis no entanto, sem singularidade extraordinária, levar um terço na mão e um crucifixo no peito, para indicar que não estais fazendo uma viagem, mas uma peregrinação.

3º Vós vos poreis dois a dois ao passardes através das aldeias e dos povoados, a fim de edificar, e nos campos ireis todos juntos sem vos separardes uns dos outros a não ser por necessidade e obediência. Se alguém, por necessidade ou por fadiga, fica para trás, os outros, por caridade, o esperarão, e se for necessário o farão montar a cavalo⁵, ajudando-se todos mutuamente como os membros dum mesmo corpo.

4º Pelo caminho, ou cantarão cânticos, ou rezarão o Santo Rosário, ou orarão interiormente em silêncio; e não conversam juntos senão uma hora pela manhã, por volta das dez horas, e após o almoço, entre uma e duas horas aproximadamente.

5º Eis a ordem das ações do dia: 1º dormirão, enquanto possível, no mesmo albergue, os mais penitentes no capim e na palha, os mais fracos em leitos: mas todos em silêncio e com modéstia, depois de terem feito a oração da noite todos juntos; 2º Levantar-se-ão todos ao raiar o dia, ao sinal dado pelo Superior. Farão uma curta oração em conjunto, a saber, um *Pai Nosso*, uma *Ave Maria*, o *Credo*, os *Mandamentos de Deus e da Igreja*; 3º a seguir, se a igreja está no lugar onde dormiram, e não for preciso afastar-se muito para ir até ela, irão lá adorar o Ssmo. Sacramento à porta, cantando em sua honra o *Tantum ergo*, etc., com a oração⁶; 4º ao se porem a caminho, cantarão primeiro e recitarão a *Pequena Coroa* da Sma. Virgem; depois, durante meia hora guardarão silêncio para meditar a Paixão e Morte de J. C.; 5º após a meditação rezarão em dois coros o primeiro terço, e para fazê-lo melhor, procurarão

4. Em Grandet, lê-se “verdade” em lugar de “virtude”. O termo “verdade” seria mais conforme aos textos paralelos; cf. RM 60; ASE 95.

5. “Nós fomos com trinta e três penitentes, todos a pé e muitas vezes descalços, com exceção de um bom velhinho doente de gota que teve a devoção de vir conosco, que estava a cavalo”. Relatório do Pe. Mulot (BESNARD, *Montfort*, L. 8, p. 238). Os padres Mulot e Vatel foram os dois sacerdotes que conduziram os peregrinos. Estes, conforme Grandet (p. 233), eram em número de 36.

6. “O Revmo. Pároco de São João de Thouars veio de sobrepeliz, à porta da sua igreja, fazer-nos um pequeno sermão”. Relatório do Pe. Mulot (BESNARD, *Montfort*, L. 8, p. 238).





colocar-se dois a dois ou quatro a quatro, se o tempo e o caminho o permitirem; 6º depois da reza do terço, cantarão cânticos uma hora mais ou menos, e a seguir, dado o sinal que receberão do Superior, conversarão sobre coisas boas até ao almoço⁷; e quando entrarem no povoado ou na aldeia, cantarão em coro cânticos; 7º se no lugar do almoço, houver uma igreja, onde repousa o Ssmo. Sacramento, irão visitá-lo todos juntos antes de ir para o albergue; 8º quando entrarem no albergue, subirão todos, enquanto possível, a um quarto elevado, ou pelo menos, se retirarão na mesma sala baixa⁸. Todos se porão de joelhos e cantarão: “*Ó Espírito Santo, dai-nos as vossas luzes, etc.*”⁹; depois rezarão uma *Ave Maria*, e a seguir se sentarão; 9º um da companhia, após ter dito o *Benedicite* em voz alta, lhes fará uma pequena leitura que escutarão ao comer e sem falar, após a qual poderão falar, terminando a sua refeição ao sinal do Superior, ao qual obedecerão em tudo por amor de J. C.; 10º antes de partir do albergue, cantarão: “*Mãe de Deus, vós sois nossa Mãe, etc.*”¹⁰, e o cântico “*Dignai-vos retribuir, Senhor, a todos os nossos benfeitores, etc.*”¹¹; 11º após o almoço, recrearão santamente caminhando. Terminada a hora da recreação, ao sinal do Superior, rezarão em dois coros como acima, o segundo terço, cantarão a seguir cânticos durante uma hora, guardarão meia hora de silêncio, e depois falarão de coisas boas, até chegarem ao lugar onde dormir¹²; 12º quando estiverem no lugar, enquanto o encarregado da companhia manda preparar a refeição, rezarão em dois coros o terceiro terço¹³ para a edificação dos que os virem e ouvirem. Enfim, tomarão a refeição e irão dormir como foi dito acima.

6º Procurarão jejuar¹⁴ todos os dias da sua caminhada, a menos que

7. Francês antigo: *dinée* em lugar de *dîner*.

8. Quarto elevado, quer dizer andar de cima; quarto baixo, quer dizer andar térreo. Lê-se em Grandet: “Subirão todos, enquanto possível, a um quarto elevado ou pelo menos na mesma sala baixa” (GRANDET, p. 239).

9. Ver o Cântico S 1 na edição Fradet.

10. Na edição dos Cânticos de 1725 (Fradet S 32), encontra-se, sob a menção “no fim do rosário”, a estrofe seguinte:

“Mãe de Deus, vós sois nossa mãe,

Dai-nos a Bênção,

Suportai-nos apesar da nossa miséria

E guardai-nos do mal e do demônio.”

11. Ver o Cântico S 16 na edição Fradet.

12. Francês antigo: *couchée* em vez de *coucher*.

13. Todo o texto entre as palavras “segundo terço” e “terceiro terço”, é omitido por Grandet. Sem dúvida uma distração do copista ou do tipógrafo.





sejam impedidos por alguma doença que lhes sobrevenha.

7º Não se afastarão da comitiva e não empreenderão nada de extraordinário sem a permissão e o consentimento daquele que escolheram como chefe e superior da sua peregrinação, a fim de que a santa obediência os santifique mais que a penitência.

8º Poderão, um quarto de hora antes de entrar na cidade de Saumur¹⁵, tirar o calçado, e entrar dois a dois, descalços, cantando cânticos, na capela da Sma. Virgem. Se chegarem de manhã, será preciso, por causa das missas, que cessem de cantar na porta da capela; de manhã quando as missas terminarem¹⁶, ou à tarde quando não se cantar o ofício, o Superior poderá ir pedir ao sacristão a permissão de rezar o terço diante da imagem da Sma. Virgem e de cantar alguns cânticos. Se a permissão é recusada, eles ficarão contentes e rezarão a Deus em silêncio na mencionada capela até ao sinal do Superior, e nenhum sairá senão por necessidade e com a sua permissão, a fim de combaterem e vencerem todos juntos os inimigos de Deus, o mundo, o diabo e a carne, que não deixarão de se unir para separar e transtornar alguém da sua companhia.

9º Eles se confessarão todos e comungarão ao menos uma vez, na igreja de Nossa Senhora, e todos juntos, pelas dez horas, no dia seguinte ao da sua chegada. Ficarão o resto do dia em Saumur, não para ver a cidade como fazem os curiosos, mas para agradecer e rezar a Deus como bons penitentes.

10º Eles partirão no dia seguinte ao da sua comunhão, depois de ter ouvido a santa missa, na qual poderão de novo comungar se não fizeram pecado considerável depois da sua última comunhão, e se foram fiéis em obedecer a esta regra e ao Superior.

11º É-lhes permitido ir uma vez, ao sinal do Superior, aos terceiros¹⁷,

14. O Pe. Mulot observa que era tempo de quaresma (BESNARD, *Montfort*, L. 8, p. 238). No mês de março, precisa Grandet (p. 234).

15. Saumur está a 80 quilômetros de Saint-Pompain (21 léguas, diz Grandet, p. 234). Conforme o Pe. Mulot, a ida durou três dias na base de sete léguas por dia (BESNARD, *Montfort*, L. 8, p. 238). Grandet (p. 235) diz que “a viagem deles durou sete dias”.

16. A palavra “manhã”, repetida duas vezes, induziu em erro o copista ou o tipógrafo: o texto compreendido entre as duas palavras falta em Grandet.





para adquirir alguma coisa, e depois voltarão para o albergue sem ir a outro lugar.

12º Um dia após a sua comunhão, depois de ouvirem a missa e fazerem meia hora de oração, sairão dois a dois¹⁸, cantando cânticos, da cidade de Saumur, sem se incomodarem com as zombarias dos libertinos, aos quais não responderão senão pela sua modéstia, pelo seu silêncio e seus cânticos de alegria divina.

13º Se fizerem esta viagem desta maneira, estou persuadido de que serão um espetáculo digno de Deus, dos anjos e dos homens¹⁹, e que obterão de Deus, pela intercessão da sua Santa Mãe, grandes graças, não só para eles próprios mas também para toda a Igreja de Deus.

14º É conveniente que não falem dos missionários que lhes deram o presente regulamento; lhes é pedido o segredo afim de que só Deus seja com isto glorificado; porque só ele foi o autor deste propósito, ele também será a sua única recompensa.

15º Quando regressarem, virão prestar contas de todas as cruzes que tiverem levado e de todas as coisas que lhes tiverem acontecido, a fim de que se reze por eles uma missa solene de ação de graças²⁰.

17. Fabricantes e vendedores de terços. A indústria dos terços, diz o *Dictionnaire historique du Maine-et-Loire* (t. III, 49) tinha-se desenvolvido, em Saumur, em torno do santuário de Nossa Senhora dos Ardilliers, a partir do fim do séc. XVI. Localizada na rua que formava o bairro de Fenette, esta indústria ocupava, antes da Revolução, 1000 a 1200 pessoas.

18. “descalços” acrescenta Grandet.

19. Cf. 1 Cor 4,9.

20. “Tudo terminou com a bênção do Ssmo. Sacramento que nos foi dada no domingo seguinte” (Relatório do Pe. Mulot, BESNARD, *Montfort*, L. 8, p. 239).

Grandet escreve: “A viagem deles durou sete dias e a missão terminou com o levantamento do cruzeiro; e embora houvesse então neve muito alta, os Penitentes não deixaram de caminhar descalços” (GRANDET, p. 235).





622

OBRAS COMPLETAS





REGRAS DA POBREZA VOLUNTÁRIA DA IGREJA PRIMITIVA



624

OBRAS COMPLETAS





REGRAS DA POBREZA VOLUNTÁRIA DA IGREJA PRIMITIVA

Este texto, extraído do *Caderno de Anotações*, nele aparece de repente, de maneira insólita, no meio de páginas deixadas em branco. E o tema tratado não tem relação alguma com o teor do resto, centrado, na primeira parte na Sma. Virgem, e, na segunda, em Cristo.

Montfort deve ter tomado estas notas num momento em que o tema da pobreza dos leigos de vida comunitária apresentava para ele um interesse mais imediato.

As *Regras* destinam-se a Irmãos que vivem em comunidade, embora guardando relações bastante estreitas com o seu meio e a sua família.

Não se sabe de que Irmãos se trata. Não foi possível, tampouco, identificar o autor do original onde Montfort se inspirou. Certos arcaísmos na ortografia levam a situá-lo no começo do séc. XVII.

VERDADES FUNDAMENTAIS DESTA POBREZA DE ESPÍRITO

1. Não se pode servir ao mesmo tempo a Deus e ao dinheiro.
2. 1º O dinheiro é o deus da iniquidade. 2º o desejo do dinheiro é a raiz e a fonte de todos os males. 3º é uma infelicidade ser rico.
3. Os que se querem tornar ricos, embora por meios bons: 1º fazem naufragar a sua fé; 2º lançam-se insensivelmente nos laços do demônio; 3º opõem-se ao exemplo de Jesus Cristo, dos apóstolos e dos verdadeiros discípulos de Jesus Cristo. 4º conformam-se com este mundo presente corrompido.
4. A pobreza de espírito é absolutamente necessária para a salvação, seja na abundância das riquezas, seja na grande pobreza. Mas numa e noutra extremidade ela é tão rara que quase todos os ricos e os indigentes se condenam.
5. A pobreza real e voluntária é a mais gloriosa para Deus, a mais salutar para a alma, a mais útil ao próximo e a mais terrível ao demônio.
6. A mais gloriosa para Deus: 1º dela nos deu o exemplo. 2º é o tesouro





escondido, é a pérola preciosa do Evangelho. 3º segundo o sentimento e o exemplo dos maiores santos.

7. A mais salutar para a alma: 1º por ela a cobiça e o amor próprio, a raiz de todos os males, é eliminada. 2º as palavras “meu” e “teu”, que esfriam o mais ardente amor, são destruídas. 3º sobre ela e por ela todas as virtudes são fundadas, geradas e conferidas facilmente. 4º ela suprime os pontos perigosos por onde o demônio, que luta contra nós, pode alcançar-nos e abater-nos. 5º ela nos torna semelhantes a Jesus Cristo. 6º ela nos torna juízes do mundo.

8. A mais útil ao próximo: 1º porque ela lhe devolve tudo o que temos em comum. 2º ela o edifica pelo desapego e pelas virtudes que ela nos faz praticar.

9. A mais terrível ao demônio: porque ela elimina as passagens e os laços que nos arma para nos perder.

10. Por várias razões, pode-se fazer por um ano o voto de pobreza entre as mãos de um sacerdote, mesmo estando no mundo. 1º porque o voto inclui uma glória para Deus e uma perfeição para a alma, que as outras práticas de piedade não incluem. 2º este voto fixa e detém a inconstância da vontade. 3º ele repele os dardos que o demônio lança ou por ele mesmo ou pelo mundo contra este desapego.

11. Parece que é melhor não fazê-lo senão só por um ano, quando a pessoa está no mundo: 1º para não tentar a Deus e para se provar. 2º para unir a boa vontade à obrigação que a pessoa se impõe.

12. Os que quiserem fazer este voto de pobreza voluntária guardarão as seguintes regras:

1º manifestarão sem nenhuma dissimulação o que eles possuem de temporal, seja em imóveis, seja em móveis, seja em dinheiro.

2º é preciso que não tenham dívidas, pelo menos que sejam antigas e consideráveis, e se tiverem, é preciso que comecem a pagá-las.

3º depois de saldadas as suas dívidas, é preciso que ao entrarem tragam para a bolsa comum todo o dinheiro que pensam ter de fato, sem que sejam obrigados a entregar nada; e todos os meses uma vez trarão o que tiverem





ganho e adquirido de supérfluo para sua sustentação;

4º pela santa obediência, que está ligada ao voto de pobreza para retirar a própria vontade do uso necessário dos bens temporais, ser-lhes-á permitido tomar das suas pequenas rendas de patrimônio ou de trabalho: 1º o seu sustento e o da sua família, se a tiverem; 2º uma certa soma para dar aos pobres estrangeiros; 3º guardar os seus pequenos móveis que lhes são necessários sem nenhuma superfluidade.

5º quando morrerem, deixarão os seus bens móveis e imóveis aos seus parentes, se os tiverem e, se não os tiverem, à sociedade dos pobres voluntários;

6º seus funerais serão como os dos pobres, sem nenhuma despesa nem solenidade extraordinária. Eles se farão enterrar no cemitério e jamais na igreja e mostrarão ao superior dos pobres voluntários o seu testamento que farão em hora oportuna.

7º quando algum dos irmãos tiver alguma necessidade, está obrigado pelo seu voto a pedir ao responsável pela bolsa comum o que lhe for necessário para o seu sustento e o seu vestuário ou alguma obra de piedade; e se a soma que se pede é considerável e se ela não for senão para uma obra supererrogatória que não é absolutamente necessária, serão pedidos os pareceres dos irmãos para dá-la.

Nestas condições, nós abaixo assinados, para imitar Jesus Cristo mais perfeitamente, fazemos voto por um ano de pobreza conforme as regras acima referidas, na presença e entre as mãos de um dos nossos irmãos, e pedimos à Sma. Virgem e a São Francisco de Assis, que tomamos como protetores e nossos guardiães, de nos obter de Deus a graça de sermos perfeitamente fiéis a este voto. Feito.





628

OBRAS COMPLETAS





O LIVRO DOS SERMÕES





630

OBRAS COMPLETAS





INTRODUÇÃO AO LIVRO DOS SERMÕES

P. Battista Cortinovia, smm

O MANUSCRITO

O manuscrito dos *Sermões* foi encontrado em 1842 após a descoberta do *Tratado da Verdadeira Devoção*. No contexto do processo diocesano em vista da beatificação, Dom Soyer, bispo de Luçon, publicou dia 10 de maio um decreto ordenando aos párocos e aos fiéis da diocese que fizessem pesquisas para descobrir os escritos do Pe. de Montfort.¹ Por ocasião de uma nova sessão do tribunal, convocada para 15 de junho, o irmão Agostinho, superior geral dos Irmãos de São Gabriel, apresentou um manuscrito encontrado na casa dos Irmãos. Era o manuscrito do *Livros dos Sermões*, que todos consideram “em grande parte do Pe. de Montfort”.

Obra de 482 páginas, na qual mais de 70 páginas ficaram sem escrita. Compreende três partes desiguais: a primeira conta 55 páginas, enquanto a segunda conta quase 300 e a terceira 93.

PATERNIDADE DA OBRA

A grafia é de Luís Grignon, embora a mão do Pe. Mulot e as de alguns outros estejam presentes em certas páginas.

ASSUNTO DA OBRA

Este *Livro dos Sermões* não nos oferece sermões compostos ou pregados pelo santo missionário, mas antes fontes da sua pregação. Aí se encontram transcrições, ou resumos dos pregadores célebres do tempo, entre os quais se distinguem Massillon, Bourdaloue, Leschassier, etc.

A primeira parte reproduz ou resume sermões principalmente de La Volpilière e de Nouet. A segunda apresenta sermões por ordem alfabética de temas, desde *Amour* até *Zèle*; são extratos ou resumos de Lejeune, Leschassier, Lorient, Texier, etc. Encontra-se, além disso, entre as páginas 196 e 197, um *Méthode pour convertir les hérétiques* e uma *Table méthodique pour apprendre*

1. Processo verbal da sessão de 10 de maio de 1842, para a revisão dos escritos do Venerável Servo de Deus.





facilement à traiter des points de foi contre les personnes de la religion prétendue réformée; depois, nas páginas 310-311, um *Méthode du sacrement de pénitence*. A terceira parte oferece poucos sermões, mas estende-se sobre o Rosário com um *Abrégé de la vie, de la mort et passion et de la gloire de Jésus et de Marie dans le saint Rosaire* (p. 396-403), como também *50 motifs qui nous obligent à dire le saint Rosaire* (p. 403-410). Vem depois um *Office des saints anges* (p. 443-458) e, após algumas notas sobre a ressurreição dos corpos (p. 458), as páginas 462-475 tratam da morte: da preparação para a morte e das disposições remotas mas necessárias para bem morrer. E a obra termina com notas sobre a castidade, transcritas pelo Pe. Mulot.

Vários sermões dessa coletânea são provavelmente a fonte de certos cânticos sobre o mundo. Na página 357 encontra-se um texto do Salmo 67, que talvez tenha inspirado os números 19 e seguintes da *Prière embrasée* e, na página 101 um texto de Santo Agostinho (ou atribuído a ele): “Quanta poena, nulla poena” que Montfort traduzia: “Nenhuma cruz, que cruz”.² O santo missionário levava consigo esta biblioteca predicável, que serviria igualmente aos seus sucessores.

DATA DE COMPOSIÇÃO

Esta coletânea de matéria predicável foi começada desde o período do seminário. Blain escreve, com efeito, que “o resto do tempo que ele ficou no seminário, passou-o compilando e preparando matérias de sermões e elaborando um fundo suficiente para falar a qualquer hora e sobre toda a espécie de assunto, como ele o fez depois”.³ Esta “summa” missionária foi, daí em diante, continuamente enriquecida no decurso da vida apostólica de Luís Maria Grignon.

EDIÇÕES

As *Obras Completas*, (p. 1710-1772), contêm alguns extratos deste *Livro dos Sermões*. A primeira e única edição desta coletânea foi publicada por H. Frehen, em 1983, na coleção *Documents et Recherches*, do Centro Internacional Monfortino.⁴

2. Cf. Besnard, *o.c.*, p. 198.

3. Blain, *o.c.*, p. 106.

4. *Le Livre des Sermons du Père de Montfort*, Documents et Recherches, VI, Roma, 1983.





O LIVRO DOS SERMÕES

[PRIMEIRA PARTE : LISTA COMPLETA DOS TEMAS TRATADOS]

DEUS¹

*Quem é como Deus?*²

1. Deus existe, é preciso conhecê-lo e crer nele.
2. Deus é grande, é preciso servi-lo e adorá-lo de verdade.
3. Deus é justo, é preciso temê-lo com temor filial.
4. Deus é bom, é preciso amá-lo de todo o coração.
5. Deus é verdadeiro, é preciso acreditar na sua palavra e praticá-la.

*Páginas do
manuscrito*

1º Sermão.	Deus existe	p. 1
2º Sermão.	Deus é grande	p. 3
3º Sermão.	Deus é justo	p. 7
4º Sermão.	Deus é verdadeiro ³	
	Ordem de pregar a palavra de Deus	p. 11
5º Sermão.	Excelência da palavra de Deus	p. 15
6º Sermão.	Abuso da palavra de Deus	p. 19
7º Sermão.	Deus é bom, é preciso amá-lo de todo coração	p. 25
8º Sermão.	+ Excelência da caridade ⁴	p. 31
9º Sermão.	+ Amor e doçura de Jesus Cristo ⁵	p. 37
10º Sermão.	Da graça	p. 43
11º	+ Da humildade (9 palestras) ⁶	p. 49
12º	Exame de consciência	p. 55

1. Os nove primeiros sermões são planos precisos, prontos para a pregação.

2. Quis ut Deus?

3. Montfort inverteu o 5º e o 4º da sua introdução. Os sermões 4º, 5º e 6º se referem ao 5º. Os sermões 7º, 8º e 9º ao 4º.

4. Cf. CT 5.

5. CT 9. No sermão 9º Montfort tinha escrito antes: “Sobre o amor e a doçura”, e depois acrescentou com uma tinta mais escura: “de Jesus Cristo”. É o último sermão pregado pelo santo durante a missão de Saint-Laurent-sur-Sèvre.

6. CT 8.





8º SERMÃO - EXCELÊNCIA DA CARIDADE⁷

Referências:

CÂNTICO 5

Excelência da Caridade.

Estrofes e

notas marginais:

1. p. A excelência da caridade.

2. p. Suas qualidades.

[1. P. - A EXCELÊNCIA DA CARIDADE]

3. do Coração de
Deus

1º motivo. Ela vem do coração de Deus:
*Deus é amor*⁸; explicar o que é Deus em nós;
explicar a caridade.

4. Deus feito
homem

2º ela é a virtude dominante em Deus...
ela o fez encarnar-se, etc.
*Que por nós homens e por, etc.*⁹

3º ela é o primeiro e o maior dos mandamentos.

- O primeiro.

1º porque foi o primeiro que ele nos deu.

2º é a primeira coisa que devemos fazer.

3º ele deve ocupar o centro do nosso coração.

- O maior máximo.

1º ele se refere a todos os homens, que todos podem
e devem amar a Deus... um não pode jejuar...
outro não pode dar esmola...

2º não se pode fazer nada de maior no mundo, no céu
na terra... é o ouro, é o sol, é o céu.

3º a caridade nos torna grandes neste mundo e no outro
e nos transforma em Deus. 1º o amor encerra toda a lei...
*Teu mandamento é muito amplo*¹⁰. 2º todos os tempos:
é eterno. No céu já não há fé nem esperança,
nem paciência, mas a caridade, etc.

7. S p. 31-35. As grandes linhas deste sermão são tiradas de *La Connaissance et l'amour de Jésus-Christ*, de SAINT-JURE, S. J.

8. Deus charitas est.

9. Qui propter nos homines et propter, etc.

10. Latum mandatum tuum nimis.



6. cumprimento Lei 4º é a plenitude da lei: *o amor é a plenitude da lei*¹¹.
*Ama e faz o que quiseres*¹².

5. Rainha 5º ela é a rainha, a vida, a verdade, o mérito ou o aguilhão e o encanto das virtudes.

1. a rainha: *mas a maior delas é a caridade*¹³.

6. a vida 2. a vida: *se não tenho caridade, nada*¹⁴...
*quem não ama permanece na morte*¹⁵...

6. a verdade 3. a verdade... *Se tiver uma fé... se conhecer os mistérios...
se distribuir... nada sou*...¹⁶

Fantasma enganador de virtude.

7. aguilhão 4. o aguilhão, o encanto e o vínculo:
onde se ama não se trabalha, ou se se trabalha, o trabalho é amado...¹⁷
*todas as coisas são movidas por seus pesos e vão para seus lugares; o
meu peso é o meu amor, sou levado para onde quer que me leve o
meu fervor*¹⁸.

Santo Agostinho *Só o amor não precisa envergonhar-se diante da
dificuldade*¹⁹. Id.

5. o vínculo: *vínculo da perfeição*²⁰.

ela é a grande máquina, que torna fáceis todas as coisas,
por mais difíceis que sejam: *a força do amor é a máquina da
mente, que do mundo a subtrai e leva para Deus*²¹. São Gregório.

8. fazer 1. ela faz tudo com facilidade.

8. deixar 2. deixar tudo com coragem.

8. sofrer 3. sofrer tudo com alegria.

11. Plenitudo legis dilectio.

12. Ama, et fac quod vis.

13. Major autem horum est charitas.

14. Si charitatem non habeam, nihil...

15. Qui non diligit manet in morte...

16. Si fidem habuero... si noverim mysteria... si distribuero... nihil sum...

17. Ubi amatur non laboratur, aut si laboratur, labor amatur...

18. Ponderibus suis aguntur omnia et loca sua petunt; pondus meum, amor meus, illo feror quocumque fervor.

19. Solum amor est quod difficultatis nomen non erubescit. Santo Agostinho, *Confissões*, 13, 9-10, PL 32, 848.

20. Vinculum perfectionis.

21. Machina mentis vis amoris, quae illam a mundo extrahit et ad Deum tollit.





exemplo dos santos: *pela fé vivem, venceram reinos, praticaram a justiça, alcançaram as promessas*²²; com São Paulo (deixar) eles diziam: *tudo considero como perda e tenho na conta de lixo*²³... ou com São Inácio mártir: *o fogo, as feras, as cruzes venham sobre mim como também os tormentos do diabo, contanto que eu me deleite em Cristo*²⁴... *ou quem nos separará do amor de Deus? a perseguição, a angústia... os principados... a altura... o perigo*²⁵.

6º *ela é o sinal e o caráter dos eleitos: não se distinguem os filhos de Deus dos filhos do diabo senão pela caridade*²⁶. Santo Agostinho.

7º *ela une e transforma a alma em Deus. Deus é amor*²⁷ *o que há de mais precioso?; quem permanece no amor, permanece em Deus: que há de mais seguro? e Deus nele: que há de mais agradável?*²⁸. São Bernardo. *Cada pessoa é como o seu amor; amas a terra? és terra; amas a Deus? que digo? Serás Deus*²⁹. Santo Agostinho. *Eu vivo, mas não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim*³⁰.

8º nada é tão fácil, tão útil, nem ao mesmo tempo tão necessário. Tão fácil: nosso coração é feito para amar; nada pode impedi-lo de amar.

22. Per fidem vivunt, vicerunt regna, operati sunt justitiam, adepti sunt repromissiones:

23. Omnia detrimentum feci et arbitrari ut stercora.

24. Ignes, bestiae, cruces veniant in me et tormenta diaboli, tantum Christo fruar.

25. Quis nos separabit a charitate Dei, an persecutio... an angustia... an principatus... an altitudo... an periculum.

26. Non discernuntur filii Dei a filiis diaboli nisi charitate.

27. Deus charitas est.

28. Quid pretiosius, qui manet in charitate in Deo manet, quid securius, et Deus in eo quid jucundius.

29. Talis est quisque qualis est dilectio eius; terram diligis; terra es Deum diligis, quid dicam? Deus eris.

30. Vivo ego, jam non ego, vivit vero in me Christus.





Tão necessário: *Se queres entrar na vida, observa os mandamentos*³¹.

*O que Deus preparou para os que o amam*³². Tão útil: *vou mostrar-vos um caminho mais excelente*³³.

*A grandeza de cada alma se avalia pela grandeza do seu amor, de modo que a que tem muito amor, é grande, a que tem pouco é pequena, a que não tem nenhum, nada é, pois diz o apóstolo: se eu não tiver amor, eu nada sou. São Bernardo.*³⁴

*Se a virtude nos conduz à vida feliz, eu diria que a virtude não é absolutamente nada, senão o sumo amor de Deus. Santo Agostinho. lib. de mor. eccles.*³⁵ *A verdadeira paciência dos justos nasce de onde lhes vem o amor de Deus e a paciência falsa dos iníquos nasce de onde lhes vem a ganância do mundo. Id. lib. de patien., c. 17*³⁶. *A ganância mundana constitui a força dos gentios, e o amor de Deus constitui a força dos cristãos. Conc. Araus., c. 17*³⁷.

[2. P. QUALIDADES DO AMOR DIVINO].

cada um responde que ele ama a Deus: *com mente segura responde: amo a Deus.* São Gregório³⁸. No entanto, nada há de tão raro: *não vos enganeis, irmãos*³⁹. Encontra-se entre os metais o ouro e a prata: o ouro da caridade.

31. Si vis ad vitam ingredi, serva mandata.

32. Quae praeparavit Deus diligentibus eum.

33. Excellentiorum viam vobis demonstro.

34. Quantitas cuiusque animae aestimabitur de mensura charitatis, ut quae multum habet charitatis magna sit, quae parum, parva, quae nihil, nihil, dicente apostolo: si charitatem non habuerit nihil sum. São Bernardo, *Sermo 27 sup. Cant.*, PL 183, 919, n 10.

35. Si virtus ad beatam vitam nos ducit, nihil omnino esse virtutem affirmaverim nisi summum amorem Dei. Santo Agostinho, *lib. de moribus. De moribus ecclesiae catholicae*, L. 1, c. 15. PL 46, 1322.

36. Inde est patientia vera justorum, unde est in eis charitas Dei et inde est patientia falsa iniquorum, unde est in eis cupiditas mundi.

37. Fortitudinem gentium mundana cupiditas, fortitudinem christianorum Dei charitas facit.

38. Secura mente respondet: diligo Deum.

39. Nolite errare, fratres.





A verdadeira caridade é:

1º ativa como um fogo. É uma semente que germina, uma raiz que brota, uma água que corre, um fogo que queima: *o amor de Deus nunca é ocioso, pois faz muitas coisas se ele existe, mas se não pode agir, o amor não existe.* São Gregório.⁴⁰
*Todas as virtudes operam pelo comando da caridade: a fé que opera pela caridade*⁴¹.

2º forte como a morte: *o amor é forte como a morte...*⁴²
ó insuperável virtude da caridade, que superaste o invencível. São Bernardo.⁴³

Amando a Deus, deve-se imitá-lo no seu amor, que é, diz Ricardo de São Vitor: *o amor é insaciável*⁴⁴, que não se cansa; *o amor é inseparável*⁴⁵, que jamais se separa por primeiro; *o amor é insuperável*⁴⁶, que não se enfada com as nossas rebeliões.

3º doce como o mel: *ó jugo do santo amor, como é recebido com doçura, gloriosamente podes agir, suavemente impulsiona, agradavelmente oneras*⁴⁷. São Bernardo.
Minha obra não é de uma só hora, mas se for mais, por causa do amor não sinto. Id.⁴⁸

4º atraente como o amante: *é maior no amor a Deus aquele que mais pessoas atrai ao amor divino.* São Gregório.⁴⁹ *Um coração frio não pode entender palavras ardentes... a língua do amor para quem não ama é bárbara, como um bronze que soa ou um címbalo que tine.* São Bernardo.⁵⁰

40. Nunquam est Dei amor otiosus, operatur enim magna si est, si autem operari nequit, amor non est.

41. Fides quae per charitatem operatur.

42. Fortis est ut mors dilectio...

43. O insuperabilis virtus charitatis, quae invincibilem superasti.

44. Amor insatiabilis.

45. Amor inseparabilis.

46. Amor insuperabilis.

47. O jugum sancti amoris, quam capis, gloriose illa queas, suaviter premis, delectabiliter oneras.

48. Opus meum vix est unius horae etsi plus pro amore non sentio.

49. Ille in amore Dei majus est qui ad eius amorem plurimos trahit.

50. Non potest capere ignitum eloquium frigidum pectus... lingua amoris ei qui non amat barbara est, sicut aes sonans aut cymbalum tinniens.





5º duradoura como a eternidade... *será destruída, etc.*⁵¹

6º Infinita como Deus: *o modo de amar a Deus é amar sem medida.* São Bernardo.⁵²

7º pura como o ouro; 3 espécies de amores:

1. de mercenário;
2. de escravo;
3. de filho.

*Os mercenários cobiçam, os servos temem, os filhos amam. Cada um tem suas leis: os mercenários a ambição pela qual são dominados, os servos o temor que os constrange, os filhos o amor que abraçam. Todos buscam seu próprio interesse*⁵³.

8º enfim fiel à lei de Deus: *a prova do amor é a apresentação de obra. Simão, tu me amas? Apascenta... apascenta... provai a vós mesmos.*⁵⁴

*Não amemos de palavra ou com a boca, mas com obras e de verdade. Pensai naquele que etc.*⁵⁵

Vede tão grande nuvem de testemunhas.. beberam o cálice do Senhor e se tornaram amigos de Deus. Sem dor não se vive no amor... nos espinhos se colhem rosas.

*de todo o coração*⁵⁶:

com todo o nosso coração, quer dizer corajosamente, apesar dos obstáculos⁵⁷.

*com toda a mente*⁵⁸: com toda a nossa mente, quer dizer soberanamente e discretamente: é o amor apreciativo.

51. Sive destruetur, etc.

52. Modus diligendi Deum est amare sine modo.

53. Mercenarii cupiunt, servi timent, filii diligunt. Unusquisque habet legem suam; mercenarii cupiditatem qua astringuntur, servi timorem quo arctantur, filii charitatem quam complectuntur. Omnes quae sua sunt quaerunt.

54. Probatio charitatis exhibitio operis. Simon, diligis me? Pasce... pasce... vos ipsos tentate.

55. Non diligamus verbo neque lingua, sed opere et veritate. Recogitate eum qui etc...

56. Videte tantam nubem testium... calicem Domini biberunt et amici Dei facti sunt. Sine dolore non vivitur in amore... in spinis collige rosas... ex toto corde.

57. Esta frase está riscada no manuscrito.

58. Ex tota mente





*com toda a alma*⁵⁹: quer dizer inteiramente sem divisão e interiormente sem hipocrisia: é o amor terno.

*com todas as forças*⁶⁰: quer dizer corajosamente para fazer tudo, abandonar tudo e tudo sofrer por Deus: é o amor forte.

Conclusão

1. a perda do tempo tão precioso da vida: quando não se ama

a Deus, mesmo que se fizessem milagres. *Perde o que vive, aquele que não ama a Deus.* Santo Agostinho.⁶¹

2. as riquezas imensas que se adquirem produzindo atos de amor de Deus, que têm o poder de apagar os pecados e de aumentar as nossas coroas.

Sabei que pela caridade e com ela alcançaremos a verdadeira felicidade, pois sem ela ninguém verá a Deus. Ela é a fortaleza de todas as virtudes, ela é a promessa do reino, ela é o maior prêmio dos Santos no céu. Santo Agostinho, *Ser. 35 de tempore*⁶².

Se alguém ama, percebe o que eu digo; se tem desejo, tem fome, peregrina nesta solidão, tem sede e aspira à fonte da pátria eterna, se alguém é como o sol sabe o que digo; mas se falo a alguém que é frio, não sabe o que digo. Santo Agostinho, *Serm. De verbis Domini*.⁶³

59. Ex tota anima

60. Ex totis viribus

61. Perdit quod vivit qui Deum non diligit. Santo Agostinho, S p. 32.

62. Per ipsam et cum ipsa charitate beatitudinem veram habituros nos esse sciatis, quia sine hac nemo videbit Deum. Haec omnium arx est virtutum, haec promissio regni, haec praemium summum Sanctorum in caelo. Santo Agostinho, *Serm. 35 de tempore*, S p. 32.

63. Da amantem et sentit quod dico, da desiderantem, da esurientem, da in ista solitudine peregrinantem atque sitientem et fontem aeternae patriae aspirantem, da solem et scit quid dicam, si autem frigido loquor, nescit quid loquor. Santo Agostinho, *Sermo De verbis Domini*, S p. 34.





9º SERMÃO SOBRE O AMOR E A DOÇURA DE JESUS⁶⁴

Exórdio. *Vou pescar*⁶⁵, etc. ou então: *esta é a vida eterna... o mundo não o conheceram... pensaram que era um fantasma... sou eu, não tenhais medo... ninguém conhece o Filho a não ser o Pai e aquele a quem quiser*⁶⁶... acrescentemos: *a não ser a Mãe e aquela a quem*⁶⁷... vós estais enganados, pecadores... *julgaram mal e falaram mal...*⁶⁸ exclamam os que o conhecem. *Não me conheceis*⁶⁹, exclama o próprio Jesus Cristo. Que é Jesus Cristo? É o amor, a doçura, a benignidade, a humanidade mesma: *apareceu o amor*⁷⁰... São João... *apareceu a benignidade e a humanidade*⁷¹, São Paulo... *O que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que percebemos e as mãos*, etc.⁷² diz o favorito familiar de Jesus Cristo.

JESUS É DOCE

1º Segundo as predições dos⁷³ profetas, que o predisseram muito tempo antes do seu nascimento.

2º Segundo os princípios que o produziram.

3º Segundo o nome que lhe é próprio.

4º Na maneira como ele veio.

5º *Doce no rosto*⁷⁴.

6º *Doce na boca*⁷⁵.

7º *Doce na ação*⁷⁶.

8º Na sua conduta:

64. S p. 37-41. Este sermão é tirado do livro de Jacques Nouet, S. J., *Jésus, le Saint des Saints*, como também o sermão seguinte que tem como título: *L'Eclat de l'Humilité*.

65. Vado piscare.

66. Haec est vita aeterna... mundus eum non cognovit... putaverunt phantasma esse... ego sum, nolite timere... nemo novit Filium nisi Pater et cui voluerit...

67. Nisi Mater et cui...

68. Male senserunt, male locuti sunt...

69. Non me cognovistis...

70. Apparuit charitas...

71. Apparuit benignitas et humanitas...

72. Quod audivimus, quod vidimus oculis nostris, quod perspeximus et manus, etc. *1Jo 1,1*.

73. "As predições de": riscado no manuscrito.

74. Dulcis in facie.

75. Dulcis in ore.

76. Dulcis in opere.





- 1º Durante sua vida...
1º Pequeno para com as crianças.
2º Familiar com os pobres.
3º Caridoso para com os apóstolos.
4º Misericordioso para com os pecadores.
5º Paciente com seus inimigos.
- 2º Durante a sua paixão
3º Após a sua Ressurreição...
4º Doce agora mais que nunca.

ASE 119

1º Jesus é doce segundo os profetas.
*Minha alma nele se compraz*⁷⁷, diz Deus.
Porque...
1. *não clamará nem fará ouvir sua voz.*
2. *não será triste nem turbulento.*
3. *não quebrará o canço rachado*
e não extinguirá o pavio que ainda fumeja.
4. *calou-se como o cordeiro diante de quem o tosquia...*
*como a ovelha conduzida ao matadouro*⁷⁸. Isaías, 42 etc.

ASE 118

N (Nouet), I Entr.
N, I Consi.

2º Jesus é doce em seus princípios
1. No seio do Pai eterno onde ele está desde
toda a eternidade e onde era sua morada, diz
São Bernardo, na fonte da piedade e a quem
a doçura é natural...
É dele a fonte da piedade que emana, a ele é familiar e con-
*substancial a bondade*⁷⁹.

Como no céu é o Pai, assim na terra é o Filho: tal
mãe, tal filho. Hugo de São Vítor, in *Miscell*⁸⁰.
*Os seios do Pai e da Mãe.*⁸¹

77. Complacuit sibi in illi anima mea, *IS* 42,1.

78. Non clamabit nec audietur vox ejus foris, non erit tristis neque turbulentus, calamum quasatum non conteret et lignum fumigans non extinguet. Tanquam agnus qui coram tondente se obmutuit...sicut ovis ad occisionem ductus.

79. Cui fons pietatis emanantis, cui familiaris bonitas, cui substantialis bonitas.

80. In caelo qualis Pater, talis filius, in terra qualis mater talis filius.

81. Mamilla Patris et Matris.





- ASE 118 2. Pelo dom que nos fez dele por pura caridade. *De tal modo Deus amou o mundo*, etc.⁸²
- N, II Consi. 3. Concebido por obra do Espírito Santo, que é o próprio amor, e como diz a Igreja: *Pai dos pobres, ótimo consolador, doce hóspede da alma, doce refrigério*.⁸³
- ASE 118 4. Nascido de Maria, que é a mais doce de todas as criaturas: *Dentre todas a mais terna... nada nela é austero* etc..⁸⁴
- N, III Consi. 5. Ele é a Sabedoria increada e encarnada. Que doçura.

3º [Jesus é] doce em seu nome... *manso cordeiro*...⁸⁵
ASE 119 *ovelha... dizem os profetas*.

ASE 120 Doçura de um cordeiro: *eis o cordeiro de Deus*⁸⁶, diz seu precursor, que o conhecia melhor que nenhum homem do mundo. *Eis-me... Eu sou Jesus*⁸⁷, diz ele... Doçura do nome de Jesus.

4º Doçura na maneira como veio.

- N, II Entr. 1º Como era terrível antes da sua Encarnação.
- N, 1 Consi. 1. Não se ousava aproximar-se do lugar onde ele estava. Exemplo da montanha do Sinai e da sarça ardente.
- N, 2 Consi. 2. Não se ousava escutar sua voz. Adão disse: *Ouvi a vossa voz e tive medo... Não nos fale o Senhor*⁸⁸, diziam os Israelitas.
- N, 3 Consi. 3. Não se ousava olhar para ele: *pois o homem não pode ver-me e viver. Com certeza morreremos, porque vimos o Senhor*.⁸⁹
- IV Entr. 4. Não se ousava aproximar-se de sua sede viva, que era a arca e que levava por toda a parte os traços funestos da morte. Ela puniu Oza por causa da sua temeridade...os 50 mil betsamitas por causa da sua curiosidade e os filisteus por causa da sua impiedade.

82. Sic Deus dilexit mundum, etc.

83. Pater pauperum, consolator optime, dulcis hospes animae, dulce refrigerium.

84. Inter omnes mitis... nihil in ea austerum etc.

85. Agnus mansuetus...

86. Ecce agnus Dei...

87. Ecce... Ego sum Jesus.

88. Audivi vocem tuam et timui... Non loquatur nobis Dominus.

89. Non enim videbit me homo et vivet. Forte moriemur, quia vidimus Dominum.





N, IV Entr.

N, 2 Consi.

N, IV Entr.

5. Era o Deus das vinganças,
Sensível ao desprezo e pronto a ficar encolerizado
contra os pecadores... difícil de suportar. Logo que
era cometido um pecado, ele era seguido do suplício...
a terra se abria, o fogo caía, as serpentes devoravam.
Até seus favoritos não estavam ao abrigo de suas
vinganças... exemplo de Moisés.

N, 2 Consi.

N, 2 Consi.

6. Quase não ousavam falar-lhe; Abraão, por exemplo:
*Falarei ao Senhor embora eu seja pó e cinza*⁹⁰. Jacó pensou
que ia morrer de terror por tê-lo visto em seu sono
naquela escada misteriosa e não jurava senão: *por temor
do seu pai Isaac...*⁹¹ e não... *amor...* mas depois da sua
Encarnação ele abandonou esses terrores. Tornou-se tão
familiar e tão acessível que todo mundo pode vê-lo, sem
ser ofuscado. Por caridade ele se despojou de seu esplên-
dor... falar-lhe sem medo, aproximar-se dele e entreter-se
com ele.

N, II Entr.

N, 1 Consi.

2º O filho de Deus, Jesus Cristo, veio

1. *Como a chuva no velo*⁹² e não com pompa, com
rumor e trovão: *muda os raios em chuva*⁹³.

N, 2 Consi.

2. Como um doce zéfiro... é assim que ele fez
ver ao profeta Elias a doçura do seu espírito pela manei-
ra como viria: *o Senhor não estava no vento, nem no terremo-
to, nem no fogo*⁹⁴.

N, 3 Consi.

3. Como uma doce aurora... *não tenhais medo,
ele não vem com armas para punir, mas nos procura para
salvar-nos... ele se fez pequeno, a Virgem mãe enfaixa os tenros
membros, e ainda trepidante*⁹⁵; São Bernardo... *A infância que*

90. Loquar ad Dominum cum sim pulvis et cinis.

91. Per timorem patris sui Isaac...

92. Sicut pluvia in vellus.

93. Fulgura in pluviā fecit.

94. Non in spiritu Dominus, non in commotione Dominus, non in igne Dominus.

95. Noli timere, non venit cum armis non puniendum, sed salvandum requirit... parvulus factus est, tenera membra Virgo mater alligat, et adhuc trepidans.





*a barbárie não venceu, que não mitiga a ferocidade, não quebra a dureza. Assim quis nascer aquele que quis ser amado... São Bernardo.*⁹⁶

N, IV Entr.

4. J. C. chama os pastores e os reis ao seu presépio, e eles todos ficam encantados e vencidos pelas doçuras do seu semblante e os atrativos de sua presença.

ASE 121

5º [Jesus é doce] no seu semblante... Ele encantou os pastores em sua rudeza, os reis em sua altivez, no seu nascimento...
[As crianças] na sua tenra idade iam vê-lo à porfia.

ASE 122

6º [Jesus é] doce em sua boca: *a lei da clemência está na sua língua... seus lábios são um favo que distila... mel e leite sob a sua língua...*⁹⁷

ASE 123

N, IV Entr.

7º [Jesus é] doce em toda a sua conduta.
1º durante sua vida

1. pequeno para com as crianças... *deixai vir a mim as criancinhas*⁹⁸.

2. terno para com os aflitos: *vinde a mim todos...*⁹⁹

3. familiar com os pobres: *evangelizar os pobres*¹⁰⁰...
Eles o seguiam com devoção...

N, 1 Consi.

todo o povo ficava tão santamente encantado, que os fariseus, invejosos com este grande concurso, diziam: *vede que nada nos adianta, eis que todo mundo corre atrás dele*¹⁰¹. Até os gentios vinham para vê-lo: *queremos ver Jesus...*¹⁰²

96. Infantia quam barbariem non vincit, quam feritatem non mitigat, quam durtiam non resolvit. Sic ergo nasci voluit, qui voluit amari...

97. Lex clementiae in lingua ejus... favus distillans labia eius... mel et lac sub lingua ejus...

98.... sinite parvulos ad me venire.

99. Venite ad me omnes...

100. Pauperibus evangelizare...

101. Videtis quia nihil proficimus, ecce mundus totus post eum abit.

102. Volumus Jesum videre...





ASE, 124

4. Caridoso e condescendente para com os apóstolos que ele escolheu: homens simples, grosseiros, ignorantes, destituídos de bens, de crédito, de habilidade, cheios de imperfeições e de defeitos. *Um tão grande Senhor e mestre no meio deles, isto é, no meio de pescadores rudes e pecadores, estava como quem serve.* Claud. Aquavi.¹⁰³ *Com quanta doçura, ó Senhor Jesus, convivestes com os homens.* São Bernardo.¹⁰⁴

ASE, 125

N, III Entr.

N, 2 Consi.

5. Misericordioso para com os pobres pecadores:

1. Jamais usou do seu poder para se vingar, senão no caso de uma figueira, quando ele fez um ensaio: um caniço rachado, etc..¹⁰⁵

ASE, 125

2. Exemplos dos¹⁰⁶ ele repreendeu seus apóstolos, que queriam fazer descer o fogo... *não sabeis de que espírito sois... não vim para condenar os homens mas para salvar*¹⁰⁷.

N, III Entr.

3. Suas palavras de bondade: *não vim chamar os justos mas os pecadores... curar os contritos de coração... buscar e salvar o que estava perdido... quantas vezes eu quis reunir*¹⁰⁸. Suas lágrimas de compaixão: *Jesus chorou. Eis como o amava*.¹⁰⁹

N, 2 Consi.

4. Exemplos de sua bondade e misericórdia: 1º para com a Samaritana, depois de estar cansado... *Jesus estava cansado*...¹¹⁰ 2º ... da Madalena... 3º da mulher adúltera.

Somente por causa da mansidão que em ti é exaltada, correremos atrás de ti, Senhor Jesus, ouvindo que não desprezas o pobre, não tens horror ao pecador. Não rejeitaste o ladrão arrependido, nem a pecadora que chorou; nem a Cananea que suplicava, nem a que

103. Tantus Dominus et tantus magister in medio eorum, hoc est, vilissimorum hominum piscatorum... et peccatorum, sic versabatur, sicut qui ministrat.

104. Quam dulciter Domine Jesu cum hominibus conversatus es.

105. Calamum quassatum, etc.

106. Palavras riscadas no manuscrito.

107... nescitis cujus spiritus estis... non veni homines perdere sed salvare.

108. Non veni vocare justos sed peccatores... sanare contritos corde... quaerere et salvum facere quod perierat... quoties volui congregare.

109. Lacrimatus est Jesus. Ecce quomodo amabat.

110. Fatigatus est Jesus.





*foi surpreendida em adultério, nem o que estava sentado no telônio, nem o publicano que suplicava, nem o discípulo que negou, nem o perseguidor dos discípulos, nem os próprios algozes teus... corremos atrás do teu odor. São Bernardo*¹¹¹.

2º durante a sua paixão... no lava-pés: *tu me lavas os pés*¹¹²; no Jardim das Oliveiras: *Simão, dormes...*¹¹³

*o espírito está pronto, mas a carne é fraca...*¹¹⁴ no beijo de Judas: ó Judas, como a tua perfídia é monstruosa e infame; tu te aproximas como um amigo, *amigo*; tu o saúdas como um discípulo a seu mestre: *salve Mestre*; tu o beijas como um filho a seu pai... *com um beijo entregas o filho do homem*¹¹⁵; e como uma cruel serpente tu o envenenas com teu hálito... Jesus lhe diz: *amigo... se um inimigo meu me maldisse*¹¹⁶ ... em toda a sua paixão... *Jesus porém se calava...*¹¹⁷ na cruz: *Pai, perdoai-lhes ... hoje estarás comigo no paraíso...*¹¹⁸

3º depois da sua ressurreição... *um cordeiro no presépio, um cordeiro nascendo entre publicanos e pecadores, cordeiro na cruz, cordeiro no sacrifício incruento, mas o que há de mais admirável: é cordeiro até no meio do trono.*¹¹⁹

Após a sua ressurreição ele ficou por amor 40 dias com seus apóstolos. *Salve*, diz ele às mulheres que o procuravam permitindo-lhes beijar seus pés. *Maria*, diz ele a Maria... que alegria deu ele a São Pedro: *apareceu a Simão...*¹²⁰ aos

111. Omnino propter mansuetudinem, quae in te praedicatur, currimus post te, Domine Jesu, audientes quod non spernas pauperem, peccatorem non abhorreas. Non horruisti confitentem latronem nem lacrimantem peccatricem; non Cananean supplicantem, non deprehensam in adulterio, non sedentem in telonio, non supplicantem publicanum, non negantem discipulum, non persecutorem discipulorum, non ipsos crucifixoos tuos... in odore horum currimus. São Bernardo, *Sermo 22 in Cant.*, PL 183, 881, n° 8.

112. Tu mihi lavas pedes?

113. Simon, dormis?

114. Spiritus quidem promptus est, caro autem infirma...

115. Osculo filium hominis tradis?

116. Amice... si inimicus meus maledixisset mihi...

117. Jesus autem tacebat...

118. Pater dimitte illis... hodie mecum eris in paradiso.

119. Agnus in praesepio, agnus inter publicanos et peccatores nascens, agnus in cruce, agnus in sacrificio incruento, sed quid magis mirum: agnus est et in medio throni... Claud. Aquav...

120. Apparuit Simoni...





discípulos de Emaús: *acaso o nosso coração etc.*¹²¹ Há coisa mais deslumbrante do que sua aparição geral aos apóstolos no cenáculo no próprio dia da ressurreição? Imaginai José que se dá a conhecer aos seus irmãos e, lançando-se-lhes ao pescoço, os abraça... *eu sou José, vosso irmão...*¹²² Mas que excesso de clemência quando ele voltou oito dias depois após retirar São Tomé da sua incredulidade... o crime deste apóstolo era grande. Havia nele infidelidade, orgulho... desprezo do próximo, teimosia, porque ele estava resolvido a não crer se não visse e não tocasse com suas mãos... ora, discípulo infiel, se vem um anjo do céu nele não acreditais?; *se eu não vir, não acreditarei*¹²³. A Ssma. Virgem não disse... *não acreditarei. O faça-se nos permite ver sem tocar; não acreditarei etc.*¹²⁴ A sua aparição a São Paulo: *Eu sou Jesus.*¹²⁵

4º [agora]

enfim ele é ainda agora tão misericordioso como nunca... ele não subiu ao céu senão para nos abrir a porta dele e nos atrair a ele: *quero que onde Eu estiver...*¹²⁶

Se ele é todo-poderoso, é para nos ajudar: *Jesus de pé... cordeiro imolado...*¹²⁷ se ele tem a imortalidade, é para: *sempre vivo para interceder por nós*¹²⁸.

Exemplo do bom sacerdote Carpus.

Aparição de um menino no Ssmo. Sacramento.

*A benignidade de Deus conduz à penitência...*¹²⁹

Há aqui alguma pobre Madalena... algum, etc. *Sou eu, não temais.*¹³⁰

121. Nonne cor nostrum etc.

122. Ego sum Joseph, frater vester..

123. Nisi videro, non credam.

124. Non credam; non credam.

125. Ego sum Jesus.

126. Volo ut ubi sum Ego..

127. Jesum stantem... agnum occisum...

128. Semper vivens ad interpellandum pro nobis.

129. Benignitas Dei ad paenitentiam conducit...

130. Ego sum; nolite timere.





A ira misericordiosa é a que se irrita para socorrer, ameaça para poupar, retira para restituir, entrega para arrebatrar, destrói para fortalecer, rejeita para acolher. Berengário Abade.¹³¹

Agora podes me ferir: estou preparado para sofrer de novo pela salvação dos homens... São Dionys, In Epis. Ad Demophil.¹³²

Quer sempre entrar, mas não quer irromper importunamente. Santo Ambr.¹³³

*É a misericórdia que quero.*¹³⁴

Exemplo do pai do filho pródigo.

11º SERMÃO O FULGOR DA HUMILDADE¹³⁵

- 1º ponto: Sua excelência
 - 2º ponto: Suas razões de humildade
 - 3º ponto: Suas vitórias e seus frutos
 - 4º ponto: Seus graus e suas práticas
- 9 palestras

1ª PALESTRA

- 1º ponto: 1- Sua excelência
- 2- Sua necessidade
- 1º É a lição de Jesus Cristo somente com exclusão dos outros mestres
- 2º Lição sublime daquele que tem a plenitude...
- 3º Lição necessária sem a qual...
- 4º Lição fácil dos simples e pobres...
- 5º Lição precedida, acompanhada e seguida de seu exemplo: 1º ao nascer... 2º durante sua vida... 3º na sua morte.

131. Ira misericors, quae sic irascitur, ut subveniat; sic... minatur ut parcat; sic aufert, ut restituat; sic tradit, ut eripiat; sic destruit, ut muniat; sic abjicit, ut recipiat. Berengário Abade, *Serm. I in Nat. Martyr.*, PL 160, 1014 B.

132. Jam percutere adversum me: paratus enim sum etiam iterum pro salvandis hominibus pati...

133. Vult semper intrare sed non vult importunus irruere.

134. Misericordiam volo.

135. S p. 49-55.





2. É o fundamento, a guardiã e a perfeição das virtudes.¹³⁶

Quanto é grande a virtude da humildade, somente ela é digna de ser ensinada, revela-o aquele que sendo incomparável, se fez pequeno até à paixão da morte. São Gregório, Lib. 34 mor.¹³⁷

Deus é humilde para ensinar ao homem a não ser soberbo. São Gregório.¹³⁸ O nosso pequenino, ao entrar no mundo, trouxe esta primeira graça. São Cip.¹³⁹

Esta é a primeira entrada da religião, como foi a primeira entrada de Cristo no mundo. São Cip.¹⁴⁰

A aurora, que afugenta as trevas e anuncia a luz. São Bernardo¹⁴¹. O Cristo Senhor é uma humilde porta; quem entra por ela deve ser humilde para entrar com boa saúde. Abade Guerric¹⁴².

2ª PALESTRA

1. *Aprendei de mim...*¹⁴³ Jesus Cristo foi o mais humilde de todos os homens¹⁴⁴.

2. Que razões ele teve para amar tanto a humildade.

Ele foi o mais

1º porque ele tinha infinitamente mais graças. Quanto mais bens espirituais a pessoa possui, mais ela é humilde; quanto mais bens do mundo ela possui, mais ela é soberba...

2º porque ele tinha mais luzes. A humildade é filha da verdade: para ser humilde, é preciso conhecer perfeitamente Deus e o homem... Ora Jesus Cristo...

136. Esta frase está riscada no manuscrito.

137. Quanta humilitatis virtus est, propter quam solam veraciter edocendam is qui sine aestimatione veraciter magnus est usque ad passionem mortis factus est parvus. São Gregório *Moralium Libri*, L. 34, c. 23, PL 76, 748, n. 54.

138. Ut superbum non esse hominem doceret humilis Deus. (Idem).

139. Hanc primam gratiam ingrediens mundum noster parvulus attulit.

140. Hic est primus religionis ingressus sicut in mundum primus Christi ingressus. São Cipriano, *S. de Nat. Christi*.

141. Aurora, quae fugat tenebras et lucem nuntiat. São Bernardo, *Serm.* 91, *De Tribus missionibus*, PL 183, 711, n. 3.

142. Humilis est janua Christus Dominus; qui intrat per hanc januam, oportet humilis esse ut sano capite intrare possit. Abade Guerric; Santo Agostinho, *Tract.* 45, in *Joan.*, PL 35, 1721, n. 5.

143. Discite a me...

144. Cf. CT 9, 10 s.





A humanidade de Jesus Cristo é: *um ponto acrescentado a uma linha infinita*¹⁴⁵. São Tomás.

O humilde tem dois olhos: 1º um para contemplar a majestade de Deus; o 2º para ver a baixeza do homem e seu nada e seu pecado. Ou antes 4, segundo São Gregório: um olho de águia para contemplar a divindade, um de homem para amar o próximo, um de leão para odiar o mundo e um de boi para se desprezar¹⁴⁶.

3º porque Jesus Cristo tinha mais amor; existe uma humildade que não vem da verdade e não tem amor, é por isso que ela é falsa; mas aquela que a verdade e a caridade formam é a única verdadeira.

Jesus Cristo não tinha amor próprio porque ele não tinha o Eu do homem, não tendo senão uma pessoa divina.

Quando os santos se veem desprezados, creem que se lhes faz justiça e não se enganam; mas Jesus Cristo, conhecendo sua santidade, etc. humilhou-se por amor de nós...

4º porque Jesus Cristo tinha mais excelência que qualquer um... *ele tinha condição divina* etc.¹⁴⁷ Os exemplos de vários grandes que se humilharam, não são comparáveis ao de Jesus Cristo... *Por mais que...*¹⁴⁸

1. *A soberba é sinal de esterilidade e fraqueza de alma.* São Nilo¹⁴⁹.

*Ninguém conhece o Pai [a não ser o Filho, etc.].*¹⁵⁰

2. *O Filho único que está no seio do Pai, ele mesmo nos revelou*¹⁵¹.

*Eu sou um homem que conheço a minha pobreza*¹⁵²... *o último dos homens*¹⁵³...

3. *Existe uma humildade que a verdade nos concede, e não tem calor e existe uma humildade que a caridade forma e inflama.* São Bernardo¹⁵⁴.

145. Punctum additum lineae infinitae.

146. OA 21.

147. Qui cum forma Dei esset etc.

148. Quantumvis...

149. Superbia sterilitatis ac fragilitatis animae indicium est. São Nilo, de *Sup.*

150. Nemo novit Patrem [nisi Filius, etc.]. *Mt* 11,27.

151. Unigenitus qui est in sinu Patris, ipse enarravit nobis. *Jo* 1,18.

152. Ego vir videns paupertatem meam. *Lm* 3,1.

153. novissimum virorum... *Is* 53,3.

154. Est humilitas quam nobis veritas parit, et non habet calorem; et est humilitas quam charitas format et inflamat. São Bernardo, *S. 42 in Cantica*, PL 183, 990, n. 6.





Mostra-me alguém ou do número daqueles que parecem apresentar-se como luz das nações, não mais desejoso de honrarias do que ardoroso... São Bernardo¹⁵⁵.

*Cristo não agradou a si próprio.*¹⁵⁶

A cada um foi dada a medida da humildade segundo a medida da própria grandeza. Santo Agostinho.¹⁵⁷

Por mais que alguém se humilhe, mais humilde que Cristo não será. Primasius, in *epistola ad Philippenses*.¹⁵⁸

3ª PALESTRA

Duas razões pelas quais Jesus Cristo tanto amou a humildade e nós devemos amá-la a seu exemplo.

1. A humildade [é] o alicerce... a raiz... e a guardiã de todas as virtudes¹⁵⁹.

Explicação dos alicerces de uma casa. Cava-se¹⁶⁰. A humildade [é] o alicerce e a fé é a primeira pedra. Virtudes sem humildade são virtudes aparcentes e ocas.

Aplicação das raízes de uma árvore à humildade.

1º As flores e os frutos vêm delas e sem elas... 2º Elas são ocultas, pisadas, sem beleza. 3º Quanto mais as raízes se aprofundam na terra, mais a árvore tem força, seiva e fruto.

A humildade é o termo, o repouso e o porto das virtudes.

Explicação dos trabalhos, dos combates e das tempestades que é preciso aguentar para atingir este porto.

2. A humildade é a maior de todas as virtudes sem que ela o saiba; ela torna o homem semelhante a Deus. 1º Deus não age fora senão descendo, assim também o humilde. 2º Deus não age senão para sua glória. 3º Deus não pode estimar senão a ele, assim...

155. Quem mihi ostendas vel de illorum numero qui videntur dari in lucem gentium, non magis de sublimi fumantem, quam flammantem... São Bernardo, *De Vita et rebus gestis S. Malachiae*, PL 1182, 1073, n. 1.

156. Christus non sibi placuit. Cf. o texto riscado no início do sermão.

157. Mensura humilitatis cuique ex mensura ipsius magnitudinis data est.

158. Quantumvis se quisque humiliet, humilior Christo non erit. Primasius, in *epistola ad Philippenses*.

159. Cf. o texto riscado no início do sermão.

160. Estas duas palavras foram riscadas no manuscrito.





3. Ela é muito agradável a Deus: 1º porque ela é uma coisa rara... 2º Deus aí habita 1 - no céu sobre os querubins e serafins, que eram os mais humildes dos anjos; 2 - na terra no seio de Maria por...

Ó humildade, estreita para si, ampla para a divindade. Guerrico Ab.¹⁶¹. *Por ser pequena agradei ao Altíssimo.*¹⁶²

O início de todo pecado é a soberba. Eclo 10¹⁶³.

*Ninguém pode colocar outro fundamento...*¹⁶⁴

*A pedra porém era Cristo.*¹⁶⁵

*Lançará raiz para baixo e dará fruto em cima*¹⁶⁶, 2 Rs 19. *A humildade é o termo das virtudes e descansa feliz na sua pequenez, diz o imperador Marcial*¹⁶⁷.

*Aprende de mim porque... e alcançareis repouso...*¹⁶⁸

Detalhe das virtudes que não podem existir sem a humildade, etc. A humildade é a maior de todas as virtudes, mas não sabe que é virtude. Guerrico Abade¹⁶⁹.

O homem humilde é semelhante a Deus, e no templo do seu peito gera-o. São Basílio.¹⁷⁰

*Não a nós, Senhor, etc.*¹⁷¹.

*A minha glória é nada*¹⁷².

Os homens costumam ver com prazer coisas novas e inusitadas. Deus, sendo rico, tem tédio das riquezas, sendo poderoso, não gosta de ver poderosos; sendo sábio, mal observa os sábios; mas gosta de ver os pobres contritos e fracos, porque trazem algo de novo a Deus. São Oleaster, sobre o cap. 66 de Isaías, comentando as palavras: *sobre quem descansará o meu espírito, senão sobre o humilde e o abatido, e o que trema diante das minhas palavras...*¹⁷³

161. O humilitas angusta sibi, ampla divinitati. Guerricus Abade, S. 3 in *Assumptione BM*, PL 185, 196, n. 4.

162. Cum essem parvula placui Altissimo.

163. Initium omnis peccati superbia. *Eclo* 10,15.

164. Fundamentum enim aliud nemo potest ponere...

165. Petra autem erat Christus.

166. Mittet radicem deorsum et faciet fructum sursum.

167. Humilitas virtutum terminus et requiescit parva salutaris.

168. Discite a me quia... et invenietis requiem...

169. Humilitas omnium virtutum maxima, cum tamen virtutem se esse nesciat. Guerricus Abade, *Sermo 2 de Parab. Filii prodig.*, PL 185, 99, n. 4.

170. Vir humilis est Deo similis, et in templo pectoris sui gestat eum. São Basílio, *Admon. ad fil. spirit.*, PL 103, 692 B, c. 10.

171. Non nobis Domine, etc. *Sl* 115,1.

172. Gloria mea nihil est. *Jo* 8,54.

173. Solent homines nova et inassecta libenter videre. Deus cum sit dives, fastidit divitias, cum sit potens, potentes non libenter videt; cum sit sapiens, sapientes vix advertit; pauperes vero libenter contritos, et impotentes, quoniam quid novi afferunt apud Deum. Oleaster, in Isaia c. 66 in haec verba: super quem requiescet Spiritus meus, nisi super humilem et quietum, et trementem verba mea...





4ª PALESTRA

3º. Deus olha os humildes com complacência. *Olha para os humildes, do alto e de longe os conhece*, etc.¹⁷⁴

1 - Para livrá-los de seus males: *humilhei-me e ele me libertou*¹⁷⁵; Deus costuma não dar socorro a seus grandes amigos a não ser no desespero de seus negócios e nas suas mais atrozes humilhações. 2 - Para os atender: *sempre te agradou a súplica dos humildes e dos mansos*. Judite 9¹⁷⁶. *A oração daquele que se humilha penetra as nuvens*. Eclo 35¹⁷⁷. 3 - Para elevá-los a ele. *Se alguém é pobre, venha a mim*¹⁷⁸. 4 - Para revelar-lhes seus segredos: *Eu te louvo*, etc.¹⁷⁹. 5 - Para os consolar: *que consola os humildes*¹⁸⁰. Procurais a elevação? Chega-se à montanha pelos vales. 6 - Porque o orgulho é um veneno, que a seus olhos transforma todas as virtudes em vícios; ao contrário, a humildade é o antídoto de todos os vícios... *Um coração contrito e humilhado, ó Deus, não desprezará*¹⁸¹.

Sê humilde e calmo, para que Deus habite em ti. Santo Agostinho.¹⁸²

Não teme a casa que treme, porque ele a firma. Idem¹⁸³. *Na plenitude da humildade repousou a plenitude da divindade*. Guerrico¹⁸⁴.

*A humildade de Cristo é a chave da ciência; quem a possui compreende as Escrituras*¹⁸⁵.

Quem se humilha será exaltado.¹⁸⁶

Se buscas a altura, é pelo vale que se chega ao monte; procuras a sede da claridade, bebe primeiro o cálice da humildade. Santo Agostinho, S. 16 de Martyr.¹⁸⁷

Esta cátedra está reservada para o humilde Francisco. São Boavent.¹⁸⁸.

174. Humiles respicit alte a longe cognoscit, etc.

175. Humiliatus sum et liberavit me.

176. Humilium et mansuetorum semper tibi placuit deprecatio. Jt 9,16.

177. Oratio humilientis se penetrat nubes. Eclo 35, 21.

178. Si quis est parvulus veniat ad me. Pr 9,4.

179. Confiteor tibi, etc. Mt 11,25.

180. Qui consolatur humiles. 2Cor 7,6.

181. Cor contritum et humiliatum Deus non despiciet. Sl 50,19.

182. Esto humilis et quietus, ut in te habitet Deus. São Agostinho, Enarratio in Ps. 92, PL 37, 1186, n. 6.

183. Non timet trementem domum, quia ipse illam firmat.

184. In plenitudine humilitatis requievit plenitudo divinitatis. Guerrico, 3 in Assumptionem B.V., PL 185, 196, n. 4.

185. Scientiae clavis humilitas Christi, quam qui habent, scripturas intelligunt. Cf. Lc 11,52.

186. Qui se humiliat exaltabitur. Lc 18,14.

187. Altitudinem quaeritis, per vallem pervenitur ad montem; sedem quaeritis claritatis, prius bibite calicem humilitatis.

188. Haec sedes humili servatur Francisco. São Boaventura, In vita Franc.





A soberba transforma remédios em doenças, a medicina em enfermidade, a santidade em crime, a expiação em pecado, [a propiciação em separação.] São Crisólogo¹⁸⁹.

Busca mais que todas unicamente a humildade, que é mais sublime que qualquer virtude, para que possas chegar ao topo da perfeição. São Basílio¹⁹⁰.

5ª PALESTRA

4. Ela é a virtude própria e conveniente a Jesus Cristo. 1º na qualidade de Salvador: tendo o homem caído por orgulho. 2º na qualidade de Vencedor do demônio e do mundo: é a sua espada. 3º na qualidade de Rei: sua humilhação é um milagre maior que sua criação. 4º na qualidade de Filho de Maria: *Ó Senhor, sou vosso servo e filho de vossa serva.... Eis a serva... Os filhos são como a mãe¹⁹¹; os filhos seguem as inclinações de suas mães.* 5º na qualidade de Pai da humildade. 6º [na qualidade] de Filho do homem.

5. Ela é a síntese de toda a perfeição cristã. *Ninguém pois queira brilhar aqui, ninguém tenha presunção, ninguém se exalte¹⁹².* Ela é a fonte dos vales. *Vós que fazeis brotar fontes nos vales.*¹⁹³

O homem soberbo estaria perdido para sempre, se um Deus humilde não o encontrasse. Amemos a planta da humildade, cujo fruto é o céu. Santo Agostinho. O próprio Nosso Senhor Jesus Cristo não venceria, se não fosse humilhado¹⁹⁴.

Como, pois, não mais agrada a sublimidade humilhada, a imensidão aniquilada e a divindade

encarnada? Que há de mais belo que esta variedade? Gilberto abade.¹⁹⁵

189. Superbia de remediis creat morbos, [conficit] de medicina languorem, sanctitatem vertit in crimen, placationem facit reatum, [generat de propitiatione discrimen.] São Crisólogo, *Sermo 7: De hypocrisi et eleemos*, PL 52, 206 A.

190. Soli prae omnibus humilitati stude, quod est omni virtute sublimius, ut ad perfectionis fastigium possis ascendere. São Basílio, *Admon. ad fil. spir.*, c. 10, PL 103, 692.

191. Domine quia ego servus tuus et filius ancillae tuae... Ecce ancilla... Filii matri sunt.

192. Nemo ergo hic fulgere quaerat, nemo sibi arroget, nemo se jactet.

193. Qui emittit fontes in convallibus.

194. Homo superbus in aeternum periret, nisi illum Deus humilis inveniret. Humilitatis planctum diligamus, cujus fructus caelum est. Ipse Dominus noster Jesus Christus non vicisset, nisi humiliatus fuisset. São Novatus, *Sententia de Humil. et Obed. et de calcanda Superbia*, PL 18, 67 B.

195. Quomodo enim non plus placebit humiliata sublimitas, exinanita immensitas, et divinitas incarnata? Ista varietate quid pulchrius.





[Sua necessidade]

2º. A humildade é necessária à salvação.

1º. Pela escritura; 2º. Pelos Santos Padres; 3º. Pelas razões.

1. Exemplo de Nosso Senhor que mostra uma criança a seus apóstolos que lhe perguntam: *Quem é o maior no reino dos céus?*¹⁹⁶ Mt 18. Ele lhes responde: *se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis...*, etc¹⁹⁷. Nosso Senhor nos recomenda a humildade nos mesmos termos que os três mais necessários sacramentos: *se não... se não... se não...*,¹⁹⁸

2. *Produce um remédio de salvação.* Santo Atanásio.¹⁹⁹

3. Um sinal evidente de reprovação. São Gregório... São Odon. *Estai certos, irmãos, aquele que não poupou os anjos soberbos, tampouco os homens poupará.* São Bernardo²⁰⁰.

4. É o espírito do cristianismo.

1º A beatitude é a torre evangélica que temos de construir durante a nossa vida com grandes despesas; ora, é a humildade que faz estas despesas. Diferença dos predestinados que começam este edifício pelos fundamentos e os réprobos que começam pelo alto.

2º É um espírito de penitência, que não pode existir sem humilhação: *Pela lei da humilhação se faz o homem...* Tertul.²⁰¹

3º É o ímã da graça... *como o ímã atrai o ferro, assim a humildade atrai a graça.*²⁰²

4º A graça de Jesus Cristo é uma graça de humilhação 1 - no seu princípio que é Jesus Cristo humilhado. 2 - nos seus efeitos, que não tendem senão à glória de Deus e à humilhação do homem. 5º A humildade é a única força do cristão: *Toda a força está na humildade, pois é frágil toda soberba. Os humildes são como pedra: a pedra se vê embaixo, mas é sólida. Os soberbos, o que são! Como fumaça e quando se exaltam desaparecem.*²⁰³

196. Quis putas est major in regno caelorum?

197. Nisi conversi fueritis et efficiamini sicut parvuli, non intrabitis in...

198. Nisi... nisi... nisi... nisi..

199. Tingen remedium salutis.

200. Certi estote, fratres, eum qui superbis non pepercit angelis, nec hominibus parciturum. São Bernardo, S. 2 de *Verbis Isaiae*, PL 183, 348, n. 3.

201. Humilificandi et homo lege fit.

202. Velut magnes attrahit ferrum, sic humilitas gratiam ad se trahit.

203. Omnis fortitudo in humilitate, quia fragilis est omnis superbia. Humiles tamquam petra sunt: petra deorsum videtur, sed solida est. Superbi, quid! Quasi fumus et si exaltati sunt, evanescent. São Agostinho, *Enarratio in Ps.* 92, PL 37,1184, n° 3.





Caríssimos, toda a disciplina da [sabedoria] cristã, não consiste no muito falar, nem na astúcia da disputa, nem no desejo do louvor e da glória, mas na verdadeira e voluntária humildade [que Nosso Senhor Jesus Cristo desde o seio materno até ao suplício da cruz escolheu e ensinou como única força]. São Leão, S. 7 de Epiph²⁰⁴.

Se não renascer da água e do Espírito Santo, não se pode entrar no reino de Deus²⁰⁵.

Se não fizerdes penitência, [perecereis todos juntos.]²⁰⁶

Se não comeres a carne [do Filho do homem], etc. Se não vos tornardes, etc.²⁰⁷ Pela humildade se chega ao reino, pela simplicidade se penetra no céu²⁰⁸. Quem, pois, quiser atingir as alturas da divindade, siga o abatimento da humildade. São Ambr.²⁰⁹ Este é o caminho e fora dele não existe outro: quem vai de outra forma, cai mais do que sobe, porque só existe a humildade que exalta, só ela conduz à vida. São Bernardo²¹⁰. O sinal mais claro dos réprobos é a soberba; ao contrário, a humildade é o sinal dos eleitos. São Odon.²¹¹

Duas cidades são construídas desde o início do mundo: uma é o Cristo que constrói, a outra, o diabo; uma é o humilde que constrói, a outra, o soberbo; uma se humilha para na felicidade ressurgir; a outra se exalta para cair na infelicidade; na construção de Cristo, os que constroem são levados do chão até à altura, mas na construção do diabo, são precipitados das alturas ao chão. São Cesário de Arles. Hom. 28.²¹²

Ó lágrima humilde, teu é o poder, teu é o reino. Abade de Celes, C. 12.²¹³

Não considero remédio algum mais apropriado para as chagas da minha consciência do que os opróbrios e as ofensas. São Bernardo²¹⁴.

204. Tota, dilectissimi, christianae [sapientiae] disciplina, non in abundantia verbi, non in astutia disputandi, neque in appetitu laudis et gloriae, sed in vera et voluntaria humilitate consistit [quam Dominus Jesus Christus ab utero matris usque ad supplicium crucis pro omni fortitudine et elegit et docuit]. São Leão, *Sermo 37 in Epiphaniae Sollemnitatem* 7, PL 54, c. 3, 258 B.

205. Nisi quis renatus fuerit ex aqua et Spiritu Sancto, non potest introire in regnum Dei. Jo 3,5.

206. Nisi poenitentiam egeritis, [simul omnes peribitis.]

207. Nisi manducaveritis carnem [Filii hominis], etc. Nisi efficiamini, etc.

208. Humilitate pervenitur ad regnum, simplicitate penetratur ad caelum.

209. Quisquis ergo cupit divinitatis tenere fastigia, humilitatis ima sectetur.

210. Haec est via et non est alia praeter ipsam: qui aliter vadit, cadit potius quam ascendit, quia sola est humilitas quae exaltat, sola quae ducit ad vitam. São Bernardo, *Serm. 2 in Ascens. Domini*, PL 183, 304, n. 6.

211. Manifestissimum signum reproborum superbia est et e contra humilitas electorum.

212. Duae civitates a mundi initio construuntur: unam aedificat Christus, alteram diabolus; unam aedificat humilis, alteram superbus; una humiliatur, ut feliciter surgat; alia erigitur, ut infeliciter cadat; in fabrica Christi qui aedificant, de imis levantur ad summa; in fabrica vero diaboli, de summis ad ima praecipitantur.

213. O lacryma humilis tua est potentia, tuum est regnum.

214. Ego plagis conscientiae meae nullum iudicio accommodatus medicamentum probris et contumeliis. São Bernardo, *Ep. 280*, PL 182, 485, n. 1.





6ª PALESTRA, 7ª PALESTRA e 8ª PALESTRA

- Cântico 8 2. Ponto: As causas ou os motivos da humildade.
A lição de Jesus Cristo é composta de 7 linhas:
- O esplendor da humildade 1. acima e mais do que nós.
2. acima de nós e como nós. 3. conosco. 4. diante de nós.
5. ao redor de nós. 6. dentro de nós. 7. abaixo de nós.
- Estrofe 14 1º Acima: 1 - grandeza. 2 - santidade
3 - justiça. 4 - cólera de Deus.
2º 1 - Exemplo de Jesus; 2 - da Sma. Virgem. 3 - dos Santos.
- Acima de si Deus em cólera 3º Conosco: o corpo corrompido...
Consigo um corpo corrompido 4º Diante de nós: os julgamentos terríveis de Deus.
5º Ao redor de nós: aqueles e aquelas que vivem em santidade e fazem mais que nós.
6º Dentro: os pecados e falhas da alma: saber 1. Incapacidade para todo bem.
- Estrofe 15 Ao redor de si o exemplo dos santos 2. infidelidade; 3. iniquidade, pecados desconhecidos e não expiados; 4. erros; 5. ignorância;
6. frieza; 7. inconstância, distração;
8. orgulho.
- Estrofe 16 Dentro de si; Incapacidade, infidelidade iniquidade 7º Abaixo de nós: o inferno, os demônios, o lugar, etc..
Tem sempre em mente estas três coisas: o que foste, esperma fétido; o que és, depósito de esterco; o que serás, pasto de vermes. São Bernardo.²¹⁵
Porque a terra e a cinza se exaltam. Eclo 10.²¹⁶
Eu disse à podridão: tu és meu pai; e aos vermes: sois minha mãe e minhas irmãs. Jó 17.²¹⁷
3. ponto: 1 - As vitórias da humildade
2 - e os efeitos 1. Sobre o demônio, o orgulho. 2. Sobre o mundo.

215. Ista tria semper in mente habeas: quid fuisti, quia sperma foetidum; quid es, quia vas stercoreum; quid eris, quia esca vermium.

216. Quia superbit terra et cinis. Eclo 10,9.

217. Putredini dixi: Pater meus es, mater mea, et soror mea, vermibus. Jó 17,14; estes textos não se encontram no Nouet de 1879.





4. ponto: A essência e os graus da humildade.

1. Grau: humilde conceito de si mesmo.

2. Grau: a paciência nos desprezos.

3. Grau: o amor e a eleição dos desprezos,

A humildade não se encontra senão como a pérola que se perdeu na lixeira.

1. Degrau: 1 - Importância do conhecimento de Deus e de si mesmo... *Esta é a vida eterna, etc. ... Que eu te conheça, que eu me conheça.* Santo Agostinho. *Conhece-te a ti mesmo... Mora contigo.* ²¹⁸

2 - Sua utilidade e sua excelência.

Quatro fases do 2º grau: 1 - fugir das dignidades e das honrarias; 2 - fugir dos louvores; 3 - sofrer pacientemente os desprezos; 4 - amar a abjeção.

1º grau: conhecer. 2º desprezar-se. 3º fugir. 4º sofrer. 5º amar.

1. Fugir das dignidades e das preeminências

1. A exemplo do Filho de Deus: *humilhai-vos sob o humilde Filho de Deus. O que ele não quis, rejeitou; o que rejeitou, condenou; o que condenou, considerou como pompas do diabo.* Tertul.²¹⁹

2. É o quinhão dos reprovados. Todos os anseios ambiciosos e as intrigas dos mundanos não são, diz São Hilário, senão os embustes do demônio que está sempre de permeio: *toda a honra do mundo, é negócio do diabo.* ²²⁰

O desejo de mandar é o primeiro mal de Lúcifer; mal caduco!

História do Padre Nieremberg, de uma santa alma que perguntou a Nosso Senhor se era glória para ele que um religioso assumisse cargos: não me peçais cargos para meus amigos, pedi, antes, que eu os exonere, etc.

3. Não é aqui o tempo de reinar. Que corte Jesus Cristo teve, ou que séquito, que comitiva?... *O meu reino não é deste mundo.* ²²¹

4. Reinar é perigoso para a salvação: *nessa peregrinação o caminho mais seguro, pelo qual se chega à pátria celeste, é a humildade, o conhecimento e o desprezo de si mesmo.* São Lourenço Justin.²²²

218. Haec est vita aeterna, etc. ... Noverim te, noverim me. Nosce te ipsum... Tecum habita.

219. Humiliamini sub humili Filio Dei. Quae nolit rejecit, quae rejecit damnavit, quae damnavit in pompam diaboli reputavit.

220. Omnis honor saeculi, diaboli negotium est. São Hilário, *Commentarius in Mat.*, c. 3, PL 9, 931 A, n. 5

221. Regnum meum non est de hoc mundo.

222. In hac peregrinatione via tutissima, per quam ad supernam patriam pergatur, est humilitas, cognitio sui atque contemplus. Lourenço Justin., *De Instit. Regim. Praelat.*





Perigoso: 1 - pelas contas que se hão de prestar. 2 - pelo declive furioso que nos leva até lá. 3 - é uma doença popular que poucas pessoas evitam, diz São Bernardo²²³...

2. Fugir dos louvores

1. Jesus Cristo, para a glória do Pai, os evitou... *Se me glorifico a mim mesmo, a minha glória nada é.*²²⁴

A vaidade, diz São Bernardo, é a flecha do dia: *da flecha que voa de dia.*²²⁵

2. A glória do mundo não é nada. Se considerais quem a recebe, não é senão vaidade, nada e pecado. Os santos não ousam desprender um só raio desta glória, etc. E nós, tão ávidos de graças, etc.

3. Ela não é nada em relação com os que a dão, que se enganam, ou que enganam, que estão no mundo oposto a Jesus Cristo... *Se fôsseis do mundo...*²²⁶ que não nos dão nem nos tiram nada nos louvando.

Toda a força está na humildade, porque é frágil toda a soberba. Os humildes são como pedra: a pedra se vê embaixo, mas é sólida. Os soberbos, o que são! Como fumaça e quando se exaltam desaparecem. Santo Agostinho.²²⁷

*A soberba é a rede do diabo.*²²⁸

Amai a humildade e nunca sereis presos nos laços do diabo. São Efrém.²²⁹

Muitos seguem a sombra da humildade, poucos seguem a verdade. São Jerônimo.²³⁰

Nada encontro, que seja mais soberbo do que a humildade alcançada. São Gregório.²³¹

*Retirem-se todas as imagens das palavras, cessem os gestos simulados; a paciência demonstra quem é o verdadeiro humilde.*²³²

A humildade é a virtude pela qual o homem com o mais certo conhecimento de si mesmo se submete. São Bernardo.²³³

223. São Bernardo, *S. 4 de Ascensione Domini*, PL 183, 311.

224. Si ego glorifico meipsum, gloria mea nihil est. *Jo 8,54*.

225. A sagitta volante in die.

226. Si de mundo essetis...

227. Omnis fortitudo in humilitate, quia fragilis est omnis superbia. Humiles tanquam petra sunt: petra deorsum videtur, sed solida est. Superbi, quid? Quasi fumus et si alti sunt, evanescent. Santo Agostinho, *Enarratio in Ps 92*, PL 37, 1184, n. 3.

228. Superbia rete est diaboli.

229. Humilitatem diligite, et nunquam diaboli laqueis capieris.

230. Multi humilitatis umbram, pauci veritatem sectantur.

231. Nihil invenio, quod sit fabricata humilitate superbius.

232. Auferantur omnia figmenta verborum, cessent simulati gestus, verum humilem patientia ostendit.

233. Humilitas est virtus qua homo certissima sui cognitione vilescit.





*Chama-se soberbo porque quer ser visto como superior. São Isidoro.²³⁴
Perdeu-se a dracma e foi achada no monturo. São Jerônimo.²³⁵
Quando sou fraco, é então que sou forte; e quando me humilho, sou exaltado.
Santo Agostinho.²³⁶
Ó homem, se te viesses, desagradarias a ti e a mim agradarias, mas porque não
te vês, agradas a ti e me desagradas; virá o tempo em que nem a mim nem a ti
agradarás; a mim porque pecaste, e a ti porque para sempre queimarás. São
Bernardo, De int. domo.²³⁷
É ele que dá forças ao cansado: e que prodigaliza vigor ao enfraquecido. Is 40²³⁸.
Senhor, deixa-a ainda este ano; vou cavar ao seu redor e pôr-lhe adubo. Lc 13²³⁹.
Quais e quantos feixes o precedem? De que púrpura se cobre seu ombro?
Que ouro brilha na sua cabeça, a não ser que considere como sua e dos seus a
glória do mundo? Ter. lib. de Idolot.²⁴⁰
Toda vez que desejo comandar os homens, estou tomando a frente de Deus.
São Bernardo.²⁴¹
É passando por muitas tribulações que deveis entrar no reino de Deus²⁴².
Portanto, se pretendes reinar futuramente, não busques aqui o ócio nem a
honra. São Basílio.²⁴³
A minha herança nesta vida não é outra, nem será, nem darei valor a outra
coisa, senão esconder-me, ser desprezado e o último. Gerlacus, Soliloq.²⁴⁴
Todavia todo homem vivente é vaidade total.²⁴⁵*

234. Superbus dictus quia super vult videri.

235. Dragma perit et tunc invenitur in stercora.

236. Cum infirmor tunc potens sum et cum humilior tunc exaltor.

237. O homo, si te videres tibi displiceres et mihi placeres; sed quia te non vides, tibi places et mihi displices; veniet tempus cum nec mihi nec tibi placebis: mihi quia peccasti, tibi quia in aeternum ardebis.

238. Qui dat lasso virtutem: et his qui non sunt, fortitudinem et robur multiplicat. Is 40,29.

239. Domine, dimitte illam et hoc anno, usque dum fodiam circa illam, et mittam stercora. Lc 13,8.

240. Quales et quanti fasces eum praecederent? Qualis purpura de humeris ejus floreret? Quale aurum de capite radiaret, nisi gloriam saeculi alienam et sibi et suis judicaret.

241. Quoties hominibus praeesse desidero, toties Deum meum praeire contendo.

242. Per multas tribulationes oportet vos intrare in regnum Dei. At 14,21.

243. Ac proinde si habes in animo futurum regnare, hic noli otium, noli honorem consecrari. São Basílio, *Constit. Monast.*, c. 34, PG 31, 1411, n. 2: "Proinde si vis in futurum regnare, hic quietem ac honorem ne sectere."

244. Haereditas mea in hac vita non est, nec alia erit, nec quidquam aestimabo nisi latere, esseque abjectus et novissimus.

245. Verum tamen universa vanitas omnis homo vivens. Sl 38,6.





Não conhece a Deus e desconhece a si próprio, aquele que aos olhos dos homens deseja parecer honroso. São Lourenço Justin.²⁴⁶ Não nos é lícito nesta peregrinação desejar a honra... já que está escrito: ao rei dos séculos, imortal etc. Idem.²⁴⁷ Meu povo, os que te chamam de feliz, te enganam²⁴⁸ etc. Ai de vós, quando os homens vos bendisserem²⁴⁹...

SEGUNDA PARTE: LISTA DOS TEMAS

Título	Número	Páginas do manuscrito
Amor divino	11	p. 91
Amor próprio	2	p. 99
Amor da cruz	4	p. 101
Avareza	10	p. 105
Esmola	5	p. 115
Festa de um mártir ²⁵⁰	1	p. 121
Batismo	4	p. 123
Conversão ²⁵¹	1	p. 127
Boas obras	4	p. 135
Bom exemplo - Escândalo	4	p. 137
Santificação dos domingos e festas ²⁵²	3	p. 141
Confissão	4	p. 143
Conformidade	2	p. 146
Devoção à Sma. Virgem	7	p. 147
Direção	1	p. 150
Educação dos filhos	4	p. 151
Eleitos	8	p. 155
Inferno	14	p. 159
Deus ²⁵³	1	p. 166b
Danças	1	p. 167

246. Nescit Deum, et semetipsum ignorat, qui ante oculos hominum honorabilis apparere desiderat.

247. Non licet nobis in hac peregrinatione honorem appetere... cum scriptum sit: regi saeculorum immortalis etc.

248. Popule meus, qui te beatum dicunt, ipsi te decipiunt etc. *Is 3,12*.

249. Vae vobis, cum benedixerint vobis homines.... *Lc 6,26*.

250. Este sermão é duma escrita diferente da de Montfort.

251. Este sermão é duma escrita e de um feito totalmente diferente do resto do manuscrito. Não é de Montfort.

252. Ordem transcrita depois de 1703. A escrita é diferente.

253. O título está cortado e a escrita é diferente da de Montfort.





Esperança e providência	9	p. 177
Eucaristia	10	P. 184
Festas	1	p. 190
Fé	5	p. 191
Impureza	6	p. 197
Jejum	1	p. 204
Juízo	11	p. 205
Juramento	2	p. 212
Juízo Particular	1	p. 216
Maledicência	4	p. 217
Missa	1	p. 221
Mundo	10	p. 225
Morte	16	p. 237
Oração	3	p. 249
Excelência da Sagrada Escritura	1	p. 251
Paraíso	10	p. 253
Pregação, ordens de	2	p. 261
Perdão das injúrias	7	p. 265
Palavra de Deus	4	p. 271
Pecado venial	4	p. 277
Pecado mortal	24	p. 283
Paixão de Nosso Senhor ²⁵⁴	53	p. 305
Paixão da Sma. Virgem	1	p. 306
O crucifixo	1	p. 308
Método do sacramento da penitência		p. 310
Penitência	20	p. 313
Processo	2	p. 335
Purgatório	5	p. 337
Religião nas igrejas	4	p. 345
Recaída	6	p. 349
Retiro ²⁵⁵	6	p. 355
Missão	1	p. 357
Salvação	10	p. 360
Tempo	5	p. 369
Método para converter os hereges		p. 375
Tentação	2	p. 381
Zelo	1	p. 384

254. As páginas 303 e 304 estão sem texto.

255. Notas sobre o retiro e ordem de pregação.





ORDEM DAS PREGAÇÕES DE UMA MISSÃO E ESTAÇÃO DE QUARESMA²⁵⁶

2º Domingo da Quaresma	1º A grandeza de Deus e seu serviço. 2º A palavra de Deus.
2ª feira	1º Ne[cessidade] da penitência. 2º Os sinais da falsa penitência.
3ª feira	1º A beleza, o preço e a duração da alma. 2º A importância da salvação.
4ª feira	[1º] Ne[cessi]dade e dificuldade do bom exame. 2º Exame particular dos pecados.
5ª feira	1º Exame. 2º Exame.
6ª feira	1º Exame. 2º A morte em geral.
Sábado	1º Morte semelhante à vida. 2º Boa morte.
3º Domingo	1º. Qualidades de um bom penitente. 2º Continuação das qualidades. 3º Restituição.
2ª feira	1º Juízo particular. 2º Excelência do cristão.
3ª feira	1º Inferno. 2º A eternidade infeliz.
4ª feira	[1º] A segurança da penitência. 2º Da contrição e das lágrimas.
5ª feira, meio da quaresma	1º O paraíso. 2º Meios de ir para lá.
6ª feira	1º O escândalo. 2º A correção e o bom exemplo.
Sábado	1º A necessidade da graça atual. 2º Devoção à Ssma. Virgem.
4º Domingo	1º A reconciliação.

256. S p. 261-262.





	2º O perdão das ofensas.
	3º O matrimônio.
2ª feira	1º O amor de Jesus Cristo
	2º A humildade.
3ª feira	1º A mentira
	2º A maledicência.
4ª feira	1º A doçura e a cólera.
	2º A obediência.
5ª feira	[1º] A pureza.
	2º A impureza.
6ª feira	1º A paciência.
	2º A reparação ao Ssmo. Sacramento.
Sábado	[1º] A oração
	2º As qualidades da devoção à Sma. Virgem.
5º Domingo	1º Ocasão do pecado. ²⁵⁷
	2º O processo.
	3º A dança.
2ª feira	[1º] A fé.
	2º A esmola. ²⁵⁸
3ª feira	[1º] O demônio e suas tentações.
	2º O anjo da guar[da] e sua de[voç]ão.
4ª feira	1º O desprezo do mundo.
	2º Suas máximas.
5ª feira	1º O amor de Deus.
	2º
6ª feira	[1º] O nome de Jesus.
	2º O crucifixo.
Sábado	A renovação.
Domingo	1º A co[mun]hão fervorosa.
	2º O indigno.
	3º O Santo Rosário. ²⁵⁹
2ª feira	1º O tempo.
	2º As boas obras. ²⁶⁰

257. Montfort tinha escrito como primeiro sermão “a fé”; substituiu-o por “ocasião de pecado”.

258. Montfort tinha escrito primeiro “as boas obras”; depois riscou e colocou no lugar “a esmola”.

259. Montfort substituiu “juízo universal” por “Santo Rosário”.

260. Lê-se sob uma rasura “esmola”.





3ª feira	[1º] Qualidades das boas obras. 2º O regulamento.
4ª feira	[1º] Os deveres dos pais e mães. 2º dos filhos.
5ª feira	
6ª feira	A Paixão.
Sábado	[1º] A Paixão e a Ssma. Virgem. 2º
Domingo	[1º] A ressurreição de Jesus Cristo. 2º A do cristão. 3º A ressurreição dos corpos e o juízo universal.
2ª feira	1º Os sacerdotes. 2º
3ª feira	[1º] A fidelidade e a perseverança. 2º A despedida.

[ORDEM DAS PREGAÇÕES DE UMA MISSÃO DE 4 SEMANAS²⁶¹]

Domingo		
manhã	Deus.	2 palavra de Deus.
2ª feira	penitência.	2 salvação.
3ª feira	exame em geral.	2 exame particular.
4ª feira	exame particular.	2 exame particular.
5ª feira	oração.	2 contrição.
6ª feira	morte em geral.	2 morte semelhante à vida.
Sábado	juízo particular.	2 devoção à Ssma. Virgem.
Domingo	inferno.	2 restituição.
2ª feira	paraíso.	2 paraíso.
3ª feira	amor a Jesus.	2 amor aos pobres.
4ª feira	a mentira.	2 a maledicência.
5ª feira	a pureza.	2 o pecado impuro.
6ª feira	o jejum.	2 a reparação.
Sábado	o pequeno número.	2 a devoção à Ssma. Virgem.

261. S p. 356.





Domingo	a reconciliação.	2 o processo 3 o matrimônio.
2ª feira	cristianismo.	2 fê.
3ª feira	demônio.	2 anjo da guarda.
4ª feira	mundo.	2. Pecado venial.
5ª feira	qualidades da penitência.	2 qualidades do bom penitente.
6ª feira	escândalo.	2 crucifixo.
Sábado	renovação.	
Domingo	co[munh]ão indigna.	2 juízo universal.
2ª feira	tempo.	2 a preguiça.
3ª feira	qualidade das boas obras.	2 continuação.
4ª feira	a humildade.	2 mansidão.
5ª feira	gratidão.	2 obediência.
6ª feira	a paixão.	2 continuação.
Sábado		

PREGAÇÃO

MATÉRIA DE PREGAÇÃO DE UMA MISSÃO OU DE UM RETIRO

RENOVAÇÃO DAS PROMESSAS DO BATISMO²⁶²

*Eu renuncio ao demônio, às suas seduições e às suas obras e eu me uno a vós,
meu Jesus.*

Ao demônio

1ª Pregação

1 p. Partido de Deus. Partido do demônio: liberdade, carta branca.

2 p. Oposição entre um e outro. Consideração do que Deus é em si mesmo e em relação a nós, e do que o demônio é em si mesmo, em relação a Deus e a nós.

3 p. Conclusão para tomar um partido ou o outro. Exame. Contrição.

2ª Pregação

Ódio do demônio contra o homem e suas tentações:

1 necessidade da tentação;

2 quantidade e qualidade;

262. S p. 263.





3 utilidade.

3ª Pregação

Continuação do ódio do demônio contra o homem:

1º para fazer guerra contra Deus e

2º para conquistar a nossa alma.

Excelência da alma!...

1 ela é bela,

2 ela é imortal,

3 ela é preciosa: seu princípio, seu preço e seu fim.

4ª Pregação

2º Para roubar ao homem a graça e a inocência batismal:

1 seu princípio;

2 sua essência;

3 seu fim.

“A importância da salvação”.

Às suas seduições

6ª Pregação

O mundo é

1 o inimigo de Deus, é preciso maldizê-lo;

2 o inimigo da verdade, é preciso desprezá-lo;

3 o inimigo da virtude, é preciso odiá-lo;

4 o inimigo do homem, é preciso fugir dele.

7ª Pregação

1 vaidade das riquezas.

2 vaidade dos prazeres.

3 vaidade das honras.

E às suas obras

8ª Pregação

Horror do pecado mortal:

1 em si mesmo;

2 com relação a Deus;

3 com relação ao homem.



9ª Pregação

Consequências do pecado mortal:

- 1 morte infeliz;
- 2 juízo terrível - particular e universal;
- 3 eternidade de penas.

10ª Pregação

Pode-se falar dos pecados mortais em particular:

- 1 do orgulho;
- 2 da avareza;
- 3 da embriaguez;
- 4 da impureza, etc.

11ª Pregação

Necessidade da devoção à Sma. Virgem para fazer uma verdadeira e prudente (?) penitência.

- 1 O que a Sma. Virgem é em relação a Deus;
- 2 em si mesma;
- 3 em relação a nós.

12ª Pregação

A importância da penitência interior e exterior.

13ª Pregação

A boa confissão:

- 1 sua necessidade;
- 2 sua raridade;
- 3 suas qualidades.

14ª Pregação

A comunhão:

- 1 indigna;
- 2 tibia;
- 3 fervorosa.

15ª Pregação

As boas obras:

- 1 sua necessidade;
- 2 suas qualidades;
- 3 sua recompensa.





16ª Pregação

O paraíso.

Eu me uno a Jesus, meu Salvador.

17ª Pregação

1 Tesouros que temos em Jesus Cristo.

2 O amor que Jesus Cristo tem por nós.

18ª Pregação

O amor que devemos ter para com Jesus Cristo e a gratidão pelos seus benefícios.

19ª Pregação

A união com Jesus Cristo:

1 sua necessidade;

2 sua excelência;

3 suas qualidades e seus efeitos.

20ª Pregação

Para conservar-se nesta união, praticar as virtudes de Jesus Cristo.

Podem-se fazer aqui diversas considerações:

1 sobre o amor para com Deus;

2 a caridade para com o próximo;

3 a esmola aos pobres;

4 o desprezo do mundo;

5 a humildade, a pureza e a mortificação de nós mesmos.

21ª Pregação

As promessas do batismo:

sua justiça;

sua necessidade e sua prática.

22ª Pregação

1 Necessidade de renová-las: testemunho dos Padres, dos concílios e da experiência.

2 Maneira de renová-las pela intercessão da Ssma. Virgem: mãe da cabeça, mãe dos membros, tesoureira, advogada, terror do demônio, refúgio, “virgem fiel”.

23ª Pregação

Renovação.

24ª Pregação

Perseverança.

M. Leschassier



**BATISMO**²⁶³

Sábado Santo. Promessas do Batismo.

A Santa Igreja conduz-nos hoje às fontes batismais para nos recolocar no espírito de Nosso Senhor e nosso sepultamento com ele pelo Batismo: *Fostes sepultados com Cristo pelo Batismo.*²⁶⁴

I. Excelência da graça do Batismo. II. Os compromissos do Batismo. III. Nossa fidelidade a cumpri-los.

I. P. 1º O Batismo nos liberta da escravidão do demônio e do pecado. 2º Filhos de Deus e da Igreja. 3º Herdeiros do paraíso e co-herdeiros de Nosso Senhor.

*Quem narrará a sua geração?*²⁶⁵ Quantas graças, quantas forças contra as tentações, que domínio sobre o demônio, que nobreza dá esta graça ao homem. Exemplos dos primeiros cristãos, que, recebendo o batismo como adultos, se tornam, segundo São Cipriano, de fracos muito fortes.

II. P. *Grandes coisas nos foram prometidas, mas grandes coisas prometemos.*²⁶⁶ No Batismo renunciamos a Satanás. *Renuncio a Satanás e a todas as suas obras e a todas as suas seduções.*²⁶⁷ Quais são as suas obras? São os pecados. Quais são suas seduções? *Esta é a sedução do diabo: a sedução do mundo*²⁶⁸, diz um concílio de Sens. Quais são estas seduções do mundo? *A arrogância, a ambição e todo excesso de qualquer coisa da qual nasce o orgulho*²⁶⁹. Ibid. *Pelas tuas palavras serás julgado. Será discutido o sigilo do cristianismo*²⁷⁰ no juízo de Deus.

III. P. Exame sobre nossa fidelidade. *Todos os que fostes batizados, vos revestistes de Cristo.*²⁷¹ A santa veste! Não a temos manchado? *Recebe a veste cândida, que levarás até ao tribunal de Deus.*²⁷² Temos esta veste de inocência? Se Deus guardasse tão pouco suas promessas quanto nós, que seria de nós? No entanto: *com a mesma medida* etc.²⁷³ Se ele nos fizesse justiça...

263. S p. 125.

264. Consepulti estis in Christo per Baptismum.

265. Generationem ejus quis enarrabit?

266. Magna quidem promissa sunt nobis, sed magna promisimus.

267. Abrenuntio Satanae et omnibus operibus ejus et universis pompis ejus.

268. Haec est pompa diaboli quae pompa mundi.

269. Arrogantia, ambitio et omnis cujuscumque rei superfluitas unde oriatur elatio.

270. Ex verbis tuis judicaberis. Discutietur sigillum christianismi.

271. Quotquot baptizati estis Christum induistis.

272. Accipe vestem immaculatam quam auferas ante tribunal Dei.

273. Eadem mensura.





Prát. 1 contrição do passado; 2 súplica para o futuro; 3 renovação das promessas do Batismo para o presente. *Renuncio... Una-se todo a Cristo*²⁷⁴, etc.

Das obrigações do Batismo.

Dizia Santo Agostinho aos catecúmenos: *Se alguém recebe o ônus do batismo, deve temer antes a sua consequência que o seu adiamento.*²⁷⁵ Se tantas disposições e tanta perfeição eram exigidas dos que ainda não tinham recebido o santo Batismo, quais haveriam de ser as obrigações dos que já o tinham recebido?

Nobreza do nascimento de um cristão pelo Batismo. É lavado pelo sangue de Jesus Cristo. Sua alma é mais resplandecente que o sol... Ver acima 2ª. P.

1. extensão das obrigações do Batismo. 2. Necessidade de cumpri-las sob pena de condenação.

P. *Renuncias a Satanás? Renuncio. E às suas obras? Renuncio. E às suas seduções? Renuncio.*²⁷⁶

Quando Luís o Bom convocou um concílio em Sens para corrigir as desordens dos cristãos que eram grandes, todos os bispos do concílio julgaram que a causa desta corrupção vinha do esquecimento em que viviam dos compromissos do seu Batismo e da ignorância dos próprios Pastores sobre estas obrigações. Em seguida ele explica as obrigações do Batismo.

1º *Renuncias a Satanás? Renuncio... Renunciar a Satanás é rejeitar, desprezar o demônio, é contradizê-lo e afastar a si e os outros dele.*²⁷⁷ Não basta manter-se na defensiva contra um inimigo temível; é preciso desprezá-lo, é preciso elevar-se contra ele, é preciso animar os outros a combatê-lo.

Explicação do grande número de demônios que nos tentam... de sua força, de sua malícia e sutileza... *Ignoramos os seus pensamentos. Perscruta os afetos... investiga os cuidados...*²⁷⁸ De onde vêm esses desejos, essa vontade de aparecer... esse desgosto das coisas de Deus, essa melancolia, essa negligência... são sugestões do diabo.

274. Abrenuntio... Adhaereat totus Christo.

275. Si quis illigat pondus baptismi ejus consecutionem potius timebit quam dilationem.

276. Abrenuntias Satanae? Abrenuntio. Et operibus ejus? Abrenuntio. Et pompis ejus? Abrenuntio.

277. Abrenuntias Satanae? Abrenuntiare Satanae est diabolum respuere, spernere; est ipsi contradicere et se et unumquemque ab eo alienari.

278. Ignoramus cogitationes ejus. Scrutatur affectus... ventilat curas.





2º *As obras do diabo são aquelas contrárias às obras do Salvador; primeiramente, a soberba que transformou anjo em demônio e da qual, como de uma raiz, todos os vícios nascem.*²⁷⁹ Ibid.

3º *Qual é a sedução do diabo senão a sedução do mundo, a arrogância, a vaidade, a vanglória de qualquer coisa, o excesso no uso que faz crescer o orgulho sobreposto à honestidade?*²⁸⁰ Ibid.

Explicação destas palavras... Eis o que prometemos e assinamos no Batismo, tendo os *anjos como testemunhas*.²⁸¹ Os homens têm como ponto de honra manter as suas promessas e não violar os seus contratos. É um homem de palavra, diz-se. E o que se faz com Deus, etc.

II. P. Ou cumprir essas obrigações ou se perder eternamente. É preciso deixar de ser cristão ou viver como cristão.

Prát. 1. Contrição de toda a infidelidade passada. 2. Renovar... 3. Meditar sobre essas obrigações.

MÉTODO DO SACRAMENTO DA PENITÊNCIA²⁸²

O confessor deve fazer o ofício: 1º de Pai, 2º de mestre, 3º de juiz, 4º de doutor, 5º de médico, 6º de dispensador dos mistérios de Jesus Cristo, 7º enfim de Pai.

PAI

[1º]. Depois de mandar o penitente fazer o sinal da cruz e pedir a bênção e de lhe ter dito *D[omi]nus*, ele o recebe com entranhas e coração de pai, dizendo-lhe: Bendigo a Deus, caro irmão ou filho, porque te deu a vontade e a coragem de, etc. Alegro-me por te ver corresponder fielmente ao seu desejo, etc. coragem, etc.

[2º]. Levá-lo a fazer 3 atos, 1. de renúncia a si mesmo e ao espírito maligno. 2. de doação e de união a Jesus Cristo. 3. de invocação do socorro da Sma. Virgem dizendo-lhe: não gostarias de renunciar a ti mesmo e ao espírito maligno, etc.?

279. Opera diaboli ea sunt quae contraria sunt operibus Salvatoris et primum quidem superbia quae ex angelo daemonem fecit et ex qua, tanquam ex radice, vitia omnia produnt.

280. Quae est pompa diaboli nisi pompa mundi, arrogantia, vanitas, vana gloria cujuslibet rei, superfluitas usibus unde elatio crescit quae honestati adscribitur?

281. Angelis conscribentibus.

282. S p. 310.





MESTRE

Se ele não conhece o penitente ou tem dúvida, pergunta-lhe sobre a sua paróquia e o seu catecismo.²⁸³ Interroga-o, 1. sobre os mistérios da unidade de Deus, da Sma. Trindade e da Encarnação, 2. sobre os sacramentos da penitência e da eucaristia, 3. sobre seu *Pai nosso*, *Ave Maria*, *Creio*, mandamentos de Deus e da Igreja e sobre a restituição e a castidade. Se ele foi negligente em se examinar tendo podido fazê-lo, manda-lhe que volte depois, mas como ordinariamente ele se examina sempre um pouco, não se deve senão raramente mandar voltar depois, antes de tê-lo ouvido, instruído e exortado, mesmo que tenha de fazê-lo em seguida. Pelo menos, manda que ele faça atos de fé sobre esses mistérios.

JUIZ

Escutar tranquilamente o penitente sem interrompê-lo, exceto: 1º Se ele não especifica bem a quantidade, a espécie e as circunstâncias do pecado. 2º Se ele não diz quanto tempo decorreu desde a sua última confissão. 3º Se ele é tímido e há suspeita, pela sua atitude, de que tenha feito algum pecado que não ousa dizer; pois então, é preciso encorajá-lo: coragem, já ouvi muitos assim. Não é esta ou aquela coisa, etc.?

Depois que ele disse seus pecados, dos quais se lembra, é preciso examinar para ver se ele tem necessidade de orientação: 1º sobre os mandamentos de Deus e da Igreja. 2º sobre os 7 pecados capitais, sobre os sacramentos da penitência, da eucaristia e do matrimônio recebidos. 3º sobre os deveres do seu estado.

É então que, após ter ouvido e interrogado, se o acha capaz de absolvição, ele diz: *Deus Todo-Poderoso tenha compaixão*, etc. se não, deixa esta oração para o fim em forma de absolvição.

DOCTOR

[1] Excita-o à contrição mostrando-lhe: 1º a injúria que fez a Deus infinitamente santo e terrível. 2º a sua ingratidão e seus ultrajes para com Nosso Senhor. 3º a alegria que deu ao demônio e sua escravidão a ele. 4º a perda que sofreu de seus méritos, da graça do batismo e do paraíso. 5º o perigo em que está de cair no inferno. 6º a bondade e a paciência de Deus para com ele. Ele não permitiu, ele o conservou, ao passo que, etc. Ele o trouxe aqui, enquanto que, etc. Ele lhe estende os braços para, etc. enquanto ele pune nos infernos tantos miseráveis que não cometeram pecados.

[2] Levá-lo a fazer um ato de contrição. 3. Renovar as promessas do batismo.

283. Cf. RM n° 50: Prática das missões.





MÉDICO

Depois de haver assim preparado e excitado à contrição, ele julga se é conveniente recusar ou adiar a absolvição pelos seguintes impedimentos: 1 - ignorância. 2 - hábito. 3 - ocasião natural ou pessoal. 4 - restituição. 5 - reconciliação. 6 - censuras ou casos reservados. 7 - contrição.

Ocasões de duas espécies: 1. natural ou de si; tais são: 1 - a frequentação de mulheres ou coabitação. 2 - o jogo. 3 - a taberna. 4 - os maus livros. 5 - os quadros indecentes. 6 - danças, canções indecentes, bailes, comédias. [2]. Pessoal ou accidental; tais são várias profissões como a guerra, a magistratura, o tráfico, a profissão de advogado, de procurador, de sargento, etc.

É preciso ainda adiar ou recusar a absolvição aos que dão ocasião de pecado aos outros, a saber: 1. os autores e revendedores de maus livros. 2. os guardiães de pinturas lascivas. 3. comediantes, farsistas. 4. autores de divertimentos desonestos, bailes, espetáculos, violinos, etc. 5. as mulheres com o pescoço descoberto ou roupas luxuosas. 6. vendedores de produtos de beleza. 7. taberneiros que atendem durante o serviço divino. 8. proprietários de casas de jogos. 9. quem fala palavras desonestas. 10. pais, mães, professores e professoras escandalosos.

Deve-se também recusar ou adiar a absolvição: 1º aos eclesiásticos mal providos de seus benefícios, que têm vários incompatíveis, que não residem, que não usam a tonsura, a batina, que rezam o breviário e a missa com pressa e imodéstia.²⁸⁴ 2º aos usurários. 3º aos barbeiros que trabalham aos domingos e dias de festa.

Se os penitentes não querem deixar esses pecados ou ocasiões, é preciso recusar-lhes a absolvição. Se o querem e o prometem, deve-se adiá-la temporariamente se existe hábito e para mostrar aos pecadores habituais a justiça do seu proceder, o confessor deve dizer-lhes pateticamente as razões que tem para adiar a absolvição.²⁸⁵

1. O penitente afastou-se infinitamente de Deus pelo pecado e por tantos pecados reiterados e por tanto tempo, e pretenderia voltar instantaneamente?

2. Ele se amarrou e se prendeu com tantas correntes, e pretenderia quebrá-las num instante? Exemplo de Santo Agostinho.

3. Causou em si próprio tantas chagas repetidas, profundas e, etc. Exemplos dos médicos do corpo que não curam uma chaga senão depois de extrair o pus. Necessidade de mudar e de formar um hábito.

284. São João Eudes, *Avertissements*, 26.

285. ID., *o. c.*, 24.





4. Exemplo da Igreja primitiva que adia de 4, 5 ou 10 anos a absolvição e o consentimento dos Santos Padres.

5. Comparação ou exemplo de um governador de distrito que, após haver traído várias vezes seu rei e lhe haver pedido perdão, o traísse outra vez e lhe pedisse perdão; o rei confiaria na sua promessa? Exemplo de um criado que tivesse roubado várias vezes o seu patrão.

6. Segundo São Gregório, há um dia da graça e este dia tem sua aurora, sua manhã e seu meio dia. A graça não entra de repente numa alma.

7. Quando a matéria do sacramento é duvidosa, não se pode administrar o sacramento; ora, a contrição de um pecador habitual é duvidosa, por conseguinte, etc.

8. A experiência mostra a utilidade da recusa da absolvição. Quase nenhum dos que receberam uma absolvição imediata se converte, e a vã ilusão da absolvição precipita e arrasta muitos ao inferno. Um penitente absolvido não pensa mais em se converter, em fazer penitência; peca facilmente porque será facilmente absolvido; ao contrário, etc.

9. O confessor lhe dirá: 1 - que não quer tomar sobre si os pecados dele. 2 - que não busca senão a salvação própria e a dele. 3 - que teria muito menos dificuldade em dar-lhe agora a absolvição se atendesse às suas comodidades, mas...

Depois de haver feito aceitar a recusa e ter ordenado evitar ou eliminar tal ocasião ou fazer tal restituição, dá-lhe remédios que o preservem do pecado até ao dia que prescreve para voltar a confessar-se.

Estes remédios são gerais ou particulares; há 6 gerais: 1. fuga das ocasiões ou companhias, 2. confissão e comunhão frequente, 3. rezar de manhã e de noite, nos exames e renovação das promessas do batismo ou oração mental, 4. devoção à Ssma. Virgem, 5. leituras de bons livros, 6. retiro espiritual.

Há vários particulares que são deixados à prudência e indústria do confessor e são estes remédios que ele lhe dará como penitência sem sobrecarregar muito a sua memória.

DISPENSADOR DOS MISTÉRIOS DE JESUS CRISTO

Antes de dar-lhe a absolvição:

1º. Ele lhe reanimará a coragem, 1. pela doçura do jugo de Jesus Cristo levado por amor, 2. pelo desgosto que sua conversão causa ao demônio, 3. pela espera e a alegria como todo o céu estará vendo sua conversão pela absolvição que vai lhe dar; perguntar-lhe se nada lhe causa desgosto.

2º. Ele lhe mostrará o grande benefício da absolvição, obra maior que criar o mundo, 2. que ele vai ser lavado no sangue de Jesus Cristo, 3. que o demônio vai sair da sua alma e que toda a Ssma. Trindade vai entrar nela, 4.





que ele vai reentrar na posse da amizade de Deus, do paraíso, do mérito de suas boas obras, etc.

3°. Dar-lhe a absolvição unindo-se a Nosso Senhor e à sua Santa Mãe.

PAI

Após ter começado com a doçura de um pai, é preciso também terminar por aí: 1. congratulando-se com ele pela sua felicidade, 2. recomendando-lhe a vigilância sobre si contra o mundo e o demônio. 3. recomendando-lhe a devoção à Ssma. Virgem, a quem ele deve a sua conversão e a sua perseverança, se ele rezar a ela e for seu devoto fiel, 4. que ele vá, ao sair do confessionário, agradecer à Ssma. Virgem e entregar-lhe nas mãos a graça que recebeu e pela Ssma. Virgem agradecer a Nosso Senhor e se dar todo a ele. Enfim, dizer-lhe em união com Nosso Senhor: vai, meu caro irmão, em paz, que possamos nos ver nós dois no céu; que Nosso Senhor e sua Santa Mãe te abençoem.

SOBRE OS HEREGES

MÉTODOS PARA CONVERTER OS HEREGES²⁸⁶

1°. É preciso dizer-lhes que quando se trata da salvação, deve-se tomar sempre o mais seguro, o que eles reconhecem. Ora, segundo eles e por seu concílio de Charenton, é indiferente crer na presença real de Nosso Senhor na Eucaristia, e conforme nós é necessário crer nela, portanto é mais seguro crer.

2°. Mostrar-lhes que a Igreja Romana ou a que reconhece o Papa como sucessor de São Pedro é a verdadeira Igreja, porque nela existe a verdadeira marca que é a perpetuidade visível sem interrupção desde Jesus Cristo até agora.

3°. Mostrar-lhes que os que outrora pretenderam reformar a Igreja na qual estavam conosco, não tiveram nem puderam ter nenhuma missão ordinária nem extraordinária para nos transmitir sua doutrina, e por conseguinte não houve obrigação de acreditar neles, não tendo autoridade alguma.

4°. Vós não sabeis que este ou aquele livro da Bíblia é a palavra de Deus senão pela Igreja, na qual estáveis antes; portanto não podeis tampouco saber qual é o verdadeiro sentido de passagens contestadas senão pela mesma Igreja que no-la dá.

286. S p. 375.





5°. A Igreja católica é a verdadeira Igreja pois, se ela tivesse caído no erro como eles pretendem, as portas do inferno teriam prevalecido contra ela, o que é diretamente oposto à promessa de Jesus Cristo: *As portas do inferno não prevalecerão contra ela*. Mt 16,18.²⁸⁷

6°. Deve-se dizer-lhes: antes de Wiclef, Lutero, Calvino e os outros, a igreja dos pretensos Reformados estava num pequeno número de fiéis, ou não existia absolutamente. Se ela não existia absolutamente, então ela é falsa porque ela não é perpétua, como a verdadeira Igreja deve ser. Se ela existia, ela se corrompeu pois eles não nos podem mostrar este pequeno número de fiéis que antes de seu reformador tivesse condenado, como hoje, as assembleias do papado. E ademais eles agiam exteriormente como os outros, portanto sua igreja não era santa.

7°. Se tivesse havido erros na Igreja, o que é impossível, não compete aos particulares eliminá-los e arrancar a cizânia do meio do trigo. Só Deus tem esta autoridade.

8°. Dizer-lhes: quando se adorava Jesus Cristo na Eucaristia, a Igreja era ainda a verdadeira Igreja ou não? Se ela o era, então não se podia separar-se dela por uma prática que ela autorizava. Se ela não o era mais, de onde saiu Calvino, que terra fez brotar esse rebento, de que céu ele caiu na terra, etc.? Agostinho.

9°. Mostrar-lhes que seus dogmas se contradizem, portanto a sua fé é incerta e vacilante, o que não pode ter o caráter da verdadeira.

Enfim, é preciso agir contra eles sem aspereza nem cólera, mas por um espírito de caridade e de mansidão, utilizando as conferências particulares, as missões, os sermões, etc.

*Não ajo para me tornar superior ao homem que vou convencer, porém mais saudável manifestando o erro.*²⁸⁸ Santo Agostinho.

287. Portae inferi non praevalerunt adversus eam.

288. Non ago ut efficiar homini convincendo superior, sed errorem convincendo salubrior.





QUADRO METÓDICO PARA APRENDER FACILMENTE A TRATAR OS PONTOS DA FÉ CONTRA AS PESSOAS DA RELIGIÃO PRETENSAMENTE REFORMADA

A controvérsia é ou para

[I] Confundir os hereges obstinados e convencê-los da falsidade de sua religião, e isto por 4 meios.

1º/ Por sua atitude tomada contra a Igreja para

1º. Separar-se dela

como o fizeram sem motivo, já que pelo artigo 15 da sua fé, eles reconhecem que não há senão uma só Igreja. Portanto, estando eles e nós opostos, um dos dois está na Igreja e o outro não. Pelo artigo 28 da sua fé, eles condenam as assembleias do papado; assim eles se separaram de nós. Pelo mesmo artigo, reconhecem que no papado há ainda algum pequeno traço de Igreja; confessam, portanto, que nós estamos na Igreja e por conseguinte que eles não estão; visto que eles creem que nós podemos nos salvar e nós não cremos que eles o possam.

2º. Por querer reformá-la ou por

usurpação de autoridade que não pode ser senão ou

- ordinária, recebida das mãos dos Bispos sucessores dos apóstolos, o que eles não podem justificar, embora reconheçam no artigo 31 de sua confissão de fé que ninguém deve intrometer-se no governo da Igreja por sua autoridade e que todos os pastores devem ter testemunho de serem chamados ao seu ofício;

- extraordinária pelos sinais e milagres necessários às missões extraordinárias, o que eles não têm, embora se digam pessoas suscitadas de um modo extraordinário: assim falsos profetas...

2. conhecimento suposto na Igreja ou

- De erros que ela não pode ter, pois eles próprios cantam dela o Sl 46.

Nada a poderá abalar;

Mt 16, as portas do inferno não terão força contra ela;

Jo 16, o Espírito Santo deve conduzi-la à verdade plena;

1Tm 3, ela é a coluna e o fundamento da verdade.

- De vícios que ela não pode tolerar, já que

está escrito em Ef 5: a Igreja é santa e sem mancha. Eles próprios confessam que há réprobos na verdadeira Igreja.





2º/ Pela própria doutrina deles

1º Obrigando-os, segundo o artigo 5 da sua confissão de fé, a provar o que eles pretendem reformar na Igreja pela Sagrada Escritura, sem nada nela acrescentar, mudar nem diminuir.

2º Admitindo-os a provar por equivalente ou por boas consequências o que não puderam provar pela Sagrada Escritura sem nada mudar, etc.

3º/ Por suas evasões

Quando eles alegam que não estão obrigados a provar os seus artigos negativos, responde-se

1. que não se encontra na Bíblia uma tal distinção, inventada por eles há pouco.

2. que não existe afirmação que não se possa mudar em negação, assim este seria um meio encontrado para nada provar.

3. que há duas maneiras de negar: uma quando se diz simplesmente que não se crê no que cremos e não se pode ser obrigado a provar; a outra é quando se diz que não se crê porque a Bíblia não o disse; é preciso provar o que se ensina que não é preciso crer, como quando eles dizem que as indulgências e o purgatório são da oficina de Satanás, eles devem mostrar que isto está na Bíblia.

2º. Quando eles dão o troco, passando de um tema a outro, seja para fugir ou para embaraçar os outros, o que não se deve jamais permitir, mas reconduzi-los sempre a provar a sua questão até que ela seja resolvida.

3º. Quando eles procuram dar o troco aos outros para sair fora, o que eles fazem de seis maneiras

1. que não duvidam dos seus artigos de fé mas dos nossos, cuja prova nos pedem.

2. que nós lhes mostremos que a dificuldade deles não está na Bíblia.

3. que lhes expliquemos o texto que recusamos receber como solução da questão.

4. que os façamos ver o contrário na Bíblia.

5. que basta que eles provem em substância que é trapacear querer obrigá-los à letra.

6. que não podemos satisfazer suas dificuldades.

a essas 6 espécies de evasão não se requer outra resposta separadamente ou conjuntamente senão dizer-lhes que devem satisfazer o artigo 5 da sua confissão de fé e provar pela Bíblia o ponto controverso sem nada mudar etc. quando não o puderem pelos Concílios, os Padres, etc. justificaremos provando a nossa fé e recusando as suas objeções.





4º/ Pela doutrina da Igreja

1º. Pela Bíblia de três maneiras

1. quando ela é clara sobre o tema controvertido, ela mostra a falsidade da doutrina dos pretensos Reformados, fazendo ver a verdade da nossa doutrina e para isso é que é preciso exibi-la logo como para a realidade do corpo e do sangue de Nosso Senhor na Eucaristia, os Evangelhos dizem-no expressamente.

2. quando ela não é clara, pode-se fazer um pequeno prelúdio para dispor os espíritos a recebê-la com honra e estima ou expô-la pelos Santos Padres, recebidos pelos pretensos reformados.

3. quando a passagem é contestada por causa da falsificação da bíblia deles, é preciso recorrer às mais antigas deles ou às Vulgatas ou francesas antes de Calvino, ou conferir o texto grego que é o mais seguro.

NOTAS:

1º. Não se deve admiti-los a provar por equivalente ou consequência senão depois que tiverem sido convencidos de não poder fazê-lo sem nada mudar nem acrescentar.

2º. Se a pessoa se julga bastante forte para enfrentar a disputa, sendo livre de deixá-la mesmo com honra se eles não puderam cumprir mesmo o seu artigo 5º, visto que a Sagrada Escritura não recebe nem consequência nem equivalência senão quando há compromisso, ou isto será contra.

Dos sábios é preciso

1º. obrigá-los a fazer um silogismo em forma, no qual a maior e a menor sejam compostas de proposições claras e evidentes tiradas da Sagrada Escritura, porque se uma das proposições é humana, ela não pode fazer um artigo de fé que deve ser todo ele tirado da Sagrada Escritura segundo o artigo 5º deles.

2º. a conclusão deste argumento deve encerrar precisamente o tema da questão disputada, ao contrário, se a questão não está expressa na conclusão, o argumento não será concludente e a negará.

3º. se uma das proposições é fundada sobre uma razão humana, a conclusão que segue a mais fraca será tirada, e assim não será um artigo de fé, mas considerada como nula e inútil.

4º. não se deve aceitar entimemas nesta disputa porque é um silogismo imperfeito, que, segundo Dumoulin, oculta o defeito da proposição que ele suprime.

5º. é preciso ser firme em obrigá-los a esta prova e não se afastar dela para confundi-los seja qual for o álibi que eles formem, como se dirá já que se comprometeram a fazer o que lhes é impossível.

6º. que se eles reconhecem, como serão obrigados a fazê-lo caso se mantenha a firmeza, que eles não podem satisfazer o seu artigo 5, será preciso declarar a falsidade da sua religião pela qual seduzem as almas, etc..

Não sábios é preciso

dizer-lhes que o texto que eles alegam, ou tem a sua interpretação na Bíblia da qual foi tirado, ou não a tem. Se ela está lá, devem mostrá-la; se não está, não é justo acreditar neles e não se pode, visto que pelos princípios deles, mesmo um sentimento humano não pode constituir um artigo de fé, nem qualquer outro livro, exceto a Bíblia.





2º. Pela tradição e crença dos apóstolos expostas ou pelos
- concílios gerais dos 4 primeiros séculos e os 3 símbolos que eles recebem.

- os 4 Padres da Igreja que eles reconhecem e fazem profissão de seguir o artigo 6 da sua confissão de fé.

3º. Pela declaração e reconhecimento

ou de algum notável particular do partido como Calvino, Dumoulin, etc. quando têm sentimentos ortodoxos e conformes à Igreja

ou pública como a das assembleias deles, em Charenton no ano 1631, pela qual receberam na sua confissão os luteranos que creem na realidade do corpo de Nosso Senhor na Eucaristia, o que eles nos contestam.

4º. Por autoridade ou

do consentimento geral de toda a Igreja numa posse imemorial e durante mais de 14 séculos.

Dos milagres testemunhados por tantos autores aos quais não se pode recusar a fé que lhes é devida sem tirá-la de todo o resto dos livros.

5º. Pela razão humana que é preciso empregar com grande prudência e precaução

1. levando-os a fazer reflexão sobre a sabedoria, a ordem, a sucessão, a santidade, as cerimônias e a majestade da nossa religião.

2. servindo-se das razões de teologia (se eles forem capazes disto) para provar um mistério por um outro, como os Santos Padres fizeram a Eucaristia pela Encarnação, etc.

3. empregando os atributos de Deus para persuadi-los, como na Eucaristia, a onipotência divina que ele pôde dar-se igualmente no altar como na cruz, a sua vontade que ele não podia explicar-se mais expressamente do que fez.

[II] Ou para ajudar os dóceis, lhes perguntaremos

[A] Se eles creem que nós nos podemos salvar na nossa religião

- Se eles dizem sim, lhes perguntaremos por que não a seguem;

- Se eles respondem que também na deles se pode, é preciso mostrar-lhes com caridade:

1. que não há senão uma fé, uma lei, uma Igreja, e eles estão de acordo conosco quanto a este artigo; a questão é apenas saber quem deles ou de nós está na Igreja.

2. que eles confessam, pelo artigo 28 da sua fé, que há ainda algum





pequeno traço de igreja no papado; assim pela declaração deles nós estamos na verdadeira Igreja, e portanto eles não estão. Nós lhes afirmamos, e o próprio Calvino não pôde dissimular, que os Santos Padres, que eles aceitam, receberam várias santas práticas e crenças que nós temos conservado sempre e que os pretensos reformados rejeitaram do seu próprio movimento, não se submetendo nem mesmo (dizem eles) ao texto da Bíblia, mas modificando-o por uma santa liberdade (como dizem) no prefácio da sua bíblia de Genebra de 1588, e eles têm feito assim todos os anos e em todos os livros alguma mudança na sua crença, porque não têm certeza, estando fora da Igreja e da sua salvação.

3. eles não podem justificar, como nós, a sucessão, a ordem, as cerimônias, milagres, mártires, doutrina pós-apostólica, mantida pelos Concílios e Doutores da Igreja invariavelmente, coisa que os pretensos reformados não têm.

4. que a sua qualidade de reformadores da Igreja e suscitados de uma forma extraordinária não está fundada na Bíblia nem é justificada por alguma missão ordinária ou extraordinária, por conseguinte é falsa.

5. a doutrina que professam como se estivesse toda na Bíblia como a regra de verdade que contém todas as coisas necessárias à salvação, Artigo 5º da confissão de fé deles, está lá tão pouco que eles não podem demonstrar um só Artigo sem mudar, acrescentar, diminuir, apesar de todas as falsificações que eles fizeram lá, e podemos seguramente conceder-lhes que, se puderem justificar apenas um só, estaremos do lado deles.

- Se eles responderem que não, fundados no artigo 31 da sua confissão de fé que diz que a Igreja caiu em ruína e desolação, e, se perguntados em quê, responderem que é pelas idolatrias e superstições dos papistas, deve-se pedir-lhes

1. Que não se preocupe seu espírito com paixões onde está em jogo a salvação, porque elas impedem de conhecer a verdade.

2. declarar-lhes que há quem incute neles falsas impressões contra nós para impedir que ouçam os bons conselhos que receberiam para a sua salvação e se convertam, pois se o discípulo abandona o ministro, este já não teria seus vencimentos; assim, para se manterem, precisam de macular de calúnia as pessoas de bem e a verdadeira religião; que eles tomem cuidado, pois, para não se endurecerem à palavra de Deus, etc.

3. testemunhar uma grande compaixão pela sua cegueira e um desejo ardente de ajudá-los, e por estas disposições entrar na prova das verdades que adoramos, no mistério da Ssma. Eucaristia e da honra que prestamos às





imagens, fazendo-os entender o que delas acreditamos e provar, explicando pela Bíblia, pelos Concílios e pelos Padres, que a nossa fé não é superstições ou idolatrias, mas um culto bem justo e legítimo.

4. se eles se recusam a ouvir o Espírito Santo que se apresenta a eles, fazê-los recordar o abandono em que Deus deixou os que não receberam a palavra de Deus que os apóstolos lhes levaram, e ao contrário, a consolação daqueles que, estando nas trevas, viram a luz, ovelhas desgarradas que foram reconduzidas ao rebanho; que se eles não aproveitam a ocasião, não o terão, etc.

[B] Se eles desejam ser instruídos, é preciso

1º. Preparar seu espírito como foi dito acima por meio de alguma instrução moral, seja sobre a bondade de Deus que quer a salvação de todos e que isto só depende de nós, seja sobre os seus juízos, se tendo sido convidados, desprezamos a sua voz.

2º. Interrogá-los sobre todas as dificuldades e dúvidas e ouvi-los calmamente, ajudá-los a exprimi-las e apresentá-las, exortá-los à confiança, consolá-los em seu sofrimento, encorajá-los no seu acanhamento sem interrompê-los.





3º. Observar o artigo mais importante e mais claramente estabelecido na Bíblia ou aquele que se domina melhor, e tratar primeiro aquele sobre o qual se espera obter maior vantagem para convencê-los mais fortemente, ou abalá-los mais poderosamente, ou pelo menos dar-lhes satisfação e desejo de nos ouvir outras vezes. Não se deve aventurar nem se arriscar na disputa sem medir suas forças, nem avançar mais do que se pode, tanto mais que sendo limitado o espírito humano, embora todas as verdades da fé sejam igualmente certas em si, elas não são possuídas por todas as pessoas do mesmo modo, assim que, segundo o Apóstolo, as graças são diferentes.

4º. É preciso provar a verdade deste artigo importante ou que se domina melhor, calmamente, sem se inquietar com o que ocorrer, quer por ser interrompido, desprezado, injuriado, a fim de melhor controlar a si mesmo e não perder por sua falta; deve-se prová-lo por cinco meios:

1. pela Bíblia, que se tratará sempre com grande respeito.
2. pela tradição dos apóstolos, que é o fundamento de tudo o que cremos, porque se a tradição não nos tivesse dito que a Bíblia é assim, não o saberíamos, e isto vale para todo o resto.
3. pelas contradições, mudanças, nascimento e morte das seitas e heresias, pela firmeza da nossa fé, pela declaração de algum notável dentre eles.
4. pela autoridade dos Concílios, doutrina dos Santos Padres, milagres, sucessão, etc.
5. pela razão humana que auxilia a fé.

*ACHEGAI-VOS A ELE E SEREIS ILUMINADOS
E VOSSAS FACES NÃO SE COBRIRÃO DE CONFUSÃO*²⁸⁹

NOTA de não tratar: 1º dois pontos de controvérsia ao mesmo tempo, porque a confusão resultante impede o fruto que se tiraria. É preciso pois dizer que quando se encerrar uma questão, será tratada a outra ou se desculpar - 2º das questões caluniosas contra a Igreja ou o Papa quanto a festas, cerimônias, acusações de idolatria que se devem refutar serenamente, e quando se tiver estabelecido a sua crença, livrar-se das calúnias e injúrias assacadas e se lhes dará a entender que alguém os iludiu, que verão que as coisas não são assim quando lhes forem explicadas, depois poder-se-á tratar o ponto de controvérsia legítima - 3º das questões de religião indecisas, seja referentes ao modo como Nosso Senhor está no Ssmo. Sacramento, se é por adução ou reprodução, de que modo ele predestina, ele dá a graça, etc. - 4º das que não são mais que prováveis e não de fé - 5º das questões que não se apoiam senão nos seus doutores ou nos nossos.

289. Accedite et illuminamini, et facies vestrae non confundentur.





686

OBRAS COMPLETAS





INTRODUÇÃO AO CADERNO DE ANOTAÇÕES





688

OBRAS COMPLETAS





INTRODUÇÃO AO CADERNO DE ANOTAÇÕES

P. Battista Cortinovia, smm

O MANUSCRITO

Caderno de 314 páginas das quais 92 permanecem sem texto. Obra que o Promotor da Fé, em 1851, assim descreve: “O pequeno volume parece escrito com diversas letras e por diversas mãos. As páginas não estão numeradas, e entre elas há muitas totalmente não escritas ou não terminadas”. Tem como título: A Ssma. Virgem está coroada com três coroas: com uma coroa de bondade, de excelência, de poder. Cada uma delas é composta de doze estrelas ou grandezas. “Assim de fato se lê no início do volume, mas grande é a variedade das coisas nele contidas; e embora quase tudo possa relacionar-se com a glória e o culto da Ssma. Virgem, há algumas coisas que pertencem a outros temas... Não pude ler tudo por causa da fraqueza da vista; muitas coisas estão escritas em caracteres miúdos, difíceis de ler”.¹

A leitura não é mais fácil hoje, quase um século e meio depois de 1851! Quanto à diversidade de escritas e de mãos, é preciso lembrar-se que Luís Grignon começa a escrever este caderno desde o seminário e o terminará pelo final da sua carreira apostólica. A variedade dos tempos, dos lugares, das circunstâncias (pressa, cansaço, etc.) pode explicar uma certa variedade na grafia de um mesmo autor.²

O texto dado como título pelo Promotor da Fé é, na realidade, o título da obra de F. Poiré, S.J., publicada em 1630, e não o título do *Caderno de Anotações* monfortino. Não se sabe se Luís Grignon tinha formulado um título para o seu trabalho, tendo desaparecido a primeira página do manuscrito.

ASSUNTO DA OBRA

O *Cadernos de Anotações* é uma coleção de textos, cuja quase totalidade canta a beleza, as grandezas, os privilégios da Ssma. Virgem Maria. O próprio Montfort, no n. 41 do *Tratado da Verdadeira Devoção*, adverte que ele fez uma “ampla coleção” das “passagens dos Santos Padres e Doutores”. A biblioteca

1. *Positio super Scriptis, Romae MDCCCLI - Adnotationis R.P.D. Promotoris Fidei super Dubio: An in scriptis praedicti Ven. Servi Dei aliquid impedimento sit quominus procedi possit ad ulteriora in casu, etc.?*, p. 23.

2. Cf. P. Eyckeler, *Le cahier de notes - Manuscrit inédit de saint Louis-Marie de Montfort*, em *L'Echo des Missions*, n. 210-214 (1951).





de Saint-Sulpice forneceu-lhe uma fonte preciosa que ele aproveita amplamente: Não leu ele “quase todos os livros que tratam da devoção à Ssma. Virgem”? É ele que o confessa no n. 118 do *Tratado*.

Eis os principais autores citados na ampla coleção: Luís Francisco de Argentan, capuchinho, Bernardino de Paris, capuchinho, Bérulle, Antônio Boissieu, SJ, Henrique Maria Boudon, Francisco Bourgoing, Bernardino di Busti, OFM, Pedro Camus, João Cartagena, João Crasset, SJ, Pedro Grenier (anônimo), Francisco Neveu, SJ, João-Jaques Olier, Francisco Poiré, SJ, João Batista Saint-Jure, SJ, Antônio Spinelli, SJ, Francisco Suarez, SJ, etc..

Francisco Poiré tem a parte do leão com o seu volume sobre *La triple couronne de la Mère de Dieu*, que o jovem Luís Grignon analisa e resume em mais de cem páginas; umas trinta páginas são reservadas ao Pe. Crasset; umas vinte ao capuchinho de Argentan; o Pe. Bernardino de Paris ocupa oito páginas e meia com o seu livro: *La Communion de la Mère de Dieu*; três páginas são preenchidas por Pedro Camus com as suas respostas às “objeções dos hereges e dos libertinos contra a devoção à Ssma. Virgem”, ao passo que Pedro Grenier utiliza sete páginas e meia para refutar os *Avis Salutaires*, de Widenfeld, publicados em latim, sem nome de autor, em Gand em 1673 e que acabam de ser publicados em francês em Lille (1674), e para justificar a “devoção de escravidão” à Ssma. Virgem Maria.

Nas páginas 237-239, encontra-se *Règles de la pauvreté volontaire de la primitive église*; nas páginas 304-311, uma meditação sobre *L'union avec Notre Seigneur* e, da página 312 a 314, um extrato da *Vie de Monsieur de Renty*, pelo Pe. Saint-Jure.

Este *Cahier de Notes* é verdadeiramente a fonte que fornece a Luís Grignon a maior parte dos textos citados nas suas obras.

DATA DE COMPOSIÇÃO

Luís Grignon começa a recolher notas desde o seminário; não se pode precisar quando ele cessa de fazê-lo. No seu artigo, no *L'Echo des Missions*, de maio de 1951, o Pe. Eyckeler afirma: “Esta coleção foi começada no seminário de Saint-Sulpice e foi terminada no momento em que Luís Grignon escreveu o seu *Secret du Très Saint Rosaire*”.





Que a coleção tenha sido começada desde o seminário, é certo.³ Que tenha sido terminada no momento em que Montfort escreveu *Le secret admirable*..., não é fácil demonstrar.

Primeiramente, não sabemos quando este *Secret admirable* foi composto; e mesmo se conhecêssemos a sua data de composição, o argumento não provaria de modo algum que a coleção estava terminada nesse momento mas, quando muito, que o santo missionário teria tirado certos textos da sua própria coleção, a qual poderia muito bem continuar a receber outro material após esta data.

EDIÇÕES

Em 1952, o Pe. Pedro Eyckeler, SMM, transcreveu todo o *Cabier de Notes*: trabalho escrito à máquina, reproduzido em alguns exemplares. É ele, além do manuscrito, a única fonte que permite consultar esta ampla coleção monfortina. Os poucos detalhes expostos aqui dependem ao mesmo tempo deste trabalho do Pe. Eyckeler e de uma reprodução fotográfica do manuscrito.

3. Cf. L. Le Crom, *o.c.*, p. 73.





692

OBRAS COMPLETAS





DISPOSIÇÕES PARA MORRER BEM





694

OBRAS COMPLETAS





INTRODUÇÃO ÀS DISPOSIÇÕES PARA MORRER BEM

Na véspera da morte de São Luís Maria de Montfort, um exemplar das *Dispositions pour bien mourir* estava na bagagem dos missionários. O Pe. Mulot escreveu em alguns espaços em branco do pequeno livro o *Testamento* que o doente lhe ditara. Este detalhe basta para explicar como este mesmo exemplar, o único conhecido hoje, tenha chegado até nós. Atualmente está nos Arquivos gerais monfortinos. Nós o reproduzimos tal qual.

O opúsculo está dividido em cinco partes. Em 1868, o Pe. G. Denis reeditou as três últimas na sua *Vie d'Union à Jésus par Marie* ou *Vie Intérieure d'une Fille de la Sagesse* (p. 299-311). “É muito verossímil, diz ele num N. B. que precede, que elas tenham sido compostas pelo próprio Venerável Padre de Montfort”.

Mais tarde percebeu-se que não é assim. Os três parágrafos em questão são do Pe. J. Nouet, SJ., falecido em 1680. Pode-se lê-los na sua obra *Retraite pour se préparer à la Mort*. Cf. Ed. François Muguet, Paris 1698, p. 242-245, 261-263, 335-337.

O segundo parágrafo: *Étendue du Paradis*, apresenta-se à primeira vista como uma citação. Resta o primeiro: *Dispositions pour bien mourir*, que deu o seu título a todo o opúsculo. Este primeiro parágrafo, que é fundamental, terá o Pe. de Montfort como autor?

Na falta de argumentos, só alguns indícios podem orientar para uma resposta afirmativa.

1. Existe nas p. 466-467 do *Livro dos Sermões* sete esboços de sermões ou meditações que desenvolvem, na mesma ordem, os seis pontos da primeira disposição remota: “Pensar todos os dias na morte”, com esta diferença que o sexto esboço: “A morte do justo é doce e desejável” não tem o seu correspondente entre os seis pontos da primeira disposição. Os sete planos do *Livro dos Sermões* formavam a ossatura do *Exercício da Boa Morte* que, durante três dias, o santo pregava por ocasião das suas missões.

2. Mais significativo que o paralelismo que acabamos de mencionar, é sem dúvida o lugar reservado, no primeiro parágrafo do livrinho, à Ssma. Virgem (n^{os} 2, 8, 17, 24, 25) e à renovação das promessas do Batismo, temas tão caros - como se sabe - a São Luís Maria de Montfort. Cf. n^o 18.

Será preciso acrescentar que em La Rochelle, onde o nosso opúsculo foi impresso, o Pe. de Montfort teria publicado uma primeira edição dos seus *Cânticos*?

Se as *Dispositions pour bien mourir* figuram entre as obras do santo, é com as reservas que o caso comporta.





DISPOSIÇÕES PARA MORRER BEM

DISPOSIÇÕES REMOTAS

[1] I. Pensar todos os dias na Morte. 1. Que é certa. 2. Que está próxima. 3. Que é enganadora. 4. Que é terrível. 5. Que é cruel. 6. Que é semelhante à vida.

[2] II. Viver bem. 1. Evitar o pecado mortal e venial de propósito deliberado. 2. Atacar a sua paixão dominante. 3. Amar a Cruz. 4. Frequentar os Sacramentos. 5. Praticar a oração e a obediência. 6. Ter uma grande devoção à Sma. Virgem.

[3] III. Fazer cedo o seu Testamento. 1. Mandar rezar as Missas antes da sua morte. 2. Fazer o seu próprio Testamento em boa forma. 3. Devolver os bens mal adquiridos. 4. Pagar as suas dívidas.

[4] IV. Tornar-se fiel a algumas práticas dos santos, para pensar na morte e se preparar para ela. 1^a. Ao deitar-se colocar-se na postura de morto. 2. Comer em cada refeição um pedaço de pão para alimentar os vermes que comerão o corpo. 3. Considerar as doenças como companheiras da morte. 4. Ter uma caveira no quarto, e meditar o que ela foi, o que ela fez, disse e pensou: o que ela é, o que fará, e refletir sobre si. 5. Mandar fazer o seu Caixão e o seu Túmulo e beijá-los todos os dias.

DISPOSIÇÕES PRÓXIMAS

[5] I. Suportar com paciência a doença. 1. Porque Deus no-la envia. 2. Porque ela nos poderá tirar do exílio. 3. Porque nos faz expiar os nossos pecados. 4. Crer firmemente que dela se morrerá.

[6] II. Receber os três Sacramentos da Penitência, da Eucaristia e da Extrema Unção. 1. Cedo e antes que os amigos e parentes o queiram. 2. Com contrição, humildade e gratidão. 3. Com fervor.

[7] III. Escolher dois bons amigos. 1. Para afastar do quarto parentes, amigos e pessoas inúteis. 2. Para vos excitar a fazer Atos de Fé, de Esperança e de Caridade. 3. Para vos fazer receber os Sacramentos. 4. Para vos sustentar nas vossas tentações.

[8] IV. Resistir às tentações do Demônio. 1. À tentação de infidelidade, dizendo simplesmente *Creio em Deus Pai*, ou *Eu creio o que crê a Igreja Católica*.

1. O original traz: 2.





2. À tentação de desespero, apoiando-se nos méritos infinitos de Nosso Senhor, e da intercessão todo-poderosa de Maria. 3. À tentação de impaciência, meditando os sofrimentos de Jesus Cristo, as recompensas prometidas, os tormentos da outra vida, a gravidade dos vossos pecados.

[9] V. À tentação de vanglória e presunção, pela consideração dos vossos pecados passados, em seu número e gravidade, perante a Santidade infinita de Deus.

[10] VI. Às tentações dos amigos interessados e dos parentes, afastando-os de si o mais possível, não tomando parte nas suas lágrimas naturais, em seus conselhos interessados, nas suas garantias enganadoras.

ÚLTIMAS DISPOSIÇÕES

[11] 1. Perdoar de bom coração a todos os Inimigos a exemplo de Jesus Cristo.

[12] 2. Pedir perdão aos que ofendestes, e que levastes a ofender a Deus.

[13] 3. Entregar o espírito nas mãos de Deus.

[14] 4. Devolver o corpo à terra e consentir que seja comido pelos vermes.

[15] 5. Rezar a Deus por si e pelos outros.

[16] 6. Recomendar todos os parentes e amigos à Sma. Virgem.

[17] 7. Exortar toda a família à verdadeira devoção à Sma. Virgem.

[18] 8. Renovar as promessas do Santo Batismo e dizer adeus a todas as criaturas da terra.

[19] 9. Agradecer a misericórdia infinita de Deus pelos seus benefícios, e apoiar-se nela unicamente.

[20] 10. Adorar os juízos de Deus sobre si, sejam quais forem.

[21] 11. Oferecer-se à Justiça de Deus, em união com Jesus Cristo, em qualquer lugar que ela nos coloque; contanto que ali possamos amar a Deus.

[22] 12. Desejar ardentemente o gozo de Jesus Cristo e de seu Reino.

[23] 13. Pedir que rezem as Preces dos Agonizantes e participar delas; mandar que leiam a Paixão de Jesus Cristo ou a Oração que fez este bom Mestre antes da sua morte, relatada no cap. 17 do Evangelho segundo São João.

[24] 14. Rezar, se possível, o Salmo *Alegrei-me quando me disseram*² e o *Magnificat*³.

2. Sl 122 (121).

3. Lc 1, 46-55.





[25] 15. Enfim, em união com Jesus e Maria, sem embaraço de nenhum negócio, sem outra companhia senão a de seus dois amigos, esperar com alegria a feliz hora da morte, dizendo muitas vezes, *Jesus, Maria, José*, para ganhar as Indulgências das Confrarias das quais é membro, beijando o seu Crucifixo, olhando para a imagem da Sma. Virgem, fazendo o sinal da Cruz, e mandando aspergir o leito com água benta.

EXTENSÃO DO PARAÍSO

[26] As Estrelas que estão ligadas ao oitavo Céu são, segundo os Astrólogos, todas maiores que a terra. Há estrelas de seis diferentes tamanhos: As de primeira grandeza são 17 vezes maiores que a Terra, e elas são 17 deste tamanho. As de segunda são 90 vezes maiores que a Terra, e há 45 delas. As de terceira são 54 vezes, e há 264 delas. As de quarta são 35 vezes, e há 217 delas. As de quinta são 18 vezes e delas há um número incalculável. O Céu ou o Firmamento onde elas estão, tem cinquenta milhões de léguas francesas de circunferência, e contudo o Céu está ainda mais acima.

ORAÇÕES PARA AS SETE UNÇÕES DA EXTREMA UNÇÃO

Nos olhos.

[27] Mostrai, doce Jesus, eu vos peço, pelas lágrimas que derramastes dos vossos olhos, que apagueis os pecados que cometi pelo desregramento de minha vida: a fim de que, tendo terminado o curso da minha vida, possa eu ver a beleza da vossa divina face, que constitui o Paraíso do meu olhar.

Nos ouvidos.

[28] Mostrai, doce Jesus, eu vos peço, pela pureza celestial de vosso ouvido, que laveis a impureza dos meus, a fim de que, na hora da minha morte, não receando ouvir uma sentença funesta da vossa boca, eu me apresente com alegria diante do vosso Trono, para receber a coroa e para ouvir estas doces palavras: Vinde, benditos de meu Pai, tomai posse do Reino que vos está preparado desde o começo do mundo.

Nas narinas.

[29] Meu doce Jesus, eu vos peço, pelo suave perfume de vossas virtudes; e pela paciência com que suportastes o odor fétido do Calvário para





me livrar do do Inferno, que perdoeis os pecados que cometi pela minha delicadeza e pelos gastos supérfluos que fiz para contentar o meu olfato, a fim de que, na hora da morte, nada me impeça de vos dizer: atraí-me a vós. Corremos para o odor dos vossos Perfumes.

Na boca.

[30] Mostrai, doce Jesus, eu vos peço, pela força poderosa das Palavras Sagradas que saíram da vossa boca, que me perdoeis a intemperança da minha boca e a incontinência da minha língua; a fim de que, saindo deste exílio, eu entre com alegria no Templo da vossa glória, para cantar eternamente os vossos louvores.

Nas mãos.

[31] Mostrai, doce Jesus, eu vos peço, pelas Sagradas Chagas das vossas mãos, que aniquileis todas as desordens das minhas, a fim de que, após a minha morte, possa abraçar-vos estreitamente e unir-me a vós para sempre.

Nos pés.

[32] Meu dulcíssimo Jesus, eu vos peço, pelas Sagradas Chagas dos vossos pés, que me perdoeis todos os passos que dei nos caminhos da iniquidade, a fim de que a minha alma, tendo sido libertada do peso deste corpo mortal, alce o voo para vós, que sois o centro e o lugar do seu repouso.

Nos rins.

[33] Meu dulcíssimo Jesus, eu vos peço, pela doce chaga do vosso coração, e pela inocência da vossa santíssima vida, que me perdoeis os excessos vergonhosos da minha concupiscência; dai-me, por favor, um banho do vosso Sangue, no qual unicamente ponho a minha esperança; aplicai-me os méritos da Água que saiu do vosso Sagrado Lado, para lavar as manchas de meu corpo e de minha alma, a fim de que, estando perfeitamente purificado, ao sair deste miserável cativeiro, eu me encontre felizmente em vós, que sois o verdadeiro Paraíso das delícias eternas. *Criai em mim, ó Deus, um coração puro. Lavi-me de toda a iniquidade; purificai-me dos meus pecados.*⁴

4. Sl 50, 12 e 4: *Cor mundum crea in me Deus. Amplius lava me ab iniquitate mea, a peccato meo munda me.*





AS SETE ÚLTIMAS PALAVRAS DE JESUS CRISTO

[34] A primeira. *Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem*⁵.

Oração.

Ó Jesus, que rezastes pelos vossos Inimigos, quando vos crucificavam, perdoai-me os meus pecados, como perdoo de bom coração aos que me têm ofendido.

[35] A segunda. *Em verdade te digo: que hoje estarás comigo no Paraíso*⁶.

Oração.

Ó Jesus, que prometestes o Paraíso à Penitência do bom Ladrão, eu vos conjuro pela vossa bondade infinita que vos lembreis de mim na hora da minha morte, e que me deis uma verdadeira contrição dos meus pecados.

[36] A terceira. *Mulher, eis o teu Filho; eis a tua Mãe*⁷.

Oração.

Ó Jesus, que testemunhastes ao morrer a ternura de vosso coração para com a vossa Santa Mãe, e que lhe recomendastes todos os vossos Discípulos na pessoa de São João, colocai-me, por favor, sob a sua proteção e dai-me um coração de filho para honrá-la. Maria, lembrai-vos de que vosso Filho, estando sobre a Árvore da Cruz, recomendou-vos a minha alma; mostrai-lhe que sois uma boa Mãe e que cuidais da sua salvação: *Mostrai que sois Mãe*⁸.

[37] A quarta. *Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*⁹

Oração.

Ó Jesus, que por um excesso de amor quisestes ser abandonado pelo vosso Pai, para não abandonar os pecadores, não me abandoneis, eu vos peço, na hora da minha morte, quando todo mundo me abandonar; vós sois

5. Lc 23, 34.

6. Lc 23, 43.

7. Jo 19, 26-27.

8. Mostra te esse matrem. Hino "Ave maris stella".

9. Mt 27, 46; Mc 15, 34;





o meu único refúgio, escondi-me nas vossas chagas, e fazei que eu ali encontre a minha consolação e a minha salvação.

[38] A quinta. *Tenho sede*¹⁰.

Oração.

Ó Jesus, que quisestes que vos dessem fel e vinagre para beber, eu vos suplico pela vossa ardente sede que tivestes da glória do vosso Pai e da minha perfeição, que repareis todas as minhas friezas passadas, e que acendais em meu coração um ardente desejo de vos servir e de vos glorificar eternamente. Assim seja.

[39] A sexta. *Tudo está consumado*¹¹.

Oração.

Ó Jesus, que cumpristes inteiramente todas as vontades do vosso Pai celestial, e consumado pela vossa morte a obra da nossa redenção, concedei-me a graça de consumir e cumprir perfeitamente, antes de morrer, todos os desígnios que tendes a meu respeito, para a vossa glória e para o meu bem.

[40] A sétima. *Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito*¹².

Oração.

Ó Jesus, que entregastes o vosso Espírito nas mãos do vosso Pai antes de expirar, eu vos suplico que recebais o meu entre os braços da vossa misericórdia no último suspiro da minha vida; escondi-o no Tabernáculo de vosso coração amoroso, neste terrível momento, no qual ele estará em perigo de cair no abismo, colocai-o ao abrigo neste divino Santuário, contra todos os esforços dos meus inimigos, fazei resplandecer sobre mim as maravilhas de vossa graça, vós que com braço todo-poderoso salvais os que esperam em vós; guardai-me como a pupila dos vossos olhos, contra os que vos resistem, e que querem impedir o desígnio que tendes de me salvar. Cobri-me com a sombra das vossas asas, contra os que me perseguem.

10. Jo 19, 28.

11. Jo 19, 30.

12. Lc 23, 46.





O MEU TESTAMENTO ESPIRITUAL

[41] Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Vendo-me próximo de morrer, e tendo ainda o espírito plenamente livre, por vossa misericórdia, ó meu amabilíssimo Salvador! Eu reafirmo à vossa divina Majestade, na presença do santo Anjo que me destes para me guardar, que quero morrer na Fé e nos sentimentos da Igreja Católica, Apostólica e Romana, nos quais todos os vossos Santos e os vossos amigos morreram.

[42] 1. Eu creio firmemente, meu Deus, tudo o que vós nos revelastes, e renuncio desde já a todas as tentações, de infidelidade e de desespero, que me poderiam atingir pela malícia do demônio ou pela fraqueza do meu espírito.

[43] 2. Aceito desde agora a morte por amor de vós, não tanto para ser libertado das misérias da vida e para gozar da glória, mas para cumprir a vossa santa vontade.

[44] 3. Submeto-me a tudo o que vos aprouver que eu suporte, quer no corpo quer na alma, e vo-lo ofereço em união com a vossa santíssima agonia, para satisfazer à vossa justiça e reparar a injúria que fiz à vossa glória.

[45] 4. Renuncio doravante ao mundo, à carne, à vida presente, ao uso dos sentidos, à companhia dos vivos e a todos os contentamentos da natureza, porque vós o quereis assim, e porque mereço ser deles privado.

[46] 5. Espero, meu dulcíssimo e misericordiosíssimo Senhor, que vossa bondade me perdoará meus pecados, pois tenho certeza que a vossa clemência sobrepuja infinitamente a grandeza das minhas ofensas. É pois, ó meu Deus, sobre o abismo das vossas misericórdias infinitas, e sobre os méritos da vossa morte, que é a fonte das vossas bênçãos celestes, que eu me apoio, e que espero o perdão que pedistes para mim, com as lágrimas de sangue, e a graça de me preservar até ao fim no vosso amor. *Em ti, Senhor, tenho meu abrigo, não serei confundido eternamente.*¹³

13. SI 30, 2; 70, 1: *In te Domine speravi non confundar in aeternum.*





[47] 6. Ó meu Deus, meu soberano bem e meu fim último, que me mandastes amar-vos; eu reafirmo em vossa divina presença que quero fazê-lo de todo o meu coração, desejando que a minha alma fique purificada e afastada de todo outro amor fora do vosso; renuncio com todas as minhas forças a todo outro interesse, e não quero doravante ocupar-me senão de vós, ó meu Deus e meu tudo, no tempo e na eternidade: que eu seja todo vosso e todo para vós, como sois todo para mim. Oh! Que pesar tenho de vos ter amado tão tarde e tão pouco! *Tarde te amei, ó beleza tão antiga, tarde te amei.*¹⁴

[48] 7. Ó minha felicidade, minha luz, minha vida, eu suspiro por vós, eu desejo com ardores inexplicáveis ver-me um dia unido convosco, para vos amar e glorificar com toda a pureza e a perfeição possível; é por isso que vos peço, ó Deus de meu coração, que retireis a minha alma da prisão de meu corpo, e que quebreis, por favor, as cadeias que a mantêm cativa, para colocá-la na liberdade dos vossos filhos, a fim de que ela vos cante eternamente cânticos de amor e de bênçãos na região dos vivos, pois é apenas nesta região, e não na dos mortos, que vos louvarei e amarei perfeitamente. *Caminharei na presença de Deus na terra dos vivos.*¹⁵ É lá, ó meu Deus, que vos agradarei sem vos desagradar, que vos contemplarei sem obscuridades, que vos amarei sem inconstância, e que os deveres que vos render serão sem falha. *Minha alma tem sede de Deus, do Deus da vida.*¹⁶ *Minha alma suspira e desfalece pelos átrios do Senhor.*¹⁷ *Serei saciado com a tua imagem.*¹⁸ Até lá, meu Senhor, não terei repouso, desfalecerei de amor, meu coração baterá sem cessar no peito, vós o fizestes para vós, ele estará sempre agitado até que repouse plenamente em vós.

[49] 8. Ó Pai Eterno, Pai das misericórdias, Pai das luzes do qual desce todo dom perfeito, eu vos rendo, pelo coração amoroso de Jesus Cristo Nosso Senhor, infinitas ações de graças por todos os bens que vos aprouve conceder-me unicamente por vossa bondade, e por todos os momentos de minha vida, de que gozei por tanto tempo, e que entrego nas vossas mãos, com um coração cheio de reconhecimento e de amor. Eu vos agradeço de novo com toda a humildade do uso que me destes; como também por todos

14. Santo Agostinho, *Confissões*.

15. Sl 114, 9: *Placebo Domino in regione vivorum*.

16. Sl 41, 3: *Sitivit anima ad Deum fontem vivum*.

17. Sl 83, 3: *quam dilecta tabernacula tua Domine virtutum*.

18. Cf. Sl 16,15: *satiabor cum aparuerit gloria tua*.





os momentos da eternidade bem-aventurada, e por todos os bens da glória, que espero pelos méritos das chagas de meu Salvador, que mos adquiriu com tantos sofrimentos; e convido todos os santos e todas as Criaturas a vos louvar por eles em meu nome. *Que tudo o que respira louve o Senhor.*¹⁹

[50] 9. Pobre de mim! Quando considero o mau uso que fiz de todos esses bens, que só paguei com ingratidões, sinto dor tão sensível, e um pesar extremo da minha vida má, da qual vos peço muito humildemente perdão, suplicando-vos que apagueis as manchas da minha alma, com o sangue do vosso caríssimo Filho, e que esqueçais as minhas negligências passadas, que me afastaram tantas vezes dos caminhos do vosso Espírito Santo, frustrando os desígnios que a vossa bondade tinha sobre mim; não entreis, meu Deus, em juízo contra o vosso pobre servo. Mas já que não rejeitais o sacrifício de um coração contrito e humilhado, concedei-me esta graça, de chorar os meus pecados durante o que me resta de vida, e que eu morra no espírito de penitência, a exemplo de todos os vossos Santos.

[51] 10. Ó meu Senhor Jesus, por esta ardente caridade, que desprendeu a vossa santíssima alma do vosso sagrado corpo, meu coração ferido de amor e quebrantado de dor, possa aplacar a vossa cólera. Ó Virgem santa, feliz Porta do Céu, daí-nos uma das lágrimas de vosso Filho, e um dos suspiros de vosso coração traspassado de dor ao pé da Cruz para suprir à minha contrição; e recebei a minha alma no número das que obtêm, por vossa intercessão, o perdão dos seus pecados e a Vida eterna. Ó meu fiel anjo da guarda, cuidai do último momento da minha vida, e assisti-me tão poderosamente contra todos os meus inimigos, que eu saia vitorioso deste último combate, morrendo no amor e pelo amor do meu Deus, e do meu dulcíssimo Salvador. Assim seja.

19. Sl 150, 6: *Omnia spiritus laudet Dominum.*





PARTE III

SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT

FUNDADOR



706

OBRAS COMPLETAS





INTRODUÇÃO AO TRÍPTICO MONFORTINO





708

OBRAS COMPLETAS





INTRODUÇÃO AO TRÍPTICO MONFORTINO

P. Battista Cortinovis, smm

Entre os escritos de São Luís Maria Grignon de Montfort o que se designa habitualmente como o *Tríptico* reveste uma importância extrema para a Companhia de Maria, da qual ele é o documento fundador.

Em 1713 Luís Grignon tem 40 anos. Há quinze anos que traz no coração uma ideia, um projeto, do qual já falou com seu diretor espiritual: “Sinto grandes desejos de fazer amar a Nosso Senhor e a sua Santa Mãe, de ir, de um modo pobre e simples, ensinar o catecismo aos pobres do campo, e estimular os pecadores na devoção à Sma. Virgem. Na verdade não sou digno desta empresa honrosa, mas não posso impedir-me, dadas as necessidades da Igreja, de pedir continuamente com gemidos uma pequena e pobre companhia de bons sacerdotes que o exerça sob o estandarte e a proteção da Sma. Virgem” (C 5).

Por um momento ele hesita entre as missões estrangeiras e as missões internas. Em Saint-Sulpice, dizia algumas vezes aos eclesiásticos que moravam com ele: “Que estamos fazendo aqui, meus caros amigos? Por que somos operários inúteis, quando há tantas almas que perecem no Japão e nas Índias, por falta de pregadores e de catequistas que as instruem nas verdades necessárias à salvação?”¹ Em 1708, após algumas discussões com soldados em Nantes, confia a seu colaborador Mons. des Bastières: “Fui expressamente a Roma... para pedir ao nosso Santo Padre, o papa, a permissão de ir aos países estrangeiros pregar missões entre os bárbaros e os infiéis, esperando encontrar entre eles alguma ocasião favorável de derramar meu sangue pela glória de Jesus Cristo, que derramou todo o seu por mim. O nosso Santo Padre recusou-me esta graça, porque eu era indigno dela”.²

Em junho de 1706, com efeito, as palavras do Soberano Pontífice confirmaram-no em seu ministério apostólico: “Vós tendes, Senhor, um campo bastante grande na França para exercer vosso zelo; não vades para outra parte e trabalhai sempre com uma perfeita submissão aos bispos nas dioceses às quais sereis chamado. Deus por este meio abençoará os vossos trabalhos”.³

1. Grandet, 24. Este texto faz lembrar as palavras de São Francisco Xavier que Montfort cita em S, II, 827. Cf. também *Documentation Montfortaine*, 37, 3-4.

2. Grandet, 80.

3. Grandet, 64-65.





E sua experiência das missões populares alimenta, aumenta seus desejos de ver nascer esta “pequena e pobre companhia de bons sacerdotes”, com que sonha.

Em 1713, no silêncio do eremitério de Saint-Eloi, em La Rochelle, onde acaba de redigir o que “ensinou com resultado em público e em particular nas [suas] missões durante muitos anos” (VD 110), ele se dispõe a elaborar a carta do projeto de fundação que, já faz quase vinte anos, na sua oração diária, nas estradas da França ou da Itália, ele medita, revolve no seu espírito e no seu coração.

Com efeito, há cerca de vinte anos que ele intercede, ele argumenta, suplica o Pai, interpela a Sma. Trindade nos seus colóquios íntimos, ao longo dos muitos quilômetros que percorre, tão numerosos quanto os versos de seus cânticos; sempre na presença de Deus, não cessa de recomendar esta intenção, de apresentar este projeto, de “importunar” o Senhor com seus jejuns e macerações bem como por suas súplicas, a fim de que, “para a Sua glória”, e para “renovar a Igreja”, Ele se digne atendê-lo nos desígnios da sua divina misericórdia. Esta carta, será o *Tríptico*. Com este documento, dirige-se a Paris, em junho de 1713, para suplicar aos sucessores de seu amigo Poullart des Places em favor da sua “Companhia de Maria”.⁴

O MANUSCRITO

Ardente súplica às três adoráveis Pessoas da Sma. Trindade, o primeiro texto do *Tríptico* é comumente designado *Oração Abrasada* (OA). Terá sido por causa de um texto do Pe. Faber no prefácio à sua tradução *Tratado da Verdadeira Devoção* (VD), em 1862?⁵ Quiseram simplesmente retomar a expressão empregada no *Tratado da Verdadeira Devoção* (VD 67) para designar uma oração de Santo Agostinho e que o Pe. Faber traduz por *burning prayer*? O segundo documento se intitula *Regras dos sacerdotes missionários da Companhia de Maria* (RM). O terceiro parece ser uma carta dirigida *Aos Associados da Companhia de Maria* (ACM).

Na sua própria materialidade, o manuscrito manifesta a unidade, a inseparabilidade de suas três partes. A primeira, com efeito, vai da página 3 à página 23; a segunda começa imediatamente no verso, página 24 e termina

4. Cf. Michel, J., *Claude-François Poullart des Places, fondateur de la congrégation du Saint-Esprit, 1679-1709*, Ed. St-Paul, Paris, 1962, p. 269 e ss.

5. “Since the apostolical epistles it would be hard to find words that burn so marvellously as the twelve pages of his prayer for the Missionaries”.





na página 73; a página 74 traz o começo da última parte, que termina abruptamente na página 82.

Tal como chegou até nós, o manuscrito está amputado da primeira e das últimas páginas. As folhas “foram primeiro simplesmente costuradas juntas; os traços da brochura são ainda visíveis em todas as páginas. Nestas condições, as folhas exteriores estavam particularmente expostas a se desgastar e se separar”.⁶ Quando se encadernou o manuscrito, já faltavam folhas no começo e no fim.

O texto do manuscrito começa hoje com estas palavras: “Conhecimentos proféticos a alguns dos vossos maiores servos...”. Felizmente, é possível reconstituir o começo do documento. Grandet e Besnard, que tiveram em mãos o texto original, reproduzem ambos o mesmo texto inicial: “*Memento, Domine, Congregationis tuae, quam possedisti ab initio*. Lembrai-vos, Senhor, da vossa Congregação que possuístes desde toda a eternidade pensando nela...”. Grandet dá o texto completo do primeiro parágrafo, ao passo que Besnard só transcreve o seu começo.⁷

As primeiras palavras do segundo parágrafo são tomadas das *Regras dos sacerdotes missionários da Companhia de Maria et Constitutions des Missionnaires du Saint-Esprit*, de 1837.⁸ As últimas palavras do manuscrito são, atualmente: “Ele concede a seus parentes e a seus amigos do mundo”, na página 82. Na última página do manuscrito, uma mão, que poderia ser a do Pe. Henrique Huré, acrescenta a nota seguinte: “O último caderno era de 6 folhetos (24 páginas). Ora, ele começa na página 65. Faltam, pois, neste último caderno 3 folhas frente e verso, ou seja, 6 páginas”.

No momento da restauração dos manuscritos monfortinos, em 1957, os monges basilianos de Grottaferrata constataram que o *Tríptico* tinha sido primeiramente uma brochura, e depois foi encadernado. A encadernação foi feita provavelmente por ocasião do processo diocesano para a beatificação. Sabe-se que o Pe. Dalin, então superior geral, depõe no processo as peças seguintes: Uma carta (C 22), o *Tratado da Verdadeira Devoção* (VD), o *Caderno de Anotações* (CA), o *Segredo Admirável* (SAR) unido ao *Amor da Sabedoria Eterna* (ASE) num só volume, uma coletânea dos *Cântiques* (CT) e o *Tríptico*. Era 10 de maio de 1842.⁹

6. *L'Écho des Missions*, outubro de 1932, p. 5.

7. Cf. Grandet, 139; Besnard, 284.

8. Cf. OC, 673.

9. Para uma descrição detalhada do estado atual do manuscrito, ver o artigo do Pe. Henrique Maria Guindon, em *Documentation mariale*, 15, (1958), 57-69.





PATERNIDADE DA OBRA

Nenhuma dúvida existiu jamais sobre a paternidade desta obra, que Montfort confiou ao Pe. Mulot.¹⁰ O texto sobre a pobreza evangélica, acrescentado por este na página 30 do manuscrito prova até à evidência que ele teve realmente o manuscrito em mãos.

A grafia do texto é incontestavelmente da mão de São Luís Maria. O processo verbal da “sessão para a revisão dos escritos do venerável Servo de Deus” no tribunal diocesano de Luçon, a 10 de maio de 1842, traz a afirmação do Pe. Dalin: “*O Tratado da Verdadeira Devoção* e as *Regras dos sacerdotes missionários da Companhia de Maria*, como também a carta ao Sr. Carrière, são inteiramente da mão do Pe. de Montfort”. Por outro lado, a comparação dos dois manuscritos *Tratado da Verdadeira Devoção* e *Tríptico*, demonstra a identidade da grafia.

DATA DE COMPOSIÇÃO

O ano de 1713 é geralmente aceito como data da composição do *Tríptico* montfortino, durante um retiro que o santo missionário fez no eremitério Saint-Eloi. “O que há de bem certo – escreve Besnard – é que ele estava todo elaborado quando no fim do mês do junho de 1713 Montfort partiu para Paris”.

Em Paris Montfort dirige-se ao seminário de Poullart des Places e, lá, “ele abriu-se a eles sobre o propósito que tinha de formar uma Companhia de missionários, unicamente ocupados em exercer suas funções e desobrigados de todos os outros cuidados, exceto o de adquirir os conhecimentos e dedicar-se aos exercícios de piedade próprios do seu estado. Comunicou-lhes seu plano e fez-lhes a leitura do regulamento que tinha composto para aqueles dentre seus alunos e outros, que quisessem juntar-se a ele para abraçar a mesma carreira”.¹¹

ASSUNTO DA OBRA

São Luís Maria tinha escolhido e indicado um título para a presente obra? Provavelmente jamais o saberemos. O conjunto do trabalho, no entanto, exprime claramente uma ideia que sugere um título possível: *La Compagnie de Marie dans le plan rédempteur*. A Companhia de Maria é realmente o ponto central de todo o documento e o colóquio com a Sma. Trindade e também as *Regras dos sacerdotes missionários da Companhia de Maria* estabelecidas por Montfort e a exortação final dizem respeito unicamente a esta “nova companhia”.

10. Cf. T, em OC, 830-831.

11. Besnard, 299 e 314-315.





Montfort reza, Montfort suplica. Mas não pede nenhum favor pessoal. “Que é que eu peço? Nada em meu favor” (OA 6). O que ele quer e implora, é a vontade de Deus, a glória da Trindade Santa; o que tem em vista é a realização desta vontade divina e das promessas do Senhor. “Senhor, não esqueçais vossas promessas... fazei o que prometestes fazer”.

Na *Oração Abrasada* ele procura despertar a memória das três Pessoas divinas: “Pai, lembrai-vos de vossas promessas. *Memento Congregationis tuae...* Verbo, Sabedoria eterna, lembrai-vos dos que escolhestes desde toda a eternidade. *Memento Congregationis tuae...* Espírito Santo, lembrai-vos de formar esses eleitos. *Memento Congregationis tuae...*”.

Na RM é o próprio Montfort que se recorda. *Memini...* Recorda-se da sua visão profética e, forte da experiência que tem de ser atendido (OA 14), enriquece esta recordação com toda a experiência adquirida no decurso de seus anos de missionário e redige um projeto de *Regras*.

Em ACM enfim o Pai celeste se lembra de suas misericórdias e de suas promessas; ele se lembra dos que escolheu por seu Filho, sua mão, por quem ele fez tudo: *Ego elegi vos*. E amorosamente ele encoraja os “filhos da promessa”: *Nolite timere pusillus grex!*

A obra forma um conjunto indivisível. A *Oração Abrasada* fornece a chave de interpretação das *Regras dos sacerdotes missionários da Companhia de Maria* como também, da vida e das obras de São Luís Maria e ainda da *Carta Aos Associados da Companhia de Maria*, que se apresenta como uma exortação ou mesmo o testamento espiritual de um pai a seus filhos. A mensagem central é claramente: a Companhia de Maria no plano redentor.

Deslumbrante sinfonia espiritual, o *Tríptico* expõe em três movimentos a visão profética de Montfort e a primeira concretização da sua obra. Para transmitir a sua mensagem, uma sinfonia deve ser ouvida no seu conjunto. Mas permanece sempre possível, evidentemente, deter-se a vontade num tema melódico particular.

Assim a Companhia de Maria pode comprazer-se em descobrir, no passado distante, “o que serão um dia todos os seus filhos” (RM 61). Ela pode maravilhar-se meditando o simbolismo com que Montfort a representa “calcanhar da Imaculada”, esmagando a cabeça da serpente infernal; a Companhia de Maria será assim o instrumento da Sma. Virgem para “renovar todas as coisas” (Cf. OA 6 e 13). Ela vai gostar de passear seu olhar contemplativo sobre seus filhos animados de





uma verdadeira “devoção a Maria” (OA 12), animados desta verdadeira devoção descrita e definida no *Segredo de Maria* (SM) ou no *Tratado da Verdadeira Devoção*. Ela vai querer prolongar sua alegria escutando este canto final do abandono total entre os braços do Pai celeste, sempre “infalível”: “*Nolite timere...* Numa palavra, nada temais e dormi em segurança no seu seio paternal” (ACM 1 e 4), e convidar seus membros a louvá-lo e bendizê-lo sem fim.

Mas só o conjunto transmite a mensagem completa. Essa mensagem nos revela o laço que prende num só feixe de louvores à Trindade Santa a vida e as obras de Montfort; ele nos revela a beleza, a unidade da sua vida no meio dos meandros movimentos do seu percurso.

Eis os três movimentos, os temas principais desta brilhante sinfonia monfortina: 1. Visão profética e espera suplicante: intervenção junto à Trindade Santa. 2. Realização progressiva mas inacabada, calcada sobre a experiência do fundador. 3. Amoroso abandono ao “Pai infalível” constatando a realidade, as dificuldades encontradas pelos “filhos da Companhia de Maria”.

Os temas se entrelaçam, se correspondem, se repetem em variações múltiplas e tonalidades diversas.

A Trindade Santa decide a Encarnação da Sabedoria Eterna em Maria, por obra do Espírito Santo (Cf. ASE 46). Em consequência desta decisão trinitária, o Pai possui já a Companhia de Maria no seu pensamento, no seu coração. Desde toda a eternidade Ele a confia ao Verbo, que a banha já no seu sangue e a confia por sua vez à sua divina Mãe: “Pai, lembrai-vos desta Congregação”. Propriedade do Verbo, ao qual o Pai a confiou, a Companhia de Maria é formada de membros que serão escravos, filhos da Imaculada, ornados de todas as qualidades apostólicas, e cuja visão profética Luís Maria Grignion contempla. “Jesus, lembrai-vos desta Congregação, decidida desde toda a eternidade e que, no tempo, deveis lançar na existência; lembrai-vos de dá-la à vossa Mãe... É por vossa Mãe que vos peço”. Esses membros, quando existirem no espaço e no tempo, é o Espírito Santo que deverá formá-los com Maria sua Esposa indissolúvel (Cf. OA 15). Com Ele habitarão a santa montanha, onde aprenderão a inteligência das bem-aventuranças. “Espírito de amor, lembrai-vos desta Congregação, cujos membros deveis formar”.

Assim formados, eles se lançarão ao apostolado a exemplo e no seguimento dos Apóstolos para estabelecer o reino de Jesus por Maria, observando as *Regras* traçadas por Montfort.





Desapegados de tudo, não buscando senão Deus Só e sua glória, pobres, abandonados inteiramente à misericórdia do Pai, eles cantam e vivem a confiança e a paz.¹²

1. Primeiro movimento - Oração abrasada

A. Visão de eternidade (OA 1-5): Deus Só! – Visão profética e espera suplicante

Montfort dirige-se primeiro ao Pai. Desafiando o tempo e o espaço, desde toda a eternidade, *omnia simul*, o Pai vê e escolhe a Companhia de Maria. No seu pensamento, ele a possui já em seu Verbo (suas “mãos”)¹³, por quem “tudo foi feito”. Ele a possui no seu coração, no Espírito de amor; Ele a purifica no sangue redentor e a confia a Maria.

Com a audácia dos santos e a segurança dos profetas, o Pe. de Montfort aplica à Companhia de Maria os textos do Antigo Testamento relativos ao povo escolhido: “*Memento Congregationis tuae...* Senhor, não esqueçais a escolha que fizestes desde toda a eternidade... é a vossa escolha... é a vossa Congregação... Sim, desde toda a eternidade, o Pai a concebeu e a contemplou, *ab initio*... Desde o começo ele a escolheu, formou, pôs à parte, *ab initio*... Na aurora dos tempos novos, banhou-a, mergulhou-a, consagrou-a no sangue redentor de Jesus, *ab initio*... E já, então, ele a confia a Maria como propriedade dela, ou antes, como a propriedade de Deus mesmo, que ela é encarregada de guardar, de guiar, de levar a bom porto, *ab initio*...” (Cf. VD 52).

Como São Francisco de Paula, São Vicente Ferrer, Santa Catarina de Sena, Montfort reivindica “conhecimentos proféticos” que lhe permitem a mesma audácia...¹⁴ e exclama: “Pai, Deus de bondade, lembrai-vos de vossas promessas, das promessas reiteradas que nos fizestes pelos vossos profetas e por vosso Filho de nos atender em nossos justos pedidos”.

12. Alguns estudos referentes ao *Triptyque*: Frehen, H., *Le “caractère particulier” de la Compagnie de Marie suivant le P. de Montfort*, em *Documentation Montfortaine*, n. 40-41 (1967); Chaillou, S., *Les Apôtres des derniers temps*, manuscrito nos Arquivos SMM; Nava, P. L., *Il trittico monfortano. La Compagnia di Maria nel pensiero di S. Luigi-Maria di Montfort (1673-1716)*, em *Claretianum*, (1984), 33-77; do mesmo: *Triptyque Montfortain*, em *DSM*, 1290-1313.

13. É interessante notar que Santo Ireneu chama o Verbo e o Espírito Santo as mãos do Pai, ou de Deus; cf. *Adv.Haer.* VI, I; 28,3.

14. Para OA 2, cf. Oger P., *Saggio di commento alla Preghiera infuocata di Luigi-Maria di Montfort*, manuscrito, Arquivos SMM, p. 6-12.





B. O Filho, Sabedoria Eterna, se encarna em Maria. No seio virginal da Imaculada, Ele escolhe seus eleitos, entre os quais os membros da Companhia de Maria... (OA 6-14; VD 248)

“*Memento Congregationis tuae...* Jesus, lembrai-vos...”. É a hora da realização no tempo. Esta Congregação é realmente propriedade vossa, ó Jesus, Sabedoria Eterna. No pensamento do Pai, não é o Filho, “sabedoria” do Pai, não é Ele que a tira do nada? Montfort não receia afirmar que Jesus não somente pode mas deve conceder-lhe o que pede: “Dar a Maria esta nova Congregação para tudo renovar por ela. É por vossa Mãe que vos peço... Nada em meu favor, tudo para a vossa glória” (OA 6). Esta Congregação não deve renovar a terra, reformar a Igreja (Cf. OA 17; RM 56, 61), “terminar por Maria os anos da graça por ela começados?” (OA 17, Cf. C 5, 6, 9, 11).¹⁵

Montfort não esquece os que serão membros desta nova sociedade. É por Maria que ele implora. O que pede é um “justo pedido” e o Pai não prometeu “ouvir-nos em nossos justos pedidos”? Os membros da Companhia de Maria devem ser “livres... desapegados de tudo ... escravos de vosso amor... sempre prontos a vos obedecer ... verdadeiros filhos de Maria”, animados “de uma verdadeira devoção a Maria”. O santo missionário, que acaba de redigir o *Tratado da Verdadeira Devoção*, retoma as mesmas expressões para descrever a “verdadeira devoção” de seus filhos. Libertos de tudo, desapegados dos embaraços, dos cuidados, das preocupações, dos entraves, poderão aderir plenamente e firmemente à vontade de Jesus e cumpri-la. Serão capazes de sair, de saltar ao encontro dos inimigos do Senhor (Cf. I Sm, 3, 20) e de derrubá-los como novos Davi (Cf. I Sm 17, 40), não tendo como arma senão o bastão da cruz e a funda do rosário (Cf. OA 8; VD 35, 54, 57-59).

C. O Espírito Santo, com Maria e por Ela, forma os membros da Companhia de Maria - (OA 15-25)

“*Memento Congregationis tuae!*”. Espírito Santo, lembrai-vos deste conselho no seio da Trindade (Cf. ASE 46). Lembrai-vos desta Companhia de Maria amada pelo Pai, lembrai-vos também dos “monfortinos”. Lembrai-vos de formá-los segundo os planos eternos.

15. As alusões aos últimos tempos, que se encontram também alhures em Montfort (SM 58-19; VD 35, 47-59; 217), nada têm a ver com o milenarismo, que alguns se obstinam a descobrir nele. Ainda bem recentemente, Cf. Krumenacker, Y., *L'École française de spiritualité - Des mystiques, des fondateurs, des courants et leurs interprètes*, Postfácio de Dujardin, J., Histoire - Ed. du Cerf, Paris, 1998, p. 542, e 545 a 551.





O Pai contempla a Companhia de Maria no seu pensamento, desde toda a Eternidade; Ele a possui *ab initio*; o Verbo, por quem tudo foi feito, dá origem no tempo a esta “pequena e pobre companhia”; ele a rega com seu sangue sobre a cruz, ele escolhe seus membros (Cf. VD 248, CT 87, 7); o Espírito, enfim, é encarregado de formar, com e por Maria, os “associez” da Companhia de Maria no decurso dos séculos, de fazê-los tornar-se o que devem ser, um dia, “todos os filhos da Companhia de Maria” (RM 61) e conduzir assim a própria Companhia à sua perfeição (OA 3). *Memento Congregationis tuae...*

Os números 15 a 17 imploram a ação do Espírito Santo para formar “sacerdotes de fogo... por cujo ministério a face da terra seja renovada e vossa Igreja reformada”; os números 18 a 25 descrevem estes mesmos “eleitos”, esta “plêiade de predestinados” servindo-se audaciosamente de alguns versículos do Salmo 67. “Lembra-vos de produzir e formar filhos de Deus com vossa divina e fiel Esposa Maria ... sois vós somente que formais todas as pessoas divinas fora da divindade, e todos os santos que existiram e existirão até ao fim do mundo, são outras tantas obras do vosso amor unido a Maria” (OA 15).

Montfort prolonga sua oração. Seu olhar contemplativo perscruta as Escrituras; nelas descobre, a previsão e a predição da Companhia que ele deseja, a descrição misteriosa de seus membros; delineia um novo quadro onde pinta seus missionários tais como os entrevê nestes anúncios proféticos. Meditando o Salmo 67 e lendo o comentário de Le Maître de Sacy, ele aí vê que os missionários da Companhia de Maria serão corajosos, prudentes, mortificados, contemplativos, tendo “um olhar de homem para o próximo, um olhar de leão contra vossos inimigos, um olhar de boi contra eles mesmos e um olhar de águia para vós” (OA 21; cf. *Sermões* (S), I, 106: o texto encontra-se igualmente em OC, p. 1728). Estes missionários pregarão, à imitação dos Apóstolos, com grande força e virtude; é a eles, com efeito, que o Senhor dá a palavra: palavra de sabedoria à qual ninguém poderá resistir (OA 22; cf. ASE 95-97, RM 60-62). Total abandono à Divina Providência, verdadeira devoção a Maria, pureza da doutrina e dos costumes, perfeita caridade, completam o retrato dos missionários “monfortinos” (OA 24).

Enfim Montfort faz-nos penetrar no santuário do Coração Imaculado de Maria, nos segredos mais profundos do seu próprio coração: faz-nos subir a montanha, que deita suas raízes nos mais altos cimos. É lá o santuário, o coração e a força da Companhia de Maria. É lá que os missionários, esta “porção escolhida”, estes “bem-amados”, são formados pelo Espírito e por Ela; é de lá que eles partem para semear a palavra.





Todo o número 25 é uma síntese da doutrina mariana de Montfort, com a profundidade e as exigências da consagração a Jesus, Sabedoria eterna e encarnada pelas mãos de Maria. Animados por uma “verdadeira devoção”, os missionários serão duplamente “da Companhia de Maria”: Primeiro porque são membros desta Companhia que lhe pertence e também porque, vivendo continuamente com ela, nela, por ela e para ela, eles permanecem sempre em sua santa companhia. O Espírito os forma com ela e por ela; nela, Ele os leva sucessivamente ou simultaneamente ao Tabor, ao Calvário, ao Jardim das Oliveiras.

Montfort dirige-se agora à Trindade inteira e retoma o tema da glória do Senhor, ele lamenta todas aquelas iniciativas suscitadas “para vos fazer a guerra” ao passo que “não há ninguém disposto a tomar partido por Vós” (OA 26-28). Diante dessa força do inimigo da salvação, como realizar o plano de Deus?

Uma aparente digressão conclama “todos os bons sacerdotes” a “se unirem e a juntarem-se a nós” (OA 29). E os últimos acordes deste primeiro movimento alcançam os do começo: um “apelo” à misericórdia, à onipotência, à glória, à justiça divinas para “formar uma companhia escolhida... para defender vossa glória para que todos vos rendam glória” (OA 30). “Deus Só!”: é um “apelo” à memória divina. *Memento!* A “memória” de Deus que é sempre fiel.

2. Segundo movimento – Regras dos sacerdotes missionários da Companhia de Maria

Aqui, é Montfort que se recorda. *Memento!* Montfort sobretudo rezou. Abandonou-se a Maria a fim de se abandonar mais perfeitamente a Jesus, à vontade do Pai (Cf. SM 66).

Ele também trabalhou sem descanso para o estabelecimento do Reino de Jesus por Maria (Cf. VD 227). Sua primeira experiência de vida apostólica em Nantes nos é contada numa carta a M. Leschassier, de 5 de julho de 1701. Em 1705 ele colhe a primeira vocação na pessoa de Mathurin Rangeard, o Irmão Mathurin. Depois a experiência dita-lhe algumas regras para a fundação projetada. Será uma “equipe missionária” à imitação da comunidade apostólica. Sonha realizar o projeto expresso na sua carta de 6 de dezembro de 1700. Quer colocar-se a serviço, à disposição do Senhor para realizar os planos eternos do Pai.

Os membros da nova sociedade serão sacerdotes e leigos (RM 4). Desde o começo reafirma-se o objetivo da fundação: equipe missionária, “missionária à maneira dos Apóstolos” (Cf. OA 7, 9, 10, 17, 18, 20, 21, 22).





Alguns critérios sobre a aceitabilidade dos membros são indicados: a pobreza (RM 10-18; OA 7), a obediência (RM 19-27; OA 8-10), a caridade (RM 44-49; OA 24), a oração e os exercícios de piedade durante a missão e as ocupações dos missionários fora do tempo das missões (RM 28-36). A maior parte destas “regras” refere-se à “prática” das missões no contexto do séc. XVIII (RM 50-51). Ela prevê um método original de participação de todo o povo (RM 55), recomenda com insistência a recitação do rosário (RM 57), insiste nas qualidades do pregador (RM 59-65). Os missionários são enviados pelo Cristo, como os Apóstolos (RM 65). Uma exposição das normas para o catecismo (RM 79-91).

Pode ser considerado rígido, radical, intransigente o Pe. de Montfort? Sim, quanto aos princípios, mas de uma notável flexibilidade na sua aplicação. Obediência cega às prescrições da santa Igreja, sempre pronto a modificar as normas que ele mesmo estabeleceu se as circunstâncias o exigem. Lutador obstinado contra o pecado, ele é todo paciência e doçura para com os pecadores. Possui bastante originalidade e criatividade para se adaptar a todas as circunstâncias. Cada missão constitui uma experiência nova, à qual o missionário deve saber harmonizar os seus métodos.

A conversa de Luís Grignon com o seu amigo João Batista Blain, no outono de 1714, lança uma preciosa luz sobre a vida do santo missionário, sobre o sentido das “regras” que ele dá aos missionários da Companhia de Maria. A sabedoria do missionário, do homem apostólico, consiste em procurar a glória de Deus às custas da sua, em executar novos projetos; tendo sempre alguma coisa de novo a empreender, é impossível que os missionários, os homens apostólicos não façam falar deles. Se a sabedoria consiste em não fazer nada de novo para Deus, em não empreender nada para a sua glória, por medo de dar o que falar, os Apóstolos teriam errado ao saírem de Jerusalém. Quanto à obediência, sendo esta virtude a marca certa da vontade de Deus, nunca se deve afastar-se dela. Acontece que obras começadas com o consentimento dos superiores, não sejam mais, posteriormente, do seu agrado. Não há então outra saída senão submeter-se às ordens da Providência e receber, de bom coração, as cruzes e as perseguições como a coroa e a recompensa das suas boas intenções.¹⁶

A ideia de Montfort não é o culto da norma como tal, mas o culto da vontade de Deus, o culto da glória de Deus, da obediência a toda autoridade legítima porque é aí que se manifesta ou se oculta a vontade do Senhor (RM

16. Cf. Blain, 184-193, *passim*.





22 e 27). Ele deseja que o missionário da Companhia de Maria pregue uma doutrina segura, tenda generosamente à perfeição da caridade, “não tendo senão Deus em vista, sem interesse que não seja a sua glória” (RM 62). É para isto que o próprio Jesus envia os “Monfortinos” como ele enviou os Apóstolos (RM 65; cf. Jo 17, 18; 20, 21). Montfort mergulha os seus missionários no mais profundo do mistério da Adorável Trindade a fim de prepará-los para a “missão apostólica”.

A Trindade Santa, a Encarnação da Sabedoria eterna em Maria por obra do Espírito Santo, Maria Filha bem-amada do Pai Eterno, Mãe admirável do Filho, Esposa indissolúvel do Espírito Santo, eis os pilares da doutrina de Montfort, eis a síntese da sua vida, eis o resumo do SM, da VD, dos Cânticos, eis a “fidelidade monfortina”.

Glória de Deus, vontade de Deus, é o que ele sempre buscou, é a sua pregação, é a sua vida. Sua aceitação do atroz fracasso de Pontchâteau em 1710 é disso uma prova evidente. A *Carta Circular aos Amigos da Cruz* (AC) em 1714, será uma nova demonstração. A finalidade da peregrinação a Nossa Senhora dos Ardilliers renovará a expressão da intenção de Montfort: “Obter de Deus pela intercessão da Sma. Virgem bons missionários que seguem os passos dos apóstolos por um inteiro abandono à Providência e à prática de todas as virtudes, sob a proteção da Sma. Virgem” (RSP 1).

Deixa, pois, a seus filhos, aos missionários da Companhia de Maria, um conjunto de *Regras* destinadas a favorecer “a missão”, quer dizer “estabelecer o reino de Jesus por Maria”. Exceto os princípios enunciados, as normas não são imutáveis e bem o compreenderam os sucessores do santo missionário, que precisaram e souberam adaptá-las às mudanças da sociedade e da própria Igreja. Estas *Regras* revestem necessariamente um caráter “inacabado”, que a sequência dos tempos, os “monfortinos” com a autorização da santa Igreja deverão se esforçar por completar, levando em conta as circunstâncias que variam sensivelmente, mas sem transigir quanto aos princípios.

Com efeito, os “Mulotinos”, depois os “Monfortinos”, desejando continuar a missão do fundador, estudaram regularmente, nos capítulos gerais sucessivos, a maneira de adaptar sua vida e sua pregação à vontade do fundador e às circunstâncias de tempos e de lugares. Desde o capítulo de 1722 elabora-se o que se chamou a “Regra Mulot”. Sobrevém a perseguição; tentativas de reconhecimento civil são feitas pelos Padres Mulot, Audubon e Besnard.¹⁷ Em

17. Cf. Pèrouas L., *L'image du montfortain au XVIIIe siècle*, em *Documentation Montfortaine*, n. 40 (1967).





1773 obtém-se enfim as “Cartas patentes”, que modificam profundamente a vida dos missionários. Depois irrompe a revolução com suas consequências nefastas para todos.

O Pe. Deshayes restabelece a “Regra” e é toda uma série de “constituições” que se esforçam por adaptar a vida dos missionários às mudanças contínuas da sociedade, até à aprovação de 1872, seguida de uma regular atualização, conforme as diretrizes da Santa Sé. As últimas “constituições” são as de 1984.

Pelo decreto de 24 de março desse ano, na festa da Anunciação, a Igreja “reenxerta” oficialmente, juridicamente mesmo, a Companhia de Maria no *Tríptico* inteiro. Até aqui as diversas aprovações ignoravam praticamente a primeira e a última parte do texto original. Em 1984, a Igreja reenvia os Missionários da Companhia de Maria explicitamente à escola de Montfort dizendo que as “normas” mudam com o tempo, mas a vida dos monfortinos deve inspirar-se e conformar-se às diretrizes e à inspiração do fundador, como o recorda aliás o Concílio Vaticano II. O *Tríptico* inteiro torna-se assim, à maneira dos textos fundantes das grandes Ordens, a nossa “Regra”, a Regra fundamental da Companhia de Maria.

É, pois, o *Tríptico* no seu conjunto, que deve ser estudado, meditado e vivido. É principalmente na *Oração Abrasada* que a inspiração e o verdadeiro fim da Congregação claramente são expressos. As normas da segunda parte variam necessariamente no decurso dos séculos, nas diferentes culturas. Mas os princípios enunciados nas três partes deste documento fundante são imutáveis e devem, sempre e em toda parte, inspirar a vida dos Monfortinos. É a Igreja que, oficialmente, o recorda. Por intermédio destas *Regras dos sacerdotes missionários da Companhia de Maria*, ela liga todos os monfortinos a Montfort, e, por ele, à Virgem Imaculada, ao inefável mistério da Encarnação, ao eterno pensamento do Pai (Cf. VD 86; CT 77, 7-8; 92, 18).

3. Terceiro movimento – Aos Associados da Companhia de Maria: Amoroso abandono ao “Pai infalível”

O Pai Celeste se lembra. Fui Eu que vos escolhi... Eu os escolhi por meu Filho, minha “mão”, “artesã” de minhas obras.

O texto que possuímos desta carta *Aos Associados da Companhia de Maria* (ACM) evoca que as disposições fundamentais requeridas aos missionários da Companhia de Maria podem resumir-se num abandono total à divina Providência na pobreza real e voluntária. Numa palavra: “nada temais e dor-





mi em segurança no seu seio paterno” (ACM 1 e 4). Sempre este “Deus Só”. Sempre este Deus misericordioso, este “Pai infalível”!

Montfort, que conheceu, sofreu e amou a cruz, sabe que os monfortinos a conhecerão como ele. Ele a provou no atroz fracasso de Pontchâteau, em 1710. No verão de 1713, quando leva aos sucessores de Poullart des Places o seu projeto de fundação, ele bebe o cálice plenamente.¹⁸ De Paris ele escreve então à sua irmã esta carta sublime de 15 de agosto, na qual canta sua indizível felicidade. “Um formigueiro de pecados e de pecadores que eu ataco não me deixa, nem a qualquer dos meus amigos, repouso algum... Estou sem descanso e sem repouso, por treze anos desde que saí de Saint-Sulpice. Contudo, minha querida irmã, bendizei a Deus por mim, pois estou contente e alegre no meio de todos os meus sofrimentos, e não creio que exista no mundo nada de mais doce para mim do que a cruz mais amarga, quando ela está banhada no sangue de Jesus crucificado e no leite de sua divina Mãe. Mas, além dessa alegria interior, há grande proveito a receber carregando as cruzes. Eu gostaria que vísseis as minhas. Nunca mais obtive conversões senão após as proibições mais atroz e mais injustas” (C 26).

Consciente de que “os seus” serão, como ele, sobrecarregados com a cruz, ele os previne que não admirem “as estranhas perseguições e calúnias que se movem e se lançam contra os pregadores que receberam o dom da palavra eterna, tais como devem ser um dia todos os filhos da Companhia de Maria” (RM 61). Tende coragem, diz-lhes: “Não temais voluntariamente, escutai Jesus Cristo que vos diz: Sou eu, não temais; fui eu que vos escolhi ... Não vos admireis se o mundo vos odeia, sabeis que me odiou primeiro... porque não sois do mundo, é mister que experimenteis seu ódio, suas calúnias, suas injúrias, seus desprezos, seus ultrajes” (ACM 2).

E todo o número 4 quer inspirar e infundir uma inalterável confiança: “Eis aí, cara e pequena Companhia de Maria, as promessas admiráveis que Deus vos faz pela boca do Profeta, se puserdes por Maria toda a vossa confiança nele”. Estas promessas, Montfort as recordou à “memória” do Pai: “Deus de bondade, lembrai-vos de vossas antigas misericórdias e por estas mesmas misericórdias, lembrai-vos desta congregação, lembrai-vos das promessas reiteradas que nos fizestes por vossos profetas e por vosso próprio Filho, de nos atender em nossos justos pedidos” (OA 4). Forte destas promessas, forte da promessa “de nos atender em nossos justos pedidos”, Monfort

18. Cf. Clorivière, 329-332.





vive numa inalterável paz, numa confiança inabalável, que deseja transmitir a todos os filhos da Companhia de Maria. “Nada temais e dormi em segurança no seu seio paternal” (ACM 4). Não esqueçais jamais que temos “um Pai nos céus que é infalível” (C 2).

SINFONIA INACABADA

“Ele concede a seus parentes e a seus amigos do mundo...”. São essas as últimas palavras do *Triptico*. Algumas páginas se desprenderam do manuscrito. E então? Sinfonia inacabada? Sim. E pode-se lamentá-lo. Contudo, mesmo se possuíssemos por inteiro o texto saído do coração e da mão deste santo Fundador, a sinfonia não ficaria menos inacabada: a função da Companhia de Maria, com efeito, não está acabada, os monfortinos não são ainda “tais como devem ser um dia” (Cf. RM 61). Nos planos de sabedoria da Providência, a admirável sinfonia “monfortina” continua a escrever-se no tempo e na história da salvação; ela não terminará senão quando a visão profética de Montfort estiver realizada, quando os monfortinos tiverem-se tornado tais como devem ser um dia todos os filhos da Companhia de Maria.

Monfortinos de hoje! É a vós que cabe trabalhar conscientemente no acabamento desta sublime sinfonia, é a vós que compete, por vossa fidelidade monfortina, preparar, elaborar o seu final triunfante. Mas, intuição ou premonição? Prestai ouvidos à rica harmonia que já canta nos corações; escutai cuidadosamente os suntuosos acordes que já ressoam e repercurtem a todos os ecos, o pensamento, o sonho profético, o testamento espiritual de Luís Maria Grignon de Montfort: “Nada em meu favor! Tudo para a vossa glória. Deus Só! Pai infalível.”

EDIÇÕES

Desde a metade do século XIX a *Oração Abrasada* foi muitas vezes incorporada às edições do *Tratado da Verdadeira Devoção*, do *Reino de Jesus por Maria* ou do *Livro de Ouro* em diversas línguas. Várias edições foram publicadas separadamente da mesma *Oração*. A iniciativa de Teresa Durnerin mereceu uma menção: no fim do século XIX, ela havia divulgado “aos milhões”, nos Carmelos e no mundo, orações ao Coração Eucarístico de Jesus e a “*Oração Abrasada*” de Montfort.¹⁹

19. Cf. *Dictionnaire de Spiritualité*, III, 1840-1842.





O capítulo geral de 1931 decidiu publicar “num volume bem portátil”, a Regra manuscrita, com a “Oração Abrasada” que lhe serve de prefácio, e a “alocução” que a conclui. O opúsculo foi intitulado: *Vade mecum Montfortain*.²⁰ Era a primeira edição compreendendo as três partes e conforme ao original. Esta publicação, nós a chamamos hoje, preferivelmente, *Tríptico Montfortino*. Como o sublinha o Superior geral, “a unidade das três partes resulta do próprio manuscrito. Com efeito, não somente as três partes são comandadas pela mesma paginação, que é da mão de Montfort, mas a parte regulamentar começa no verso da página que contém as últimas palavras da *Oração* e, igualmente, a mesma folha traz, na frente, a finalidade das *Regras dos sacerdotes missionários da Companhia de Maria* e, no verso, o começo da *Alocução*.”²¹

O texto da *Oração Abrasada* foi também publicado na *Rivista di Ascetica e Mistica*, em 1973.²² Não é inoportuno assinalar igualmente a utilização da *Oração Abrasada* pelo Pe. Berthier, fundador dos Missionários da Sagrada Família, como oração para a sua comunidade,²³ ou, ainda: *La prière embrasée, Opéra en trois actes et quatre tableaux*, texto de Desgroseillers, letra e música de Therriault, M.



20. Cf. *Lettre circulaire* do Superior geral, H. Huré, 31 de maio de 1931, p. 24.

21. Cf. *L'Echo des Missions*, n. 104 (1932), p. 4.

22. Cf. Vannoni, G., *La preghiera infuocata di S. Luigi Maria Grignion di Montfort a trecento anni dalla sua nascita: 31 gennaio 1673*, p. 139-153.

23. Cf. Borheier, A., *Das Gebet fuer die Missionare - Ein Beitrag zum Gespräch unter uns über das Gebet unseres Stifters*, p. 41, Roma, 1965.





ORAÇÃO ABRASADA





726

OBRAS COMPLETAS





ORAÇÃO ABRASADA

1. Lembrai-vos, Senhor, da congregação que adquiristes desde tempos antigos (Cf. Sl 74, 2). Vós a possuístes na vossa mente desde toda a eternidade, quando nela pensáveis. Vós a possuístes nas vossas próprias mãos quando ainda procedíeis à criação do universo. Possuístes-la no coração quando o vosso dileto Filho, morrendo na cruz, a consagrava, regando-a com o seu próprio sangue, e confiando-a à sua santa Mãe.

2. Realizai, Senhor, os vossos desígnios de misericórdia. Fazei surgir os homens da vossa direita que, em visão profética, revelastes a alguns dos vossos grandes servos tais como São Francisco de Paulo, São Vicente Ferrer, Santa Catarina de Sena e a tantos outros do século passado e até do presente.

3. Lembrai-vos, Deus Onipotente, desta companhia, exercendo sobre ela a força todo-poderosa do vosso braço, cujo vigor não diminuiu: fazei-a ressurgir e conduzi-a à perfeição. Renovai os vossos prodígios, fazei novas maravilhas (Cf. Eclo 36, 5); fazei que sintamos o auxílio do vosso braço. Vós, que das pedras inanimadas podeis fazer surgir outros tantos filhos de Abraão, pronunciai uma só palavra divina: enviai bons operários para a vossa messe (Cf. Lc 10, 2) e bons missionários para a vossa Igreja.

4. Lembrai-vos, Deus de misericórdia, do grande amor que demonstrastes ao vosso antigo povo e, em nome desse mesmo amor, lembrai-vos desta congregação. Lembrai-vos das repetidas promessas que fizestes através dos profetas e do vosso próprio Filho, de atender os nossos justos pedidos. Lembrai-vos das inumeráveis súplicas que os vossos servos vos dirigiram no decorrer de tantos séculos; que as suas aspirações, as suas lágrimas e o seu sangue derramado cativem com eficácia a vossa misericórdia. Lembrai-vos, sobretudo, do vosso dileto Filho: “considerai o rosto do vosso Ungido” (Sl 84, 10). A sua agonia, a sua angústia e a sua amorosa lamentação no Jardim das Oliveiras (Cf. Sl 31, 10), e até a sua própria morte e sangue derramado suplicam-vos a alta voz: misericórdia! Por meio desta congregação possa o reinado de Cristo ser solidamente implantado sobre as ruínas do dos vossos inimigos.

5. Lembrai-vos, Senhor, desta comunidade para realizardes a vossa justiça. É tempo de vós agirdes, segundo as vossas promessas: violaram a vossa lei (Cf. Sl 119, 126), o vosso Evangelho foi abandonado, torrentes de





iniquidade inundam toda a terra, contaminando até os vossos próprios servos; todo o mundo se encontra em estado deplorável, os ímpios reinam a seu bel prazer, o vosso santuário é profanado, a iniquidade penetrou até no lugar sagrado. Senhor, Deus de justiça, ireis permitir que tudo se encaminhe para a ruína? Quereis vós que tudo seja destruído como Sodoma e Gomorra? Continuareis sempre a calar-vos e a ter paciência? A vossa vontade não deverá cumprir-se na terra como no céu e não deverá ser estabelecido o vosso reino? Não revelastes, afinal, a alguns dos vossos amigos uma renovação futura da vossa Igreja? Não deverão, porventura, os judeus converter-se à verdade? Não é isso que a Igreja espera? Os santos dos céus não vos clamam justiça (Cf. Ap 6, 10)? Os justos da terra não vos imploram: “Amém, vem, Senhor Jesus” (Ap 22, 20)? Todas as criaturas, até as mais insensíveis, gemem debaixo do peso dos inumeráveis pecados de Babilônia e invocam a vossa vinda para restaurar todas as coisas (Cf. Rm 8, 22).

6. Lembrai-vos, Senhor Jesus, de dar à vossa Mãe uma nova companhia para renovar o mundo. Assim, por meio de Maria, terminareis os anos de graça que, também por meio dela, iniciastes. Dai filhos e servos à vossa Mãe, senão fazei que eu morra (Cf. Gn 30, 1)!

É para vossa Mãe que eu imploro! Recordai-vos que sois Filho seu, portanto, não me rejeiteis; recordai-vos que ela é vossa Mãe, portanto, escutai-me; recordai-vos do seu amor para convosco, portanto, satisfazei os meus desejos.

Afinal, que é que eu vos peço? Nada em proveito próprio: pelo contrário, tudo para vossa glória.

Peço-vos aquilo que podeis, ou melhor — e ousou afirmá-lo — aquilo que deveis conceder-me, na qualidade de verdadeiro Deus, a quem foi dado todo o poder no céu e na terra e na qualidade do melhor de todos os filhos, que amais infinitamente a vossa Mãe.

7. Peço-vos sacerdotes livres da vossa liberdade, desprendidos de tudo: de pai, mãe, irmãos, irmãs, parentes segundo a carne, amigos segundo o mundo, sem bens, sem impedimentos e sem preocupações e até sem vontade própria.

8. Peço-vos homens segundo o vosso coração, inteiramente disponíveis à vossa vontade e só por amor; portanto, não amarrados à sua vontade própria, mas antes, à semelhança de Davi, levando na mão o cajado da Cruz e a funda do Rosário (Cf. 1 Sm 17, 40; Sl 23, 4).





9. Peço-vos homens livres que possam voar para onde os impele o sopro do Espírito Santo, quais nuvens elevadas acima da terra e repletas de orvalho. São em parte aqueles de quem os vossos profetas tiveram conhecimento, quando se interrogavam: “Quem são estes que voam como as nuvens” (Is 60, 8)? “Seguiam para onde o Espírito os levava” (Ez 1, 12).

10. Peço-vos pessoas totalmente disponíveis, sempre prontas a obedecer-vos, respondendo, como Samuel, à voz dos seus superiores (Cf. 1Sm 3, 16), sempre prontas a correr e a tudo suportar convosco e por vós, à maneira dos apóstolos (Cf. Jo 11, 16).

11. Peço-vos, ainda, verdadeiros filhos de Maria, vossa santa Mãe, que por ela sejam gerados com amor, nutridos, educados e sustentados com maternal solicitude e repletos de suas graças.

12. Peço-vos, por fim, verdadeiros servidores da Santíssima Virgem, os quais, como outros São Domingos, vão por todo o lado, com o facho luminoso e ardente do santo Evangelho na boca, e o santo Rosário na mão, a ladrar como cães, a arder como fogos, e a iluminar, como sóis, as trevas deste mundo; e que por meio duma verdadeira devoção a Maria, isto é, interior sem hipocrisia, exterior sem crítica, prudente sem ignorância, terna sem indiferença, constante sem volubilidade, e santa sem presunção, esmaguem por onde quer que passem, a cabeça da antiga serpente a fim de que se cumpra a maldição por vós sentenciada: “Farei reinar a inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta esmagar-te-á a cabeça” (Gn 3, 15).

13. Senhor, tal como profetizastes, o demônio armará graves ciladas ao calcanhar desta misteriosa mulher ou seja, à pequena companhia de seus filhos, que surgirão no crepúsculo do mundo. Haverá grande inimizade entre esta geração bendita de Maria e a raça maldita de Satanás; mas tratar-se-á duma inimizade totalmente divina, a única, aliás, de que sois autor. As lutas e perseguições que os seguidores de Belial moverão aos descendentes de vossa Mãe, servirão apenas para testemunhar quão eficaz é a vossa graça, corajosas as suas virtudes e todo-poderosa a vossa Mãe. A ela, mulher de coração humilde, confiastes a tarefa de esmagar com o seu calcanhar a cabeça da serpente orgulhosa.

14. Meu Deus, não será para mim melhor morrer do que ter de constatar cada dia que sois tão impunemente ultrajado e encontrar-me cada vez





mais na iminência de eu vir a ser arrastado por torrentes de iniquidade sempre a crescer? Preferiria morrer mil vezes!... Enviai-me socorro do céu, senão vinde buscar a minha alma!...

Se eu não tivesse a esperança de que, mais cedo ou mais tarde, acabareis por atender este pobre pecador em benefício da vossa glória, tal como atendestes tantos outros (Cf. Sl 34, 7), rogar-vos-ia, sem hesitar, com um profeta: “Tirai-me a vida” (1 Rs 19, 4). Mas a minha confiança na vossa misericórdia impele-me a dizer com outro profeta: “Não morrerei, antes viverei, para celebrar as obras do Senhor” (Sl 118, 17), até quando poderei proclamar com Simeão: “Agora, Senhor, deixareis ir em paz o vosso servo, porque meus olhos viram a salvação (Lc 2, 29-30).

15. Lembrai-vos, Espírito Santo, de gerar e formar filhos de Deus com Maria, vossa divina e fiel Esposa. Nela e com ela formastes já a cabeça do corpo místico, por isso, com ela e nela deveis formar todos os seus membros. Vós não gerais nenhuma pessoa divina na Divindade; mas só vós podeis formar todas as pessoas divinas fora da Divindade, e todos os santos, quer do passado e do futuro até ao fim do mundo são igualmente obras do amor em união ao de Maria.

16. O reino do Pai terminou com um dilúvio de água; o reino de Jesus Cristo terminou com um dilúvio de sangue; mas o vosso reino, ó Espírito do Pai e do Filho, continua presentemente e terminará com um dilúvio de fogo, de amor e de justiça.

17. Quando será que virá esse dilúvio de fogo de puro amor que deverá atear-se sobre toda a terra dum modo tão suave e veemente capaz de atingir e converter os Turcos, os idólatras, os Judeus e todos os povos? Que se ateie, pois, esse fogo que Jesus Cristo veio trazer à terra (Cf. Lc 12, 49), antes que irrompa aquele da ira divina que reduzirá a cinzas o mundo inteiro! Mandai esse Espírito todo fogo sobre a terra, e suscitai sacerdotes que sejam também todos cheios de fogo! Que, através do seu ministério, seja renovada a face da terra e reformada a Igreja.

18. Lembrai-vos da vossa congregação. É uma congregação, uma assembleia de eleitos que deveis reunir no mundo e do mundo (Cf. Jo 15, 19). É um rebanho de pacíficos cordeiros no meio de tantos lobos, um bando de castas pombas e de águias reais no meio de tantos corvos, um enxame de





abelhas no meio de tantos zangãos, um rebanho de ágeis cervos entre tantas tartarugas, um batalhão de destemidos leões entre tantas tímidas lebres. Senhor, “recolhei-nos dentre as nações” (Sl 106, 47). Juntai-nos, uni-nos a fim de que seja glorificado o vosso nome santo e todo-poderoso.

19. Vós predissestes esta ilustre companhia ao vosso profeta, que a ela se refere em termos ainda obscuros e misteriosos, mas verdadeiramente divinos:

1. “Fizestes, ó Deus, cair uma chuva abundante; à vossa herança extenuada restaurastes as forças”. — 2. “O nosso povo ficou restabelecido; vós reconfortais o pobre, na vossa bondade”. — 3. “O Senhor dá a palavra e os anunciadores da Boa Nova são uma multidão”. — 4. “Fogem, fogem os chefes dos exércitos; a mais bonita da casa reparte os despojos”. — 5. “Enquanto dormis entre os rebanhos, brilham como a prata as asas da pomba, suas penas têm reflexos dourados”. — 6. “Enquanto o onipotente dispersa os seus chefes cai a neve sobre o Salmon. Montanha de Deus, a montanha de Basan!” — 7. “Montanha de altos picos, a montanha de Basan! Ó montes escarpados porque invejais a montanha que o Senhor elegeu para a sua morada”? — 8. “O Senhor habitará nela eternamente” (Sl 68, 10-17)!

20. Qual é, Senhor, essa chuva abundante que reservastes para dar novo vigor à vossa herança decaída? Não será, porventura, este esquadrão de santos missionários, filhos de Maria, vossa esposa, que ireis agrupar e consagrar para bem da vossa Igreja, tão debilitada e manchada pelos pecados de seus filhos?

21. Quem são esses animais e esses pobres que permanecerão na vossa herança e que serão alimentados de doçuras divinas que preparastes para eles, senão estes pobres missionários abandonados à Providência que se regozijarão das vossas divinas delícias; senão aqueles animais misteriosos de que fala Ezequiel que serão profundamente humanos pela sua caridade desinteressada e benfazeja para com o próximo, a coragem do leão pela sua santa indignação e o seu zelo ardente e prudente contra os demônios, filhos de Babilônia, a força do boi pelos seus trabalhos apostólicos e a sua mortificação da carne e, por fim, a agilidade da águia pela contemplação de Deus? Assim serão os missionários que quereis enviar à vossa Igreja. Terão um olhar humano para com o próximo, um olhar de leão contra os vossos inimigos, um olhar de boi contra si próprios e um olhar de águia para vós.





22. Estes imitadores dos apóstolos pregarão com tal veemência (Cf. Mt 24, 30; Mc 13, 16; At 4, 33; Br 2, 11) que se tornarão capazes de sacudir os próprios espíritos e todos os corações, ali onde pregarem. É a esses, com efeito, que dareis a vossa palavra, até mesmo a vossa língua e sabedoria, a que nenhum adversário poderá resistir (Cf. Lc 21, 15).

23. É no meio destes prediletos que vós, na qualidade de Rei das virtudes de Jesus Cristo bem-amado, encontrareis as vossas complacências, já que eles não terão em todas as suas missões qualquer outro objetivo senão dar-vos a glória dos seus triunfos sobre os vossos inimigos.

24. Pelo seu abandono à Providência e sua devoção a Maria, terão as asas prateadas da pomba, ou seja, a pureza de doutrina e de vida; terão as suas costas de reflexos dourados, ou seja, uma grande caridade para com o próximo para lhes tolerar os defeitos e um grande amor a Jesus Cristo para carregar a sua cruz.

25. Somente vós, Rei supremo, podereis escolher entre a multidão tais missionários e consagrá-los como outros tantos reis. Torná-los-eis mais brancos do que a neve de Salmon, montanha de Deus, montanha larga e fértil, sólida e coagulada, onde Deus tem grande prazer em habitar para sempre.

Quem é, Senhor, Deus de verdade, essa misteriosa montanha de que dizeis maravilhas, senão Maria, vossa diletta Esposa? É ela a montanha erguida por cima dos montes mais altos (Cf. Is 2, 2); “o seu fundamento está sobre os montes santos” (Sl 87, 1).

Felizes, sim, mil vezes felizes, aqueles sacerdotes por vós escolhidos e predestinados a habitar convosco sobre essa montanha! Aí, em cima, tornar-se-ão reis para a eternidade através do desapego dos bens terrenos e da sua elevação em Deus; tornar-se-ão mais brancos do que a neve porque unidos a Maria, vossa Esposa imaculada, puríssima e toda resplendor; aí serão enriquecidos pelo orvalho do céu e pela abundância da terra, com todas as bênçãos temporais e eternas de que Maria está repleta.

Do alto dessa montanha, à semelhança de Moisés, lançarão seus dardos contra os seus inimigos para abatê-los e levá-los à conversão; seus dardos serão as suas preces ardentes.

Sobre essa montanha aprenderão da boca do próprio Jesus Cristo, que lá habita, o que significam as oito bem-aventuranças.

Sobre essa montanha de Deus serão transfigurados com Cristo tal





como no monte Tabor, com ele morrerão tal como no calvário e, com ele, subirão ao céu tal como no monte das Oliveiras.

26. Lembrai-vos da vossa congregação. Só a vós pertence, com a vossa graça, formar esta assembleia. Se for o homem o primeiro a lançar mãos à obra, nada será feito; se nisso meter algo de si mesmo, estragará e dará cabo de tudo. Senhor, Deus Onipotente, é obra exclusivamente vossa!... Juntai, convocai, reuni de todos os confins do vosso reino os eleitos, para com eles constituírdes um batalhão contra os vossos inimigos.

27. Senhor, Deus dos exércitos: vede como os capitães mobilizam as companhias, os generais agrupam exércitos numerosos, os almirantes reúnem fro-tas inteiras, os comerciantes juntam-se em grupos nos mercados e nas feiras. E até quantos ladrões, ímpios, ébrios e libertinos se agrupam todos os dias, com facilidade e prontidão e fazem-no contra vós! Basta-lhes o apelo dum assobio, o rufar dum tambor, o apontar de uma espada embotada, a promessa de um qualquer ramo de louro ainda que seco, a oferta de um punhado de ouro ou prata! Basta-lhes, enfim, uma qualquer efêmera honra, um mísero interesse, um prazer mesquinho para reagrupar, num instante, os ladrões, contratar soldados e até batalhões, juntar homens de negócio, encher casas e praças, cobrir a terra e o mar de uma multidão incontável de gente perversa. Ainda que toda essa gente se encontre dividida e dispersa devido à distância, à própria maneira de ser de cada um ou interesses pessoais, logo que se trate de vos mover guerra, ei-los, de repente, agrupados até à morte, sob a bandeira e guia do demônio.

28. E para vós, Senhor? Será que, apesar de haver tanta glória, doçura e proveito em servir-vos, não haverá ninguém disposto a tomar partido por vós? Porque será que tão poucos soldados se alistam sob a vossa bandeira? Porque será que quase ninguém vai junto dos seus irmãos a clamar de zelo pela vossa glória, como fez São Miguel: “Quem, como Deus”? (São Gregório, *Homil. 34 in Evang.* PL 76, 1251 A) Ah!... Deixai-me clamar por toda a terra: Fogo! Fogo! Fogo!... Socorro! Socorro! Socorro!... Há fogo na casa de Deus! Há fogo nas almas! Há fogo até mesmo no santuário!... Socorro... que assas-sinam o nosso irmão!... Socorro... que degolam os nossos filhos!... Socorro... que apunhalam o nosso bom pai!...

29. “Quem é pelo Senhor junte-se a mim!” (Ex 32, 26): que todos os bons sacerdotes espalhados pelo mundo cristão, que se encontrem atual-





mente em pleno combate ou que estejam já retirados da confusão e a viver em desertos e na solidão, que todos esses se juntem a nós. “A união faz a força”: unamo-nos para que, debaixo da bandeira da Cruz, formemos um exército bem alinhado e pronto para a batalha, para atacar ordeiramente os inimigos de Deus que já lançaram o grito de guerra: põem as sirenes a tocar, bramam, rangem os dentes, engrossam fileiras.

“Quebrems as suas cadeias, lancemos para longe de nós o seu jugo. O que habita nos céus sorri, o Senhor toma-os em escárnio” (Sl 2, 3-4).

30. “Levante-se o Senhor e dispersem-se os seus inimigos” (Cf. Sl 68, 2)! “Acordai, Senhor, por que dormis? Despertai” (Sl 44, 24)!

Levantai-vos, Senhor! Porque pareceis dormir? Ponde em ação a vossa onipotência, a vossa misericórdia e justiça: escolhei para vós uma companhia de guarda-costas para proteger a vossa casa, defender a vossa glória e salvar as almas, a fim de que haja um só rebanho e um só pastor e que todos possam bendizer-vos no vosso santuário (Cf. Sl 29, 9). Amém.

DEUS SÓ!



REGRAS DOS SACERDOTES MISSIONÁRIOS DA COMPANHIA DE MARIA



736

OBRAS COMPLETAS





REGRAS DOS SACERDOTES MISSIONÁRIOS DA COMPANHIA DE MARIA

FIM ESPECÍFICO DA COMPANHIA

1. [1] Não se aceitarão nesta Companhia senão sacerdotes já formados em seminários; por isso, não serão aceitos seminaristas antes da sua ordenação sacerdotal. Há, porém, em Paris, um seminário onde jovens seminaristas, chamados às missões da Companhia, se preparam nos estudos e na virtude para depois poderem entrar.

2. [2] É preciso que estes sacerdotes sejam chamados por Deus a pregar missões à imitação dos Apóstolos pobres e não a serem párocos ou vigários, ou a dedicarem-se à instrução de jovens ou à formação de futuros sacerdotes em seminários, como aliás fazem tantos outros dignos sacerdotes, por Deus chamados a tais funções.

Por conseguinte, estes fujam daquelas atividades incompatíveis com a sua vocação apostólica para poderem afirmar sempre com Jesus Cristo: “O Senhor enviou-me a anunciar a Boa Nova aos pobres” (Lc 4, 18), ou com os Apóstolos: “Cristo não me enviou a batizar, mas a pregar o Evangelho” (1Cor 1, 17). Considerem como tentações sutis as ocasiões que se apresentam a cada passo de ajudar as populações por tais caminhos. Infelizmente, várias comunidades fundadas nos últimos tempos com o carisma dos seus fundadores em vista das missões, acabaram por cair nesse engano sob o pretexto de fazerem um bem maior. Algumas delas lançaram-se na instrução da juventude, outras na formação de sacerdotes e eclesiásticos. Se eventualmente pregam missões, isto acontece ocasionalmente e em forma de exceção. Muitos membros destas comunidades acabam por tornar-se sedentários uma vida inteira, para não dizer solitários, nas suas casas de campo ou cidade. O seu lema é: amantes da quietude (Cf. Is 38, 11). Os missionários autênticos, ao contrário, deverão poder dizer com S. Paulo: Não temos morada certa (Cf. 1 Cor 4, 11).

3. [3] Não deverão receber-se sacerdotes de saúde precária ou idosos, ou seja, depois dos sessenta anos, uma vez que não poderão aguentar as dificuldades que os missionários, na qualidade de corajosos campeões de Jesus Cristo, deverão suportar continuamente contra os inimigos da salvação. No entanto, se um sacerdote da Companhia não estiver mais em condições, de-





vido à idade ou doença, de ajudar nas missões, irá repousar para uma casa que a Companhia tiver destinado para esse efeito.

4. [4] Recebam-se na Companhia também Irmãos leigos para que se ocupem das coisas temporais, na condição de que fiquem desapegados de tudo, que sejam robustos, obedientes e prontos a cumprir qualquer ordem.

5. [5] Nenhum membro deverá possuir benefícios eclesiásticos, por pequenos que sejam, nem bens temporais, ainda que sejam de patrimônio. Se porventura alguém, antes de entrar na Companhia, já tivesse algum benefício, deixá-lo-á a quem lho tenha oferecido: ou aos parentes, ou aos pobres, de preferência aconselhado por pessoa prudente, trocando dessa forma os próprios bens patrimoniais com aqueles inexauríveis da divina Providência.

6. [6] Libertos de qualquer emprego ou preocupação temporal que eventualmente possam fixá-los e ancorá-los a um lugar, sentir-se-ão livres de correr como São Paulo, São Vicente Ferrer, São Francisco Xavier ou ainda como os Apóstolos, onde quer que Deus os chame: nas cidades ou aldeias, nos grandes centros ou bairros, numa ou noutra diocese, longe ou perto. Estarão sempre prontos para responder ao apelo da obediência: o meu coração está firme, ó Deus (Cf. Sl 108, 2), “eis-me aqui” (Gn 46, 2), “eis que venho” (Sl 40, 8); e nunca dizer aquilo que repetem tantos sacerdotes apegados às coisas da terra, tantos gordos beneficiários, tantos eclesiásticos gozadores e hóspedes do descanso: comprei... casei... desculpa, mas não posso ir (Cf. Lc 14, 18-20).

7. [7] Não limitem a graça de Deus e o seu zelo apenas às aldeias, como fazem os missionários de Vicente de Paulo, mas dirijam-se a pregar missões indiferentemente em cidades ou aldeias, segundo a vontade de Deus, manifestada pelos seus superiores. No entanto, alimentem preferencialmente os desejos do Coração de Jesus, seu modelo, que disse: “O Senhor enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres”. Por isso, ordinariamente, deem preferência às aldeias mais do que às cidades, aos pobres mais do que aos ricos.

8. [8] A fim de ficarem comprometidos de forma estável na Congregação, emitam, por um ano, os votos simples de pobreza e obediência nas mãos do superior. Deverão renová-los cada ano e, no fim de cinco anos ininterruptos de permanência na Companhia, emitam os votos perpétuos de pobreza e obediência, desde que se sintam conscientes de serem chamados por Deus





e que sejam reconhecidos como tal. Em caso de saída da Companhia e tratando-se apenas de votos simples e por motivos legítimos, poder-se-á obter da parte do Bispo a respectiva dispensa. A Companhia, no entanto, reserva-se o direito, mesmo depois dos votos perpétuos, de pôr fora um dos seus membros que eventualmente se tornasse motivo não de edificação, mas de escândalo, apesar das ofertas de ajuda que lhe tenham sido feitas. Estas duas condições estão virtualmente implícitas na emissão dos votos perpétuos, tal como acontece em muitas outras comunidades.

9. [9] A Companhia não deverá aceitar estudantes nem pensionistas eclesiásticos ou leigos, mesmo que queiram oferecer todos os seus bens.

DESAPEGO OU POBREZA EVANGÉLICA

10. [1] Uma vez que não terão bens patrimoniais, nem rendas de outros bens, como já foi dito, que são contrários ao desapego apostólico, eles terão uma única fonte de receita: a divina Providência, que escolhe pessoas e meios para mantê-los.

11. [2] Os membros da Companhia não deverão ter em proveito próprio nem dinheiro nem mobília, seja às claras ou às escondidas; a comunidade fornecer-lhes-á tudo quanto lhes é necessário para comer e vestir, na mesma medida em que a divina Providência trata o resto da comunidade.

12. [3] A Companhia só tem duas casas, não podendo possuir outras: uma em Paris para formar os eclesiásticos no espírito apostólico e a outra fora de Paris, numa província do reino, onde os seus membros possam ir repousar quando já não estiverem nas lides apostólicas; poderão aí terminar os seus dias no retiro e no recolhimento, depois de terem passado os melhores dias na conquista das almas.

A Companhia poderá receber outras casas que eventualmente lhe sejam enviadas pela mão da divina Providência, em dioceses diversas aonde Deus a convidar; no entanto, aceitará utilizá-las na qualidade de inquilina ou habitá-las-á de forma peregrina. Se ninguém lhe oferecer casas, também ela não as solicitará, contentando-se por arrendar uma ou outra, de preferência em aldeias mais do que em cidades. Se, eventualmente, pessoas caridosas vierem a oferecer casas, a Companhia dará por escrito ao Bispo do lugar ou





ao seu substituto o título de propriedade, conservando a Companhia apenas o direito da sua utilização. Por isso mesmo, o Bispo e seus sucessores terão todo o direito e poder de tirar a casa aos missionários se, no decorrer dos anos, eles vierem a tornar-se ali sedentários e sem cumprirem as suas obrigações; poderão destinar tal casa para outras finalidades caritativas de maiores vantagens para o povo, embora não lhes retirando os utensílios.

Desta forma, nunca os missionários se tornarão estáveis num lugar, como acontece ordinariamente com comunidades regulares; em contrapartida, eles ficarão mais solidamente apoiados em Deus só, desde que se abandonem sem reservas aos cuidados da sua Providência. Assim, os impostos, as rendas, os processos, os litígios que quase necessariamente acompanham a propriedade de terrenos e de casas, não os impedirão do exercício das suas atividades apostólicas. Além disso, tal como peregrinos e estrangeiros, considerarão as casas, onde se encontram hospedados, como pensões donde saem logo que possam, para correr sempre: “destinei-vos para irdes” (Jo 15, 16).

13. [4] Durante a missão não deverão receber qualquer dinheiro de esmolas proveniente dos fiéis a quem se destina a missão. Uma vez terminada, porém, já poderão aceitar, através do superior, eventuais ofertas, fruto de espontânea caridade ou reconhecimento.

14. [5] Ficam completamente proibidos, no decorrer da missão ou depois desta ter terminado, de pedir, direta ou indiretamente, dinheiro, alimentos ou seja o que for, colocando toda a sua incondicional confiança nas mãos da Providência. A divina Providência faria mais depressa um milagre do que faltar às necessidades dos que confiam n’Ela. Poderão, no entanto, fazer conhecer, em público ou em privado, a sua situação de providência e as regras com que se regem a este respeito.

15. [6] Rezarão, tal como os religiosos da Companhia de Jesus, todas as suas missas grátis, por aqueles que o solicitarem; poderão empenhar-se assim até trinta, mas não mais. Se alguém quisesse retribuir com uma recompensa, fã-lo-á através do Diretor ou do Ecônomo, durante ou depois da missão.

O Diretor da missão deverá ordinariamente celebrar a missa pelos benfeitores dos missionários e dos pobres, não se esquecendo de informar a assembleia.





16. [7] Ao partirem para uma missão, o Diretor da mesma ou o Ecônomo, se eventualmente tiverem algum dinheiro em caixa, fruto de esmolas, levá-lo-ão consigo para restaurar igrejas e para sustentar os pobres do lugar onde se dirigirem. Na hipótese das pessoas, por causa da sua dureza de coração ou pobreza, não quiserem dar-lhes o necessário, então eles poderão utilizar esse dinheiro para o seu sustento e alimentação. Esta engenhosa atuação não vai contra o abandono à Providência, pelo contrário, serve-lhe como instrumento de estímulo para levar os missionários e o povo a restaurar igrejas e a socorrer os pobres. Além disso, está em conformidade com o exemplo de Nosso Senhor, que tinha uma sacola comum para as necessidades próprias e dos pobres.

17. [8] Se um sacerdote, ao entrar na Companhia, levar consigo algum dinheiro, deverá colocá-lo por inteiro na caixa da Providência. E se, parentes ou amigos, após a sua entrada, lhe vierem a entregar esmolas ou compensações, por ele não requisitadas, também estas deverão entrar na caixa comum para as necessidades de toda a comunidade, sem exigir para si qualquer benefício ou privilégio pessoal, enfim, como alguém que nada tenha levado e a quem nada tenha sido pedido.

18. [9] Se um missionário vier a sair da Companhia, por iniciativa própria, antes ou depois dos votos, sem licença ou por uma formal desobediência, não poderá requerer alguma parte ou compensação em virtude do que entregou à Companhia dos pobres voluntários. Mas se, infelizmente, vier a sair por uma culpa considerável que não seja uma desobediência formal, então deverá restituir-se-lhe aquilo que tinha entregue, após a dedução, em parte, das despesas.

OBEDIÊNCIA

19. [1] Deverão obedecer integralmente e sem reservas aos superiores e às regras; prontamente, sem atrasos; alegremente, sem azedume; cegamente, sem discussão, e santamente por Deus só. Certo que é fácil dizê-lo, mas mais difícil executá-lo, tendo em consideração que também o mundo eclesiástico é arrastado como que por uma torrente a fazer a vontade própria e que a corrupção da vontade prefere unicamente aquilo que lhe apraz e porque lhe apraz. No entanto, a obediência, tanto nesta como na Companhia de Jesus, é o fundamento e o suporte inquebrantável de toda a sua santidade e de todos os frutos que Deus produz e produzirá através do seu ministério.





20. [2] No tocante à consciência, obedecerão ao seu Diretor que será sempre da Companhia, abrindo-lhe o coração como água corrente e com total confiança, não fazendo ou não omitindo nada de importante sem lho revelar e sem receber a aprovação e licença.

21. [3] Obedecerão ao superior da Companhia em todas as coisas, pequenas ou grandes, prescritas ou não pela regra, quer seja no desempenho dos seus trabalhos quer seja no bom funcionamento da Companhia.

22. [4] Obedecerão ao bispo da diocese onde estiverem, aos Vigários e outros superiores eclesiásticos que exercem as vezes do bispo, ao Pároco da paróquia onde pregam a missão. Obedecem-lhes em tudo o que disser respeito ao programa externo: lugar, tempo e outras circunstâncias da missão; pormenores esses indiferentes em si mesmos, mas muito salutares e importantes quando são dirigidos pela obediência.

Se algum superior eclesiástico ordenar algo contrário às regras mais importantes e aos votos, não são obrigados a obedecer. Se, pelo contrário, proíbe, ordena ou aconselha fortemente coisas em si mesmas pouco importantes, mas que não fazem parte dos hábitos dos missionários, então conformar-se-ão, sem hesitar, com o parecer do superior e, nesse caso, isso será para eles mais santificante e mais importante.

23. [5] Cada qual será fiel no cumprimento das obrigações a ele confiadas, sem interferir nas dos outros, a não ser que seja obrigado pela santa obediência.

24. [6] Obedeçam com toda a exatidão às mais pequenas regras da comunidade, considerando-as como a pupila dos olhos de Jesus Cristo; e será nesta fidelidade que eles mostrarão que é o Espírito Santo quem os conduz e não o espírito do mundo que, até na virtude, só dá apreço àquilo que brilha e se apresenta grande.

25. [7] Considerem a desobediência formal e obstinada a um superior, ainda que seja em coisas sem importância, como a maior transgressão que se possa cometer na Companhia; talvez a única que possa merecer a exclusão da comunidade, mesmo que se trate de alguém avançado na idade ou de reconhecida santidade.





26. [8] Terão um tal apreço e amor pela divina virtude da obediência que, por ela, sacrificam o corpo, a saúde, a vida e todas as coisas, desde que essa vise coisas boas e possíveis, mesmo que muito difíceis e até amargas para a natureza. Por isso, quando se aperceberem de ter cometido, por fragilidade ou tentação, falhas manifestas ou secretas contra esta divina virtude, deverão expiá-las imediatamente, pedindo a penitência ao superior.

27. [9] É-lhes, no entanto, permitido expor sinceramente e com simplicidade as razões que têm para omitir ou não fazer o que se lhes manda; no entanto, se as razões apresentadas não vierem a ser consideradas, sentir-se-ão na obrigação de obedecer cega e prontamente sem perguntar o porquê e não obedecerão apenas com a vontade, mas também com a mente e com a inteligência, convencidos de que a proibição ou ordem do superior é, diante de Deus, a coisa mais importante, apesar das opiniões pessoais.

ORAÇÕES E EXERCÍCIOS DE PIEDADE

28. [1] Todos os dias deverão os missionários fazer, pelo menos, meia hora de meditação.

29. [2] Rezarão, cada dia, o santo Rosário por inteiro e ainda a Pequena Coroa em honra da Santíssima Virgem, nos horários mais convenientes, a fim de atrair, por meio desta prática vinda do céu, a bênção divina sobre as suas pessoas e os seus serviços apostólicos como experimentam todos os dias.

30. [3] Celebrarão ordinariamente a Santa Missa todos os dias, com uma adequada preparação e ficando depois em ação de graças pelo espaço de meia hora, pelo menos; considerarão como tentação sutil aquilo que poderia eventualmente impedi-los desta meia hora de ação de graças; com efeito: “Para quem será bom aquele que é mau para si mesmo” (Eccl 14, 5)?

31. [4] Rezarão o breviário romano em comunidade, sempre que os empenhos da missão o permitam; se eventualmente o rezarem em particular, façam-no sempre com atenção, compostura e devoção exemplar.

32. [5] Todos os dias, antes do almoço, em comunidade, farão exame de consciência durante um quarto de hora, aproximadamente.





33. [6] Mensalmente, regressando das missões, farão, pelo menos, um dia de retiro, durante o qual se dedicam exclusivamente à oração e à penitência.

34. [7] Tomarão as refeições em silêncio, com amor, sobriedade e compostura; e, se tiverem que dizer algo durante as refeições, façam-no em voz baixa e com poucas palavras.

35. [8] Regressando das missões, durante o período de repouso que a divina Sabedoria lhes concede e aconselha — “Vinde, retiremo-nos a um lugar deserto, e repousai um pouco” — (Mc 6, 31), dedicar-se-ão ao estudo para se aperfeiçoarem sempre mais na ciência da pregação e da confissão.

36. [9] Nenhuma penitência corporal lhes será prescrita pela regra; ficam livres de decidir isso segundo o fervor de cada um e dentro da obediência. Mas abster-se-ão de carnes na quarta-feira e jejuarão na sexta ou no sábado, e nesses dois dias, à noite, ser-lhes-ão servidas carnes próprias dum pequeno almoço.

DESPREZO DO MUNDO

37. [1] Os membros da Companhia não se alinharão com as ideias do mundo, não irão atrás das suas máximas e não terão um comportamento ao sabor das suas modas.

38. [2] O seu lema será: “Não vos conformeis com este século” (Rm 12, 2), que é iníquo. Evitarão, sempre que possível e sem ferir a caridade e a obediência, tudo quanto estiver em sintonia com o espírito do mundo, por exemplo, a peruca e a calota, o manípulo e as luvas, os cintos volantes, sapatos vistosos, vestidos finos, chapéus lustrados ou então o tabaco nas suas diversas formas, etc.

39. [3] Não condenarão de forma absoluta aqueles que, no mundo, por conveniência social ou por necessidade, usarem tais coisas, mas, a quem os convidar a servirem-se também delas, responderão: “nós não temos tal costume” (1Cor 11, 16). Uma vez que, através do seu ministério, fazem profissão declarada de combater o mundo contrário a Cristo e inimigo da virtude, afastar-se-ão, tanto quanto possível, até mesmo de coisas indiferentes que poderiam vir a contaminá-los, pois: “quem despreza as pequenas coisas irá caindo aos poucos” (Eclo 19, 1).





40. [4] Não adotarão nenhuma singularidade no seu exterior. Usando aquilo que lhes fornecer a divina Providência, sua mãe, vestir-se-ão como a maioria dos bons eclesiásticos, de modo particular como os do Seminário de Saint-Sulpice de Paris, não recorrendo ao chapéu, ou à gola, ou manto, ou a outro tipo de roupa diferente.

41. [5] No decorrer das missões, nunca aceitarão ir comer em casas particulares, a não ser uma ou duas vezes em casa do pároco do lugar. E, fora das missões, só raramente o farão e sempre com licença especial do superior.

42. [6] Não escreverão nem receberão cartas sem passarem pelas mãos do superior, que as lerá se achar oportuno.

43. [7] Sempre que possível, caminharão a pé para as missões, imitando assim Jesus Cristo e os homens apostólicos. Mas, se estiverem doentes ou os caminhos forem muito incômodos, não tenham escrúpulos em usar os meios que a divina Providência lhes oferecer.

CARIDADE PARA COM O PRÓXIMO

44. [1] Terão os missionários o cuidado de praticar reciprocamente uma caridade afável e espontânea, procurando a ocasião de serem agradáveis entre si; cheia de respeito de uns para com os outros; cheia de paciência, suportando-se mutuamente nos seus defeitos.

45. [2] A caridade, rainha das virtudes, é a soberana e a superiora da Companhia que governa com o seu cetro de ouro. Esta virtude é a sua vida, o seu vínculo e a sua guardiã; o orgulho, a auto-suficiência e o espírito interesseiro serão banidos dela: “limpo o átrio, a caridade entrará nele para aí reinar”.

46. [3] Terão os missionários uma alegre e cordial caridade para com todos, especialmente para com os inimigos, a quem pagarão o mal com o bem; rezarão a Deus durante oito dias por aqueles que eventualmente os tenham insultado publicamente e evitarão de lamentar-se, falar mal ou vingar-se.

47. [4] Terão pelos pobres uma diligência particular, tanto nas missões como fora delas, nunca lhes recusando a caridade, seja material, se puderem, seja espiritual, mesmo que por eles não digam mais do que uma Ave Maria.





48. [5] Depois de cada catequese, darão o jantar a todos os pobres da paróquia que nela tenham participado; e todos os dias, nas refeições da manhã e da tarde, farão sentar à sua mesa um pobre.

49. [6] Tentarão cumprir fielmente aquelas palavras tão cheias de caridade do grande Apóstolo: “Fiz-me tudo para todos” (1Cor 9, 22). Entregar-se-ão aos outros por amor, mesmo nas coisas menos importantes, sem todavia contemporizar com as modas do mundo e sem nada negligenciar dos próprios deveres.

PRÁTICAS DAS MISSÕES

50. [1] Os missionários farão as suas missões no abandono à Providência; não aceitarão missões já fundadas, tal como costumam fazer outras comunidades missionárias, instituídas pelo Rei ou por outrem. E isto por quatro principais razões:

A primeira, porque é o exemplo que nos foi dado por Jesus Cristo, pelos Apóstolos e pelos homens apostólicos;

A segunda, porque Deus dará o cêntuplo já neste mundo. Muitas vezes — como ensina a experiência — dá a graça da conversão, como recompensa da esmola, àqueles que praticam a caridade para com os missionários: “Dai e vos será dado” (Lc 6, 38);

A terceira, porque esta caridade recíproca tem como vantagem uma admirável união entre os corações dos ouvintes e os do pregador e dos missionários; é que a caridade gera a caridade;

A quarta, porque uma tal missão feita em abandono à Providência e em grande dependência do povo — coisa que a natureza orgulhosa rejeita fortemente — arrasta consigo uma graça sem comparação, mais abundante e mais eficaz em converter as almas do que a outra das missões fundadas. No último caso, os missionários encontram-se numa certa situação de superioridade e de independência que favorece o orgulho e traz-lhes honrarias, mas não certamente maior graça de Deus e maior amor ao próximo. Seria preciso experimentar estes dois tipos de missão para reconhecer a diferença.

51. [2] Se eventualmente surgir uma alma demasiado caridosa a propôr-se pagar sozinha todas as despesas da missão, agradeçam-lhe a generosidade, mas não aceitem a proposta; dir-lhe-ão apenas para oferecer o que lhe





der prazer, durante a missão, quando estiverem a ser sustentados pelo povo. Com efeito, não é oportuno que uma tal pessoa destrua, através da sua generosa caridade, o abandono à Providência, que os missionários professam para bem do povo.

52. [3] Sempre que possível, irão um ou dois missionários, a anunciar a missão uns quinze dias antes dela começar para que, através de tal anúncio que deveria comover os corações: 1º ponham termo ao pecado; 2º preparem o caminho a Jesus Cristo, tal como faziam os discípulos que ele enviava, dois a dois, para os lugares onde estava prestes a dirigir-se; 3º entreguem-se à oração para merecer a graça da missão, convidando o povo a rezar o terço todos os dias ou até mesmo o rosário. Com tal preparação, quando chegar o dia da missão, encontrarão o terreno preparado.

53. [4] Procurarão a justa proporção entre o número de pessoas a quem dão a missão e o número de missionários nela empenhados já que: “quem tudo quer, tudo perde”. Por isso, farão a missão numa só paróquia, se for grande, ou então a um certo número de pequenas paróquias afins; não receberão, a não ser por uma especial licença do superior, fiéis doutras paróquias não convocadas para a missão. Com isto não pretendo dizer que se devam excluir da pregação, já que a Igreja e a palavra de Deus destinam-se a todos, mas que não sejam atendidos em confissão, a fim de que os fiéis da paróquia onde são mantidos os missionários, se sintam mais santamente impelidos a confessar-se, sem lhes dar motivos de poderem vir a lamentar-se devido a dar-se prioridade ao atendimento dos de fora.

54. [5] Em dias de trabalho, pregarão regularmente, de manhã e à noite, em horários convenientes, para a população que desejam alcançar. Ordinariamente a pregação não deverá durar mais do que três quartos de hora. Em dias festivos, além dessas duas vezes, pregarão mais uma vez na missa cantada e, por volta da uma hora da tarde, darão uma conferência para instrução do povo.

55. [6] Essa conferência deverá consistir numa instrução familiar, feita à base de perguntas e respostas, sobre as verdades da fé. Poderão optar por um tema particular da conferência, expô-lo com brevidade e depois deixar que outro missionário coloque perguntas práticas, de forma concisa e séria; poderão ainda permitir ao povo apresentar as suas dificuldades, tanto sobre





o mesmo tema, como sobre qualquer outro, desde que o missionário que deu a conferência esteja bem preparado. Esta última forma é a mais audaz e a mais útil para o povo.

56. [7] A finalidade da missão é renovar o espírito do cristianismo nos cristãos. Deste modo, levá-los-ão a renovar as promessas do batismo, segundo as instruções que receberam do Papa, da forma mais solene, e não darão a absolvição e a comunhão a nenhum penitente que não tenha antes, com os outros, renovado as suas promessas batismais. É preciso ter experimentado os frutos desta prática para conhecer o seu valor.

57. [8] Durante a missão, deverão propagar, com todas as suas forças, a grande devoção do Rosário diário; farão isso, quer através das leituras da manhã, quer nas conferências, quer nas pregações. Inscreverão na Confraria do Rosário, uma vez que têm a faculdade para fazê-lo, tantos quantos for possível. Através de palavras, quadros e imagens que possuem para este fim, expliquem as orações e os mistérios de que ele é composto. Darão eles mesmos o exemplo, rezando o Rosário por inteiro, em voz alta, em francês, através da oferta dos mistérios; farão isso todos os dias da missão e em três tempos distintos, ou seja: um terço de manhã, enquanto se celebra a missa, antes da pregação; um segundo ao meio-dia, antes da catequese, enquanto as crianças se vão juntando; e o terceiro à noite, antes da última pregação. É este um dos maiores segredos, vindos do céu, para regar os corações com o orvalho celeste e para fazer frutificar a palavra de Deus, como eles experimentam todos os dias.

58. [9] Induzirão quase todas as pessoas a fazer uma confissão geral; ainda que não seja necessária para as confissões inválidas precedentes, será sempre útil pela humildade que nela se pratica, a não ser que se trate de pessoas escrupulosas, que são raras.

59. [10] A respeito das penitências e absolvições, não deverão ser nem demasiado severos nem demasiado indulgentes, usando o equilíbrio da sabedoria e da verdade, descrito minuciosamente no “Método uniforme que os missionários deverão usar na administração do sacramento da Penitência para renovar o espírito do Cristianismo...” e num livrinho manuscrito mais extenso que têm entre mãos, intitulado: “Veni-mecum do bom missionário”.





60. [11] O ministério da pregação da palavra de Deus é o mais vasto, salutar e difícil de todos; daí que os missionários se dediquem constantemente ao estudo e à oração para obterem de Deus o dom da sabedoria, tão necessário a um verdadeiro pregador para conhecer, saborear e fazer saborear a verdade às almas. Nada é tão fácil como pregar e pregar ao sabor da moda; mas é coisa difícil e sublime pregar à maneira dos Apóstolos, falar como o sábio, segundo o desejo de Deus (Cf. Sb 7, 15) ou, como disse Jesus Cristo, “da abundância do coração” (Mt 12, 34); ou o ter recebido de Deus, como recompensa das próprias fadigas e orações, uma linguagem e uma sabedoria a que todos os adversários da verdade não poderão resistir (Cf. Eclo 51, 30; Lc 21, 15). Apenas um em mil pregadores — e até poderia dizer sem mentir, em cada dez mil — é que possui esse grande dom do Espírito Santo; a maior parte tem apenas a língua, a boca e a sabedoria do homem. Por isso, são poucas as almas que são iluminadas e movidas ou convertidas pelas suas palavras, mesmo que as tenham tomado da Sagrada Escritura e dos Padres da Igreja e mesmo que as verdades pregadas estejam muito bem fundadas, provadas e ordenadas, e muito bem expressas, escutadas e aplaudidas. Os seus discursos são muito bem ordenados, a sua linguagem é cuidadosamente escolhida, os pensamentos são engenhosos, as citações bíblicas e patrísticas familiares, os gestos ordenados, a eloquência brilhante; mas, infelizmente, é tudo somente humano e natural e produz só humano e natural. Dum tal discurso bem arquitetado e estudado, nasce uma secreta complacência que serve de seta a Satanás, o sábio orgulhoso, para produzir cegueira ao pregador. O único fruto de tanto trabalho e suor são as palmas do povo, que servem de passatempo aos mundanos durante a pregação, e constitui depois o argumento de conversas em reuniões populares. Estes pregadores da moda produzem barulho e atingem somente as orelhas; nem é de admirar se ninguém os combate, se o espírito da mentira não fala: “os seus bens estão em segurança” (Lc 11, 21), já que não atingem o coração que é a mansão onde aquele tirano está entrincheirado; ele não se inquieta muito com o grande barulho que existe à sua volta.

61. Porém, logo que um pregador cheio da palavra e do espírito de Deus abre a boca, eis que todo o inferno toca a arrebate e move céus e terra para se defender. Começa então uma sanguinária batalha entre a verdade, que passa através da boca do pregador, e a mentira, que procede do inferno; uma batalha entre ouvintes que, por meio da sua fé, se tornam amigos de tal verdade e aqueles outros que, devido à sua incredulidade, se tornam se-





guidores do pai da mentira. Um pregador de tal têmpera divina, com as suas palavras de verdade, mesmo que ditas com simplicidade, mexe com uma cidade inteira e até com uma província inteira, devido à guerra que provoca.   como que a continuação do terrível combate que se reacende no céu entre a verdade de São Miguel e a mentira de Lúcifer, e   um efeito da inimizade que Deus mesmo estabeleceu entre a descendência bendita da Santíssima Virgem e a raça maldita da serpente. Não é de admirar, portanto, da falsa paz em que são deixados os pregadores da moda, nem das estranhas perseguições e calúnias lançadas contra os pregadores que receberam o dom da palavra eterna, como aliás deverão ser um dia todos os filhos da Companhia de Maria, “anunciadores da boa nova” com grande força (Sl 68, 12).

62. [12] O missionário apostólico prega com simplicidade, sem artifício; com verdade, sem f bulas nem mentiras ou fingimento; com coragem e autoridade, sem temor ou respeito humano; com caridade, sem ofender ninguém; santamente, tendo em vista apenas Deus, sem qualquer outro interesse a não ser o da sua glória e praticando ele próprio em primeiro lugar aquilo que prega aos outros: Jesus começou a fazer e a ensinar (Cf. At 1, 1).

63. [13] Os missionários deverão precaver-se no púlpito contra diversos obstáculos, sobre os quais o demônio faz esbarrar os pregadores, inteligentes ou menos, muitas vezes até sob pretexto de zelo: 1  a compl c ncia naquilo que se disse e no sucesso alcançado; 2  o louvor da própria pregação, mendigada direta ou indiretamente; 3  a inveja em constatar que as pregações de outros são mais seguidas, mais comoventes, etc.; 4  a maledicência escutada ou expressa acerca de qualquer pregador; 5  a cólera instintiva a que se deixa arrastar facilmente quando o auditório o proporciona, durante a pregação; 6  a apóstrofe direta ou indireta dirigida a um ouvinte, nomeando-o ou designando-o com olhares ou gestos, ou então dizendo coisas que poderão referir-se apenas   sua pessoa; 7  a condenação contínua, afetada ou exagerada dos ricos e dos grandes do mundo, dos magistrados ou oficiais de justiça; 8  a censura, a crítica ou a explicação pormenorizada dos pecados dos sacerdotes.

Todos estes excessos são lastim veis, capazes de indignar os  nimos e fazer perder ao missionário, por mais santo e bem intencionado que seja, os frutos da palavra de Deus ou, pelo menos, grande parte deles.





64. [14] Um bom pregador, deverá considerar-se, no púlpito, como um réu inocente na barra do tribunal, a fim de sofrer, sem vingança, os falsos juízos de todo um auditório, muitas vezes mal disposto contra ele. Deverá sofrer as censuras dos sábios orgulhosos que interpretam mal as suas palavras, as troças dos maus que riem e desprezam a sua pessoa e ainda as calúnias de todo o povo. Deverá fazer realçar a força do seu zelo não apenas no pregar com vigor, mas também no suportar como rocha todas as tempestades, sem ceder nem agitar-se, deixando à verdade que ele anuncia e que, naturalmente, gera o ódio, o encargo de libertá-lo da mentira: “a verdade vos libertará” (Jo 8, 32); ela há de fazer isso mais tarde ou mais cedo, desde que a deixem agir.

65. [15] Finalmente, os missionários não deverão esquecer que é Jesus Cristo quem os envia como aos Apóstolos: “como cordeiros para o meio de lobos” (Lc 10, 3). Deverão, portanto, imitar a doçura, a humildade, a paciência e a caridade do cordeiro para transformar, com tal comportamento divino, os próprios lobos em cordeiros.

REGULAMENTO DO TEMPO DURANTE AS MISSÕES

66. [1] Levantar-se-ão sempre às quatro horas, tal como os missionários da Companhia de Jesus e da Companhia de São Vicente de Paulo, a não ser que a obediência tenha ordenado diferentemente por motivos de saúde.

67. [2] Às quatro horas e meia — exceto se o diretor tiver ordenado qualquer empenho específico como seja a celebração da santa missa, ensinar cânticos ao povo, fazer algumas leituras, etc. — os missionários farão meia hora de meditação, rezarão as Horas Menores e farão a habitual preparação para a santa missa.

68. [3] Por volta das seis, consoante a estação, celebrarão a missa um depois do outro, seguindo o turno decidido pelo diretor

69. [4] Depois, metem-se no confessionário o mais depressa possível, antes ou depois da pregação, até às onze horas em ponto.

70. [5] A pregação se fará, ordinariamente, entre as sete e as oito horas no inverno, e entre as seis e as sete horas no verão, na hora mais apropriada para o povo.





71. [6] Às onze horas, ao sinal do diretor, saem de imediato do confessional, mesmo que a confissão que estão atendendo não tenha terminado, a fim de fazerem todos juntos o exame de consciência, antes da refeição.

72. [7] Tomarão todas as refeições em comum e em silêncio, escutando a leitura da Sagrada Escritura e de algum caso edificante que aí seja apresentado. O diretor poderá, em determinadas circunstâncias, por motivos de caridade e de conveniência, fazer interromper a leitura já lá para o fim da refeição, a fim de dar oportunidade de falarem uns com os outros acerca de coisas boas.

73. [8] Após a ação de graças pela refeição tomada, farão recreio todos juntos, ninguém se ausentando, a não ser por licença explícita; durante este tempo resolverão certos casos de consciência, segundo as necessidades dos lugares onde se fez a missão e sem dar a conhecer as pessoas implicadas.

74. [9] À uma hora em ponto, acaba o recreio e os missionários rezarão em comunidade as Vésperas e Completas. Se o superior não pedir qualquer outro serviço, então voltarão para o confessional até às cinco horas, consoante os vários tempos. Depois, regressarão a casa para rezar as Matinas em comum.

75. [10] Depois das Matinas, jantam e fazem recreio como de manhã.

76. [11] Após uma hora de recreio, rezam a oração comunitária, escutam a leitura do tema da meditação e vão deitar-se.

77. [12] Por volta das nove horas deverão estar deitados, com silêncio e compostura.

78. [13] Quando não estiverem ocupados nas missões, cumprirão mais ou menos os mesmos exercícios, com a diferença de que se levantarão às cinco horas e ocuparão no estudo, na oração e no retiro aquele tempo que eventualmente gastariam na pregação e no confessional.

REGRAS PARA A CATEQUESE

79. [1] O empenho na catequese é o mais importante em tempo de missão; daí que, aquele a quem a obediência atribuir tal missão, deverá aplicar-se a fundo para executá-lo com perfeição. Com efeito, é mais difícil encontrar um perfeito catequista do que um ótimo pregador.





80. [2] O catequista procura fazer-se amar e temer ao mesmo tempo, de modo porém que o azeite do amor supere o vinagre do temor. É por isso que, se ele amedronta as crianças com ameaças e penitências humilhantes próprias de um bom mestre, conforta-as como um bom pai com os louvores que lhes dá, com as recompensas que lhes promete e distribui, com as carícias que lhes faz. Mas nunca lhes baterá com a mão ou com a vara. Se, no entanto, uma criança for incorrigível, mandá-la-á para receber dos pais dez ou doze chicotadas ou pauladas.

81. [3] Deverá manter pulso firme a fim de não permitir às crianças que falem ou que se divirtam durante a catequese; perdoe a primeira vez, ameace a segunda, dê um castigo à terceira e, se repetir uma quarta vez, envie-a para receber a justa chicotada.

82. [4] Uma vez que as crianças são, por natureza, impelidas ao riso, o catequista esforçar-se-á por manter um comportamento muito sério e de nada dizer de maneira a levá-las a rir estrondosamente. Pode e até deverá alegrar a lição de catequese, que em si mesma é particularmente árida, servindo-se de formas envolventes, expressões sutis, pequenas e curtas histórias atraentes, para tornar-se agradável às crianças e manter viva a sua atenção.

83. [5] O catequista seguirá a grande máxima que consiste em fazer muitas perguntas às crianças, de falar pouco enquanto as interroga, deixando que elas façam ou pedindo a outro missionário para fazer uma comovente exortação, de um bom quarto de hora, acerca de alguma grande verdade, lá mais para o fim da catequese, para que, depois de ter iluminado a mente das crianças através de perguntas da catequese, o seu coração seja comovido e tocado por essa exortação. Como a experiência o confirma, é esta a maneira mais adequada para ensinar às crianças, em pouco tempo, a catequese e para guiá-las para Deus.

84. [6] Quanto ao tempo e circunstâncias da catequese, o catequista observará as seguintes regras: almoça às onze horas em ponto; vai para a igreja após o toque do angelus, reza aí em voz alta o terço com as crianças, enquanto se vão juntando; cantará depois duas ou três estrofes de um cântico.

85. [7] No primeiro ou segundo dia da lição, fará sentar as crianças uma ao lado da outra, por idades e ordenadamente, como os nove coros de





anjos no céu. As crianças deverão manter esta ordem durante toda a missão, colocando-se sempre nos mesmos lugares e ficando junto dos mesmos companheiros. O catequista designará cada banco, atribuindo-lhe o nome de um coro angélico: Querubins, Serafins, Tronos, etc. Esta disposição tem frutos maravilhosos como: 1º manter as crianças em ordem e também o Deus da ordem no meio delas; 2º tornar as crianças atentas e assíduas à catequese, uma vez que cada uma fica encarregada de avisar o catequista da ausência do seu vizinho; 3º abreviar o tempo de catequese, já que o catequista não se sentirá obrigado a escrever o nome ou a fazer a chamada das crianças, o que seria uma perda de tempo; bastar-lhe-á um simples olhar para ver de imediato quem falta e quem vem de novo.

86. [8] Depois de terem rezado o terço e as crianças estarem nos seus lugares, dará início à lição, exprimindo com as crianças, em voz alta, atos de fé da presença de Deus, atos de esperança, de caridade, de contrição, de oferta da lição a Jesus Cristo, de invocação do Espírito Santo e de pedido de auxílio à Santíssima Virgem e ao Anjo da guarda.

87. [9] Em seguida, o catequista fará repetir a uma só criança aquilo que foi ensinado na última lição, fará algumas perguntas, as fará repetir por várias outras, uma após outra e segundo a ordem em que estiverem colocadas; frequentemente e sem falar, designá-las-á apenas com a mão ou com a varinha. Com este método que não cansa muito, ele poderá e deverá interrogar quatrocentas ou quinhentas crianças em hora e meia.

88. [10] Habitualmente, a lição de catequese não deverá ir além de hora e meia. Após a exortação, se as crianças forem numerosas, o catequista as fará sair ordenadamente, banco por banco, com calma e compostura, sem tolerar gritarias ou movimentos precipitados, aliás muito comuns em circunstâncias de fim de lição de catequese.

89. [11] Terminada a lição, o catequista guiará, dois a dois, os pobres que nela tenham participado, à casa da Providência a fim de jantarem, com compostura e em silêncio. Enquanto comem a sopa, ouvem uma leitura ou interroga-os ainda sobre a lição de catequese, sentindo-se obrigado a fazer isso mais com as crianças pobres do que com as ricas.

90. [12] O catequista é responsável pela preparação catequética das crianças selecionadas para fazerem a primeira comunhão. Por isso, deverá





observar as seguintes normas: 1º instruí-las bem; 2º falar com os pais; 3º examiná-las minuciosamente acerca de tudo o que aprenderam; 4º assegurar-se se os confessores lhes deram a absolvição, o que poderão saber através duma palavrinha que os próprios confessores dirão àqueles que absolvem e que não a dirão aos outros. Estas precauções e muitas outras têm a finalidade de impedir que as crianças comunguem indignamente, uma vez que são levadas com naturalidade a seguir o exemplo de outras ou então deixando-se sugestionar pelo maligno.

91. [13] O catequista servir-se-á ordinariamente do “Catecismo abreviado dos missionários”, no qual as crianças, em sete pequenas lições, podem aprender tudo o que é necessário para a salvação. Digo ordinariamente porque, no caso do pároco do lugar onde decorre a missão, tiver instruído as crianças servindo-se de outro Catecismo redigido em outros termos, o missionário deverá também servir-se dele para não confundir as ideias das crianças que aprendem mais facilmente de cor do que através do raciocínio.





756

OBRAS COMPLETAS





AOS ASSOCIADOS DA COMPANHIA DE MARIA





758

OBRAS COMPLETAS





AOS ASSOCIADOS DA COMPANHIA DE MARIA

1. “Não temais, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o reino” (Lc 12, 32).

Não temas, mesmo que naturalmente haja razões para temer: tu és apenas um pequeno rebanho e tão pequeno que até um menino te poderá contar (Cf. Is 10, 19). Mundanos, avaros, glutões, libertinos e povos inteiros, ei-los reunidos aos milhares para combater-te com zombarias, calúnias, desprezos e violências: “conspiram entre si” (Sl 2, 2).

2. Tu és pequeno, eles são grandes.

Tu és pobre, eles são ricos.

Tu não tens crédito, eles são apoiados por todos.

Tu és fraco, eles têm no punho a autoridade.

Mas, repito, “não temer” voluntariamente. Escuta Jesus Cristo que te diz: Sou eu, não tenhas medo (Cf. Lc 24, 36); fui eu que te escolhi (Cf. Jo 15, 16); eu sou o bom Pastor, conheço-te como meu rebanho (Cf. Jo 10, 14). Não te admires se o mundo te odeia (Cf. 1 Jo 3, 13), fica sabendo que antes me odiou a mim (Cf. Jo 15, 18). Se tu fosses do mundo, este amar-te-ia como coisa sua, mas, porque não és do mundo, é necessário que tu sofras o seu ódio, as suas calúnias e injúrias, os seus desprezos e ultrajes.

3. É o Pai eterno quem te diz: “Eu sou o teu escudo” (Gn 15, 1), “Eu te tatuei na palma das minhas mãos” (Is 49, 16). Eu sou a tua proteção e defesa, ó pequena Companhia; estás impressa no meu coração e gravada nas minhas mãos para te acarinhar e te defender porque colocaste toda a tua confiança em mim e não nos homens, na minha Providência e não no dinheiro.

Eu te livrarei das ciladas que te vão armar, das calúnias que te vão inventar, do terror da noite e das trevas que te amedrontam, do flagelo que tudo destrói ao meio dia e que procurará seduzir-te; guardar-te-ei debaixo das minhas asas; carregar-te-ei nos meus ombros e te nutrirei. De tal maneira vou armar-te com a minha verdade, com tanta força que irás ver com teus próprios olhos cair a teu lado teus inimigos, aos milhares: mil pobres maus irão cair à tua esquerda, dez mil ricos maus cairão à tua direita, e tu não serás atingida. Poderás caminhar com coragem por cima de serpentes e víboras invejosas e caluniadoras, poderás calcar aos pés o leão e o dragão ímpio, violen-





to e orgulhoso. Quando me invocares, hei de responder-te; acompanhar-te-ei nos teus sofrimentos; livrar-te-ei de todos os teus males. Hei de saciar-te com dias longos e bênçãos sobre a terra e hei de glorificar-te plenamente no meu reino (Cf. Sl 91).

4. São estas, cara e pequena Companhia de Maria, as promessas admiráveis que Deus te faz pela boca do Profeta, desde que ponhas nele toda a tua confiança, por Maria.

E uma vez que vives completamente abandonada à Providência, cabe a Deus proteger-te, multiplicar-te e dizer-te: “Cresce e multiplica-te, enche e domina a terra” (Cf. Gn 1, 28); portanto, não temas o teu pequeno número. Cabe a Deus defender-te, não temas, pois, teus inimigos. Cabe a Deus vestir-te, nutrir-te e conservar-te, por isso, não temas que te venha a faltar o necessário, nestes tempos difíceis, que só são maus porque há falta de confiança em Deus. Deus se encarregará de glorificar-te (Cf. Sl 91, 15); não temas, pois, que te tirem a tua glória. Numa palavra, nada temas e dorme em segurança sobre o seu coração paternal.

5. Mas seria muito pouco nada temer; ele quer que tu esperes dele grandes coisas e que esta esperança te encha de alegria.

Este rico e bom Pai quer dar-vos o reino da sua graça. Vós sois reis e sacerdotes de Deus (Cf. Ap 5, 10), pelo fato de serdes cristãos e sacerdotes; além disso, vós sois reis através da pobreza voluntária: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus” (Mt 5, 3). O Senhor não te diz apenas que terás o reino dos céus, mas que, sendo pobre em espírito, tu já o possuis. E como?

6. 1º - No céu abundam os bens espirituais e eternos, possui-se Deus em plenitude e não se tem necessidade de nada que seja terreno; assim, também os pobres por eleição, como tu, não têm necessidade das coisas terrenas já que não querem e não desejam nada; caso contrário, nem seriam pobres em espírito; pois, como diz o sábio: tal como é a mente e o coração do pobre, assim a sua riqueza (Cf. Eclo 38, 20). Se o seu coração está contente, ele é rico e nada lhe falta.

7. 2º - Os pobres em espírito são ricos de fé e de todas as outras virtudes. Diz São Jerônimo: “É riquíssimo aquele que com Cristo é pobre em espírito” (*Ad Heliodorum Monachum*, epist. XIV, PL 22, 348).





É rico de consolações divinas: Vós, ó Deus, “reconfortais o pobre, na vossa bondade” (Sl 68, 11). Não é atormentado pelas preocupações dos ricos, nem pelos desejos das riquezas, e privando-se como um rei do céu das doçuras terrestres e carnaís, superabunda de consolações divinas (Cf. Gn 49, 20).

É até rico na glória do céu, embora o seu corpo não se encontre ainda lá. “É ouro aquilo que vale ouro”; de igual modo, é céu aquilo que vale céu. E o que é que vale a pobreza em espírito? O reino dos céus, a glória dos céus.

8. 3º - O verdadeiro pobre em espírito tem a posse de Deus no seu coração. Diz Santo Agostinho: “Haverá algo de mais glorioso para o homem do que vender todos os seus bens para adquirir Jesus Cristo”? Ó feliz venda, ó feliz aquisição! Sabei, meus caros irmãos, que ninguém conhece o preço (Cf. Jó 28, 13) da vossa pobreza evangélica, “pois é sempre rica a pobreza cristã, porque é mais o que tem do que o que não tem; não teme sofrer a pobreza neste mundo aquele que coloca no Senhor toda a sua fortuna” (Santo Agostinho, *Sermo* 78, PL 38, 492; *Sermo* 85, PL 38, 351).

9. Para que possais aumentar este rico tesouro da vossa pobreza e este grande reino que adquiristes, cumpri estas três práticas:

1º - Estimai muito e acarinhai ternamente a pobreza real e afetiva, que abraçastes. Diz um sábio bispo que ninguém melhor do que um pobre em espírito se torna rico com facilidade e sabe gerir bem as suas riquezas. Estas servem apenas para tornar pobres e miseráveis aqueles que, possuindo-as, as amam, ao passo que elas tornam verdadeiramente ricos aqueles que se libertam delas com um admirável e salutar desprendimento: “as riquezas tornam-nos pobres e miseráveis, se as amarmos; felizes e ricos, se as desprezarmos por amor a Cristo” (Humberto de Romans, *Epistola de tribus votis substantialibus religionis*).

Não caiais, pois, na tentação de olhar para trás a contemplar o patrimônio e os benefícios que deixastes: “Quem depois de deitar a mão ao arado, olha para trás, não é apto para o reino de Deus” (Lc 9, 62). Procurai, pois, não cair na tentação de olhar com inveja os muitos bens eclesiais ou outros, e que poderíeis obter legitimamente, tal como fazem tantos outros, “cuja vista excita a paixão dos insensatos” (Sb 15, 5).

10. 2º - Experimentai de bom grado os efeitos da pobreza, ou seja: 1º os trabalhos, ganhando o vosso pão só com o suor do vosso rosto, num púlpito e num confessionário; 2º as humilhações e desprezos de que são





ordinariamente objeto os pobres eclesiásticos; 3º os outros contratempos que acompanham a pobreza, quer no vestir, quer na alimentação, quer na hospedagem, quer nas fadigas e nas viagens.

11. 3º - Suspirai incessantemente pelos bens eternos e recorrei à misericórdia de Jesus Cristo, que certamente reconhece e dá ouvidos a todos os que se apresentam revestidos da sua pobreza. O verdadeiro pobre em espírito olha para o mundo como um deserto terrível e dele afasta o seu coração; não se inquieta de modo algum com os seus negócios: “ninguém que preste serviço a Deus se embaraça com os negócios do mundo”... (Cf. 2 Tm 2, 4).¹

12. Da mesma forma que um viajante, pressuroso em alcançar rapidamente uma cidade real, porque compenetrado nessa ideia, nem sequer para a contemplar as belezas da paisagem, assim também o missionário, livre como São Francisco, caminha pressurosamente para a Jerusalém celeste. Atraído unicamente pelas maravilhas desta imortal cidade de paz e de glória, só tem olhos para contemplá-la. Nem sequer lhe são penosos os sacrifícios necessários para alcançá-la e não lhe dá prazer aquilo que o possa desviar dela. Como Paulo, ele não avalia as coisas visíveis, mas sim as invisíveis. As coisas visíveis são passageiras e sujeitas à corrupção, a morte pode tirar-lhas precisamente quando julgava poder gozá-las; frequentemente perdem-se com imenso sofrimento antes da própria morte. Os bens invisíveis, pelo contrário, aqueles bens inefáveis que só se gozam possuindo-os, são eternos.

O missionário, enfim, amparado e encorajado por esta nobre esperança que traz no íntimo do seu coração, perseverará na sua santa e sublime vocação. Terá a alegria de, quando morrer, repetir as belas e consoladoras palavras do mais zeloso dentre todos os missionários de Jesus Cristo: “Combati o bom combate, terminei a minha carreira e guardei a fé. Já nada me resta senão receber a coroa da justiça que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não só a mim, mas também àqueles que desejam a sua vinda” (2 Tm 4, 7-8).

1. O manuscrito original, no seu estado atual, termina com esta frase incompleta. A continuação desapareceu junto com as últimas páginas. Um caderno dos arquivos gerais monfortinos, contendo o texto da Regra (1837) do Pe. Deshayes, apresenta como final as linhas que se seguem (nº 12).





A CRUZ DA SABEDORIA DE POITIERS



Enquanto era capelão do hospital geral de Poitiers em 1701-1703, o Pe. de Montfort formou um grupo de moças que ele reunia regularmente num local que ele chamava de “A Sabedoria”. Logo se juntaram a esse grupo Maria Luísa Trichet e Catarina Brunet.

Com esta comunidade nascente, o capelão elabora um programa de vida espiritual centrado em Jesus Cristo, a Sabedoria Encarnada: é preciso renunciar a si mesmo e carregar a sua Cruz no seguimento de Jesus, sob a guia de Maria.

Este programa está expresso de maneira singela e significativa na *Cruz de Poitiers* que se encontra hoje na Comunidade das Filhas da Sabedoria de Roma.



A CRUZ DA SABEDORIA DE POITIERS

RENUNCIAR
A
SI MESMO
CARREGAR
A SUA CRUZ
PARA
SEGUIR
JESUS
CRISTO

SE VOS ENVERGONHARDES DA CRUZ DE JESUS CRISTO
ELE SE ENVERGONHARÁ DE VÓS DIANTE DO SEU PAI

AMOR
DA CRUZ
DESEJO
DAS CRUZES
DESPREZOS
DORES
ULTRAJES
AFRONTAS
OPRÓBRIOS
PERSEGUIÇÕES
HUMILHAÇÕES
CALÚNIAS
DOENÇAS
INJÚRIAS

VIVA JESUS
VIVA A SUA CRUZ

AMOR
DIVINO
HUMILDADE
SUBMISSÃO
PACIÊNCIA
OBEDIÊNCIA
TOTAL
PRONTA
ALEGRE
CEGA
PERSEVERANTE





766

OBRAS COMPLETAS





REGRA PRIMITIVA DA SABEDORIA





768

OBRAS COMPLETAS





REGRA PRIMITIVA DA SABEDORIA

O manuscrito a partir do qual o texto seguinte foi estabelecido encontra-se nos arquivos gerais das Filhas da Sabedoria. Escrito de próprio punho pelo Pe. de Montfort, ele apresenta-se como um livrinho de 62 páginas numeradas, encapado com uma folha de pergaminho. O texto do Pe. de Montfort termina quase no meio da página 61. É seguido de sete aprovações episcopais que se escalonam de 1715 a 1739.

A primeira destas aprovações, a de Mons. de Champflour, é a mais preciosa por nos permitir fixar ao menos um dos termos da época da composição das “regras”: “Aprovo as regras supracitadas das Filhas da Sabedoria, + Estêvão, bispo de La Rochelle, em 1 de agosto de 1715”. Montfort deve ter apresentado pessoalmente o seu manuscrito ao bispo, pois este se contentou em assinar, sendo da mão do missionário a fórmula aprobatória.

Um certo número de correções, rasuras, acréscimos pontilham o manuscrito. Estas transcritas em notas quando foi possível decifrá-las. Ficando hipotética, na maioria dos casos, a identificação do autor, não serão indicados senão os casos certos ou que oferecem probabilidade muito grande. Contudo, em muitos casos, a palavra “conselho”, colocada como subtítulo, foi substituída por “advertência”. Este termo é claramente posterior a Montfort. A palavra “conselho” foi portanto mantida. Deve-se observar que a primeira edição das Regras em 1750 reproduz o texto levando em conta todas as modificações. O que permite afirmar que foram feitas antes da morte de Maria Luísa de Jesus, primeira Filha da Sabedoria (+ 1750).

Em 1760, foram publicadas as Constituições redigidas sob os cuidados de Maria Luísa de Jesus algum tempo antes da sua morte. Elas reproduzem um texto que leva a crer na existência de uma redação anterior à de 1715. Com efeito, as constituições afirmam no capítulo primeiro: “Eis como ele (Montfort) nos fala na nossa regra: as felizes moças que o Espírito Santo vai chamar da funesta Babilônia para a companhia das Filhas da Sabedoria não irão para lá somente para levar o belo nome de Filhas da Sabedoria, mas para aprender as regras e as máximas da divina Sabedoria e para praticá-las fielmente, exercitando-se nelas dia e noite até à morte. Elas devem saber que não é a nobreza, nem as riquezas, nem os talentos naturais do espírito e do corpo que dão acesso à Sabedoria, mas apenas o objetivo da perfeição evangélica com uma vontade determinada para todo o bem.”

Esta passagem não existe nas Regras de 1715. Grandet menciona um regulamento muito extenso, do qual cita alguns extratos que correspondem, com algumas ligeiras variantes, ao texto aprovado em 1715. Todavia, é possível que ele se refira a um primeiro esboço, quando, apresentando esses extratos, ele escreve à p. 68:

“Estava aí o plano que ele se tinha formado de uma Congregação das jovens que





ele queria dedicar à Sabedoria do Verbo Encarnado, para confundir a falsa sabedoria das pessoas do mundo, estabelecendo a loucura do evangelho entre elas: por isso quis ele que levassem o belo nome de Filhas da Sabedoria.”

Aí estão os únicos traços dum texto primitivo cujo conhecimento permitiria seguir a gênese e a evolução do pensamento de Montfort no tocante à sua Congregação feminina.

Nas fontes deste pensamento encontra-se com certeza Francisco de Sales. Ele é citado duas vezes de maneira explícita e textual e, na segunda vez, muito longamente. Uma alusão rápida é feita às Filhas da Caridade: é provável que a concepção de São Vicente de Paulo tenha marcado a de São Luís Maria. Além deles há também Mons. Tronson do qual é tomado um capítulo inteiro e que pode ter inspirado outros.

São mais que contatos literários, mas não destroem a originalidade do pensamento monfortino sobre o que ele denominou “a Companhia das Filhas da Sabedoria”.

REGRAS DAS FILHAS DA SABEDORIA¹

A FINALIDADE DO SEU INSTITUTO

[1] 1. O fim interior das Filhas da Sabedoria² é a aquisição da divina Sabedoria. O fim exterior é triplo segundo os seus talentos, a saber: 1º instrução das crianças das cidades e das aldeias, nas escolas beneficentes; 2º a boa assistência aos pobres nos hospitais ou fora deles, quer estejam doentes quer não, quer sejam incuráveis quer não; 3º como também³ a direção espiritual das casas de retiro onde elas são chamadas⁴.

[2] 2. Como cada um tem o seu talento diferente, os Superiores as nomearão segundo os seus talentos para os serviços aos quais Deus as chama, após o seu ano de noviciado; e mesmo depois de vários anos, se o primeiro não bastar.

1. Lê-se sob uma rasura de traços ondulatórios: “ou da providência”.

2. O próprio Montfort corrigiu, escrevendo “Sabedoria” sobre a palavra “providência” que está rasurada.

3. “Como também” é um acréscimo na entrelinha e parece ter sido escrito por outra mão.

4. Lê-se, riscado com traços horizontais, o membro da frase seguinte: “sem contar a vocação daquelas que são chamadas a um retiro contínuo e ao trabalho manual sem sair de casa”.





Conselhos

[3] Minhas queridas filhas, tomai cuidado com as tentações do maligno [espírito]⁵ a respeito do fim que vos deveis propor unindo-vos na mesma casa.

[4] 1. - Não tomeis como fim principal o vosso repouso, nem o exercício da caridade para com o próximo. Não deveis fazer aí o vosso repouso natural, nem mesmo interior, segundo as leis da natureza, porque muitas vezes a obediência, que vos ordenará coisas exteriores e contrárias às vossas inclinações, inverteria o projeto que fizestes para vós. Não deveis tampouco tomar a caridade para com o próximo como o vosso fim principal; porque se depois não estiverdes ocupadas no serviço ao próximo, caireis na inquietação, no desgosto e no desânimo; mas se a vossa primeira intenção for de vos santificar, cumprindo a vontade de Deus indicada pela obediência, ficareis em paz, seja qual for o modo como as coisas acontecerem.

[5] 2. - Como Nosso Senhor nos ordena que não pensemos no amanhã⁶, não somente a respeito do corporal, mas sobretudo a respeito do espiritual, não penseis voluntariamente no que pode vos acontecer posteriormente, com relação ao gênero de vida que haveis abraçado; considerai esses pensamentos de futuro contingente e condicional, como tentações sutis do demônio que com isso quer vos fazer perder a coragem, vos apresentando uma grande quantidade de anos a viver no silêncio, na penitência, na obediência e na pobreza. Ele quer fazer-vos perder a paz, ou pelo menos o tempo, vos ocupando com quimeras, que não existem ainda e talvez nunca existirão. Esses futuros condicionais são, por exemplo, se meu pai e minha mãe vierem a morrer, que farei? Se esta pessoa, este superior, este diretor faltar, que será desta fundação?

[6] 3. - Persuadi-vos de que o demônio não cessará de vos tentar de mil maneiras, para vos fazer mudar de resolução e de fim nos vossos exercícios, seja antes, seja depois da vossa profissão; ele vos agravará e aumentará as vossas dificuldades, os vossos receios, as vossas repugnâncias, etc.; ele agitará os

5. A palavra “espírito” está acrescentada na entrelinha e é de uma escrita menos fina que a do resto do texto.

6. Cf. Mt 6, 34.





vossos humores⁷, obscurecerá o vosso espírito; enfim, ele vai lançar mão de todos os seus recursos diabólicos para vos fazer mudar de ideia! Mas sereis vitoriosas e bem-aventuradas se descobirdes os vossos sofrimentos ao vosso Diretor e à vossa Superiora, e lhes obedecerdes cegamente.

A ENTRADA NO NOVICIADO

[7] 1. Não são admitidas, entre as Filhas da Sabedoria⁸, senão moças sensatas ou viúvas verdadeiras, que tenham entre 16 e 40 anos. As pessoas muito idosas ou muito enfermas são excluídas⁹.

[8] 2. Admitem-se as pobres como as ricas, contanto que as suas disposições e a sua vocação sejam boas, isto é, se são dóceis e pobres de espírito.

[9] 3. Não se exige delas nenhuma soma de dinheiro nem pensão alguma; mas, se elas trazem algum dinheiro, é recebido como uma esmola, que é colocada na bolsa comum e que serve para o sustento de toda comunidade.

[10] 4. Admitem-se muito raramente pensionistas, ou seja, moças ou senhoras, que não têm a resolução de fazer profissão; mas, quando são admitidas, em alguns casos extraordinários, por consideração para com alguma pessoa de grande mérito, não se estipula quantia para a sua pensão e ela é obrigada cumprir todas as regras comuns sem exceção; de outra forma ela incomodaria toda comunidade.

[11] 5. As noviças e as pensionistas jamais saem fora de casa sem permissão extraordinária da Superiora e numa necessidade urgente. Se na comunidade não há capela construída, elas saem para ouvir a santa Missa e receber os sacramentos; mas elas não se encarregam de negócios temporais nem se embarçam com eles, e, se elas os têm antes de entrar no noviciado ou no pensionato, não são admitidas senão quando estão resolvidos. Se, após a sua entrada, eles sobrevêm, elas não se envolvem neles por si mesmas, mas uma pessoa secular, que resolve os negócios de fora, cuida deles.

7. Sentido antigo do termo “humores”: disposições do temperamento ou do espírito. Significação tirada do fato de que as disposições do temperamento ou do espírito serem então atribuídas à qualidade dos humores que estão no corpo (Cf. Littré).

8. A palavra “Providência” foi rasurada e substituída na entrelinha por “Sabedoria”.

9. Várias palavras foram rasuradas e permanecem ilegíveis.





[12] 6. O primeiro noviciado dura pelo menos um ano após ter tomado o hábito, e mais tempo, se for julgado conveniente, segundo as disposições da noviça; e, durante este noviciado, as noviças são exercitadas em todas as espécies de virtude, para despojá-las de seus maus hábitos, de suas inclinações viciosas, de seus humores naturais e de suas menores imperfeições e, para tanto, a Mestra das noviças as faz praticar a obediência, o silêncio, a modéstia, a mortificação, a oração, o desprezo do mundo e de si próprio.

[13] 7. O segundo noviciado dura pelo menos um ano e, durante este noviciado, além dos exercícios de piedade comuns à comunidade, elas se aplicam a aprender perfeitamente o modo de dar o catecismo, e de dar pequenas aulas, a escrita, a leitura e trabalhos manuais, segundo a sua capacidade.

CONSELHOS

[14] Guardai-vos das diversas tentações que o espírito maligno propõe ordinariamente às Noviças; pois não tendo podido impedir a entrada no Noviciado, pelos pais carnisais, pelos amigos interessados, pelos receios frívolos, por respeitos mundanos e por mil falsas razões que ele apresenta para impedir esta entrada no Noviciado, ele tenta impedir o efeito que é a santificação da pessoa;

- rerepresentando-lhe o que ela deixou no mundo;
- fazendo-a desprezar as pequenas regras e as pequenas práticas de devoção estabelecidas na Comunidade;
- lançando-a em aborrecimentos e inquietações;
- sugerindo-lhe que ela deve ser mais considerada que um outra, quer por causa da sua qualidade, quer por causa do bem que ela faz, quer por causa de algum talento de espírito ou de corpo;
- inspirando-lhe frieza contra os outros e mesmo contra os Superiores, fazendo-a crer que têm alguma coisa contra ela;
- fazendo-a afastar-se dos sacramentos sob os mais belos pretextos do mundo. Há uma infinidade de outras ciladas que o demônio, de combinação com o mundo, arma para as Noviças, seja para fazê-las sair, seja para comprometê-las no pecado, seja para retardar a sua perfeição. A abertura do coração e a obediência cega são remédios infalíveis, e armas todo-poderosas nestas dificuldades e combates.





A SUA PROFISSÃO E OS SEUS VOTOS

[15] 1. Terminado o ano do seu primeiro noviciado ou mais tarde, se a noviça está disposta¹⁰, faz a profissão, fazendo os três votos simples de obediência, de pobreza e de castidade, por um ano, em segredo e em particular, sem nenhuma cerimônia externa, após dez dias de retiro e de silêncio, sem falar com ninguém exceto com a Superiora e o Diretor.

[16] 2. Ela renova o seus votos, todos os anos, se ela persevera de coração e de afeição na sua vocação; mas, se ela não persevera, terminado o ano dos seus votos, ela pode sair sem nenhum impedimento.

[17] 3. Da mesma forma, se a Superiora, de comum acordo com a comunidade, não está contente com uma das professoras, por motivo de uma falta grave e reiterada¹¹, ela pode mandá-la embora.

[18] 4. Se a professora deu alguma quantia ou móveis, como esmola, à comunidade, ao ingressar, se ela sai de própria iniciativa, no fim do ano, ou por uma falta de obediência formal, não se lhe devolve nada do que trouxe; mas se a comunidade, ao final do ano, manda-a embora por boas razões, ela lhe devolve o que ela trouxe, descontadas as despesas.

[19] 5. Se contudo a professora que vai sair tiver dado todos os seus haveres à comunidade, esta deve devolver-lhos, deduzidas as suas pensões¹².

[20] 6. Durante cinco anos consecutivos após a sua profissão, elas renovam seus três votos por um ano; e, se elas se acham, com a anuência da comunidade, realmente chamadas, fazem, passados cinco anos, os três votos¹³ para sempre.

CONSELHOS

[21] 1. Quando tiverdes o pensamento de sair da Comunidade após a vossa profissão, revelai-o imediatamente ao vosso Diretor ou à Madre Superiora, e esperai um tempo considerável para saber se é efetivamente uma tentação.

10. Montfort tinha escrito antes: "Se a noviça não está ainda disposta".

11. "por motivo de uma falta grave e reiterada" é um acréscimo na entrelinha.

12. Montfort tinha escrito antes "...à comunidade, e for realmente pobre, a comunidade deve por caridade dar-lhe pelo menos uma parte do que ela recebeu, sobretudo se ela tem como fazê-lo". Esta frase está riscada e a correção parece ser de uma mão diferente da de Montfort.

13. "de religião" foi riscado.





[22] 2. Cuidado para não dardes ocasião a estas tentações, frequentando as pessoas do mundo ou os devotos da moda, ou pedindo conselhos a um outro que não o vosso Diretor ou a vossa Superiora.

[23] 3. Renovai, todo primeiro sábado do mês, os vossos votos [a Deus¹⁴] entre as mãos da Ssma. Virgem, numa Comunhão que fareis nesta intenção.

A SUA POBREZA

[24] 1. Elas nada têm que seja seu, nem mesmo uma moeda, nem mesmo uma roupa, nem mesmo um duplo livro das horas, nem um móvel do quarto ou de devoção; tudo lhes é comum e a comunidade é obrigada, após a sua profissão, a provê-las de tudo o que lhes é necessário para a alimentação, o sustento e o vestuário.

[25] 2. Na verdade, elas não abandonam, se não quiserem, as rendas e mesmo o domínio de seus bens de patrimônio, se os tiverem; mas o usufruto e o emprego destes bens está à inteira disposição de suas Superiores na comunidade, que os utilizará, como bem lhes parecer, para as necessidades de toda mencionada comunidade, sem distinção entre rica e pobre.

[26] 3. Como pobres, elas se vestem com o hábito dos pobres dos hospitais e dos campos, que é o cinzento¹⁵, quase como as irmãs da Congregação de São Vicente de Paulo. No entanto, para maior modéstia, elas têm uma capa preta por cima, que as cobre e as sepulta, da cabeça aos pés¹⁶.

[27] 4. Cada uma delas têm a sua cela pobre e pequena, na qual não há senão: 1º um leito de tábuas com uma enxerga e um colchão e cortinas¹⁷; 2º uma mesa; 3º uma cadeira; 4º um crucifixo; 5º uma imagem da Ssma. Virgem; 6º um baú sem fechadura; 7º¹⁸ um cabide, espanadores, um candeeiro e uma vassoura; todo o resto, como inútil e supérfluo, é proibido.

14. “a Deus” é um acréscimo na margem, de uma outra mão ao que parece.

15. Ver *Le Sage* no “Turcaret” que chama a criada de “a cinzenta”. “Cinzento”: primeiramente nome de um tecido de cor cinza, depois a veste feita deste tecido, a palavra acabou por designar uma moça de condição humilde, de situação modesta.

16. Montfort tinha escrito: “dos pés à cabeça”. O texto foi corrigido por uma outra mão.

17. “e cortinas” é um acréscimo na margem; Montfort tinha escrito: “colchão sobre dois cavaletes e uma tenda em cima”.

18. “Um urinol” foi riscado.





[28] 5. Elas fazem trabalhos manuais; mas não vão buscá-los nem pedi-los fora de casa; elas não põem o preço nem recebem o pagamento por suas próprias mãos e nem aproveitam de alguma coisa mais que a comunidade; toda renda que daí resulta, é posta em comum pela Econômica e pela Superiora.

[29] 6. Nas suas necessidades corporais, não pedem jamais esmola a ninguém; seja a parentes, seja a estranhos seja para a comunidade em geral, seja para as suas necessidades em particular, seja diretamente, seja indiretamente; mas elas se abandonam, para tudo, aos cuidados da Providência divina, que as ajudará da maneira e no tempo que ela quiser, como se esperassem, imediatamente de um anjo enviado do céu, a comida e o sustento; e no entanto trabalham em serviços manuais, para ganhar alguma coisa, como se nada esperassem de Deus.

[30] 7. Quando, segundo seus talentos, são enviadas para dar catecismo e dar aulas em alguma cidade ou aldeia, elas não consideram a pensão módica, que lhes é dada por um ano, senão como o salário de seus trabalhos e de suas penas durante tal ano; de modo que, se, por negligência, não cumprem os seus deveres, cometem uma grande injustiça, servindo-se de um bem que não adquirem por nenhum título. Já que não lhes é dado como pensão a não ser o absolutamente necessário para viver, elas não fazem nenhuma despesa inútil e, se no fim do ano, tiverem alguma sobra, não podem dispor dela¹⁹ sem uma permissão expressa, nem em favor dos parentes, nem em favor dos amigos.

[31] 8. Elas nada pedem, nem direta nem indiretamente, às crianças que elas instruem; mas, se algum pai ou mãe de uma criança rica deseja, por puro reconhecimento, sem que se lhe tenha pedido, lhes fazer alguma esmola, elas não a recebem jamais por suas próprias mãos; mas, se elas dão aula na cidade onde está a Casa-Mãe ou o noviciado, elas pedem aos seus benfeitores que façam a sua oferta às Superiores e, se elas dão aula em outra cidade ou numa aldeia, recebem elas próprias a mencionada oferta²⁰.

19. Em lugar de “não podem dispor dela”, Montfort tinha escrito: “põem-na na caixa comum da comunidade quando no fim do ano vêm fazer o retiro sem que dela possam dar coisa alguma”.

20. “Recebem elas próprias” é uma correção que substitui um texto mais longo riscado e tornado ilegível.





[32] 9. Se Deus as chama a dirigir algum hospital, elas não recebem senão um sustento pobre e módico, contentando-se com o pão dos pobres, se não têm outro, e, quanto à pensão e às esmolas, elas agem como as professoras das escolas, fazendo tudo por pura caridade.

[33] 10. A Superiora as faz mudar, todo ano, de quarto, de mobília e mesmo de hábito, quando ela notar algum apego, e, duas vezes por ano, elas fazem o corte dos cabelos.

CONSELHOS

[34] 1. - Acautelai-vos de possuir alguma coisa em particular sem uma verdadeira necessidade e uma perfeita obediência. O demônio²¹ não deixa de inspirar, todos os dias, aos religiosos e religiosas, mil belos pretextos e mil razões aparentes, para fazê-los transgredir o seu voto de pobreza, ou pelo menos para diminuir o seu mérito.

[35] 2. - Acautelai-vos, pois, de ter apego à menor coisa; quando sentirdes por ela muita afeição, deixai-a por um tempo ou privai-vos dela absolutamente.

[36] 3. - O espírito maligno²² vos tentará, sob o pretexto da piedade, para terdes nos vossos quartos, várias imagens e móveis de devoção, para vós e para os outros. De cem religiosas, apenas uma talvez fique isenta de cair nesta tentação sutil.

[37] 4. - Considerai, por outro lado, como sutil tentação, não revelar vossas necessidades temporais à vossa Superiora, por medo de uma recusa ou por capricho.

[38] 5. - Não penseis no amanhã, deliberadamente e sem verdadeira necessidade. Deus vo-lo proíbe²³, e o demônio inspira isto para perturbar ou fazer perder tempo.

21. Montfort tinha escrito: “o maligno”.

22. “Espírito” é um acréscimo na entrelinha.

23. Cf. Mt 6, 34.





[39] 6. - Se virdes uma de vossas Irmãs melhor vestida e melhor²⁴ provida que vós, cuidado com a tentação de inveja e de murmuração; o espírito maligno²⁵ não deixará de aumentar aos vossos olhos as comodidades que as outras têm e que vós não tendes, a fim de vos perturbar e separar-vos interiormente delas; para tanto, ele vos fará crer que vós contribuístes para a Comunidade mais que esta ou aquela, que vós sois algo a mais, que trabalhais melhor, etc.; ele vos recordará vossas antigas comodidades, quando gozáveis dos vossos bens em particular e do fruto dos vossos trabalhos, e vos inculcará o desejo de voltar para o mundo.

[40] 7. - Por espírito de pobreza e de humildade, eu vos aconselho a escolher o mais possível o pior em tudo, o alimento menos delicado, os hábitos mais velhos e mais grosseiros, os ofícios mais baixos, etc.

[41] 8. - Gostai de ficar sem alguma coisa que as outras não dispensem, e não demonstreis externamente nenhum desgosto.

[42] 9. - Jamais faleis com estima dos bens do mundo. Não digais nunca: se me dessem tal soma de dinheiro, se alguma pessoa rica nos desse, etc., nós construiríamos, compraríamos, etc. Todos esses desejos existem nos pagãos²⁶ e nos mundanos e são indignos dos verdadeiros sábios, que, não apenas não desejam nenhum bem temporal, nem mesmo para as obras pias, mas ainda, deixam tudo quanto o mais legitimamente possuem, para seguirem mais de perto a Sabedoria encarnada²⁷.

[43] 10. - Cuidado para não contardes aos outros as comodidades que tínheis no mundo, os bens que trouxestes à Casa; não faleis jamais da vossa habilidade ou perícia em várias obras.

[44] 11. - Não façais nenhum caso de todo o exterior e visível em si mesmo, por maior e mais elevado que pareça segundo a natureza e estimai muito, entre vossas Irmãs, as que são mais pobres e as menos capazes na aparência.

24. Montfort escreveu “melhor e melhor”.

25. “Espírito” é um acréscimo na entrelinha.

26. Cf. Mt 6, 32.

27. Cf. Mt 19, 21.





[45] 12. - Quando precisardes de alguma coisa para a vossa saúde ou o vosso sustento, antes de pedi-lo à vossa Superiora, fazei pelo menos quinze minutos de oração diante de Deus, para ver a sua luz, se realmente, segundo a perfeição, tendes tal necessidade; em seguida, se o vosso pensamento do coração for o mesmo, pedi corajosamente e com simplicidade, e se os vossos pedidos forem recusados ou rejeitados, ficai em paz, como se o próprio Jesus Cristo em pessoa vô-lo tivesse negado.

A SUA OBEDIÊNCIA

[46] 1. A prática perfeita da santa obediência é a virtude especial que distingue as Filhas da Sabedoria. Como a divina Sabedoria, que comandava nos céus, veio à terra para obedecer, desde o primeiro instante de sua encarnação até à morte²⁸; assim também, as suas filhas deixaram o mundo, para, a exemplo da Sabedoria, escravizar o seu entendimento e a sua vontade sob o jugo da obediência.

[47] 2. Elas obedecem às suas Regras e aos seus Superiores maiores ou subalternos:

- 1º. Inteiramente, sem divisão;
- 2º. Prontamente, sem demora;
- 3º. Alegrementemente, sem desgosto;
- 4º. Santamente, sem respeito humano;
- 5º. Cegamente, sem raciocínio;
- 6º. E perseverantemente, sem interrupção.

Estas seis qualidades da obediência merecem uma longa explicação.

[48] 3. Elas devem ser fiéis a todas as suas Regras, mesmo às menores; e, quando a sua Regra não lhes prescreve uma coisa, devem pedir a licença, quando a querem fazer, a fim de que a obediência expulse o veneno das suas ações, que é a sua vontade própria.

[49] 4. Devem obedecer à sua Superiora em todas as coisas que não são prescritas pela Regra e, mesmo quando o são, se as ocasiões e as circunstâncias tornam a prática da Regra impossível ou bem difícil, devem pedir a interpretação ou a isenção à sua Superiora.

28. Cf. Fl 2, 6-8.





[50] 5. Podem, e até mesmo devem muitas vezes, apresentar as suas razões para fazer ou não fazer alguma coisa; mas com indiferença e sem paixão, não se ofendendo jamais com a recusa de uma coisa que lhes parece mais justa.

[51] 6. Procuram obedecer a todas as criaturas por amor a Deus, quando a coisa ordenada não é contra outra vontade senão a delas.

[52] 7. Pedem todas as licenças à sua Superiora de joelhos e com humildade, porque não veem senão Jesus Cristo nela; não pedirão estas permissões de joelhos, senão quando não houver nenhum estranho presente.

[53] 8. Não deixam de reparar publicamente as faltas que fizeram em público contra a santa obediência.

[54] 9. Para o governo da comunidade, obedecem ao Bispo e ao que é delegado para elas da parte dele, aos Párocos da paróquia onde estão. Quando estão nos hospitais, elas obedecem aos Capelães quanto ao governo interno dos pobres, e aos Administradores quanto ao governo externo do hospital.

CONSELHOS

[55] Como o demônio é orgulhoso e desobediente, ele vos suscitará, queridas Filhas, grandes e sutis tentações contra a santa obediência, a fim de vos separar dela, no que se refere às vossas Regras, à vossa Superiora, ou ao vosso Diretor.

[56] 1. - Acautelai-vos bem de fazer pouco caso das pequenas regras e das pequenas práticas de piedade, e de transgredi-las sem muito escrúpulo; pois quem despreza as pequenas coisas cairá pouco a pouco²⁹.

[57] 2. - O espírito maligno³⁰, para vos impedir de obedecer à vossa Superiora, vos levará a crer:

- 1) que ela não vos ama, e até mesmo que ela vos persegue e vos quer mal;
- 2) que ela não é capaz de mandar;
- 3) que ela ostenta dominação e superioridade;
- 4) que não há razão no que ela ordena;

29. Cf. Eclo 19, 1.

30. "Espírito" é acrescentado na entrelinha.





5) que ela não contradiz as outras como a vós;

6) que ela tem muito deste ou daquele defeito e não merece que se dê atenção ao que ela diz e que se ponha confiança nela.

[58] 3. - Se o demônio não pode fazer-vos desobedecer de todo, ele vos fará demorar muito a obedecer, ou obedecer queixando-vos, resmungando, murmurando, e com um ar desgostoso e arrogante.

[59] 4. - Descobri todo o vosso interior ao vosso Diretor, não lhe oculteis nada do que pode fazê-lo conhecer o vosso temperamento, revelai-lhe vossas boas e más inclinações, os vossos projetos e os vossos empreendimentos; não julgueis nem bem nem mal de vós mesmas, deixai o julgamento por completo à vossa Superiora e ao vosso Diretor.

[60] 5. - Considerai como tentação sutil não pedir opinião [sobre] uma coisa muito santa que quereis fazer sob pretexto de que o vosso Diretor não é bastante esclarecido em tal assunto; ou que não tendes dúvida alguma sobre a bondade da vossa ação ou sobre a verdade da coisa.

[61] 6. - Acautelai-vos de ir queixar-vos, após uma recusa da vossa Superiora, a alguma irmã igual ou inferior, do seu proceder; acautelai-vos de usar de sutileza e de rodeios, para extorquir alguma permissão dos Superiores.

[62] 7. - Não tenhais receio de ferir a delicadeza do mundo para obedecer prontamente ao menor ponto da regra ou ao menor mandamento dos vossos Superiores; assim, se um exercício público vos chama, deixai imediatamente a companhia das pessoas com quem estais, exceto se ela for absolutamente necessária.

[63] 8. - Para vos aperfeiçoar, em pouco tempo, na grande virtude da Sabedoria, que é a obediência, não façais dificuldade em submeter o vosso juízo e a vossa vontade a quem é igual ou até inferior a vós, em coisas indiferentes.

[64] 9. - Deveis notar que vos é absolutamente livre descobrir o vosso interior ao vosso Diretor ou à vossa Superiora, segundo a vossa inclinação. No entanto, é preciso reconhecer que as irmãs da Comunidade, que tiverem





bastante humildade e obediência para se abrirem à sua Superiora, fazem uma ação heróica e progredirão mais que as outras na virtude, por esta prática comum nas Comunidades muito fervorosas.

[65] 10. - Lembrai-vos desta admirável sentença de São Francisco de Sales, conservada na sua Regra: quanto mais preferirdes a comunidade à vossa particularidade, tanto mais deveis saber que tendes progredido³¹.

A SUA CASTIDADE

[66] 1. As Filhas da Sabedoria³² fazem, na sua profissão, um voto simples de castidade, por um ano, e, todos os anos, se o quiserem, renovam-no com os outros votos; em particular, como foi dito.

[67] 2. Não admitem nenhum homem no seu quarto ou cela, senão em caso de absoluta necessidade, como um operário, um cirurgião, etc.

[68] 3. É verdade que saem fora de casa para prestar serviço aos pobres; mas guardam fielmente as seguintes regras: 1º enquanto puderem, tomam uma companheira como o seu anjo da guarda; 2º caminham modestamente, com os olhos baixos, não olhando jamais nem à direita nem à esquerda para as lojas, quando passam pelas ruas de uma cidade; 3º nunca olham os homens fixamente no rosto; mas, quando lhes falam, voltam-se um pouco para o lado; 4º elas cobrem as mãos e o rosto, o mais que podem, com a sua capa; 5º nunca ficam a sós com um homem, num quarto com a porta fechada; quando são obrigadas, por caridade ou necessidade, a conversar com algum homem, seja leigo, seja eclesiástico, seja religioso, que seja num lugar aberto, se for possível, ou pelo menos que a porta do quarto esteja aberta.; 6º para obter de Deus a conservação do tesouro da pureza e a graça de cumprir o seu dever de caridade, jamais entram em seus quartos ou no de alguma pessoa, sem recitar uma *Ave Maria*, de joelhos ou de pé, seja antes de entrar, seja após ter entrado; 7º não recebem, por suas próprias mãos, nenhum presente, sem uma permissão expressa; 8º evitam voltar às casas onde lhe tiverem dito palavras insolentes; e, quando ouvem tais palavras, não apenas se acautelam de rir; mas, repreendendo modestamente os que as dizem ou pelo menos

31. FRANCISCO DE SALES, *Règles de l'institut de Saint-Augustin pour les soeurs*, c. 16.

32. A palavra "Providência" foi apagada e substituída por "Sabedoria".





mostrando um ar triste e severo, retiram-se o mais rápido possível do lugar e, se for numa rua, elas passam³³ pelo seu caminho sem dizer nada, fazendo um ato de contrição no coração.

[69] 4. - Elas se guardam de tudo o que pode manchar o belo lírio da virgindade e do que as pessoas do mundo não se acautelam bastante, como de brincar juntas, beijar-se mutuamente, e tocar as mãos umas das outras³⁴.

[70] 5. - Agem de tal modo que não se veja nunca parte alguma do seu corpo³⁵, quer ao levantar-se, quer ao deitar-se, e nunca dormem duas juntas, sem necessidade³⁶.

CONSELHOS

[71] 1. - Já que quereis, com o socorro de uma graça especial conservar para Jesus Cristo a vossa virgindade ou castidade, obtende esta graça por muitas orações, e tende uma grande devoção à Sma. Virgem, mãe, rainha³⁷ e modelo das verdadeiras virgens.

[72] 2. - Desconfiai muito de vós mesmas, qualquer que seja a vossa força e qualquer que seja a vitória que obtivestes; por isso, evitai as menores ocasiões de pecado contra essa virtude divina, como se jamais tivésseis obtido vitória e descobri exatamente as vossas tentações sobre essa matéria.

[73] 3. - Resisti fortemente no começo da tentação, pois se vos delongais demasiado, sucumbireis³⁸.

[74] 4. - Não deis jamais ao vosso corpo tudo o que ele pede; retirai-lhe vez por outra, com obediência, os prazeres permitidos; a rosa nasce entre espinhos, e a castidade, entre os castigos e as mortificações.

33. "Passam" está escrito na entrelinha com uma letra mais grossa.

34. Um primeiro texto riscado dizia: "de tocar-se mutuamente sem moderação, de brincar com animais, etc."

35. "despida" foi riscado.

36. "sem necessidade" é um acréscimo posterior.

37. Um primeiro texto dizia "soberana" em lugar de "rainha".

38. Uma linha riscada trazia: "Pois se permitis à serpente insinuar a sua cabeça, sereis picados e morrereis".





O SEU SILÊNCIO

[75] 1. Elas guardam ciosamente o silêncio, em todo tempo, exceto nas duas horas de recreação depois das refeições, e todas as vezes que a caridade, a obediência e o seu ofício lhes ordenam rompê-lo.

[76] 2. Quando são obrigadas a falar, na comunidade ou nas escolas ou nas salas dos pobres, é em voz baixa e com poucas palavras, guardando por este meio o silêncio, quanto puderem.

[77] 3. É por isso que elas evitam chamar, nestes lugares, uma pessoa de longe ou pela janela; preferindo dar cem passos para lhe falar a dar um grande grito contra o silêncio e a modéstia.

[78] 4. Quando, com licença, estão a falar com alguém que veio visitá-las, observam, as regras da modéstia no falar e nunca ficam mais de meia hora com a pessoa, sem uma permissão especial.

[79] 5. Não fazem visitas, senão aquelas que a obediência ou a caridade ou a conveniência cristã lhes prescreve e o mais raramente que puderem.

[80] 6. Não falam na presença da sua madre superiora, se ela não as interroga ou lhes ordena falar.

[81] 7. Quando têm algo necessário para dizer umas às outras, e se possa adiar, esperam pelo tempo do recreio.

CONSELHOS

[82] 1. - Lembrai-vos de que, se guardardes o silêncio ciosamente nos tempos prescritos, não obstante o prurido infinito que as mulheres têm ordinariamente de falar, obtereis uma vitória muito grande sobre vós mesmas, sobre o mundo e sobre o demônio, e sereis em breve sensatas e perfeitas.

[83] 2. - Falai pouco quando puderdes falar, e falai como se deve, sem paixão, sem vaidade e sem disfarce nem política.

[84] 3. - Não faleis das coisas do mundo senão para condená-las; não faleis jamais das notícias da cidade, da corte, do exército, etc.

[85] 4. - Santificai o vosso silêncio por uma oração vocal ou mental, segundo a vossa inclinação.





O SEU DESPREZO DO MUNDO

[86] 1. - Elas consideram o seu hábito cinza, coberto de uma capa preta, como o seu sudário que as sepulta e como o hábito da pobreza de Jesus Cristo, da qual o mundo tem horror; eis porque, quando, a cada manhã, elas o tomam, beijam-no amorosamente e, bem longe de introduzir a moda do mundo em seus hábitos, escolhem os tecidos mais grosseiros e mais repugnantes à natureza e ao espírito do mundo que predomina muitas vezes entre as pessoas devotas.

[87] 2. - Elas evitam como um veneno sutil, as cem modas e maneiras do mundo, que o Espírito Santo proíbe quando diz: “Não vos conformeis com este século presente e corrompido”³⁹.

[88] 3. - Não dão importância alguma a juízos temerários, a zombarias picantes, às calúnias e às perseguições sangrentas do mundo⁴⁰ e até mesmo se alegam por serem perseguidas, por causa de Jesus Cristo, pelo maior de seus inimigos.

[89] 4. - Não se imiscuem nos negócios temporais do mundo, sob pretexto de que lhes poderia advir algum proveito temporal: como os contratos de sociedade, as loterias, etc.; *quem é realmente pobre de espírito não tem nenhum desejo de um bem temporal que não possui.*

[90] 5. - Não se intrometem nos negócios temporais dos seus parentes; nem, por conseguinte, movem processo algum, mesmo legítimo, preferindo perder a sua veste e a sua capa, a conservar uma e outra perdendo a paz do coração, a caridade para com o próximo e a pobreza de espírito.

[91] 6. - Como os pobres, elas não possuem nem espelho nas suas celas, nem rendas, nem fitas de seda⁴¹, nem dourados nos seus hábitos, nem tabaqueiras, nem lenços coloridos em seus bolsos, nem ouro nem prata em suas colheres, garfos e facas, relógios, cruzeiros, relicários, etc.; evitam a prática de todas estas coisas e de muitas outras, que o mundo ama e procura contra a pobreza de Jesus Cristo.

39. Cf. Rm 12, 2.

40. Um texto riscado trazia “dos mundanos” em vez de “do mundo”.

41. “de seda” está acrescentado na entrelinha.





CONSELHOS

[92] 1. - Guardai-vos das pessoas meio mundanas, inimigas da pobreza e da cruz de Jesus Cristo. Quando algum hábito de santidade as disfarça, elas são mais perigosas, nas suas conversas, nas suas palavras e nos seus conselhos, do que os libertinos mais declarados, dos quais as pessoas se acautelam.

[93] 2. - Privai-vos, entre as pessoas do mundo, de vários pequenos prazeres, que não são necessários, a fim de as edificar e de vos afastardes dos prazeres proibidos.

[94] 3. - Procurai praticar, com o conselho do vosso Pai espiritual, tudo quanto há de mais humilhante e mais contrário à natureza, para combater o mundo que combateu e que combate, todo dia, Jesus Cristo, na sua doutrina, nos seus exemplos e nos seus servidores.

[95] 4. - Quando estais em dúvida sobre a verdade e a bondade de uma coisa, não digais: o que o povo pensa disto? o que se diz de tal ou tal coisa? mas: o que me diz a fé? o que diz Jesus Cristo?

[96] 5. - Considerai sempre o desejo de ver os vossos parentes, a vontade de saber notícias suas, ou de ajudá-los na sua educação ou nos seus negócios temporais, como grandes tentações e como um grande obstáculo à vossa perfeição e à vossa salvação.

[97] 6. - Guardai-vos infinitamente do espírito mundano religioso, que reina na maioria das congregações. Este espírito consiste:

1) em se informar sobre os parentes e em se interessar pelos seus negócios;
2) em estimar, amar e procurar o dinheiro e os rendimentos temporais, para fundar uma casa, para construir uma capela, etc., como os mundanos leigos amam e procuram o dinheiro para fazer fortuna e fama, para construir as suas casas, etc.;

3) em procurar obter o ingresso duma pessoa rica na comunidade, considerando mais a sua chave de ouro ou de prata, que é o passaporte do mundo, do que o espírito de pobreza de Jesus Cristo, que é a chave do reino dos Céus;

4) em se queixar, dentro ou fora, da pobreza e dos desconfortos da comunidade;





5) em procurar e disputar os cargos e ofícios honrosos da comunidade⁴² como fazem os mundanos e as pessoas do mundo;

6) em falar, com estima, dos bens do mundo e dos talentos naturais, manifestando desejo deles;

7) em desprezar aqueles e aquelas que não possuem esses talentos naturais, como são os que não têm muita inteligência, saúde, habilidade, arte, ciência, bens, etc.;

8) em procurar, na comunidade⁴³, todas essas comodidades, no hábito, na cela, nos móveis, nas refeições, etc.;

9) enfim o espírito do mundo na vida religiosa consiste em fazer, o quanto possível, a sua própria vontade; em fazer valer os seus sentimentos de preferência aos dos outros, e a julgar-se necessário à sua comunidade com a sua própria inteligência, ciência e habilidade.

Eis aí, minhas queridas filhas, em poucas palavras, o veneno mais sutil das congregações religiosas; guardai-vos dele pelo amor de Jesus.

[98] 7. - Quando alguém tiver servido de instrumento a Deus, para vos purificar e coroar por meio de calúnias e perseguições, não deixeis, como reconhecimento, de rezar por ele durante oito dias, e comungareis ao menos uma vez na sua intenção.

A SUA CARIDADE PARA COM O PRÓXIMO

[99] 1. - O fim do Instituto das Filhas da Sabedoria⁴⁴ é, como foi dito, a caridade pura, seja mantendo as escolas beneficentes nas cidades ou nas aldeias, seja dirigindo hospitais, seja regendo casas de retiros, seja tratando e curando os pobres incuráveis; tudo isso segundo os seus talentos e o apelo da santa obediência.

[100] 2. - Quando Deus as chama a manter as pequenas escolas, elas guardam exatamente todas as suas regras como estão marcadas aqui abaixo e unicamente por caridade.

[101] 3. - Se Deus as chama a dirigir algum hospital, elas guardam as seguintes regras de prudência e de caridade.

42. “da comunidade” é um acréscimo em entrelinha, substituindo “do convento”, riscado.

43. Mesma observação que a da nota anterior.

44. “ou da providência” foi riscado.





[102] 4. - Elas prestam aos pobres do hospital todos os serviços possíveis, quer no espiritual, quer no temporal⁴⁵. Quanto ao espiritual, sob a dependência dos Capelães ou dos Párocos, e quanto ao corporal, sob a dependência dos Administradores dos hospitais⁴⁶, de sorte que elas não fazem nem mais nem menos do que lhes permitem os superiores eclesiásticos e leigos.

[103] 5. - Elas devem estar preparadas para muitas contradições, nos hospitais que são governados por muitos Administradores, e, para tanto, devem se armar de uma grande paciência, para sofrê-las sem desanimar.

[104] 6. - Se os Administradores do hospital quiserem obrigá-las a suprimir, no hospital, algumas das suas regras essenciais ao seu instituto, elas não devem cedê-lo. Neste caso, pelo parecer dos seus Superiores imediatos da sua comunidade, estarão prontas a sair; mas se a regra, que se quer suprimir ou acrescentar, não é essencial, nem contrária ao seu instituto, segundo o juízo dos seus Superiores, elas se submeterão por caridade e obediência.

[105] 7. - Elas se confessam ordinariamente a um mesmo confessor, que escolherão de comum acordo com a sua Madre Superiora, seja ele o Capelão do hospital, seja o Pároco da paróquia ou algum outro confessor; e se este confessor, pela sua imprudência, quisesse levá-las a transgredir as suas regras, elas escolhem outro; mas não o deixam senão dificilmente e jamais por razões sem importância.

[106] 8. - Elas obedecem, quanto ao temporal, aos Administradores dos hospitais ou a outras pessoas que as chamaram a algum lugar e que lhes fornecem o sustento.

[107] 9. - Elas se consideram, como são de fato, do número dos pobres; mas elas não se intrometem senão dificilmente e muito raramente nos bens temporais dos hospitais onde prestam serviço.

[108] 10. - Apenas a sua Superiora tem o poder de representar no Conselho as necessidades temporais dos pobres ou as suas próprias; mas se o Conselho não lhes dá nenhuma atenção, ou as contradiz abertamente, elas

45. "temporal" foi corrigido e torna-se "corporal".

46. Na entrelinha, lê-se sob uma rasura "ou outras pessoas".





ficam contentes, sem se queixar a ninguém, nem fora nem dentro do hospital, e sem empregar a mediação de algum Administrador, para obter, por força da amizade, o que elas pedem.

[109] 11. - Elas podem possuir, aos seus cuidados, algum bem temporal, na sala que dirigem; mas, como elas recebem a economia dos seus bens imediatamente da mão da sua Superiora que os coloca onde ela julga oportuno, e não das mãos dos administradores, elas prestam imediatamente contas da sua economia à sua Superiora, e recorrem diretamente a ela nas suas necessidades⁴⁷. Em seguida a sua Superiora presta contas de tudo ao Conselho, ou ao ecônomo nomeado pelo Conselho para administrar os bens temporais; e, se a sua Superiora, supondo-se que elas tenham comunidade nesse hospital⁴⁸, se recusa a atender os seus pedidos, embora justos, elas não tomam nenhuma atitude nem dentro nem fora para conseguir o seu intento, senão a divisão tomaria o lugar da paz e da obediência.

[110] 12. - Na verdade, elas procuram agir de tal modo que os bens das casas onde moram, sejam justamente empregados sem desonestidade nem dissipação; mas não respondem por eles se vierem a ser dissipados sem culpa sua, porque não velam pela sua conservação senão por caridade.

REGRAS DE PRUDÊNCIA, DE FIRMEZA E DE CARIDADE DE UMAS PARA COM AS OUTRAS E PARA COM OS POBRES E AS CRIANÇAS

REGRAS INTERIORES

[111] 1. - Elas jamais interpretam mal o que não tem senão⁴⁹ alguma aparência de mal; e elas desculpam, creditando à fraqueza, ignorância ou paixão, o que é evidentemente mau, crendo que Deus não permitiu este mal que aparece, senão para dele tirar um bem maior que não aparece por falta de luz.

47. “necessidades” foi riscado em favor de “precisões”.

48. “supondo-se ... nesse hospital” é um acréscimo na entrelinha.

49. Montfort tinha escrito: “o que tem alguma aparência de mal”.





[112] 2. - Elas não acreditam imediatamente no mal que ouvem a respeito do próximo, mesmo se lhes foi dito só por caridade para remediá-lo; mas elas suspendem o juízo por caridade, até serem melhor informadas⁵⁰, preferindo expor-se a ser enganadas, por caridade, a se expor a fazer um juízo temerário, por falta de caridade e de prudência.

[113] 3. - Elas não refletem jamais voluntariamente sobre a má conduta e os defeitos do próximo, e sobre os males que dele receberam.

[114] 4. - Elas se julgam interiormente as mais imprudentes, as mais ignorantes e as mais maldosas de todas, apesar do juízo contrário que forma nelas o amor próprio.

[115] 5. - Elas renunciam facilmente aos seus pontos de vista e às suas razões, mesmo válidas, para se sujeitar, por caridade e humildade, às das outras em coisas indiferentes, e que não são evidentemente más.

[116] 6. - Elas não alimentam jamais, no seu coração, aversões secretas e indiferenças contra alguém; quando as ressentem, embora a contragosto, revelam-nas sempre ao seu Diretor.

REGRAS EXTERIORES

[117] 1. - Elas obedecem, mesmo com alegria que transparece no seu rosto, aos mandamentos de seus Superiores, embora contra a sua inclinação natural.

[118] 2. - Elas não se queixam nem se ofendem jamais com a conduta dos seus Superiores, diante de uma pessoa que não pode remediá-la; e não tomam nunca uma atitude, para fazer valer o seu sentimento e a sua conduta, com prejuízo da de um Superior que a desaprova.

[119] 3. - Elas não aparentam demasiada solicitude, para fazer valer o seu sentimento com prejuízo de uma outra; mas cedem alegremente, após ter dito simplesmente as suas razões.

50. O último membro da frase está na entrelinha, tendo sido riscada frase “embora não haja frequentemente razão natural para fazê-lo”.





[120] 4. - Cada uma não se envolve senão com o seu ofício, sem inspecionar o das outras.

[121] 5. - Elas não dão ouvidos às queixas das súditas contra os superiores; ou, se elas as escutam, procuram dar a entender, ao menos exteriormente, às súditas que as suas queixas não são legítimas⁵¹, classificando-as, com doçura, como impaciência, orgulho, murmuração, etc., e aprovam a conduta dos seus superiores, na medida em que a verdade o permite.

[122] 6. - Elas não revelam jamais aos pobres aos quais assistem, por mais confiáveis que sejam, os segredos e as regras da Comunidade, e nunca desabafam com eles, quando têm algum motivo de desgosto.

[123] 7. - Elas têm grande afabilidade e abertura de coração umas para com as outras; e se tratam mutuamente com muito respeito e amizade, evitando, de um lado, um certo ar desdenhoso, reservado e particular que é contrário à caridade, e, de outro, uma demasiada familiaridade e maneiras brincalhonas e pueris que geram o desprezo.

[124] 8. - Elas se desculparam mutuamente pelos seus defeitos, e se ajudam mutuamente contra os boatos, maledicências, calúnias e perseguições.

[125] 9. - Evitam toda duplicidade, agindo juntas com muita candura e abertura de coração.

[126] 10. - Elas se advertem caridosamente, em segredo, dos seus defeitos, e recebem de bom grado as correções que lhes são feitas.

[127] 11. - Evitam as palavras altivas e arrogantes, os gritos imoderados, as comparações odiosas, e uma infinidade de defeitos que rompem ou alteram a caridade.

[128] 12. - Elas procuram ser igualmente caridosas e firmes para com os pobres: pela caridade, elas os suportam e os desculparam, nas suas fraquezas, ignorâncias e defeitos de corpo e de espírito, e mesmo nos seus pecados;

51. Numerosas correções modificaram o texto que, primitivamente, rezava assim: “elas condenam pelo menos exteriormente estas súditas nas suas queixas ainda que legítimas”.





pela firmeza, elas os punem, sem respeito humano, pelas as suas faltas fruto da malícia, pelo seu orgulho em resistir-lhes, pela sua desobediência às regras e aos Superiores, particularmente quando tais faltas são públicas e escandalosas. Se elas deixam impunes tais faltas, nas pessoas, a sua caridade descamba para uma conivência condenável, elas destroem a ordem e a regra da comunidade, e dão aos maus ocasião para fazerem outro tanto e até pior. Como é difícil achar o justo meio entre a doce caridade e a firmeza severa, e que é preciso encontrar, para bem dirigir os pobres e as crianças. Se a gente é afável demais, contentando-se com advertir os que falham, sem usar um castigo prudente, aumenta-se o mal por uma frouxa condescendência; e se a gente é severa demais, castigando com rigor, irrita-se o mau. Por isso, elas unem ordinariamente, nas escolas e nos hospitais, o óleo e o vinagre, a recompensa e o castigo; de sorte, porém, que o óleo do perdão se sobreponha ao vinagre do castigo.

[129] 13. - Elas prestam aos pobres todos os serviços que podem, para a alma e o corpo, fazendo-se todas para todos⁵², e as últimas de todos, persuadidas como estão de que a primeira dentre elas não é a mais elevada, a mais rica, a mais sábia: mas a que se julga e se coloca como a última de todas.

[130] 14. - Se acontecer a alguma dizer a uma outra Irmã uma palavra dura, de desprezo ou de reprimenda, ela lhe pedirá perdão, de joelhos, e beijará o chão. A Irmã ofendida fará o mesmo por humildade, usando algumas palavras de cordialidade que expressem a sua reconciliação: ela o fará na presença da Madre Superiora, e jamais na sua ausência.

[131] 15. - Elas chamam a sua Superiora de Madre simplesmente, e as duas que a substituem, de Madres assistentes; entre si somente se dão o nome de Irmãs, e se rivalizam em honrar e respeitar as outras, fazendo uma reverência ao passar umas diante das outras.

[132] 16. - Evitam cuidadosamente toda singularidade, ou seja, nada fazem de extraordinário, exteriormente, de sua própria vontade, sob pretexto de maior perfeição.

52. Cf. 1 Cor 9, 22.





AS SUAS ORAÇÕES E MEDITAÇÕES

[133] 1. - Elas fazem, todas as manhãs, das quatro e meia às cinco horas e meia, uma hora de meditação, e, à tarde, das cinco e meia às seis horas; e todos os dias rezam o santo Rosário completo. Quando estão na Comunidade, elas o salmodiam em dois coros e em três tempos, e, quando estão no exercício da caridade, recitam-no quando podem; mas não o omitem nunca.

[134] 2. - Fazem, todas as semanas, pelo menos uma hora de adoração do Santíssimo Sacramento; todos os meses, um dia de retiro, e todos os anos, um retiro de dez dias.

CONSELHOS

[135] 1. - Guardai-vos de deixar a vossa meditação por causa das distrações, inquietações e enfados, porque vos parece que aí nada fazeis, que sois rudes demais para fazê-la, que não sois chamadas a isto, que a vossa vocação é o trabalho manual e a ação, e não a contemplação nem a meditação; isto são tentações do espírito maligno⁵³.

[136] 2. - Em todas as vossas orações, nutri-vos, o quanto puderdes⁵⁴, da fé pura sem vos apoiardes sobre coisas visíveis e sensíveis. Estimai as delícias espirituais; mas não concebais maior estima por vós quando as possuíis, nem julgueis que tudo esteja perdido, quando não as tendes mais.

[137] 3. - Guardai-vos de agir demasiado na meditação, não dando bastante lugar à atuação de Deus que não opera senão na paz.

[138] 4. - Fazei todas as vossas obras na presença de Deus e para Deus somente, isto é rezar sempre; sem deixar de rezar o santo Rosário completo, para honrar a vida, a morte e a paixão, e a glória de Jesus e de Maria.

A SUA DEVOÇÃO À SSMA. VIRGEM

[139] 1. - Elas consideram a Sma. Virgem como a Superiora e a Mãe de toda Comunidade. Em sua honra, rezam o santo Rosário todos os dias; dão de comer a um pobre todos os dias; jejuam, na medida em que a sua saúde o permite, num dia da semana, que é ordinariamente o sábado.

53. “Espírito” é um acréscimo posterior.

54. “O quanto puderdes” está acrescentado na entrelinha, o passo que “sempre” foi riscado por uma caligrafia diferente da de Montfort.





[140] 2. - Quando têm tempo, rezam o Ofício Pequeno em sua honra.

[141] 3. - Procuram imitar todas as suas virtudes, mas particularmente a sua caridade, humildade, pureza e modéstia.

[142] 4. - Com frequência falam das suas grandezas e das suas misericórdias, defendendo o seu culto contra os libertinos, os críticos e os hereges.

[143] 5. - Rezam em sua honra uma *Ave Maria* quando ouvem o relógio bater horas.

[144] 6. - A sua devoção para com a Sma. Virgem é interior sem hipocrisia, exterior sem crítica, terna sem indiferença, constante sem levandade e santa sem presunção. Não sejam do número dos devotos: 1º escrupulosos, que, ao honrar a Mãe, receiam desonrar o Filho; 2º críticos, que criticam as práticas exteriores e sólidas de devoção para com a Sma. Virgem; 3º inconstantes, que só lhe são devotos por um certo tempo; 4º presunçosos, que juntam o pecado com a devoção à Sma. Virgem, e que, sob o manto da Mãe, crucificam e desonram o Filho.

A FREQUÊNCIA DOS SACRAMENTOS

[145] 1. - Elas procuram regularmente a confissão, a cada oito dias, e ao mesmo confessor marcado pela Comunidade.

[146] 2. - Podem, no entanto, com a permissão da Superiora, ir confessar-se com um outro confessor, quando a necessidade o requer.

[147] 3. - Elas não têm dias de comunhão absolutamente determinados; porém elas comungam com a maior frequência que podem, segundo o seu desejo e o parecer do Diretor e da Superiora.

[148] 4. - Não se afastam da Comunidade para seguir as devoções⁵⁵, mas ouvem a missa da Comunidade e nela comungam⁵⁶ todas juntas, enquanto possível.

55. “e ganhar as indulgências” foi riscado.

56. “e nela comungam” está escrito por cima.





[149] 5. - Não deixam nunca de fazer pelo menos meia hora de ação de graças após a santa Comunhão, a não ser que sobrevenha uma verdadeira necessidade de deixar Deus por Deus.

[150] 6. - Embora tenham, do seu Diretor, a permissão de comungar, não o fazem todavia senão com a licença da sua Superiora, à qual elas a pedem de joelhos; e, na véspera da comunhão geral, nas grandes festas do ano, todas elas se põem de joelhos diante da sua Superiora, a fim de que ela proíba a comunhão a quem ela o quiser, ou a conceda a todas.

[151] 7. - Jamais fazem entre elas, nem a ninguém⁵⁷, reprimenda da comunhão, e não entram nunca em inveja contra as suas Irmãs que comungam mais frequentemente.

CONSELHOS

[152] 1. - Não vos apegueis nunca à Santa Comunhão de tal modo que a recusa que a vossa Superiora vos faz dela vos perturbe e aflija; pois um ato de obediência vale mais que a Santa Comunhão.

[153] 2. - Não deixeis de pedir a Santa Comunhão ao vosso Diretor e à vossa Superiora quando dela sentis desejo, mesmo que vo-la tenham recusado diversas vezes; muitas vezes o orgulho que receia a recusa é a causa desta omissão.

[154] 3. - Guardai-vos de comungar por rotina, por respeito humano, por amor próprio, por vaidade, por espírito de singularidade.

[155] 4. - Não comungueis para ter as delícias espirituais que acompanham esta divina ação; mas para nela sacrificar todas as coisas a Jesus crucificado e aniquilado.

[156] 5. - Se algum pensamento, antes ou depois da Santa Comunhão, vos perturba e vos inquieta, rejeitai-o prontamente pois o demônio é o seu autor, e não o Espírito Santo, que é o autor da paz.

57. “quem quer que seja” foi riscado e substituído por “ninguém”. Algumas correções modificaram o texto primitivo que dizia: “A detestação de vós mesmas e o aniquilamento de pura fé”.





[157] 6. - Não executeis jamais imediatamente e sem o parecer do vosso Diretor, os bons desejos que Deus vos dá na santa comunhão; pois deve-se igualmente temer as ilusões do maligno espírito na santa comunhão como nos outros atos espirituais, conforme a experiência de cada dia.

[158] 7. - Procurai comungar sempre pela Sma. Virgem, renunciando às vossas próprias disposições, e vos revestindo das disposições da Sma. Virgem, embora desconhecidas, e fazendo ainda Jesus Cristo repousar no seu seio virginal, em espírito e em verdade.

[159] 8. - Guardai-vos dos escrúpulos na confissão e na comunhão. A própria vontade, o apego à própria opinião, o orgulho secreto geram e aumentam os escrúpulos; mas a obediência cega de entendimento é a única vitória sobre eles.

[160] 9. - Aplicai-vos, na confissão, muito mais a vos excitar à contrição do que a investigar os vossos pecados, e, na santa comunhão, comprazei-vos mais na detestação e no aniquilamento de vós mesmas, do que nas doçuras interiores, as luzes e o repouso sensível da alma.

OS SEUS TRABALHOS MANUAIS

[161] 1. - Elas trabalham em diferentes trabalhos manuais, no tempo em que a regra comum não prescreve nenhum exercício.

[162] 2. - Elas recebem e entregam os seus trabalhos à Irmã encarregada disto, sem se informar para quem são e qual é o seu preço.

[163] 3. - Trabalhando, elas não se entregam inteiramente à sua obra; mas não fazem senão prestar-se a ela, evitando a preocupação, a curiosidade, a vaidade e o mundanismo. Por isso, não fazem obras mundanas, que a moda inventou apenas para satisfazer a vaidade e o orgulho, e não trabalham nunca fora de casa.

CONSELHOS

[164] 1. - Guardai-vos da preocupação e do apego à vossa obra durante o trabalho e da vaidade e da complacência depois de tê-la feito.





[165] 2. - Guardai-vos de trabalhar como o mundo, pelo princípio do interesse, do prazer ou da honra; mas por espírito de penitência e de caridade.

[166] 3. - Escolhei fazer a obra onde tendes menos inclinação natural; e, quando o demônio vos tentar de preocupação, detei-vos algum tempo sem trabalhar.

[167] 4. - Guardai-vos de empregar para a oração o tempo marcado para o trabalho.

A SUA MORTIFICAÇÃO

[168] 1. - Elas não têm mortificação exterior de regra; todas as mortificações exteriores que fazem, como a disciplina, o cilício, a cinta áspera, são inteiramente voluntárias, e dirigidas pelo Diretor e pela Superiora.

[169] 2. - Entretanto, quando estão bem de saúde, jejuam aos sábados e fazem abstinência de carne nas quartas-feiras.

[170] 3. - Aplicam-se corajosamente à mortificação dos sentidos e de suas potências, mortificando os olhos, o olfato, o paladar, o espírito, a vontade, etc., nas suas afeições desregradas ou inúteis.

[171] 4. - As noviças, durante o seu noviciado, prestam contas, todas as semanas, do seu interior à Mestra das noviças, e as professoras, todos os meses, ao Diretor ou à Madre Superiora.

CONSELHOS

[172] 1. - Guardai-vos de pensar que a mortificação do corpo não vos é necessária para adquirir a Sabedoria; pois ela não se encontra naqueles que vivem nas comodidades e segundo os sentidos.

[173] 2. - Persuadi-vos de que não progredireis na virtude senão na medida em que vos fizerdes violência, fazendo ou suportando coisas contrárias ao vosso humor.

[174] 3. - Não negligencieis as pequenas mortificações, que são com frequência mais meritórias que as maiores, porque nelas se encontra menos vaidade.





[175] 4. - Mortificai os vossos olhos e sereis modestas; mortificai os vossos ouvidos e sereis caridosas; mortificai o vosso olfato e o vosso paladar e sereis sóbrias; mortificai a vossa língua e sereis prudentes; enfim, mortificai o vosso tato e sereis castas.

[176] 5. - Mortificai:

- 1) a atividade natural, que vos leva a ir depressa, e a fazer muito;
- 2) o humor que vos domina, e que desagrada ao vosso próximo;
- 3) a vossa língua, que quer sempre falar, rir, censurar, etc.;
- 4) a imodéstia no sustento do corpo, que excita a gracejar, como uma criança; a soltar gargalhadas como um louco; a saltar e a se lançar de um lado e de outro como um arlequim; e enfim a comer e a beber sem medida, como um animal.

[177] 6. - Guardai-vos de cair no excesso e na indiscrição, em matéria de mortificação, por falta de obediência, e na tibieza, por falta de mortificação.

[178] 7. - Persuadi-vos bem de que a menor mortificação feita por Deus, por exemplo: privar-se de dizer uma palavra inútil, controlar os seus olhares, reprimir um movimento de cólera, de impaciência, etc., é uma vitória maior do que conquistar toda terra e uma ação maior do que criar um mundo: é o que dizem os santos.

[179] 8. - Aplicai-vos sobretudo à mortificação da vossa vontade própria, submetendo-a a toda sorte de obediência, por amor a Deus.

AS SUAS REFEIÇÕES

[180] 1. - Elas almoçam e jantam, nas escolas e nos hospitais ou nas casas aonde são chamadas, na hora mais cômoda, depois que os pobres tiverem comido ou que as aulas estejam terminadas, ou seja, ordinariamente, entre onze horas e meio-dia; e, na Comunidade, elas almoçam sempre às onze e meia.

[181] 2. - Comem indiferentemente todo tipo de carnes conforme a divina Providência, a sua mãe, lhas fornece, e apelam para a sua mortificação, para se privarem, em suas refeições, daquilo de que mais gostam segundo a natureza.





[182] 3. - Jamais comem fora da Comunidade, nem entre as refeições, sem uma verdadeira necessidade e uma permissão expressa, que será muito rara.

[183] 4. - Ouvem atentamente a leitura à mesa, sem conversar nem olhar para os lados; e, se precisarem de alguma coisa, elas o indicam por sinais, ou dizem em voz baixa, ao ouvido das que servem à mesa, e guardam todas as regras da modéstia indicadas abaixo.

[184] 5. - Elas não se singularizam, quando comem em comunidade, seja pedindo algum prato ou tempero especial, seja privando-se de tudo que lhes é oferecido. Podem no entanto privar-se de alguns pratos, mas sem que isto apareça demais.

[185] 6. - Quando lhes é dada, à mesa, alguma comida que não é do seu agrado, ou que é muito mal preparada, elas se guardam de manifestar o seu desgosto, por palavras, pelo semblante ou por sinais, quer à mesa, quer fora da refeição no recreio; se elas não são bastante mortificadas para comer coisas contra a sua inclinação, que pelo menos não se queixem.

[186] 7. - Todas as que sabem ler bem, fazem por turno a leitura no refeitório, e cada uma serve à mesa no seu turno, inclusive a Superiora.

CONSELHOS

[187] 1. - Ao irdes para a mesa, deplorai a servidão a que estais reduzidas, como os animais, e para não parecerdes com eles completamente, renunciái ao prazer sensual que a natureza aí encontra necessariamente, e elevai o vosso coração para Jesus Cristo, para unir as vossas refeições às dele.

[188] 2. - Não faleis nunca como as pessoas do mundo daquilo que vos serviram à mesa, do que estava bom ou não; não digais nunca no recreio: como estava boa tal iguaria! Comi bastante disto ou daquilo; aquilo me abriu o apetite, etc.

[189] 3. - Guardai-vos de olhar, por gulodice e inveja, as porções das que estão ao vosso lado para examiná-las e confrontá-las com a vossa.

[190] 4. - Molhai o primeiro bocado que comerdes no sangue de Jesus





Cristo, e uni este bocado ao Pão dos Anjos, quer dizer, a Jesus Cristo que recebestes na vossa última comunhão.

[191] 5. - Guardai-vos bem de um defeito ordinário entre as pessoas de comunidade, a saber: que elas recitam a bênção da mesa e a ação de graças sem atenção nem devoção, mas somente por rotina, pensando às vezes no que comeram ou no que farão após a refeição, palitando os dentes, e conservando às vezes posturas imodestas.

A SUA RECREAÇÃO

[192] 1. - Elas fazem, todos os dias, duas horas de recreação; a primeira após o almoço, e a segunda após o jantar, nas quais falam entre si com liberdade, alegria e santidade.

[193] 2. - Fazem o recreio com liberdade e alegria; mas sem falta de modéstia, sem risos imoderados, sem brincadeiras infantis e de escolares, e sem posturas inconvenientes. Evitam, por outro lado, uma atitude por demais severa e escrupulosa, um certo ar sombrio, sonhador e melancólico, um certo humor crítico e singular, e uma certa segura altaneira e orgulhosa.

[194] 3. - Fazem o recreio com santidade, não tendo outra intenção senão a de repousar santamente em Deus e como Deus quando ele criou o mundo⁵⁸, ou como Jesus Cristo quando ele descansou junto ao poço de Jacó⁵⁹, ou como os Santos que fizeram esta ação por santos motivos: ora por caridade, para serem mais capazes de servir os pobres e de ajudar o próximo, e para alegrar as Irmãs; ora por humildade, para reconhecer que somos fracas demais e que precisamos deste pequeno descanso; ora para levar com alegria o próximo à prática da virtude, que de si mesma parece severa.

[195] 4. - No recreio mais que em qualquer outro tempo, elas se acautelam, para não ferir a caridade, por gracejos, por censuras, por suspeitas manifestas, por críticas, por gestos desdenhosos, ou por palavras de cólera, etc.

58. Cf. Gn 2, 23.

59. Cf. Jo 4, 6





[196] 5. - Não falam, nem devem falar ordinariamente, senão de Deus e das coisas de Deus, e jamais das do mundo, das novidades e vaidades do século.

[197] 6. - Fazem o recreio todas juntas, sem se separar a não ser por necessidade e permissão, e elas não têm nenhuma amizade particular, conversando com maior frequência com uma do que com outra.

CONSELHOS

[198] 1. - Antes de vos recreardes, como antes de comer, renunciái à satisfação da natureza, e elevai o vosso coração para Deus.

[199] 2. - Não façais dificuldade de vos alegrar modestamente e de alegrar vossas irmãs que são as filhas de Deus, o vosso Pai, e crede que ele vos deu a incumbência de alegrá-las no recreio, para torná-las mais capazes do seu serviço.

[200] 3. - Se alguma das vossas Irmãs vos der algum motivo de desgosto, suportai-o sem nada dizer; se ela discute convosco, cedei e obtereis a vitória.

[201] 4. - Durante o recreio, elevai de vez em quando o vosso coração a Deus.

A SUA FÉ

[202] 1. - Como a fé é o fundamento de toda religião, ela o é também de toda sabedoria e de toda perfeição: é por isso que as Filhas da Sabedoria fazem dela o seu pão cotidiano, em todos os seus pensamentos, palavras e ações.

[203] 2. - Fazem todas as suas ações, para a maior glória de Deus, em união com Jesus e Maria; e renovam esta intenção de vez em quando, quando a ação é longa.

[204] 3. - Evitam fazer as suas ações por vaidade, por sensualidade, por respeito humano, por paixão, por natureza ou por costume; mas em tudo quanto fazem, têm uma visão de fé que as anima e as sustenta, de sorte que, se alguém lhes perguntasse por que fazem tal ou tal coisa, poderiam responder de verdade: é só por Deus, por este ou aquele motivo cristão.





[205] 4. - Nas suas dúvidas, não consultam nem o espírito humano, nem o costume, nem os amigos interessados, nem os seus parentes, mas somente o santo Evangelho e as suas Regras explicadas pelo seu Diretor.

[206] 5. - Elas não desejam visões nem revelações, nem outras luzes extraordinárias, pois só a fé lhes basta; mas se, pela vontade de Deus, as tiverem, manifestam-nas ao seu Diretor; elas⁶⁰ não se apoiam nelas de modo algum, por receio de ilusão, que se insinua ordinariamente nas coisas extraordinárias.

[207] 6. - Fazem a Deus a oração dos Apóstolos: *Senhor, aumentai-nos a fé*⁶¹, ou a dos devotos da Ssma. Virgem: *Virgem fiel, rogai por nós*, ou a da Igreja: *Creio*.

A SUA HUMILDADE

[208] 1. - Não pensam de si mesmas senão o mal e a miséria, não se apoiando jamais sobre os seus próprios pensamentos, vontades pessoais, ações e preparações próprias, e renunciando, em todas as suas melhores ações, ao seu mau substrato que tudo corrompe.

[209] 2. - Acreditam, não obstante o julgamento contrário do seu amor próprio, que as outras são melhores que elas, embora o bem delas não lhes apareça com evidência, em razão das suas poucas luzes.

[210] 3. - Evitam o orgulho e a vaidade nos pensamentos e palavras, sem refletir voluntariamente nas suas virtudes e boas obras, e sem falar delas nem bem nem mal.

[211] 4. - Nada respondem aos que lhes tecem louvores, quer sejam verdadeiros, quer falsos, humilhando-se interiormente diante de Deus e deixando os que as louvam deduzir o que quiserem do seu silêncio.

[212] 5. - Escolhem sempre, onde quer que estiverem, o último lugar, particularmente quando lidam com estranhos que não são da sua Comuni-

60. Lê-se sob uma rasura: “desprezam-nas e”.

61. Cf. Lc 17, 5.





dade; ocupam o último lugar à mesa e na conversa, o qual é ordinariamente o mais próximo da porta; quando se encontram em três, evitam o meio que é o mais honroso; quando caminham nas ruas, andam no chão do calçamento, e ficam no fundo da igreja, quando nela entram.

[213] 6. - Quando conversam entre si, a simplicidade cordial deve superar a humildade exterior, colocando-se bondosamente onde elas se encontram, evitando os cumprimentos do mundo.

[214] 7. - Escolhem com mais disposição os ofícios mais baixos e mais desprezados.

[215] 8. - Procuram não desculpar-se quando acusadas injustamente, e jamais discutem com alguém.

A SUA MODÉSTIA⁶²

[216] 1. - Elas compõem o seu exterior, unicamente para agradar a Deus e para edificar o próximo, sem afetação nem hipocrisia, tanto em particular como em público.

[217] 2. - Sendo a modéstia, no dizer dos Santos, uma porção da divindade, um reflexo do Espírito Santo e uma verdadeira riqueza diante de Deus⁶³, elas praticam esta grande virtude, em todos os movimentos do corpo, e fazem dela o seu estudo particular.

A SUA MODÉSTIA NO ROSTO E NA VISTA

[218] 1. - Elas mantêm ordinariamente a cabeça reta, sem erguê-la nem abaixá-la demais, sem incliná-la para um lado nem para o outro, sem apoiá-la com a mão, sem balançá-la a cada palavra e sem virá-la para este ou aquele lado à menor ocasião.

62. Cf. TRONSON, *Examens particuliers*, Paris, 1823, Da modéstia. Montfort toma de Tronson quase todo o seu capítulo sobre a modéstia.

63. Cf. TRONSON, 4^o examen “*de la modestie*”, op. cit., p. 329, atribui esta expressão a SANTO AMBRÓSIO, *De officiis*, L. 1, c. 18, PL 16, 48: “*Dives est modestia, quia portio Dei est*”. A modéstia é rica, porque é uma porção de Deus.





[219] 2. - Elas não têm o olhar perdido, nem tampouco fixo demais nas pessoas para quem olham, mas um pouco baixo e o seu movimento não é nem demasiado frequente nem precipitado demais. O seus olhares são humildes, doces e respeitosos, e jamais rudes, desdenhosos, audaciosos nem agressivos.

[220] 3. - Elas não têm o costume de ficar com a boca aberta, nem com os lábios cerrados demais; procuram não assoar-se nem cuspir de modo que incomode os outros; procuram não bocejar na frente dos outros.

[221] 4. - Evitam franzir a testa, carregar o sobrolho, roer as unhas, limpar o nariz ou os ouvidos com os dedos.

[222] 5. - Abstêm-se de soltar gargalhadas, como também de rir com demasiada frequência; mas por outro lado não são tristes, mornas, sérias demais ou graves demais.

[223] 6. - Evitam os trejeitos, semblantes disfarçados, tudo que denota alguma artifício ou alguma dissolução.

Procuram mostrar um rosto alegre, sereno, aberto, tranquilo, sem afetação, sem constrangimento, que tem um ar de bondade, de doçura e de piedade, capaz de conquistar os corações e de levá-los a Deus.

A SUA MODÉSTIA NA POSTURA DO CORPO

[224] 1. - Ordinariamente, elas mantêm o corpo reto, sem curvá-lo nem incliná-lo para este ou aquele lado, mas sem forçar e sem afetação.

[225] 2. - Não se apoiam ora num pé ora no outro; não mudam a cada momento de situação e de postura; o que é, segundo os santos Padres, sinal de leviandade⁶⁴.

[226] 3. - Não conservam as mãos nos quadris nem atrás das costas; não as levam ao rosto, nem a qualquer outra parte do corpo sem alguma necessidade.

[227] 4. - Abstêm-se dessas frouxas e moles extensões de braços e de pernas, que provêm ordinariamente de um fundo de preguiça e de negligência.

64. Cf. TRONSON, *5^a examen "de la modestie"*, op. cit., p. 332, que cita Clemente de Alexandria. Tronson justifica todas as atitudes recomendadas ou desaconselhadas com um texto "patrístico".





[228] 6. - Não se apoiam nos cotovelos, nem se encostam, nem se inclinam de modo inconveniente, nem cruzam os pés, nem põem as pernas uma sobre a outra.

A SUA MODÉSTIA NO FALAR

[229] 1. - Não falam nem demasiado nem pouco demais, não sendo destas faladeiras e loquazes que não deixam aos outros o tempo de falar, nem destas taciturnas que pelo seu silêncio mal regulado, são ordinariamente um grande peso na conversação.

[230] 2. - Elas não interrompem quem está falando, nem se antecipam, por uma resposta precipitada, a quem as interroga.

[231] 3. - Regulam de tal modo o tom da voz, que ele não seja nem alto demais nem baixo demais, nem áspero nem açucarado, nem rude nem efeminado, nem rústico nem lânguido; e elas não se servem jamais de um tom magistral, arrogante, desdenhoso ou apaixonado.

[232] 4. - Elas condenam as palavras de mentira, de zombaria, de desprezo, de chocarrice, de adulação, de vaidade e todas as outras que podem ferir a decência ou a caridade.

[233] 5. - Elas não se apressam a dizer, por primeiras, a sua opinião sobre os assuntos que se apresentam, como se fossem mais capazes de apreciá-los que as outras; e, quando a dão, após terem sido interrogadas, é sempre com simplicidade, e, se as coisas lhes parecem duvidosas, elas não falam do tema de maneira decisiva e ousada demais.

[234] 6. - Evitam todo tipo de contestação e de disputa; e preferem alcançar a vitória cedendo, como se se tivessem enganado, do que retrucando com calor e orgulho.

[235] 7. - Enfim, elas pesam todas as suas palavras antes de pronunciá-las.

Já se falou da sua modéstia no vestir.





A SUA MODÉSTIA NO CAMINHAR

[236] 1. - Elas não caminham com passo demasiado rápido e precipitado, não correndo jamais senão por uma verdadeira necessidade. Segundo esta regra, quando sobem ou descem uma escada, não sobem nem descem mais de um degrau de cada vez.

[237] 2. - Não caminham demasiado lentamente, arrastando os pés, ou levantando-os descuidadamente.

[238] 3. - Evitam caminhar com afetação, de modo automático e mecânico, andando com passos contados e estudados, etc.

[239] 4. - Evitam, ao caminhar, todas aquelas espécies de agitações de cabeça, de mãos, de braços, de ombros e do corpo, que os Santos condenam como leviandade.

[240] 5. - Quando são obrigadas a fazer alguma visita na cidade, evitam falar alto demais, rir com gargalhadas, gracejar e divertir-se; olhar para as lojas, as carruagens e outros lugares, com curiosidade; parar nas esquinas das ruas, para ler os cartazes ou para ver máscaras ou charlatães; enfim, elas evitam, enquanto possível, as feiras, as praças públicas e outros lugares onde a vaidade reina e onde Jesus Cristo não se encontra ordinariamente.

A SUA MODÉSTIA NA IGREJA

[241] 1. - Elas vão à igreja sempre com roupa decente, com capa, e a cabeça modestamente coberta.

[242] 2. - Entram na igreja com um exterior cheio de piedade e de religião, tomando, ao entrar, a água benta, colocando-se de joelhos ordinariamente no fundo da igreja por humildade.

[243] 3. - Se passarem diante do Santíssimo Sacramento, fazem uma profunda reverência, e, quando é diante de um outro altar ou de uma imagem de um Santo, uma reverência menor.

[244] 4. - Jamais passam por uma igreja para abreviar o caminho; lá não falam senão por necessidade, em voz baixa e com poucas palavras; o mesmo observam na sacristia, que é uma parte da igreja.





[245] 5. - Moderam, particularmente na igreja, os seus olhares, o seu porte e a sua postura; mas de tal sorte, que a sua devoção seja sem trejeitos, sem nada inconveniente e sem nenhum gesto ou movimento extraordinário do corpo. Assistem à Santa Missa geralmente de joelhos, com os olhos modestamente baixos ou fixos no altar, as mãos cruzadas sobre o peito debaixo da capa; podem sentar-se durante o sermão, ou ficar de pé. Quando a fraqueza ou o cansaço não lhes permite ficar de joelhos, podem sentar-se modestamente.

O SEU RECOLHIMENTO DOMÉSTICO⁶⁵

[246] 1. - Embora elas não possam guardar a clausura perfeita como nos conventos, porque são obrigadas a praticar, fora, a caridade para com o próximo, no entanto devem guardar uma espécie de clausura particular, que é tanto mais difícil, pelo fato de estarem rodeadas pelo mundo e viverem no meio dos seres humanos.

[247] 2. - Em qualquer lugar que estiverem, elas têm a sua cela e aposento, sem comunicação com estranhos, nem mesmo com os pobres dos hospitais, nem com as crianças das escolas.

[248] 3. - Como foi dito, elas não permitem que estranhos entrem no seu quarto, quer sejam homens ou mulheres, sem absoluta necessidade e uma permissão expressa.

[249] 4. - Quando alguém vem visitá-las, elas descem do quarto, para falar com estranhos, até uma sala no andar térreo destinada para este fim. Podem, todavia, por amor ao recolhimento, recusar ir ao parlatório, com permissão da Superiora.

[250] 5. - Quando vão ao parlatório, não o fazem sem ter rezado um *Veni sancte Spiritus* e uma *Ave Maria* no oratório público ou na capela; depois, falam aos estranhos com honestidade, sensatez, modéstia e brevidade, sendo sempre as primeiras a abreviar as conversas.

[251] 6. - Não vão jamais ao parlatório ou fora de casa sem a sua capa que as sepulta, como uma mortalha.

65. A palavra “claustral” foi riscada.





[252] 7. - Não recebem de fora nem escrevem nenhuma carta sem terem recebido permissão da Superiora e sem lha ter mostrado quando a tiverem escrito.

[253] 8. - Ao voltarem da cidade ou do parlatório, vão se recolher no oratório ou na capela.

O CAPÍTULO DAS CULPAS

[254] 1. - O capítulo das culpas tem lugar toda semana, no dia mais cômodo, a saber, no domingo ou dia de festa.

[255] 2. - Quando as Irmãs ouvem soar a campainha, elas se dirigem para lá prontamente, põem-se de joelhos, fazem a oração ordinária, e, ao sinal da Superiora, tendo beijado o chão, ocupam os seus lugares.

[256] 3. - O fim desta ação, como em todas as Comunidades bem reguladas, é humilhar o espírito e mortificar a carne que refaz a descoberta dos seus defeitos.

[257] 4. - Elas se acusam somente das faltas exteriores cometidas diante de alguma das suas Irmãs, e jamais das faltas puramente interiores.

[258] 5. - Acusam-se simplesmente, com poucas palavras; sinceramente, sem nada ocultar; humildemente, sem se desculpar; e caridosamente, sem acusar ninguém nem revelar os defeitos de outrem.

[259] 6. - Quando são acusadas pela Superiora de alguma falta exterior que não fizeram, não se desculpam publicamente, mas recebem humildemente a penitência. Com mais razão, nada devem dizer, quando a Superiora as repreende ou censura por faltas que elas cometeram. Se, porém, a Superiora lhes ordena falar ou as interroga, respondem simplesmente.

[260] 7. - Aquela que se acusa vem pôr-se de joelhos num lugar marcado, com os olhos baixos e as mãos juntas. Quando acabou de ouvir os conselhos e recebeu a penitência da Madre Superiora, ela beija o chão e, ao sinal da Superiora, volta para o seu lugar.





[261] 8. - Cada uma deve ter melhor opinião e mais estima de uma Irmã que se acusou candidamente das suas faltas ainda que graves, que ela não tinha antes, porque, não podendo duvidar que ela não fosse pecadora, ela ficou sabendo, pela sua confissão, que ela é humilde, ama a humilhação, e apagou a sua falta pela sua humilhação.

[262] 9. - As Oficiais que, em razão do seu ofício, são obrigadas a violar alguns pontos da regra, como o silêncio, não se acusam do fato, quando não puderam obter dispensa.

[263] 10. - Jamais falam, fora do Capítulo, do que nele se passou. Este segredo lhes é muito exigido, e se aproxima tanto do sigilo da confissão, que não se pode rompê-lo sem pecado⁶⁶.

[264] 11. - Elas podem, toda noite, acusar-se, na oração da noite, das faltas públicas que fizeram durante o dia.

AS OFICIAIS

[265] 1. - Entre as Filhas da Sabedoria⁶⁷, como em todas as outras comunidades bem reguladas, há vários ofícios que são distribuídos pela Superiora às Irmãs, que são chamadas pelo nome do ofício que exercem, entre as quais estão: 1º a enfermeira, 2º a sacristã, 3º a zeladora, 4º a guarda-móveis, 5º a disciplinária, 6º a cozinheira, 7º a ecônoma, sem falar da madre Superiora e das suas duas assistentes. Cada um desses ofícios tem as suas regras particulares que não se lhes comunicam senão quando a obediência lá as colocou.

O seu REGULAMENTO DIÁRIO

[266] 1. - Elas se levantam, em qualquer tempo, às quatro horas, e, durante meia hora arrumam o seu quarto, o leito e as roupas.

[267] 2. - Às quatro e meia, fazem uma hora de meditação até às cinco e meia, e, das cinco e meia até às seis, salmodiam, de pé, o primeiro terço do santo Rosário⁶⁸.

66. O texto riscado trazia: “sem um pecado grave”.

67. “Sabedoria” na entrelinha substituiu “Providência” riscado.

68. No manuscrito, o horário foi modificado várias vezes.





[268] 3. - A seguir vão para a Santa Missa, em silêncio e com modéstia, e, ao voltarem da Santa Missa, tomam o café da manhã em silêncio, se é que desejam tomá-lo.

[269] 4. - Após o café, cada uma se ocupa com o trabalho e com o exercício que lhe foi determinado pela obediência, prosseguindo até às onze horas e meia⁶⁹.

[270] 5. - Às onze horas e um quarto, fazem quinze minutos de exame de consciência, e depois almoçam, em silêncio e com modéstia.

[271] 6. - Ao saírem do almoço, fazem o recreio até à uma hora.

[272] 7. - À uma hora em ponto, salmodiam o segundo terço como o primeiro, e depois voltam para o seu trabalho, até às cinco horas e meia.

[273] 8. - Às cinco e meia, fazem meia hora de meditação, e depois salmodiam o terceiro terço como os outros; depois vão jantar.

[274] 9. - Após o jantar, elas têm recreio até às oito horas; depois vem a oração, a leitura do tema da meditação ou algum exercício até às oito e meia e elas vão se deitar, ao mais tardar, às nove horas.

REGRAS DAS DIRIGENTES DE ESCOLA

[275] 1. - Elas devem saber ler bem, escrever bem e ensinar bem o catecismo; seria bom mesmo que soubessem a aritmética.

[276] 2. - Dão aula das oito horas da manhã às dez horas e das duas da tarde às quatro, todos os dias, exceto quinta-feira que é dia de folga; e fazem os alunos ouvir a Santa Missa às dez horas até cerca de dez e meia e os fazem salmodiar o terço às⁷⁰ quatro horas da tarde em ponto.

[277] 3. - Se elas moram na comunidade, saem toda manhã um pouco antes das oito horas para estar na escola às oito horas em ponto, e voltam

69. Primitivamente, estava “e um quarto”.

70. “às” entrou no lugar de “após”, riscado.





para almoçar depois de terem feito os alunos ouvir a Santa Missa, e à tarde após a salmodia do terço, ou seja, cerca de uma e meia da tarde, elas vão para a escola e voltam às quatro e meia, após o terço que elas fizeram rezar aos alunos.

[278] 4. - Se elas têm a escola em alguma cidade ou paróquia afastada da comunidade, fazem os seus exercícios e as suas regras no lugar onde residem, como se estivessem na comunidade-mãe⁷¹.

[279] 5. - Quando elas têm as escolas nas cidades ou paróquias da zona rural, elas interrompem as aulas no dia seguinte à Assunção da Sma. Virgem até ao dia seguinte à festa de São Mateus, quando as recomeçam e, durante este mês de intervalo, elas vêm à comunidade-mãe por convocação dos Superiores para aí prestar contas do seu ano e para fazer um retiro de dez dias e retomar novas forças para melhor trabalhar.

[280] 6. - Toma-se este tempo de folga na zona rural porque é o tempo da colheita quando as próprias crianças são ocupadas pelos seus pais; pelo menos durante um mês elas terão férias e segundo os lugares onde se acham⁷².

REGRA DAS ESCOLAS DE CARIDADE DAS FILHAS DA SABEDORIA⁷³

[281] 1. - O fim das escolas de caridade é a instrução e a perfeição da Juventude por pura caridade, sem outro interesse senão a maior glória de Deus, a salvação das almas e a sua própria perfeição.

[282] 2. - Para atingir tão nobre fim é preciso absolutamente que a ordem e o silêncio sejam bem estabelecidos nestas escolas, caso contrário elas se tornariam uma ocasião de pecado tanto para as crianças como para as mestras.

[283] 3. - A fim de que a ordem de Deus aí seja guardada é preciso determinar: 1º as mestras que devem dar as aulas, 2º as crianças que aí se recebem, 3º o tempo que lá se passa, 4º o lugar onde as aulas são dadas, 5º os

71. Cinco linhas e algumas outras palavras foram riscadas pelo próprio Montfort.

72. O membro da frase: “pelo menos...” é um acréscimo posterior.

73. “providência” foi riscado e “sabedoria” foi acrescentado.





exercícios de estudo e de piedade que aí se praticam, 6º as recompensas que são dadas, 7º os castigos que são aplicados.

[284] 4. - As mestras da escola devem ser do número daquelas que são capazes deste divino ofício e que fizeram a sua profissão na sua comunidade.

[285] 5. - Não se recebem nas escolas senão as moças pobres ou ricas⁷⁴ até vinte anos, e que sejam sensatas e obedientes. Excluem-se: 1º os moços, 2º as mulheres casadas ou viúvas, 3º as moças escandalosas e desobedientes, as meninas que não têm ainda um começo suficiente.

[286] 6. - As Irmãs dão as aulas por pura caridade sem pedir nem receber nada das alunas pelas suas mãos nem direta nem indiretamente. Se porém alguma aluna ou parente de aluna deseja, por puro reconhecimento, sem que se lhe tenha pedido, dar-lhes algo, elas não o recebem, mas fazem-no entregar nas mãos da Superiora das filhas da Sabedoria⁷⁵, onde estão as escolas, para ser utilizado no sustento da comunidade.

[287] 7. - As alunas chegam em qualquer tempo depois de terem tomado o café da manhã nas próprias casas, às oito horas da manhã em ponto e saem às dez horas em ponto para irem à Santa Missa. Vêm à escola todos os dias de semana, exceto na quinta-feira que é o seu dia de folga.

[288] 8. - A sala de aula deve ser um pouco mais comprida que larga. Seja colocada no fundo a cátedra da mestra e sobre ela, na parede, a lista das alunas. Haja na sala nove bancos, de comprimento proporcional à sala e ao número de alunas. Quatro de um lado e quatro de outro e um no fundo. Chama-se o 1º banco o banco dos Serafins e nele se sentam as alunas que fizeram a primeira comunhão. O 2º dos Querubins e nele se sentam aquelas que pela idade e pela modéstia merecem ser preparadas para a comunhão. O 3º dos Tronos e nele se sentam as de 13, 14, etc. mas que ainda não comunicaram e não têm bastante sensatez para em breve serem preparadas. O 4º das Dominações e nela se sentam as meninas de doze anos. O 5º das Virtudes, onde estão as meninas de onze anos. O 6º das Potestades, onde estão sentadas as meninas de dez anos. O 7º dos Principados, onde ficam as de nove

74. "a partir dos 7 anos" foi riscado pura e simplesmente.

75. "providência" foi riscado, entrando "sabedoria" colocado em entrelinha. Este termo é seguido de um membro de frase tornado ilegível por rasuras.





anos. O 8º dos Arcanjos, onde estão as meninas de oito anos. O 9º enfim dos Anjos, onde se colocam as meninas de sete anos.

[289] Divide-se a escola inteira em quatro classes quando não há uma segunda escola para as pequenas. A 1ª se chama a leitura. A 2ª a soma. A 3ª o chamamento. A 4ª o ABC. Se alguma aluna por exemplo de dez anos ou menos é bastante hábil para ser colocada na primeira classe entre os Serafins, os Querubins e os Tronos, ela é colocada aí em consideração mais da ciência do que da idade e assim por diante.

Quando há duas salas distintas para a escola, colocam-se na 1ª as que estão aprendendo a ler correntemente e na 2ª as que sabem apenas somar e chamar, e conhecer as letras.

[290] As alunas aprendem a ler e a escrever durante uma hora e meia, de manhã, e uma hora e meia à tarde. As outras duas horas são empregadas para ensinar-lhes as orações e o catecismo e para ouvirem a Santa Missa, de manhã, e para recitarem o terço, à tarde. O que dá um total de cinco horas por dia.

[291] As alunas só entram na sala de aula quando às oito horas em ponto a campainha as chama, e elas entram com modéstia em silêncio e duas a duas. Ao entrarem, tomam a água benta dizendo em voz alta *Deo gratias* e vão colocar-se de joelhos cada qual no seu lugar marcado e aí ficam em silêncio de mãos postas até que a mestra tenha começado as orações da manhã enquanto as alunas se reúnem e, quando estão reunidas, a Irmã entoia:

Ó Espírito Santo, dai-nos as vossas luzes
Vinde em nós para nos abrasar a todas
Para nos regular, para formar nossas orações
Não podemos fazer nenhum bem sem vós.

A seguir ela dá o sinal e todas as alunas se levantam, e dá o 2º e elas fazem a reverência a Jesus e Maria e enfim o 3º e elas se sentam com as mãos juntas.

[292] Depois a irmã começa por mandá-las fazer bem o sinal da cruz duas vezes, as faz colocar-se na presença de Deus e manda-as fazer os seguintes atos de religião.

1. Meu Deus, creio firmemente que estais aqui presente, eu vos adoro





e vos reconheço por meu Soberano Senhor e mestre do qual dependo unicamente.

2. Meu Deus, creio tudo o que crê e ensina a Santa Igreja católica apostólica e romana, porque sois vós que o dissestes e não podeis mentir.

3. Meu Deus, espero o vosso socorro e minha salvação pelos méritos de Jesus Cristo meu Salvador.

4. Meu Deus e meu tudo, eu vos amo sobre todas as coisas, por amor de vós mesmo⁷⁶, e a meu próximo como a mim mesmo por amor de vós.

5. Meu Deus, põs-me de todo o meu coração de vos ter ofendido porque sois infinitamente bom e infinitamente amável e porque o pecado vos desagrada. Faço um firme propósito, mediante a vossa santa graça, de não vos ofender nunca mais.

Preferiria morrer nesse instante a cometer um pecado mortal.

6. Menino Jesus, nós vos oferecemos a presente aula, abençoai-a por favor junto com a vossa Santa Mãe.

7. Santos anjos da guarda, nós vos saudamos e vos pedimos que nos ajudeis durante esta aula, expulsai dela o demônio a fim de que não nos prejudique.

ELEIÇÃO DA SUPERIORA E DAS SUAS DUAS ASSISTENTES

[293] 1. - Depois de ter feito uma novena de comunhões e de ter jejuado três dias para pedir o Espírito Santo, toda comunidade procede à eleição de uma superiora do seguinte modo. Eis as suas qualidades.

[294] 2. - Aquela sobre a qual se deve lançar os olhos deve ser de toda comunidade mais sensata, a mais prudente⁷⁷, a mais pobre de espírito, a mais desapegada do mundo e dos parentes, a mais morta à vontade própria, a mais exata no silêncio e nas outras regras, a mais amiga do recolhimento, a mais desejosa da Santa Comunhão, a mais adiantada na meditação e na mortificação, a mais caridosa e em suma a mais firme, enfim ela deve ser antes da sua eleição o maior exemplo das virtudes e não a mais rica ou a mais nobre.

76. No manuscrito lê-se: “por amor de nós mesmos”. Trata-se de um erro de escrita.

77. “a mais sensata, a mais prudente” é um acréscimo em entrelinha de uma escrita com tinta mais escura.





[295] 3. - São propostas as três Irmãs que possuem entre as outras estas virtudes e estas belas qualidades com mais vantagem. E tendo sido cantado o *Veni Creator* na manhã do sábado véspera de Pentecostes, elas vão uma após a outra dar em segredo o seu sufrágio àquela das três que lhes parecer a mais digna de ocupar o lugar de Deus, o que se faz colocando uma ervilha na caixa onde está escrito o nome daquela que lhes parece ser a mais digna.

[296] 4. - A que tiver maior número de votos é eleita Superiora, a que depois dela tiver mais é eleita 1ª Assistente e a que tiver menos é a 2ª Assistente.

[297] 5. - A que foi eleita Superiora permanece trinta e três dias sem exercer as funções de superiora para se tornar ainda mais criança e obediente do que jamais foi. Eis porque ela se faz a última de todas, faz as coisas mais humildes da comunidade como servir à mesa, varrer, beijar os pés das outras, etc. É o que ela faz com alegria e obediência à antiga Superiora. Eis como ela toma em mãos o governo da comunidade.

[298] 6. - Estando reunidas em Capítulo, a antiga Superiora a faz vir de joelhos perante ela e na presença das outras, que estão sentadas, pergunta-lhe primeiramente: *Que quereis fazer, minha querida irmã, nesta comunidade?* Ela responde-lhe esta única palavra: *Obedecer*. Em 2º lugar pergunta-lhe: *Que lugar nela quereis ter?* Ela responde: *O último*.

Então a antiga superiora diz-lhe que ela deve obedecer só a Deus. O Espírito Santo que a escolheu como Superiora quer que ela dirija as outras e que ela tenha o seu lugar na comunidade. Depois a antiga Superiora se põe de joelhos diante de todas as suas Irmãs, pede-lhes perdão das faltas que cometeu e do mau exemplo que lhes deu.

Em seguida nova Superiora, tendo feito o sinal da cruz e dizendo em voz alta: *“O nosso auxílio está no nome do Senhor”*⁷⁸, coloca-se no lugar da Superiora. Logo a antiga Superiora põe-se de joelhos diante dela e diz-lhe: *Eu creio firmemente que vós ocupais o lugar de Deus entre nós e é por isso que eu me submeto a todos os vossos mandamentos por amor de Deus e espero com a ajuda da sua graça ser fiel*. Todas as Irmãs, de joelhos, respondem: *Assim seja*. E depois elas vêm, uma após outra, beijar-lhe os pés; após este ato de humildade, a nova Superiora começa as suas funções por um ato de caridade abraçando-as uma a uma, com grande afeição. Em seguida canta-se o *Te Deum* e o *Magnificat*.

78. Em latim: *Adiutorium nostrum in nomine Domini*.





[299] 7. - A Superiora Geral pode ser perpétua. No entanto a cada três anos ela é confirmada numa assembleia geral e se foi convencida pela maior parte da comunidade de não cumprir o seu dever, proceder-se-á à eleição de uma outra.

[300] 8. - A primeira assistente, na ausência da Madre, ocupa o seu lugar e a segunda assistente o lugar da primeira.

Eis o modo de proceder da Superiora.

REGRAS PRÁTICAS DE PRUDÊNCIA E DE CARIDADE QUE A SUPERIORA DEVE OBSERVAR

[301] 1. - Ela deve ser mais do que nunca o exemplo de todas as virtudes e particularmente de humildade e de recolhimento, que são as duas virtudes mais difíceis de conservar no superiorato e às quais contudo o Espírito Santo excita os superiores. Eis porque ela meditará todos os dias essas duas advertências da Sabedoria: *1. Quanto mais fores grande, tanto mais te debes humilhar em todas as coisas⁷⁹ e se te colocaram como Superiora numa casa, conserva-te na humildade como uma das tuas súditas. 2. Marta, Marta, andas muito inquieta e preocupas-te com muitas coisas, entretanto uma só coisa é necessária⁸⁰.*

[302] 2. - Ela não faz nunca algo de novo e que tenha consequência sem pedir o parecer do pai espiritual e das suas duas assistentes. Se ela tem uma opinião contrária à deles, após ter simplesmente apresentado as suas razões para fazer o contrário, ela decide seguir o sentimento deles. Fazendo isto, agirá sensata e prudentemente porque agirá com humildade, pois Deus dá a sua graça aos humildes que, apesar das suas luzes, por amor da paz e da obediência, submetem o seu juízo e, mesmo quando o que queria fosse o mais justo, Deus tirará a sua glória e a sua vitória da sua submissão. Todavia, ela escuta de tal modo as suas duas assistentes, que não decide seguir o sentimento delas senão na sua ausência e depois ter feito oração.

[303] ³⁸¹. - Ela se faz mais amar que temer; por isso ela governa em todas as coisas com o cetro de ouro da caridade e não com o cetro de ferro do temor.

79. Cf. Eclo 3, 20.

80. Cf. Lc 10, 41.

81. O manuscrito repete o n° 2 e não tem o n° 11.





A caridade de um superior dilata maravilhosamente o coração de um súdito, anima-o e fortifica-o para agir melhor. Ao contrário, o espírito de temor que um Superior inspira pelas suas maneiras duras, ásperas, severas e orgulhosas estreita⁸² o coração do súdito, torna-o fraco, temeroso, pusilânime e abatido.

[304] 4. - Na verdade, ela presta atenção em tudo enquanto pode, mas quase não o deixa transparecer; ela só mostra a todas as suas irmãs um grande desejo de lhes causar gosto, e uma grande persuasão de que ela as vê determinadas a todo bem. Evita, pois, aquelas maneiras de governar de vários Superiores que, no desejo demasiado ardente que têm de fazer observar as regras, estão por toda parte para sondar e para examinar cada particular, que suspeitam de tudo, que interpretam mal as menores faltas, que repreendem severa e imprudentemente os faltosos em momentos em que são incapazes de receber com fruto o remédio amargo da correção e que lhes impõem penitências involuntárias que os desgostam. Este comportamento e esta maneira de governar só é boa quando se trata de espíritos inferiores e servís, que se conduzem pelo medo e pela força, mas não para aqueles que se ligam voluntariamente e se conduzem por amor.

[305] 5. - Esta conduta caridosa não deve impedi-la de ser firme e justa repreendendo e corrigindo as faltosas. Mas ela sabe distinguir as faltas por fraqueza e ignorância daquelas que são por malícia e obstinação. Ela perdoa facilmente as primeiras e algumas vezes não demonstra que as viu, mas repreende e corrige sem remissão as outras, misturando sempre muita doçura na sua firmeza e deixando transparecer que é a contragosto que exerce a correção, para o bem de toda comunidade. Se não dissesse nada, ou muito fracamente, a uma das irmãs que, de propósito deliberado, sem se querer obrigar, caísse numa falta pública contra a regra, p. ex., quebrasse o silêncio ou a obediência, incidiria numa conivência ou condescendência e responderia a Deus pela transgressão das regras e pelo relaxamento que tal conduta introduziria.

[306] 6. - Quando alguma das suas irmãs comete uma falta pública que é conhecida das outras, se ela crê que esta irmã terá bastante virtude

82. Montfort, por inadvertência, escreveu “reressit” em lugar de “rétrécit” (estreita).





para suportar uma repreensão pública, ela a repreenderá em público; mas se a faltosa, dominada pela paixão, não está em condições de aproveitar a repreensão, a Superiora pedirá à comunidade diante da qual a falta foi cometida, que não fique escandalizada e dirá que ela vai remediar, e algum tempo depois ela corrigirá a culpada em particular e lhe imporá uma penitência pública em reparação da sua falta pública.

[307] 7. - Ela não repreende jamais publicamente faltas cometidas em segredo e que não escandalizaram ninguém.

[308] 8. - Ela se guarda bem de tratar as suas súditas sem respeito, de lhes dizer palavras injuriosas, de lhes fazer em público repreensões mesmo justas das suas comunhões, de discutir e de gritar contra elas. Mas ela lhes fala em público e em particular com todo tipo de humildade e de caridade. E quando ela tem um justo motivo de repreendê-las fortemente, ela o faz sempre com honestidade. Quando uma das suas súditas discute, ela lhe cede no momento e depois a faz conhecer e pagar a sua falta.

[309] 9. - Quando uma irmã ou um pobre do hospital ou uma aluna da escola viesse queixar-se a ela de alguma Superiora subalterna, ela escuta com paz e caridade mas não a aprova de modo a condenar a conduta de tal Superiora. Ao contrário, procura dar-lhe razão diante de quem se queixa, embora efetivamente a irmã esteja errada, reservando-se para falar em particular à irmã para descobrir a verdade da falta e remediá-la.

[310] 10. - Estará muito atenta a não acreditar precipitadamente no mal que lhe contam das súditas para remediá-lo, mas suspende o seu julgamento e não condena abertamente a pessoa acusada até estar plenamente informada da verdade.

Ela guarda um grande segredo sobre as coisas que se passam na comunidade e faz com que todas as Irmãs o guardem exatamente, corrigindo severamente as que tagarelam e não refreiam a sua língua.

[311] 11. - Eis o que diz São Francisco de Sales⁸³ e o que ela deve observar: como a alma e o coração difundem a sua assistência, movimento

83. São Francisco de Sales, *“Constitutions pour les Soeurs religieuses de la visitation”*, Constitutions XXIX^e. Toda esta passagem, do n° 311 ao n° 318 inclusive, é textualmente tirada de São Francisco de Sales.





e ação em todas as partes do corpo, assim a Superiora deve animar com a sua caridade, o seu cuidado e o seu exemplo toda congregação, vivificando pelo seu zelo todas as irmãs que estão sob os seus cuidados, procurando que as regras sejam observadas o mais exatamente possível e que a mútua caridade e a santa amizade floresçam na casa; e para isso ela abrirá o seu peito maternal e amável a todas as filhas igualmente, a fim de que com toda confiança elas recorram a ela nas suas dúvidas, dificuldades, escrúpulos, perturbações e tentações.

[312] 12. - Que ela própria observe enquanto puder as regras e constituições sem praticar nenhuma singularidade, sem tomar, nem receber nenhuma vantagem em roupas, comidas e outras coisas, senão como as outras à medida que a necessidade o exigir.

[313] 13. - Ela dará ordens a cada uma das suas irmãs e a todas em geral com palavras e posturas graves, mas suaves; com um semblante e aspecto seguro mas doce e humilde; e com um coração cheio de amor e de desejo do proveito daquela a quem dá ordens.

[314] 14. - Ela terá os olhos atentos sobre esse pequeno corpo da congregação, a fim de que todas as suas partes respirem a paz, a concórdia, a união e o serviço muito amável de Jesus Cristo e portanto, quando uma vez ao mês as Irmãs lhe prestarem contas das suas almas, ela as examinará, indagando discretamente sobre o estado presente do seu espírito para depois ajudá-las, animá-las, corrigi-las e consolá-las.

[315] Ela atenderá com um cuidado particular às necessidades das doentes. Ela as servirá com muita frequência com as próprias mãos nas doenças mais sérias.

[316] Ela animará com coração paternal as Irmãs que como criancinhas são ainda fracas na devoção, lembrando-se do que diz São Bernardo aos que servem as almas:

“O encargo das almas, diz ele, não é das almas fortes mas das fracas. Pois se alguém te socorre mais do que é socorrido por ti, reconhece que tu és não o seu pai, mas o seu igual. Os justos e perfeitos não precisam de superior e de condutor, eles próprios são a sua lei e a sua direção pela graça de Deus e fazem bastante sem que se lhes peça.”





A Superiora deve ser particularmente para as imbecis⁸⁴ e débeis, embora ela tampouco deva abandonar as perfeitas a fim de que estas perseverem sem se relaxar. E portanto, que ela cuide das necessidades das Irmãs segundo as leis do amor cristão e não segundo as inclinações naturais, e sem considerar a ascendência ou origem das moças, a gentileza dos seus espíritos, belas fisionomias e a outros elementos atraentes. Não se familiarize de tal modo com umas que isso possa servir de tentação de inveja às outras.

[317] Ela não repreenderá as faltas que se cometem imediatamente diante das outras, mas em particular com caridade, a não ser que a falta fosse tal que para a edificação das que a presenciaram se exija uma pronta correção, que neste caso ela fará de tal modo que censurando o defeito ela consola a faltosa, procurando ser realmente temida mas no entanto muito mais amada.

[318] Que ela não conceda facilmente a ninguém o uso dos sacramentos mais frequente do que o previsto nas constituições, para não acontecer que em vez de uma amorosa e respeitosa comunhão, se façam várias por imitação, inveja, estima própria e vaidade.

[319] Ela escolherá uma boa amiga entre as suas irmãs que a advirta caridosamente dos seus defeitos e à qual as outras irmãs possam facilmente dirigir-se para lhe dizer as suas queixas que elas não ousariam fazer diretamente por causa do respeito e ela a ouvirá alegremente quando for advertida em particular.

[320] 12. Ela tem o poder de dispensar da observância das regras em casos particulares segundo a prudência, a caridade e a necessidade o exigirem, seja por causa de doença, seja por causa dos ofícios, mas ela não dispensa jamais irmã alguma para sempre só em consideração à qualidade da pessoa.

84. "Imbecil" no sentido de "fraco". (Cf. Littré).





MÁXIMAS E LIÇÕES DA DIVINA SABEDORIA





822

OBRAS COMPLETAS





MÁXIMAS E LIÇÕES DA DIVINA SABEDORIA

Sobre a *Cruz da Sabedoria*, em Poitiers, Montfort tinha escrito um programa sucinto de vida espiritual. Ele desenvolveu este programa, para uso das Filhas da Sabedoria, num pequeno escrito que se assemelha, nas grandes linhas, ao capítulo 12 do *Amor da Sabedoria eterna* (ASE 133-153): os *Oráculos da Sabedoria Encarnada*.

O autógrafo deste texto não foi encontrado; mas o texto que segue foi cuidadosamente verificado com o auxílio da edição impressa em 1761: *Instruções espirituais dirigidas às Filhas da Sabedoria*, cap. 11, p. 47-60.

No começo da pág. 47, lê-se a menção seguinte: “Máximas e lições da Divina Sabedoria, que o Pe. de Montfort escreveu para as suas Filhas, recomendando que as seguissem, se elas querem ter o espírito da verdadeira Sabedoria”.

I. MÁXIMA

A verdadeira felicidade da terra está na pobreza voluntária e na minha imitação.

[1] 1. Deixa, pois, minha filha, tudo quanto possuis de bens temporais, segundo o parecer do teu Superior, que ocupa o meu lugar.

[2] 2. - Não tenhas apego a nenhum bem criado, por mais santo que seja, interior ou exterior, espiritual ou corporal.

[3] 3. - Toma cuidado com os objetos pelos quais sentes afeição.

[4] 4. - Desconfia das amizades naturais de teus parentes e amigos.

[5] 5. - Não receies decepcioná-los e desagradar-lhes para carregar a tua cruz após mim.

[6] 6. - Carrega após mim, todos os dias, a tua cruz da contradição, da perseguição, da renúncia, do desprezo, etc..

[7] 7. - Não tenhas vergonha de praticar algum ato de virtude diante dos outros, etc.; não omitas nenhum bem por receio do desprezo ou do louvor, quando souberes que Deus o requer de ti.

[8] 8. - Prefere dar o teu bem a receber algum, e sofrer um roubo que ganhar um processo.

II. MÁXIMA

[9] *És verdadeiramente feliz, se o mundo te persegue injustamente, opondo-se aos teus propósitos, ainda que bons, julgando mal as tuas intenções, caluniando a tua conduta, privando-te injustamente da tua reputação ou dos teus bens temporais.*





[10] 1. - Toma cuidado, minha filha, para não te queixares a outras pessoas fora de mim dos maus tratos que te fazem, e de procurar meios de te justificar quando, particularmente, és a única a sofrer.

[11] 2. - Reza, ao contrário, por aqueles que te obtêm a bem-aventurança da perseguição.

[12] 3. - Agradece a mim por te tratar como fui tratado na terra, tendo sido um sinal de contradição.

[13] 4. - Não desanimes nos teus bons propósitos por causa da contradição; ela é uma marca da vitória futura; uma boa obra que não é contrariada, que não é marcada pelo sinal da Cruz, não tem grande preço diante de mim, e será em breve destruída.

[14] 5. - Considera como teus melhores amigos os que te perseguem, porque eles te obtêm sobre a terra grandes méritos, e no céu uma grande glória.

[15] 6. - Considera como infelizes os que levam vida cômoda, que gastam sem medida, que frequentam os ambientes mundanos, que fazem carreira no mundo, que vão bem nos seus negócios, que riem e se divertem.

[16] 7. - Não faças nunca coisa alguma, nem bem nem mal, por respeito humano, para evitar alguma censura, alguma injúria, alguma zombaria ou algum louvor.

[17] 8. - Quando te acontecer alguma perda ou infelicidade por tua culpa, não fiques perturbada; mas humilhando-te perante Deus, recebe da sua mão o castigo da tua falta.

III. MÁXIMA

[18] *Odeia a tua alma, e a conduzirás à vida eterna.*

1. Odeia, pois, minha filha, o teu próprio espírito com os seus pensamentos, rejeitando-os, se eles são maus, perigosos ou inúteis, e submetendo-os ao julgamento do teu Superior, se são bons.

[19] 2. - Não te apoies nunca sobre as tuas ideias, pensamentos, conhecimentos, visões, contemplações e não te constituas jamais juiz em última instância da sua bondade ou malícia.

[20] 3. - Crê que o juízo dos outros, sobre alguma coisa indiferente, é sempre mais justo e mais sólido que o teu, embora te queiras persuadir do contrário.

[21] 4. - Odeia a tua imaginação e a tua memória, rejeitando os fantasmas vis, os projetos quiméricos e inúteis, e as representações vãs, perigosas ou pelo menos inúteis, do passado e do futuro.





[22] 5. - Esvazia a tua memória de qualquer outro objeto que não seja o da presença de Deus.

[23] 6. - Toma cuidado para não pensar voluntariamente no mal que te fizeram, e no bem que praticaste.

[24] 7. - Odeia a tua vontade própria, submetendo-a à do teu Superior, e renunciando a ela sempre, mesmo nas melhores coisas.

[25] 8. - Não faças nada [que seja] de certa importância, sem conselho, a fim de não te arrependeres depois de tê-lo feito.

[26] 9. - Não entretenhas na tua alma desejos inquietos das coisas que não tens, por mais que te pareçam úteis ao próximo e gloriosas para a minha Majestade.

[27] 10. - Pede-me instantemente graças particulares, porém não mas peças senão porque eu quero que mas supliques, e que a conformidade com a minha vontade seja a essência do teu pedido.

IV. MÁXIMA

[28] *Carrega tua cruz todos os dias, e segue-me.*

1. Renuncia, pois, minha filha, aos prazeres dos sentidos, por mais inocentes que sejam.

[29] 2. - Mortifica os teus olhos, privando-os de ver coisas perigosas ou curiosas, e conservando-os modestamente baixos.

[30] 3. - Mortifica os teus ouvidos das conversas más, vãs e inúteis.

[31] 4. - Mortifica a tua língua, falando pouco, não falando senão de mim ou das coisas que me dizem respeito, e guardando um silêncio contínuo, se puderes, sobre o que fizeste de bem, sobre os defeitos do teu próximo e sobre tuas belas qualidades.

[32] 5. - Mortifica o teu paladar não comendo entre as refeições, jejuando com obediência, comendo alguma coisa de mau gosto, comendo com moderação e modéstia quando o apetite e a fome causam anseio pela comida.

[33] 6. - Mortifica o teu olfato dos odores e perfumes inúteis, não cheirando as flores, não usando tabaco, nem usando pós odoríferos.

[34] 7. - Mortifica as tuas mãos dos gestos supérfluos e imodestos, mantendo as mãos paradas ou fazendo poucos movimentos quando falas a alguém.

[35] 8. - Mortifica os teus pés dos passos precipitados e imodestos, das visitas e passeios agradáveis. Se estás de pé, não te apoies ora num pé ora





noutro; se estás sentada, não cruces as pernas uma sobre a outra; ao andares, não andes com afetação nem precipitação mas com simplicidade e modéstia.

[36] 9. - Mortifica o teu tato com roupas grosseiras, com um leito duro, com instrumentos de penitência, na medida em que a obediência ao teu Superior o permitir.

[37] 10. - Mortifica todo o teu corpo, trabalhando por penitência, sofrendo os incômodos das estações e as diferentes doenças que atacam o corpo.

V. MÁXIMA

[38] *O caminho e a porta do céu são estreitos,
e são poucos os que acham o caminho e entram por esta Porta.*

[39] 1. - Faz, pois, minha filha, uma violência contínua à tua natureza e ao teu humor, para seres do pequeno número que encontra o caminho da vida, e que entra pela porta estreita do céu.

[40] 2. - Cuidado para não seguires o grande número e o comum; este é o número dos que se perdem.

[41] 3. - Não te enganes, só existem dois caminhos: um que conduz à vida, e que é estreito; um que conduz à morte, e que é largo; não há meio-termo.

[42] 4. - Se o teu olho, ou a tua mão, ou o teu pé te escandaliza, corta-os sem tardar, para não pereceres. Por outro lado, foge das ocasiões que te levam ao pecado, mesmo quando te sejam tão necessárias quanto um dos teus membros.

VI. MÁXIMA

[43] *Vigia e reza sem cessar.*

1. Importa, pois, minha filha, que te apliques continuamente à oração vocal ou mental.

[44] 2. - Faz tudo o que fizeres em espírito de oração, isto é, por amor a Deus, na presença de Deus.

[45] 3. - Não deixes nunca a oração, por mais que sintas desgosto e aridez.

[46] 4. - Não te expandas completamente fora de ti mesma onde está o Reino de Deus.

[47] 5. - Estima acima de todas as coisas exteriores as que estão no coração.





[48] 6. - Não te embaraces, sem uma especial vocação de Deus, nas coisas exteriores e temporais, por mais caridosas que pareçam; pois o exercício exterior do amor ao próximo tem feito algumas perder o espírito de oração e de recolhimento.

[49] 7. - Crê que as maiores coisas que se fazem sobre a terra, se fazem no interior e no coração das almas fiéis.

[50] 8. - Em tudo o que fazes, toma um motivo de fé; e que esta virtude seja o alimento de tua Oração, e o prêmio de tua conduta.

VII. MÁXIMA

[51] *Ama os teus inimigos, faz o bem aos que te fazem o mal.*

1. Ora, pois, minha filha, pelos que te perseguem, te dizem injúrias e roubam a tua honra e o teu bem.

[52] 2. - Não faças aos outros o que não queres que te façam.

[53] 3. - Suporta todas as pessoas com os seus defeitos, por amor a Deus que te suporta.

[54] 4. - Repreende os que me ofendem, sem temor das suas perseguições.

VIII. MÁXIMA

[55] *Eu trato familiarmente com os simples, e não revelo os meus segredos senão aos pequenos.*

[56] 1. - Sê, pois, minha filha, simples como uma pomba, sem fel, sem duplicidade, sem dissimulação.

[57] 2. - Quanto maior fores, tanto mais te humilhas, quer dizer, sê a serva dos outros, escolhe o lugar mais baixo, o ofício mais vil e as roupas mais pobres.

[58] 3. - Como Deus dá a sua graça aos humildes, faz todas as tuas ações com grande humildade de coração afim de obter a minha graça e a minha amizade.

[59] 4. - Afasta-te daquilo que é grande, pomposo e ilustre aos olhos dos homens, pois é uma abominação diante de mim.

[60] 5. - Ama a vida oculta, pobre e aniquilada, pois é o objeto das minhas delícias.

[61] 6. - Precisas tornar-te como uma criança, se queres entrar no céu, quer dizer, simples, obediente, inocente e doce como uma criança.





[62] 7. - Os últimos e os servos dos outros aos olhos dos homens, são diante de mim os primeiros e os mais elevados, quando amam a sua condição.

[63] 8. - Se te elevas por ti mesmo, mais alto do que eu quero, serás humilhada mais baixo do que queres, neste mundo e no outro; ao contrário, se te humilhas mais baixo que as outras, eu te elevarei, mesmo neste mundo, acima das outras.

IX. MÁXIMA

[64] *Quem é fiel nas pequenas coisas, fiel será nas maiores;
e quem é infiel nas pequenas coisas, infiel será nas maiores.*

[65] 1. - Sê, pois, minha filha, bem fiel às pequenas regras, às pequenas inspirações, às pequenas práticas de virtude.

[66] 2. - Não negligencies nada do que te pode fazer adquirir a perfeição.

[67] 3. - Se és fiel no pouco, eu te asseguro que te constituirei sobre muitas coisas; isto é, se eu te vejo corresponder fielmente ao pouco de luzes que tens, ao pouco de devoção que experimentas, etc., eu te concederei grande abundância de graças, de luzes, etc.

[68] 4. - Cuidado para não negligenciares as pequenas coisas, pois cairias pouco a pouco no relaxamento e na tibieza; perderás pouco a pouco as tuas luzes, a tua devoção, os teus méritos e as tuas graças.

X. MÁXIMAS

[69] *Eu escolho o que há de mais baixo e mais vil,
para confundir e destruir o que há de mais elevado.*

[70] 1. - Avilta-te, pois, minha filha e apequena-te, e eu farei alguma coisa de ti.

[71] 2. - Dá a tua veste ao que te toma o teu manto.

[72] 3. - Vira a outra face para quem te dá uma bofetada.

[73] 4. - Sofre tudo sem te queixares.

[74] 5. - Sê a primeira a acusar-te e a dar-te a repreensão.

[75] 6. - Crê todo o bem dos outros, e todo o mal de ti.

[76] 7. - Escolhe o pior em tudo.

[77] 8. - Alegra-te quando caíres em todo tipo de sofrimentos e de contradições, e quando fores achada digna de sofrer alguma coisa por mim.

[78] 9. - Não desesperes, nem te perturbes jamais, quando caíres em algum pecado, mas humilha-te, pedindo-me perdão.





XI. MÁXIMA

[79] *Guardai-vos dos falsos profetas.*

É preciso, minha filha, desconfiar extremamente:

1. Das luzes do teu próprio espírito, por mais interior que fores;

[80] 2. Dos sentimentos do teu coração, por mais justos e sinceros que te pareçam;

[81] 3. Das máximas espirituais de pessoas relaxadas;

[82] 4. Dos belos e elevados pensamentos e dos santos propósitos que o espírito maligno, transformado em anjo de luz, inspira muitas vezes aos mais zelosos e espirituais para fazê-los cair, apoiando-os em suas sutilezas e embustes.

[83] 5. Para distinguir e evitar as finas armadilhas do amor próprio, da carne e do demônio.

[84] *Eis aqui os conselhos importantes que te dou.*

1. Não te comprazas jamais voluntariamente, nem menos ainda te apoies no que pensaste, imaginaste ou resolveste; mas não ponhas a tua complacência, a tua confiança e apoio senão nos méritos e na intercessão de Maria, da qual és escrava, junto de Jesus; no sangue e nos méritos de Jesus junto ao Pai, e nas misericórdias infinitas de Deus vosso Pai.

[85] 2. Não te constituas juiz de ti mesma, pois ninguém tem sido juiz legítimo em sua própria causa; mas revela todos os teus pensamentos, ideias, etc., ao teu Superior; não lhe ocultes nada do que tens no coração, do que te tocou, etc.

[86] 3. Obedece ao Confessor que te foi dado e escolhido pelo teu Superior; aproveita os seus conselhos, segue as regras de conduta, e as máximas e lições da Divina Sabedoria, que acabo de te comunicar.





830

OBRAS COMPLETAS





ORAÇÕES DA MANHÃ E DA NOITE





832

OBRAS COMPLETAS





ORAÇÕES DA MANHÃ E DA NOITE

Nas *Regras primitivas da Sabedoria* e nas *Regras dos Sacerdotes Missionários*, o Pe. de Montfort faz menção, sem as precisar todas, das preces que estes e aquelas devem rezar.

Desses textos não foi possível encontrar nenhum autógrafo. No entanto, o processo verbal das sessões, realizadas pelo Capítulo geral da Companhia de Maria nos dias 4 e 5 de junho de 1859, contém estas linhas:

“O Capítulo, desejando aproximar-se o mais possível, em todas as coisas, do pensamento do Venerável Fundador, quer que em toda a Companhia se rezem as orações da manhã e da noite tais como acabam de ser reimpressas, no dia 16 de abril último. Foi seguido exatamente o autógrafo do nosso V. L. de Montfort.” (Deliberações e Processos verbais do Capítulo e dos Conselhos da Companhia de Maria, tomo I, p. 139, Arquivos gerais.)

Era, pois, indicado, para estabelecer o texto que segue, que se desse crédito à edição de 1859, tanto mais que ela traz no fim da última página:

“Concorda com o manuscrito do Venerável Montfort; de novo imprima-se. DENIS, Sup. ger. Saint-Laurent, 16 de abril de 1859.”

Nesta edição a *Pequena Coroa* está em latim. Mas os irmãos coadjutores e as Filhas da Sabedoria serviam-se dum texto francês. Este é reproduzido a seguir a partir das *Instruções espirituais dirigidas às Filhas da Sabedoria, com as preces e exercícios de piedade para o seu uso. Edição 1761.*

Estes textos suscitam algumas observações. Em que medida são uma composição de Montfort?

A *Pequena Coroa* – que quer transpor em oração Ap 12,1-18 – é uma fórmula utilizada com bastante frequência no séc. XVII. Entre os seus promotores, deve-se citar São José CALAZANS (+1648), São André AVELINO (+1630), Aleixo de SALO, Francisco OLÍMPIO (+1639)... Os Jesuítas a preconizavam junto aos Congregacionistas; o Bem-aventurado Julião MAUNOIR a tinha posto em verso para fazê-la cantar nas missões bretãs.

O Sermão de São BERNARDO, *In Signum Magnum* ou *De duodecim stellis*, estava na base de várias versões. A do Pe. de Montfort todavia liga-se, na sua estrutura material e espiritual, à obra de POIRÉ, *A Tríplice Coroa* (C. 9, tr. 4).

A prece final deixa também pairar uma larga dúvida: ela contém, pelo menos, reminiscências e partes de frases de escritores eclesiásticos da Idade Média que aliás são retomadas por outros autores do século XVII.





Quanto à *Oração da noite*, a sua forma é comum a muitas orações em uso na época e que duraram até ao séc. XX. A parte mais original, a que se refere ao tema do repouso e do sono, situa-se à primeira vista nas perspectivas da *Escola francesa*.

ORAÇÕES DA MANHÃ

[1] Vinde, Espírito Santo, e enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor.

V/. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado.

R/. E renovareis a face da terra.

Oremos. Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo o mesmo Espírito e gozemos sempre da sua consolação. Por Cristo, Nosso Senhor.

R/. Amém¹.

A PEQUENA COROA DA SANTÍSSIMA VIRGEM

[2] Aceitai o meu louvor, ó Virgem Santa! Dai-nos a força necessária para combater os vossos inimigos.

Pai nosso ... Ave Maria ...

Vós sois bendita, ó Virgem Maria, que trouxestes em vosso casto seio o Senhor e o Criador do Mundo, gerastes a quem vos formou, e permanecestes Virgem eternamente.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Ave Maria...

Ó Virgem santa e imaculada, não sei por quais louvores exaltar a vossa grandeza dignamente, pois trouxestes em vosso seio aquele que os próprios Céus não podem conter.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Ave Maria...

Sois toda bela, ó Virgem Maria, e em vós não há mancha.



Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Ave Maria...

Vós tendes mais virtudes, Virgem Santa, do que há de estrelas no Céu.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

[3] *Pai nosso... Ave Maria...*

Sede glorificada, Maria, que sois a Imperatriz do mundo! Conduzi-nos convosco às alegrias do Paraíso.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Ave Maria...

Sede glorificada, Maria, que sois a Tesoureira das graças do Senhor! Fazei-nos participantes do vosso tesouro.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Ave Maria...

Sede glorificada, Maria, que sois a Medianeira entre Deus e os homens! Tornai-nos propício o Todo-Poderoso.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Ave Maria...

Sede glorificada, Maria, que esmagais as heresias e os demônios! Sede a nossa guia piedosa.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Glória ao Pai, etc.

[4] *Pai nosso... Ave Maria...*

Sede glorificada, Maria, que sois o Refúgio dos pecadores! Intercedei por nós junto do Senhor.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.





Ave Maria...

Sede glorificada, Maria, que sois a Mãe dos órfãos! Tornai-nos propício o Pai TodoPoderoso.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Ave Maria...

Sede glorificada, Maria, que sois a Alegria dos justos! Conduzi-nos convosco às alegrias do Céu.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Ave Maria...

Sede glorificada, Maria, que estais sempre pronta a ajudar-nos e a assistir-nos durante a vida e na hora da morte! Conduzi-nos convosco ao Reino dos Céus.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Glória ao Pai, etc.

[5] *Oração*

Ave Maria, Filha bem-amada de Deus Pai.

Ave Maria, Mãe admirável de Deus Filho.

Ave Maria, Esposa fidelíssima de Deus Espírito Santo.

Ave Maria, Templo augusto da Santíssima Trindade.

Ave Maria, minha querida Mestra, minha boa Mãe, Rainha do meu coração, minha vida, minha doçura e minha esperança depois de Jesus, meu coração e minha alma: eu sou todo vosso, e tudo que tenho vos pertence. Ó Virgem bendita acima de todas as puras criaturas! Peço-vos que hoje a vossa alma esteja em mim para glorificar o Senhor; que o vosso espírito esteja em mim para se alegrar em Deus. Ó Virgem fiel! Ponde-vos como um selo amoroso sobre o meu coração, a fim de que por vós e em vós eu seja achado fiel a meu Deus. Ó mãe benigna! Concedei-me a graça de pôr-me hoje no número daqueles que vós amais, ensinais, alimentais, dirigis e protegeis como vossos filhos. Ó Soberana dos Céus! Não permitais que haja em mim alguma coisa que não vos pertença, porque a isto renuncio desde agora. Ó filha do





Rei dos Reis, cuja principal glória está no interior, não permitais que eu me dissipe nas coisas visíveis e passageiras, mas fazei que, por uma abundância de graças, eu esteja sempre ocupado no meu interior, para aí encontrar em Deus o meu prazer, o meu tesouro, a minha honra, a minha glória e o meu repouso, a fim de que pelo Espírito Santo, vosso fiel Esposo, e por vós sua fiel Esposa, Jesus Cristo, vosso caríssimo filho, seja perfeitamente formado nos nossos corações para a maior glória de Deus nosso Pai, por todos os séculos dos séculos.

R/. Amém².

Fim da oração do Venerável Montfort, para a manhã.

ORAÇÃO DA MANHÃ [Para as Filhas da Sabedoria]

[6] + Em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo.

R/. Amém.

Vinde, Espírito Santo, e enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor.

V/. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado.

R/. E renovareis a face da terra.

Oremos. Deus, que instruístes os corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo o mesmo Espírito e gozemos sempre da sua consolação. Por Cristo, Nosso Senhor.

R/. Amém³.

[7] *Coloquemo-nos na presença de Deus e adoremo-lo profundamente.*

Meu Deus, eu creio firmemente que estais aqui presente; eu vos adoro e vos reconheço como meu Soberano Senhor e Mestre, de quem dependo unicamente.

R/. Amém.

Meu Deus, eu creio em vós, mas aumentai a minha fé; eu espero em vós, mas aumentai a minha esperança; eu vos amo de todo o meu coração por causa de vós mesmo, mas aumentai o meu amor.

R/. Amém.





[8] *Peçamos a Deus tudo o que é necessário à nossa salvação.*

Meu Deus, dai-me arrependimento para chorar os meus pecados, força para vencer as tentações, zelo para praticar as virtudes do meu estado, submissão aos meus Superiores, Caridade para com as minhas Irmãs, compaixão pelo meu próximo, sobretudo para os pobres e para os doentes, e faizei que eu não esqueça jamais de dar atenção às minhas preces, exatidão aos meus ofícios, constância às minhas resoluções.

R/. Amém.

[9] *Ofereçamos a Deus todas as nossas ações.*

Meu Deus, como não quero mais amar senão a vós, também não quero viver senão para vós: eu vos ofereço todos os meus pensamentos, todas as minhas palavras, todas as minhas ações e todos os meus sofrimentos deste dia; dai a tudo a vossa santa bênção.

R/. Amém.

Peçamos a Deus a graça de não ofendê-lo hoje, pela intercessão da Ssma. Virgem, rezando devotamente a sua pequena Coroa.

R/. Amém.

A PEQUENA COROA DA SANTÍSSIMA VIRGEM

[10] Aceitai o meu louvor, ó Virgem Santa! Dai-nos a força necessária para combater os vossos inimigos.

Pai nosso ... Ave Maria ...

Vós sois bendita, ó Virgem Maria! Que trouxestes em vosso casto seio o Senhor e o Criador do Mundo, gerastes a quem vos formou, e permanecestes Virgem eternamente.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Ave Maria...

Ó Virgem santa e imaculada! Não sei por quais louvores exaltar a vossa grandeza dignamente, pois trouxestes em vosso seio aquele que os próprios Céus não podem conter.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.





Ave Maria...

Sois toda bela, ó Virgem Maria! E em vós não há mancha.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Ave Maria...

Vós tendes mais virtudes, Virgem Santa, do que há de estrelas no Céu.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

[11] *Pai nosso... Ave Maria...*

Sede glorificada, Maria, que sois a Imperatriz do mundo; conduzi-nos convosco às alegrias do Paraíso.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Ave Maria...

Sede glorificada, Maria, que sois a Tesoureira das graças do Senhor; fazei-nos participantes do vosso tesouro.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Ave Maria...

Sede glorificada, Maria, que sois a Medianeira entre Deus e os homens; tornai-nos propício o Todo-Poderoso.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Ave Maria...

Sede glorificada, Maria, que esmagais as heresias e os Demônios; sede nossa Guia piedosa.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Glória ao Pai, etc.

[12] *Pai nosso... Ave Maria...*

Sede glorificada, Maria, que sois o refúgio dos pecadores; intercedi por nós junto do Senhor.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.





Ave Maria...

Sede glorificada, Maria, que sois a mãe dos órfãos, tornai-nos propício
o Pai TodoPoderoso.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Ave Maria...

Sede glorificada, Maria, que sois a alegria dos justos; conduzi-nos con-
vosco às alegrias do Céu.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Ave Maria...

Sede glorificada, Maria, que estais sempre pronta a ajudar-nos e a as-
sistir-nos durante a vida e na hora da morte; conduzi-nos convosco ao Reino
dos Céus.

Alegrai-vos, Virgem Maria.

R/. Alegrai-vos mil vezes.

Glória ao Pai, etc.

[13] *Oração*

Ave Maria, Filha bem-amada de Deus Pai.

Ave Maria, Mãe admirável de Deus Filho.

Ave Maria, Esposa fidelíssima de Deus Espírito Santo.

Ave Maria, Templo augusto da Santíssima Trindade.

Ave Maria, minha querida Mestra, minha boa Mãe, Rainha do meu
coração, minha vida, minha doçura e minha esperança depois de Jesus, meu
coração e minha alma: eu sou toda vossa, e tudo o que tenho vos pertence. Ó
Virgem bendita acima de todas as puras criaturas! Peço-vos que hoje a vossa
alma esteja em mim para glorificar o Senhor; que o vosso espírito esteja em
mim para se alegrar em Deus. Ó Virgem fiel! Ponde-vos como um selo amo-
roso sobre o meu coração, a fim de que por vós e em vós eu seja achada fiel ao
meu Deus. Ó mãe benigna! Concedei-me a graça de pôr-me hoje no número
daquelas que vós amais, ensinais, alimentais, dirigis e protegeis como vos-
sos filhos. Ó Soberana dos Céus! Não permitais que haja em mim alguma
coisa que não vos pertença, porque a isto renuncio desde agora. Ó filha do
Rei dos Reis, cuja principal glória está no interior, não permitais que eu me
dissipe nas coisas visíveis e passageiras, mas fazei que, por uma abundância





de graças, eu esteja sempre ocupada no meu interior, para aí encontrar em Deus o meu prazer, o meu tesouro, a minha honra, a minha glória e o meu repouso, a fim de que pelo Espírito Santo, vosso fiel Esposo, e por vós sua fiel Esposa, Jesus Cristo, vosso caríssimo filho, seja perfeitamente formado nos nossos corações para a maior glória de Deus nosso Pai, por todos os séculos dos séculos.

R/. Amém.

ORAÇÕES DA NOITE

[14] Vinde, Espírito Santo, etc.

V/. Bendita seja a santa e indivisa Trindade, agora e sempre e pelos infinitos séculos dos séculos.

R/. Amém⁴.

[15] *Coloquemo-nos na presença de Deus.*

Meu Deus, eu creio firmemente que estais aqui presente; eu vos adoro e vos reconheço como meu soberano Senhor e Criador.

R/. Amém.

Meu Deus, eu vos amo de todo o meu coração, sobre todas as coisas, por amor a vós mesmo, e ao meu próximo como a mim mesmo, por amor de vós.

R/. Amém.

Meu Deus, espero o vosso socorro e minha salvação, pelos méritos de Jesus Cristo, meu Salvador.

R/. Amém.

Meu Deus, creio firmemente em tudo o que crê e ensina a Santa Igreja Católica, Apostólica Romana; porque sois vós, verdade soberana, que lhe revelastes.

R/. Amém.

Meu Deus, eu vos agradeço de todo o meu coração por todas as graças que me concedestes durante todo o tempo da minha vida, e particularmente hoje.

R/. Amém.

Meu Deus, eu vos peço que me deis a luz que me dareis na hora da minha morte, para conhecer os pecados que cometi hoje contra a vossa divina Majestade.

R/. Amém.





[16] *Examinemos os pecados que cometemos hoje contra a divina Majestade, em pensamentos, palavras e obras.*

(Faz-se uma pequena pausa).

Excitemo-nos à contrição, peçamos perdão a Deus.

Meu Deus, tenho grande pesar de vos ter ofendido, porque sois infinitamente bom, infinitamente amável e porque o pecado vos desagrada. Faço o firme propósito, com o auxílio da vossa santa graça, de nunca mais vos ofender.

R/. Amém.

[17] *Façamos nossa confissão a Deus.*

Confesso a Deus Todo-Poderoso, à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado São Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado São João Batista, aos Santos Apóstolos São Pedro e São Paulo, e a todos os Santos e a vós, irmãos, que pequei muitas vezes por pensamentos, palavras e obras, por minha culpa, minha culpa, minha tão grande culpa. E portanto peço e rogo à bem-aventurada sempre Virgem Maria, ao bem-aventurado São Miguel Arcanjo, ao bem-aventurado São João Batista, aos Santos Apóstolos São Pedro e São Paulo, e a todos os Santos e a vós, irmãos, que rogueis por mim a Deus, nosso Senhor.

Deus Todo-Poderoso tenha compaixão de vós, perdoe os vossos pecados e vos conduza à vida eterna.

R/. Amém.

Que o Senhor Todo-Poderoso e cheio de misericórdia nos conceda o perdão, a absolvição e a remissão dos nossos pecados.

R/. Amém⁵.

Meu Deus, perdoai-nos os nossos pecados pela intercessão e pelos méritos da Ssma. Virgem, e de todos os Santos; pelos louvores e as adorações que eles vos prestam no Céu; pelo preço do sangue de vosso querido Filho, e pela vossa bondade infinita.

R/. Amém.

[18] *Rezemos um Pai Nosso e uma Ave Maria, como penitência.*

Pai nosso... Ave Maria...

Santo Anjo, eu vos agradeço

Pela vossa proteção e o vosso auxílio,





Continuai a socorrer-me,
Pelo resto dos meus dias.

Meu Deus, dai a contrição dos pecados e o perdão aos pobres pecadores, a perseverança aos justos, o repouso às almas do Purgatório, a paz entre os príncipes cristãos, o cêntuplo aos nossos benfeitores, e a graça para bem viver e bem morrer.

V/. Amém.

[19] *Para obter todas essas graças de Deus, peçamo-las pela intercessão da Ssma. Virgem, rezando-lhe devotamente a sua ladainha.*

LADAINHA DA SANTÍSSIMA VIRGEM

Senhor, tende piedade de nós.
Cristo, tende piedade de nós.
Senhor, tende piedade de nós.
Cristo, ouvi-nos.
Cristo, atendei-nos.
Pai celeste que sois Deus, tende piedade de nós.
Filho Redentor do mundo que sois Deus, tende piedade de nós.
Espírito Santo que sois Deus, tende piedade de nós.
Santíssima Trindade que sois um só Deus, tende piedade de nós.
Santa Maria, rogai por nós.
Santa Mãe de Deus,
Santa Virgem das Virgens,
Mãe de Jesus Cristo,
Mãe da divina graça,
Mãe puríssima,
Mãe castíssima,
Mãe inviolável,
Mãe intata,
Mãe amável,
Mãe admirável,
Mãe do Criador,
Mãe do Salvador,
Virgem prudentíssima,
Virgem venerável,
Virgem louvável,





Virgem poderosa,
Virgem clemente,
Virgem fiel,
Espelho de justiça,
Sede da Sabedoria,
Causa da nossa alegria,
Vaso espiritual,
Vaso honorífico,
Vaso insigne de devoção,
Rosa mística,
Torre de Davi,
Torre de marfim,
Casa de ouro,
Arca da aliança,
Porta do céu,
Estrela da manhã,
Saúde dos enfermos,
Refúgio dos pecadores,
Consoladora dos aflitos,
Auxílio dos Cristãos,
Rainha dos Anjos,
Rainha dos Patriarcas
Rainha dos Profetas
Rainha dos Apóstolos
Rainha dos Mártires
Rainha dos Confessores
Rainha das Virgens,
Rainha de todos os Santos,
Regina concebida sem pecado original,
(Rainha do santo rosário),
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, perdoai-nos, Senhor.
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, ouvi-nos, Senhor.
Cordeiro de Deus, que tirais o pecado do mundo, tende piedade de nós.
Cristo, ouvi-nos.
Cristo, atendei-nos.

V/. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus,
R/. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.



*Oremos*

Senhor, vos pedimos, pela intercessão da bem-aventurada sempre Virgem Maria, defendei de toda adversidade esta família, que de todo coração se prostra diante de vós, e protegei-a propício das insídias dos inimigos com a vossa clemência. Por Cristo nosso Senhor. Amém⁶.

[20] Ó Jesus que viveis em Maria, vinde e vivei em nós, em vosso espírito de santidade, na plenitude dos vossos dons, na perfeição dos vossos caminhos, na verdade das vossas virtudes, na comunhão dos vossos mistérios; dominai em nós sobre todas as potências inimigas, o mundo, o demônio e a carne, na virtude do vosso Espírito e para a glória do vosso Pai.

R/. Amém.

Meu Deus, nós vos oferecemos o repouso que vamos tomar, em honra do repouso eterno que tomais em vós mesmo, em vosso Filho e em vosso Espírito Santo, na Ssma. Virgem, em todos os Santos do Céu e da Igreja.

R/. Amém.

Meu Salvador Jesus Cristo, nós vos oferecemos o nosso sono, em honra e união do vosso sono, da vossa morte e da vossa sepultura; e o nosso despertar de amanhã, em honra e união do vosso despertar e da vossa santa ressurreição. Nós adoramos as vossas santíssimas disposições num e noutro estado, e nós vos pedimos a graça de ter semelhantes disposições.

R/. Amém.

[21] *O De profundis pelos nossos caros defuntos.*

Do abismo profundo clamo a vós, Senhor; Senhor, escutai a minha voz. Que os vossos ouvidos estejam atentos à voz da minha súplica. Se considerais as culpas, Senhor, Senhor, quem pode aguentar? Mas em vós se encontra o perdão, para serdes venerado com respeito. Espero no Senhor, minha alma espera na sua palavra. A minha alma aguarda o Senhor, mais do que as sentinelas a aurora. Mais do que as sentinelas a aurora, Israel espere o Senhor, porque junto do Senhor está a misericórdia, e junto dele a redenção é copiosa. Ele vai redimir Israel de todas as suas culpas.

V/. Dai-lhes, Senhor, o descanso eterno.

R/. E a luz perpétua os ilumine.

V/. Descansem em paz.

R/. Amém.





Oremos.

Ó Deus, Criador e Redentor de todos os fiéis, concedei às almas dos vossos servos e servas a remissão de todos os pecados, para que alcancem pelas piedosas súplicas o perdão que sempre desejaram. Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos.

R/. Amém⁷.

V/. Jesus, Maria, José.

R/. Socorrei-nos.

R/. Deus nos dê a sua paz, o seu amor e a sua graça.

R/. E a vida eterna!

[22] *Agradecemos ao bom Deus as graças que ele nos fez hoje, rezando o Magnificat.*

A minha alma engrandece o Senhor,

E o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador.

Porque ele olhou para a humildade da sua serva.

Por isso, de agora em diante, todas as gerações me chamarão bem-aventurada.

O Todo-Poderoso fez em mim grandes coisas. Santo é o seu nome.

De geração em geração se estende a sua misericórdia sobre aqueles que o temem.

Manifestou a força de seu braço e dispersou os homens de coração orgulhoso.

Derrubou os poderosos dos seus tronos e elevou os humildes.

Encheu de bens os famintos e despediu os ricos de mãos vazias.

Socorreu seu servo Israel, lembrando-se da sua misericórdia, conforme tinha prometido aos nossos pais, a Abraão e à sua descendência para sempre.

Glória ao Pai, ao Filho, etc⁸.

[23] *Depois de rezar o Magnificat em dois coros, lê-se o tema da meditação, e após esta leitura reza-se de joelhos:*

Maria, mãe da graça,

Terna mãe da clemência,

Protege-nos do inimigo,

E recebe-nos na hora da morte.

Glória a ti, Jesus,

Que nasceste duma Virgem,

Com o Pai e o Espírito Santo

Pelos séculos eternos. Amém⁹.





V/. Graças e louvores se deem a todo momento,
R/. Ao Santíssimo e Diviníssimo Sacramento.
V/. A Virgem Maria e o seu Santo Filho nos abençoem!
R/. Amém¹⁰.

DEUS SÓ

NOTAS

1. Veni, Sancte Spiritus; reple tuorum corda fidelium, et tui amoris in eis ignem accende.

V/. Emitte Spiritum tuum, et creabuntur;

R/. Et renovabis faciem terrae.

Oremus. Deus, qui corda fidelium Sancti Spiritus illustratione docuisti: da nobis in eodem Spiritu recta sapere, et de ejus semper consolatione gaudere. Per Christum Dominum nostrum.

R/. Amen.

2. V/. Dignare me laudare te, Virgo sacrata.

R/. Da mihi virtutem contra hostes tuos.

1. Pater noster.

1. Ave, Maria.

Beata es, Virgo Maria, quae Dominum portasti Creatorem mundi, genuisti qui te fecit, et in aeternum permanes virgo.

V/. Gaude, Maria Virgo,

R/. Gaude millies!

2. Ave, Maria.

Sancta et immaculata Virginitas, quibus te laudibus efferam nescio: quia quem coeli capere non poterant tuo gremio contulisti.

V/. Gaude, Maria Virgo,

R/. Gaude millies!

3. Ave, Maria.

Tota pulchra es, Virgo Maria, et macula non est in te.

V/. Gaude, Maria Virgo,

R/. Gaude millies!

4. Ave, Maria.

Plu[re]s tibi sunt dotes, Virgo, quam sidera coelo⁷.

V/. Gaude, Maria Virgo,

R/. Gaude millies!

Gloria Patri, et Filio, etc.

[3] 2. Pater noster.

5. Ave, Maria.

Gloria tibi sit, Imperatrix poli! Tecum nos perducas ad gaudia Coeli.

V/. Gaude, Maria Virgo,

R/. Gaude millies!

6. Ave, Maria.





Gloria tibi sit, Thesauraria gratiarum Domini! Fac nos participes thesauri tui.

V/. Gaude, Maria Virgo,

R/. Gaude millies!

7. Ave, Maria.

Gloria tibi sit, Mediatrix inter Deum et hominem! Fac nobis propitium Omnipotentem.

V/. Gaude, Maria Virgo,

R/. Gaude millies!

8. Ave, Maria.

Gloria tibi sit, haeresum et doemonum Interemprix! Sis pia nostra gubernatrix.

V/. Gaude, Maria Virgo,

R/. Gaude millies!

Gloria Patri, et Filio, etc.

[4] 3. Pater noster.

9. Ave, Maria.

Gloria tibi sit, Refugium peccatorum! Intercede pro nobis ad Dominum.

V/. Gaude, Maria Virgo,

R/. Gaude millies!

10. Ave, Maria.

Gloria tibi sit, orphanorum Mater! Fac nobis propitius sit omnipotens Pater.

V/. Gaude, Maria Virgo,

R/. Gaude millies!

11. Ave, Maria.

Gloria tibi sit, Laetitia justorum! Tecum nos perducas ad gaudia Coelorum.

V/. Gaude, Maria Virgo,

R/. Gaude millies!

12. Ave, Maria.

Gloria tibi sit, in vita et in morte Adjutrix praesentissima! Tecum nos perducas ad Coelorum regna.

V/. Gaude, Maria Virgo,

R/. Gaude millies!

Gloria Patri, et Filio, etc.

[5] Oremus

Ave, Maria, filia Dei Patris; ave Maria, mater Dei Filii; ave Maria, sponsa Spiritus Sancti; ave, Maria, templum totius sanctissimae Trinitatis; ave, Maria, domina mea, rosa mea, regina cordis mei, mater, vita, dulcedo, et spes mea carissima, imo, cor meum et anima mea: tuus totus ego sum, et omnia mea tua sunt, o Virgo super omnia benedicta. Sit ergo in me anima tua, ut magnificet Dominum; sit in me spiritus tuus, ut exsulet in Deo. Pone te, Virgo fidelis, ut signaculum super cor meum, ut in te et per te Deo fidelis inveniar. Largire, o Benigna, ut illis annumerer quos tamquam filios amas, doces, dirigis, foves, protegis. Fac ut, amore tui, terrenas omnes spernens consolationes, coelestibus semper inhaeream, donec in me per Spiritum Sanctum sponsum tuum fidelissimum et te fidelissimam ejus sponsam, formetur Jesus Christus filius tuus, ad gloriam Patris. R/. Amen.

3. Cf. Nota 1.





4. Benedicta sit sancta atque individua Trinitas, nunc, et semper, et per infinita saecula saeculorum.

R/. Amen.

5. Confiteor Deo omnipotenti, beatae Mariae semper virgini, beato Michaeli Archangelo, beato Joanni Baptistae, sanctis Apostolis Petro et Paulo, omnibus Sanctis, et vobis, fratres, quia peccavi nimis cogitatione, verbo et opere, meâ culpâ, meâ culpâ, meâ maxima culpâ.

Ideo precor beatam Mariam semper virginem, beatum Michaellem Archangelum, beatum Joannem Baptistam, sanctos Apostolos Petrum et Paulum, omnes Sanctos, et te, Pater, orare pro me ad Dominum Deum nostrum.

Misereatur vestri omnipotens Deus, et dimissis peccatis vestris, perducat vos ad vitam aeternam.

R/. Amen.

Indulgentiam, absolutionem et remissionem peccatorum nostrorum tribuat nobis omnipotens et misericors Dominus.

R/. Amen.

6. Kyrie, eleison.

Christe, eleison.

Kyrie, eleison.

Christe, audi nos.

Christe, exaudi nos.

Pater de caelis, Deus, miserere nobis.

Fili, Redemptor mundi, Deus, miserere nobis.

Spiritus Sancte, Deus, miserere nobis.

Sancta Trinitas, unus Deus, miserere nobis.

Sancta Maria, ora pro nobis.

Sancta Dei Genitrix,

Sancta Virgo Virginum,

Mater Christi,

Mater divinae gratiae,

Mater purissima,

Mater castissima,

Mater inviolata,

Mater intemerata,

Mater amabilis,

Mater admirabilis,

Mater Creatoris,

Mater Salvatoris,

Virgo prudentissima,

Virgo veneranda,

Virgo praedicanda,

Virgo potens,

Virgo clemens,

Virgo fidelis,

Speculum justitiae,





Sedes Sapientiae,
Causa nostrae laetitiae,
Vas spirituale,
Vas honorabile,
Vas insigne devotionis,
Rosa mystica,
Turris Davidica,
Turris eburnea,
Domus aurea,
Foederis arca,
Janua caeli,
Stella matutina,
Salus infirmorum,
Refugium peccatorum,
Consolatrix afflictorum,
Auxilium Christianorum,
Regina Angelorum,
Regina Patriarcharum,
Regina Prophetarum,
Regina Apostolorum,
Regina Martyrum,
Regina Confessorum,
Regina Virginum,
Regina Sanctorum omnium,
Regina sine labe originali concepta,
(Regina sacratissimi rosarii.)
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, parce nobis, Domine.
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, exaudi nos, Domine.
Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis.
Christe, audi nos.
Christe, exaudi nos.

V/. Ora pro nobis, sancta Dei Genitrix;
R/. Ut digni efficiamur promissionibus Christi.

Oremus

Defende, quaesumus, Domine, beata Maria semper virgine intercedente, istam ab omni adversitate familiam, et toto corde tibi prostratam ab hostium tuere propitius clementer insidiis. Per Christum Dominum nostrum.
R/. Amen.

7. De profundis clamavi ad te, Domine; Domine, exaudi vocem meam. Fiant aures tuae intendentes, in vocem deprecationis meae. Si iniquitates observaveris, Domine, Domine, quis sustinebit? Quia apud te propitiatio est; et propter legem tuam sustinui te, Domine.





Sustinuit anima mea in verbo ejus; speravit anima mea in Domino. A custodia matutina usque ad noctem, speret Israel in Domino. Quia apud Dominum misericordia, et copiosa apud eum redemptio. Et ipse redimet Israel, ex omnibus iniquitatibus ejus.

V/. Requiem aeternam dona eis, Domine.

R/. Et lux perpetua luceat eis.

V/. Requiescant in pace.

R/. Amen.

Oremus.

Fidelium Deus omnium Conditor et Redemptor, animabus famulorum famularumque tuarum remissionem cunctorum tribue peccatorum, ut indulgentiam quam semper optaverunt, piis supplicationibus consequantur. Qui vivis et regnas in saecula saeculorum.

R/. Amen.

8. Magnificat anima mea Dominum.

Et exsultavit spiritus meus in Deo salutari meo.

Quia respexit humilitatem ancillae suae; ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes.

Quia fecit mihi magna qui potens est; et sanctum nomen ejus.

Et misericordia ejus a progenie in progenies timentibus eum.

Fecit potentiam in brachio suo; dispersit superbos mente cordis sui.

Deposuit potentes de sede, et exaltavit humiles.

Esurientes implevit bonis, et divites dimisit inanes.

Suscepit Israel puerum suum, recordatus misericordiae suae.

Sicut locutus est ad patres nostros, Abraham et semini ejus in saecula.

Gloria Patri, et Filio, etc.

9. Maria, mater gratiae,

Dulcis parens clementiae,

Tu nos ab hoste protege,

Et mortis horà suscipe.

Jesu, tibi sit gloria,

Qui natus es de Virgine,

Cum Patre et almo Spiritu

In sempiterna saecula. Amen.

10. V/. Nos, cum prole pia, benedicat Virgo Maria!

R/. Amen.





852

OBRAS COMPLETAS





SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT

853

QUATRO SUMÁRIOS DE MEDITAÇÕES SOBRE A VIDA RELIGIOSA



854

OBRAS COMPLETAS





QUATRO SUMÁRIOS DE MEDITAÇÕES SOBRE A VIDA RELIGIOSA

O manuscrito do *Segredo de Maria* termina no meio da página 87. Depois do *qui tenet teneat*¹ da conclusão, está escrito a seguir, na mesma página e com a mesma escrita, um grande DEUS SÓ que introduz quatro SUMÁRIOS de meditações sobre a pobreza, a castidade, a obediência e as Regras religiosas.

Estes textos não são necessariamente a cópia de manuscrito de Montfort; mas poderiam ser a transcrição de notas pessoais dum ouvinte de Montfort.

Eis os textos, tais como se encontram no manuscrito, p. 87-101.

I - SUMÁRIO DA MEDITAÇÃO DA POBREZA RELIGIOSA

1º Ponto.

Considerai que em virtude do voto de pobreza não podeis nem tomar, nem receber, nem dar, nem guardar, nem entregar, nem emprestar coisa alguma sem a permissão dos vossos superiores. As penas que os cânones infligem aos religiosos proprietários são terríveis.

2º Ponto.

Os degraus da pobreza são: 1) despojar-se efetivamente de todo o bem; 2) despojar-se da afeição a eles; 3) contentar-se com o necessário; 4) estar pronto para sofrer a sua privação; 5) ter falta realmente de alguma coisa necessária; 6) sofrê-la com paciência e com alegria na saúde e na doença.

3º Ponto.

Considerai a doutrina e o exemplo do Filho de Deus sobre esses pontos: o que ele disse, o que fez, como ele viveu, como morreu e o que promete ao pobre de espírito.

Vede se nada haveis feito contra este voto; se não ocultais nada como aquele maldito Acã² que foi a causa da derrota do exército de Deus e persuadi-vos de que nada recebereis de Deus enquanto tiverdes algo nas mãos.

II - SUMÁRIO DA MEDITAÇÃO DA CASTIDADE RELIGIOSA

1º Ponto.

Considerai que a virtude da castidade torna a alma semelhante aos anjos e ao próprio Deus e que o voto que a alma dela faz torna-a esposa de Nosso Senhor, que assim ela não pode repartir o seu coração, nem amar

1. "Aquele que o detém detenha" - alusão a 2 Ts 2, 7.

2. Js 7, 1.





outra coisa fora dele; afetos de alegria, de reconhecimento, de confusão do passado, de fidelidade inviolável para o futuro.

2º Ponto.

Considerai a estima que teve Nosso Senhor para com esta virtude: ele quis ter uma mãe virgem, como tem um Pai virgem no céu; de todos os seus discípulos, amou mais ternamente aquele que era virgem, está rodeado de virgens no paraíso. Acusaram-no de toda espécie de vício exceto daquele contrário à pureza. Entre todas as bem-aventuranças não há senão a pureza do coração à qual a visão de Deus é prometida; assim, se não sois puros, jamais vereis a Deus.

3º Ponto.

Os meios para ser casto são: 1) a fidelidade à oração; 2) humildade, porque Deus deixa os soberbos cair na mais profunda confusão; 3) a obediência, pois é impossível que a carne obedeça ao seu superior que é o espírito, se o espírito não é obediente ao seu; 4) a fuga das ocasiões, das visitas e das conversas perigosas. Quem ama o perigo cai e morre no perigo; 5) velar sobre o próprio coração, mortificar os seus sentidos e descobrir as suas tentações aos que podem remediá-las.

III. SUMÁRIO DA MEDITAÇÃO DO VOTO DE OBEDIÊNCIA

1º Ponto.

Considerai a excelência e a utilidade do voto de obediência. 1) É o fundamento e a raiz de todas as virtudes; 2) é o mais nobre dos três votos porque ele sacrifica o espírito e a vontade a Deus; 3) ela nos torna santos e por assim dizer impecáveis; 4) ela consagra as nossas ações e lhes confere um preço inestimável; 5) ela torna o religioso vitorioso sobre todas as tentações porque ela encerra todas as virtudes. Ao contrário, o religioso desobediente é combatido por todos os vícios, principalmente pelo da impureza, que o associam aos soberbos; não sendo justo que um ser humano seja dono do seu corpo, se não quer submeter o seu espírito a Deus.

Enfim a obediência situa a alma na paz e na segurança quer na vida quer na morte, pois ela tem a certeza de fazer sempre a vontade de Deus; ao contrário, os espíritos rebeldes não têm nem paz nem alegria, nem segurança nem mérito. Deus combate a vontade deles, porque eles combatem a sua.

2º Ponto.





Considerai o que ensinou e o que fez Nosso Senhor sobre esse ponto. Manda obedecer aos que estão sentados na cátedra de Moisés, declara que quem obedece ao seu superior lhe obedece, e que quem despreza o seu superior o despreza; assim, se [eu] murmuro contra o meu superior, murmuro contra Jesus Cristo; em segundo lugar, ensinou esta virtude pelo exemplo, tendo obedecido aos seus pais, aos seus inimigos, aos seus algozes e a todas as criaturas; ele preferiu perder a vida a perder a obediência. Confundi-vos e aniquilai-vos por serdes soberbos e ambiciosos diante de um Deus humilde e submisso.

3º Ponto.

Considerai que para bem obedecer, quatro coisas são necessárias: 1) é preciso obedecer a todos os superiores; 2) é preciso obedecer em todas as coisas que não são más; 3) é preciso obedecer voluntariamente e de todo o coração; 4) é preciso obedecer cegamente e de todo o coração. Examinai-vos, confundi-vos e persuadi-vos de que não sois religiosos se não sois obedientes.

SUMÁRIO DA MEDITAÇÃO DAS REGRAS

Considerai

primeiramente que um religioso não é religioso se não guarda as regras da sua ordem, como um homem não é cristão, se não guarda a lei de Jesus Cristo.

2. Que é na observância das regras que consiste a nossa perfeição, pois são elas os canais de todas as graças que Deus nos concede, são os laços que nos unem a ele e amá-lo significa guardar os mandamentos.

3. Qualquer que seja a vossa ocupação na vida religiosa, nada fazeis e nada mereceis, se não guardais as vossas regras, porque não fazeis nada por obediência e por caridade que consiste em obedecer às vontades de Deus, que nos são indicadas pelas nossas regras.

4. O religioso não pode estar em paz vivendo na desordem, não pode estar em segurança contra as tentações quando não mais está protegido pelas suas regras, porque o demônio tem poder sobre tudo o que não está em ordem; ademais o religioso coloca a sua salvação em perigo, pelo motivo que as graças da ordem estão ligadas às regras, e que não se pode violá-las por desprezo sem pecar mortalmente.

Como seria possível transgredir sempre uma lei sem a desprezar? Por menor que seja, a transgressão é perigosa. Quem é infiel nas pequenas coisas, em breve o será nas grandes. Não se deve chamar pequeno o que garante a





nossa paz, a nossa salvação e a nossa perfeição e o que custou tantas lágrimas ao nosso Santo Fundador.

2º Considerai que desprezar as nossas regras é desprezar a autoridade de Deus que no-las deu pela mão do nosso Santo Fundador, como ele deu outrora a sua Lei pela mão de Moisés, e as regras de São Pacômio por um anjo; que é afastar-se do caminho da sua salvação e da sua perfeição; que os demônios não podem prejudicar quem guarda as regras. Guardai a ordem, diz Santo Agostinho, e a ordem vos guardará. Se não a guardardes, ela vos destruirá.

Confusão por ter desprezado as ordens de Deus, resolução de observá-las melhor.

3º Considerai que é da observância das regras que depende o bem da vida religiosa, que são as regras os seus nervos, colunas, fundamentos e muralhas; e que assim quem não as observa são as pestes da vida religiosa, pedras de escândalo e filhos parricidas que matam pai e mãe e que desonram e afligem o espírito do seu santo Fundador.

Vede se fostes religiosos até agora, vivendo como religiosos, se tendes um verdadeiro propósito de tender à perfeição, desprezando os meios que Deus vos deu para chegar a ela, se não sois como aquele judeu infiel que a Escritura chama de fugitivo da lei, inimigo da pátria e execução dos seus irmãos.

A humildade é uma virtude que reprime o desejo desregrado que temos da honra e que nos faz desejar o desprezo, porque somos um nada malicioso, que recebemos tudo de Deus, que não podemos fazer nada sem o seu auxílio e que o temos ofendido infinitamente.

A prática consiste:

1º em humilhar o próprio juízo sob a direção de Deus, da Igreja e dos seus superiores;

2º em fugir das novidades, das singularidades, dos cismas e das here-sias;

3º em jamais nos queixarmos das aflições que Deus nos envia, sabendo que merecemos infinitamente mais;

4º em fugir das honras, das dignidades, dos ofícios honrosos, dos louvores e dos vãos aplausos, que não são devidos a quem é um nada malicioso como nós somos;

5º em jamais falar para vantagem própria;





6º em não desprezar ninguém;
7º em sofrer todo tipo de injúrias;
8º em desculpar as faltas do próximo;
9º em falar baixo, em não se encolerizar, como se nos fizessem injustiça, em não empreender nada senão com desconfiança de nós mesmos, em não nos perturbar com os nossos defeitos.
Amém.





860

OBRAS COMPLETAS





O TESTAMENTO DE LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT



O TESTAMENTO DE LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT

No dia 1º de abril de 1716 o Pe. de Montfort, acompanhado de alguns irmãos, chegava a Saint-Laurent-sur-Sèvre para lá começar a missão. Tinha feito uma peregrinação a Nossa Senhora dos Ardilliers de Saumur, para recomendar à Rainha do Céu o futuro de seu apostolado e das obras que tinha fundado recentemente. Em breve outros dois missionários se juntariam a ele, Pe. Tomás le Bourhis, associado ao Pe. de Montfort pelo menos desde 1712 e o Pe. Clisson sobre o qual os biógrafos não nos deixaram nenhum detalhe. Além disso, o prior e pároco de Saint-Pompain, Jean Mulot, fizera questão de acompanhar o seu irmão René Mulot, jovem sacerdote de trinta anos, que se tinha associado ao grande missionário desde o mês de outubro de 1715, e que, nesses poucos meses, se tinha tornado seu amigo, confidente e confessor.

Durante a missão, que começou no dia 5 de abril, anunciou-se a chegada de Mons. de Champflour, bispo de La Rochelle, que vinha fazer a visita canônica à paróquia. O chefe da missão investiu todas as suas forças na preparação duma entrada triunfal para S. Exa. Mas quando o bispo entrou no presbitério, o Pe. de Montfort teve de recusar o convite do decano, porque ele se sentia totalmente abatido pela febre. Contudo, de tarde ele subiu ao púlpito e pregou com todo o seu coração sobre o Amor de Jesus Cristo.

Após o sermão ele teve de se acamar para não mais se reerguer; a partir deste 23 de abril a doença fez progressos rápidos e nada pôde reconfortar o doente, principalmente as sangrias e os remédios dos médicos! No dia 27 de abril, sentindo a morte aproximar-se, quis ditar o seu Testamento e dispor o melhor possível do que considerava a sua herança. Encarregou o Pe. René Mulot, seu confessor, de escrever, enquanto ele ditava, as suas últimas vontades. Com mão trêmula o moribundo traçou a sua assinatura, seguida das de René Félix Rougeou, decano de Saint Laurent, e de Francisco Triault, coadjutor da paróquia, que figuraram assim como testemunhas para validar o documento.





O abaixo assinado, o maior dos pecadores, quero que o meu corpo seja colocado no cemitério e meu coração no degrau do altar da Sma. Virgem. Entrego nas mãos de S. Exa. o bispo de La Rochelle e do Pe. Mulot, os meus pequenos móveis e livros de missão, a fim de que os conservem para o uso dos meus quatro irmãos, unidos comigo na obediência e na pobreza, a saber: Irmão Nicolau de Poitiers, Felipe de Nantes, Irmão Luís de La Rochelle e Irmão Gabriel que está comigo, enquanto perseverarem a renovar os seus votos todos os anos, e para o uso daqueles que a divina Providência chamar à mesma comunidade do Espírito Santo. Dou todas as minhas imagens do Calvário, com a cruz, à casa das Irmãs dos Incuráveis de Nantes. Não tenho dinheiro que seja meu em particular; mas há cento e trinta e cinco libras que pertencem a Nicolau de Poitiers para pagar a sua pensão, quando tiver terminado o seu tempo. O Pe. Mulot dará do dinheiro da venda, dez escudos a Tiago, se ele quiser partir; outros dez a João, se também ele quiser partir; e dez escudos a Maturim, se ele quiser partir e não fazer (os) votos de pobreza e de obediência. Se houver alguma coisa que resta na venda, o Pe. Mulot a usará como bom pai para uso dos Irmãos e para seu próprio uso. Como a casa de La Rochelle retornará aos seus herdeiros naturais, não restará para a comunidade do Espírito Santo senão a casa de Vouvent dada por contrato, pela Sra. de la Brulerie, cujas condições o Pe. Mulot cumprirá; e os dois alqueires de terra dados pela Sra. Lugar-tenente de Vouvant, e uma pequena casa doada por uma piedosa mulher sob condição: se não houver meio de construir nela, aí se sustentarão os Irmãos da comunidade do Espírito Santo, para fazer as escolas de caridade. Dou três dos meus estandartes a Nossa Senhora de Toda Paciência em Séguinière, e os outros quatro a Nossa Senhora da Vitória em Garnache; e a cada paróquia do Aunis, onde o Rosário perseverar, uma das bandeiras do Santo Rosário. Dar ao Sr. Bourhis os seis tomos dos sermões da Volpillière, e ao Sr. Clisson os quatro tomos dos Catecismos do povo do campo. Se alguma coisa se deve ao impressor, lhe será dado da venda. Se houver resto, será preciso dar ao Pe. Vatel o que lhe pertence, se S. Exa. (o) julga oportuno. Eis as minhas últimas vontades, que o Pe. Mulot fará executar com inteiro poder que lhe dou de dispor, como bem lhe parecer, em favor da comunidade do Espírito Santo, das casulas, cálices e outros paramentos da igreja e da missão. Dado na missão de Saint Laurent-sur-Sèvre, aos 27 dias do mês de abril, de mil setecentos e dezesseis. Todos os móveis que estão em Nantes serão para o uso dos Irmãos que mantêm a escola, enquanto ela subsistir.

Luís Maria de Montfort Grignon
N. F. Rougeou,
decano de Saint-Laurent,
F. Triault, sacerdote, coadjutor.

